

A 868,764



PROPERTY OF  
*University of  
Michigan  
Libraries*  
1817

---

ARTES SCIENTIA VERITAS







# LIVRARIA CLASSICA

EXCERPTOS

DOS PRINCIPAES AUTORES DE BOA NOTA

PUBLICADA SOB OS AUSPICIOS DE

S. M. F. EL-REI D. FERNANDO II

OBRA COLLABORADA

POR MUITOS DOS PRIMEIROS ESCRITORES DA LINGUA PORTUGUEZA

E DIRIGIDA POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO BARRETO E NORONHA

VII

---

**BOCAGE**

II

---

PARIS. — IMP. PORTUG. DE SIMÃO RAÇOM E COMP., RUA DE ERFURTH, 1.

---

MANOEL MARIA  
**DU BOCAGE**

EXCERPTOS

SEGUIDOS DE UMA NOTICIA SOBRE SUA VIDA E OBRAS  
UM JUIZO CRITICO  
APRECIACOES DE BELLEZAS E DEFEITOS  
E ESTUDOS DE LINGUA

POR

**JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO BARRETO E NORONHA**

TOMO SEGUNDO

RIO DE JANEIRO  
LIVRARIA DE B. L. GARNIER, EDITOR

69, RUA DO OUVIDOR, 69  
PARIS. — AUG. DURAND, EDITOR, RUA CUJAS, 9

1867

*Ficção reservados todos os direitos de-propriedade.*

869.8

2665

C. 35

V. 2

63-275388

## INDICE DAS POESIAS

### ADIVINHAÇÕES.

Amão-me tanto nas sombras. I. . . . .	330
Bem que pareço a verdade. I. . . . .	328
De meu nome no começo. I. . . . .	328
Haver em mim luzimento. I. . . . .	329
Que é de mim tudo certo. I. . . . .	329
Quem me observa, e quem me escuta. I. . . . .	329
Sendo insensível, de um bruto. I. . . . .	329

### CANÇÕES.

Alma ferida e cega. J. . . . .	12
Linda não bastão, minha voz cansada. I. . . . .	32

### CANÇONETA.

Amor é fonte. I. . . . .	20
--------------------------	----

### CANTATAS.

De horrenda cerração c'roada a noite. I. . . . .	189
Já de Colchos a féra, ardente maga. I. . . . .	184
Longe do caro esposo, Ignez formosa. I. . . . .	95
Que espectáculo, oh! céos! Eu vélo! Eu sonho! I. . . . .	72

### CANTICO.

Mon Dieu, quelle guerre cruelle. II. . . . .	175
--	-----

## DECIMAS.

Agora vemos capinhas. III. . . . .	53
No Parnaso quer subir. III. . . . .	124
Calções, polainas, sapatos. II. . . . .	231
Mu por mulheres do campo. II. . . . .	251
Malgré deux succès dramatiques. III. . . . .	30
Quiz erguer soberbo altar. II. . . . .	262
Se isto vai de foz em fóra. III. . . . .	44
Tal mote a mim? é bom dar! III. . . . .	74
Tenho visto até agora. III. . . . .	44

## ELEGIAS.

A Freire bemfeitor, ao caro amigo. II. . . . .	292
O sabio não vai todo á sepultura. I. . . . .	181
Seculo horrendo dos seculos vindouros. II. . . . .	181

## ELOGIO.

Houara, patria, virtude! Oh! leis! Oh! throno! I. . . . .	270
---	-----

## EPICEDIOS.

—nos susto o morrer, do sol radioso. II. . . . .	136
Quem póde, ousado, liquidar torrentes. III. . . . .	112

## EPIGRAMMAS.

A cara da estancqueira. II. . . . .	236
A estancqueira tem marido. II. . . . .	237
A morte era uma idiota. I. . . . .	300
A morte foi sensual. I. . . . .	296
A morte, perdendo a fouce. I. . . . .	300
A morte se enfastiou. I. . . . .	110
A morte um dia enjoou-se. I. . . . .	300
« Ante mim não vales nada. I. . . . .	300
Antonio, o meu caro irmão. II. . . . .	258
Aqui jaz um escrivão. I. . . . .	212
Aqui jaz um homem rico. I. . . . .	290
Arrimado ás duas portas. I. . . . .	286
Barbeiro demorador. III. . . . .	153
Bojudo pharmacopóla. I. . . . .	293
Cara, cara, cara, cara. II. . . . .	235
Cara, cara, cara, cara. II. . . . .	236

INDICE DAS POESIAS.

ix

Ce fameux conquérant; ce fameux Sésostris. III.	67
Certo Averróes quiz no prelo. I.	299
Certo enfermo, homem sisudo. I.	285
Chicou foi medico insigne. I.	291
Compôz para leve andago. I.	285
Com tão má gambia andas tanto. I.	285
Concluiu pintor famoso. I.	210
Conferes nas senhorias. I.	210
Conheces um certo Albano. I.	109
Consta que um medico fôra. I.	296
Gusta a vea qualquer planeta. II.	256
Da feia mulher Andronio. I.	212
Das escumas do Maratã. II.	268
De que é só de seu marido. I.	211
De todos sempre diz mal. III.	41
Deu a estanqueira um espirro. II.	257
D'ignorante me notou. III.	47
Diaheiro, invicto diaheiro. II.	269
Disse a morte ao ver entrar. I.	288
Disse em ar de novidade. I.	299
Disse-lhe certo estrangeiro. II.	237
Disse-lhe um serio taful. II.	237
Disse um Avicena ao ver. I.	286
Disse um dia o fado á morte. I.	290
Dizem os da Encarnação. II.	237
Dizem que Flavio glotão. I.	109
Dizem que o Caldas glotão. III.	41
Dizes que Phileno é tosco. I.	111
Do Meirel formas querela. I.	336
Domingo, dous do corrente. II.	236
Dos obitos o volume. I.	288
Doutor, até do hospital. I.	111
Elmano, lê-me os teus versos. I.	211
Empobreceu todo o bairro. I.	285
Emquanto o meu zoilo. III.	46
Entre um frade e entre um burro. II.	220
Envolto em pardo limiste. III.	57
Erão tres juntas de bois. II.	271
Estando enfermo um poeta. I.	111
e Fabio, o meu dilecto amigo. I.	297
Faço a paz, sustento a guerra. I.	212
Gratis pespega o verdugo. I.	283
Homem de genio impaciente. I.	294
Il a rendu son âme à Dieu. III.	152
Inda novel demandista. I.	288
Infelix Dido, nulli bene nupta marito. III.	154

<i>In fide parochi</i> attesto. I. . . . .	284
Lambin, mon barbier et le vôtre. III. . . . .	154
Lá na loja do Nicola. II. . . . .	
Laura divertio-se muito. I. . . . .	285
Lavron chibante receita. I. . . . .	301
Les amis de l'heure présente. II. . . . .	110
Lê-se n'uma sepultura. I. . . . .	290
Levando um velho avarento. I. . . . .	209
Longe estás de ser pateta. I. . . . .	208
Mordeu uma serpe Aurelia. III. . . . .	156
« Morte! (clamava um doente). I. . . . .	296
Não, ninguém em ser cortex. II. . . . .	258
Não se observa o tal planeta. II. . . . .	236
Nariz, nariz e nariz. II. . . . .	238
No mundo ha gloria suprema. I. . . . .	285
O fogo de teus versos me exageras. III. . . . .	48
O morte! Para que venças. I. . . . .	356
O poeta e o traductor. III. . . . .	205
Para curar febres podres. I. . . . .	293
Passsei tres dias em fazer dez versos! III. . . . .	47
Pedio pelo amor de Deos. I. . . . .	109
Pelo que em Lavater li. III. . . . .	147
Perdió, tu tens, Elmano. I. . . . .	110
Persécuteurs du genre humain. II. . . . .	23
Podre-victima de Venus. I. . . . .	292
P. O que é mais leve do que o ar? — R. O fumo. I. . . . .	292
Pôz-se medico eminente. I. . . . .	297
Quanto és, Dido, desgraçada. III. . . . .	154
Quer vinhos? Não tem que . . . . . II. . . . .	237
Que vem do chefe dos Matas. I. . . . .	297
Quiz ainda fresca viuva. I. . . . .	287
Rechonchudo franciscano. I. . . . .	301
« Salve-se! diz o diabo. II. . . . .	236
« Salvo-te, » diz Deos ao demo. II. . . . .	236
São nadegas, ou bochechas!! II. . . . .	237
Se mãos e bons atassalhas. III. . . . .	48
Se me lembro, Elia, tiveste. III. . . . .	155
Sempre é teima de viver. I. . . . .	295
Se o padre santo tivesse. II. . . . .	271
Si memini, fuerant tibi quatuor, Ælia, dentes. III. . . . .	156
Tinha uma dôr muito aguda. I. . . . .	298
Tisis fait cent vers en une heure. III. . . . .	48
Trouxe-se a pobre doente. I. . . . .	284
Uma d'estas que adoccem. I. . . . .	295
Uma terra dizem que ha. I. . . . .	241
Um chapado, um retumbante. I. . . . .	289

## INDICE DAS POEMAS.

Um doutor acommettido. I. . . . .	289
Um é original, outro versão. III. . . . .	295
Um escrívão fez um foubó. I. . . . .	285
Um geometra zombou. I. . . . .	294
Um homem que toda a vida. I. . . . .	209
Um homem rico, outro pobre. I. . . . .	293
Um medico, contra peste. I. . . . .	291
Um medico reácton. I. . . . .	298
Um medico, resentido. I. . . . .	296
Um philosopho enfermo. I. . . . .	287
Um procuro de causas. I. . . . .	284
Um tempo breye, presente. I. . . . .	212
Um velho cahio de alma. I. . . . .	291
Un décrotteur à la royale. III. . . . .	286
Un gros serpent mordit Aurèle. III. . . . .	286
Un harangon, en courant par la ville. III. . . . .	152
Un jour, loin du sacré vallon. III. . . . .	156
Veux-tu savoir à quelle fin. III. . . . .	152
Zoilo mordaz me insulta impaciente. III. . . . .	148

## EPISTOLAS.

Ao grão vate Salicio o vate Elmano. I. . . . .	275
A ti, (que ás outras leis da humanidade). I. . . . .	202
Besta e mais besta! O positivo é nada. III. . . . .	40
Cá do pé das angéticas ribeiras. I. . . . .	46
Depois que derramaste em meus delirios. I. . . . .	278
Desgostosa de um mundo espedaçado. . . . .	287
Entrava n'este tempo pela sala. III. . . . .	64
Eu, aggregado ao numero funesto. II. . . . .	112
Frio horror os cabellos me arripia. II. . . . .	76
Lendo os teus versos, numero Elmano. II. . . . .	289
Os amores ha muito, ha muito as graças. II. . . . .	256
Se aos miseros, senhor, não é vedado. II. . . . .	105
Se o transcendente espirito, que aceso. II. . . . .	68
Só conheço da grandeza e nome. I. . . . .	197
Trou no centro da abalada terra. III. . . . .	108
Tu, de antigos heróes progenie excelsa. II. . . . .	108
Tu, que á lusa nação, que á patria nossa. II. . . . .	277

## EPITAPHIOS.

De Elmano eis sobre o marmore sagrado. II. . . . .	230
Este, com quem se ufana a pedra erguida. II. . . . .	230

## FABULAS.

A cigarra e a formiga. I. . . . .	43
A macaca. I. . . . .	229
A mona e o filho. I. . . . .	226
A montanha que pare. I. . . . .	53
A raposa e as uvas. I. . . . .	41
O cão de fralda e a raposa. I. . . . .	119
O cão e a cadella. I. . . . .	118
O corvo e a raposa. I. . . . .	51
O corvo e o pavão. I. . . . .	119
O elephante e o burro. I. . . . .	224
O leão caçando com o burro. I. . . . .	55
O leão e o porco. I. . . . .	220
O leão velho. I. . . . .	54
O leão vencido pelo homem. I. . . . .	44
O lobo, a raposa e a ovelha. I. . . . .	217
O lobo e a ovelha. I. . . . .	75
O macaco declamando. I. . . . .	215
O papagaio e a gallinha. I. . . . .	227
O passarinho preso. I. . . . .	60
Os cães domesticos e o cão montanhez. I. . . . .	215
Os dous burros e o mono. I. . . . .	214
Os dous cães. I. . . . .	223
Os dous gatos. I. . . . .	231
O tigre e a doninha. I. . . . .	220

## EPIGRAMAS.

A foz do Mandovi, sereno e brando. II. . . . .	49
Que scena tão suave aos amadores. I. . . . .	305

## MADRIGAL.

Eú tinha promettido á minha amada. I. . . . .	19
---	----

## ODES.

Euro, latendo as azas procellosas. I. . . . .	7
Individo outra vez, Quintella egregio. II. . . . .	294
Já meu estro, Moniz, apenas solta. II. . . . .	302
Jazem desfeitos meus penosos ferros. I. . . . .	169
O Deus, a quem se deve a nossa crença. I. . . . .	80
Se a pobreza importuna me persegue. II. . . . .	20
Se não somos heróes, se em nós, ó Ponte. II. . . . .	80

INDICE DAS POESIAS.

VII

DE ANACREONTICAS.

Brando leito de verdura. I. . . . .	106
Do vasto abyssmo. I. . . . .	104
Formosa Marília. . . . .	107
Poupado voto. I. . . . .	103
Se os deoses me conferissem. I. . . . .	108

Emquanto féra chusma de rebeldes. I. . . . .	112
Prima lyra, a molles sons afcita. I. . . . .	65

POESIAS DIVERSAS.

A cantora immortal, deosa da lyra. II. . . . .	287
A deosa que esmalta. I. . . . .	36
Agora, que a seu lobrego retiro. III. . . . .	55
Alterosas fructíferas palmeiras. II. . . . .	47
A lyra milagrosa. III. . . . .	76
Anarda, Anarda perfida, teus olhos. I. . . . .	47
Antes do mar, da terra, e céo que os cobre. I. . . . .	128
Apenas vi do dia a luz brilhante. II. . . . .	26
Assaz temos cantado, assaz carpido. I. . . . .	172
As torres de estranhissima grandeza. I. . . . .	121
Cercada pelo exercito romano. I. . . . .	233
Clama com sem igual desembaraço. III. . . . .	58
Da tua morte, ó Cesar, teve o mundo. I. . . . .	251
De rutilantes vestes adornado. I. . . . .	246
De serenos favonios bafejada. I. . . . .	178
De vigílias mirrado o sabio morre. II. . . . .	205
É a estancia da inveja em gruta enorme. I. . . . .	159
Emquanto os gados. I. . . . .	205
Estro de Ovidio, seguirei teus vãos. I. . . . .	252
Fonte antiga dos mundos e dos entes. III. . . . .	105
Grão príncipe, á virtude, á gloria dado. I. . . . .	309
Ha um cerrado bosque. I. . . . .	84
J'ai le sujet d'un poème héroïque. III. . . . .	182
Já tinha a noite estendido. I. . . . .	318
Lá junto de Marselha havia um bosque. I. . . . .	307
Não contente. Lião de ter vingado. I. . . . .	105
Não saber espi, se chora. III. . . . .	5
Na solidão d'alta noite. I. . . . .	26
O nova irmã de Phebo! Alcippe! Alcippe! II. . . . .	289
Os poetas que pintão as bocas. III. . . . .	40

Ouvio do rei dos reis a voz sagrada. . . . .	535
O vós, emanção da divindade. I. . . . .	87
Pesado grilhão me opprime. II. . . . .	104
Pesavão sobre a terra os ferreos tempos. I. . . . .	336
Pico, de Ausonia rei, Saturnia prole. I. . . . .	240
Puz, finalmente, os pés onde murmura. II. . . . .	46
Que brilhante espectáculo pomposo. I. . . . .	313
Se em verso cantava d'antes. II. . . . .	84
Sobre o campo feliz da antiga Idalia. I. . . . .	115
Tem de um vate a licença infanda liberdade. II. . . . .	57
Tu, òr de Venus. I. . . . .	23
Tu te plains, ami, grandement. II. . . . .	206
Varão digno de Lysin, ou Roma, ou Grecia. I. . . . .	273
Venus, ao parto vizinha. I. . . . .	312
Vive na margem. I. . . . .	101
Zoilos, estremecei, rugí, mordei-vos. II. . . . .	29

## QUADRAS.

À meia noite. III. . . . .	8
Das escumas do Madeira. II. . . . .	268
Faço a paz, sustento a guerra. II. . . . .	269
Fugio do incendio de Troya. II. . . . .	260
Fui ver a procissão a S. Francisco. II. . . . .	25
Inda antes existir mundo. II. . . . .	261
Lá que Deus criou o mundo. II. . . . .	261
Pastoras sinceras. III. . . . .	7
Quando a velha eternidade. II. . . . .	261
Trocando amargas horas. II. . . . .	144

## SATYRAS.

A' meia noite. III. . . . .	8
Satyras prestão, satyras se estimão. III. . . . .	95
Sempre, ó Bocage, as satyras servirão. III. . . . .	84

## SONETOS.

A certo genealogico de tretas. I. . . . .	550
Assa no almo ardor, que a mente inflamma. II. . . . .	91
Amastor cruel! De teus furores. II. . . . .	178
Adeja, coração, vai ter aos lares. I. . . . .	59
A fama derramou lugubre agouro. III. . . . .	16
A formosura d'esta fresca serra. III. . . . .	275
A frente que de louro ergui cingida. II. . . . .	49

INDICE DAS POESIAS.

ix

A frouidão no amor é uma offensa. I. . . . .	155
Ah! meu Gastão! o fado senhoreia. II. . . . .	284
Ah! que fazes, Elmano! Ah! não te ausentes. II. . . . .	37
Am da natureza, além do fado. II. . . . .	310
Altas filhas do genio, irmãs formosas. II. . . . .	167
Amigo frei João; cuidas que é barro. II. . . . .	232
Ao crebro som do lugubre instrumentó. I. . . . .	156
Ao sacrosanto templo fui um dia. II. . . . .	223
Ao som da lyra o thracio, egrejo vate. III. . . . .	51
Apertando a Nise a mão negra. II. . . . .	227
A prole de Antenor degenerada. II. . . . .	101
Aquelle que domina os céos brilhantes. I. . . . .	139
Aqui onde arquejando estou curvado. I. . . . .	187
As rigidas Noes de ferro. II. . . . .	301
Assim como a seréa sonora. II. . . . .	312
A ti, vate sem par, cujo estro inflamma. II. . . . .	246
Ave da morte, que, piano agouros. I. . . . .	332
Belmiro, que entre os pampanos farfalha. III. . . . .	52
Blasphema Rumeção, jura vingança. II. . . . .	177
Cala a boca, satyrico poeta. I. . . . .	42
Camões, grande Camões, quão semelhante. I. . . . .	30
Cantemos todos lugubres endechas. II. . . . .	265
Cantor, que a fronte erguia engrinaldada. II. . . . .	316
Cara de réo com fumos de jãiz. I. . . . .	57
Caro a Eubo, a Filinto, a Lysia, á Fama. II. . . . .	146
Cedei, profanos, da razão ao brado. II. . . . .	304
Cesarão, Viriatos, Apimanos. I. . . . .	16
Chalaca minha, que chibavas tanto. II. . . . .	142
Chorosos versos meus desentoados. I. . . . .	2
Christo morreu ha mil e tantos annos. II. . . . .	222
Com habito de fóra, e de capote. II. . . . .	264
Com rosto o guarda-mór mesto e medonho. II. . . . .	264
Contigo, alma suave, alma formosa. II. . . . .	151
Conhecem um vigario de chorina. III. . . . .	67
Contra Elmano Sadino, urrando, avança. III. . . . .	39
Contra o drama <i>O Recife restaurado</i> . III. . . . .	72
Corre furioso o episcopal rebolho. II. . . . .	288
Co'um diadema de luz, Elysio entrava. II. . . . .	149
Cysne gentil, que modula o implume. II. . . . .	313
Da miseranda Ignez o caso triste. I. . . . .	54
Das petas o almocreve é cousa tua. III. . . . .	54
Das terras a peor tu és, ó Gôa. II. . . . .	163
De cerúlo tabão, não bem coberto. II. . . . .	18
De ciumpo anfriso envenenado. I. . . . .	18
De Elmano a musa, que entre imagens vela. II. . . . .	178
De Elmano antes da morte é morto o canto. II. . . . .	154

De Elmano aura vital ameaçada. II. . . . .	247
De Elmano, excelso vates que assombrára. III. . . . .	79
De obscurnada doença e trabalho. III. . . . .	74
De excelso, dignos vates cópia ingente. II. . . . .	344
De ferreo julgador não vem contigo. II. . . . .	80
De insípida sessão no inutil dia. III. . . . .	58
Deixar, amado bem, teu rosto lindo. II. . . . .	56
Demanda-me usurario senhorio. II. . . . .	234
De nocturno, horroroso pesadelo. I. . . . .	158
De Ontanio choras, e de Ontanio cantas. II. . . . .	299
De peito impenetravel sempre ao susto. II. . . . .	149
Depois do havel trizado o pantanoso. III. . . . .	78
De radiosas visões escoltada. II. . . . .	46
De um numero de us de Elmano, oh! dom m. . . . .	151
De Zargo o heroico ardor que luz na fama. II. . . . .	247
Do côro arguto de phebêos cantores. II. . . . .	310
Do Mandovi na margem reclinado. II. . . . .	61
Dôr, que afiada o coração golpeia. II. . . . .	283
Dos estragos crueis que o tempo faz. II. . . . .	281
Dos torridos sertões, peçados de ouro. II. . . . .	255
Do tempo sobre as azas volve o dia. II. . . . .	85
Do throno excelso nos degrãos sagrados. II. . . . .	225
Elmano! Elmano! Os que te ouvirão rindo. II. . . . .	314
Em bando eterno, em numero infinito. II. . . . .	176
É mentira, m. . . . . e yl covheiro. III. . . . .	57
Em ermo cam. . . . . em hora escura. III. . . . .	57
Em sordida m. . . . . enrolhado. I. . . . .	4
Em vão, padre José, padre ou sacrista. II. . . . .	229
Em vão, para fazer-me um ledô engano. I. . . . .	334
Em venêto m. . . . . nadando. I. . . . .	20
Encantador Garção, tu me arrebalas. III. . . . .	31
Encontrei certo leigo franciscano. II. . . . .	221
Entre as tartareas forjas, sempre acesas. I. . . . .	42
Era n'este celeste augusto dia. II. . . . .	174
Esalgado bucephalo montava. II. . . . .	241
Esqueleto animal, cara de fome. II. . . . .	164
Esquentado frisão, brutal masmarro. II. . . . .	219
Esse cabra ou cabrao, que anda na berra. II. . . . .	244
Esse cantor de chá, manteiga e queijo. III. . . . .	63
Esta, m. . . . . é de Elmano a voz que sôa! II. . . . .	509
Eu me ausento de ti, meu patrio Sado. II. . . . .	55
Estando, caro ás musas e aos amores. III. . . . .	61
Eu sempre presumi, quando subias. III. . . . .	77
Eu vim c'roar em ti minhas desgraças. II. . . . .	54
Excedo lustros seis por mais tres annos. I. . . . .	168
Fatos de Elmano, que em severas côres. II. . . . .	317

INDICE DAS PQESIAS.

xi

Famosa geração de falladores. I. . . . .	268
Filho, tempo e pai, trema um somente. II. . . . .	41
Fizeste nam, madama de Lisboa. III. . . . .	68
Formosa Analie e mais formosa e pura. II. . . . .	281
Genio mordaz, que o merito golpeia. II. . . . .	282
Gritava mestre Braz: « Filha traidora! II. . . . .	259
Ha, junto do Parnaso, um turvo lago. III. . . . .	35
Ha um medonho abyssmo, onde baquêa. I. . . . .	152
Igual ingratidão e igual vileza. I. . . . .	151
Incultas produções da mocidade. I. . . . .	1
Indigena immortal do Pindo ingente. II. . . . .	315
Intruso no Apollineo sanctuario. III. . . . .	54
Li Bocage não sou! . . . . .	155
Li Bocage que grita a barriga e a tarde. II. . . . .	266
Li sobre o coche de ebano estrellado. I. . . . .	2
Jonio meu, inda meu (porque o jazigo. II. . . . .	307
José, sangue d'heróes, principe amado. II. . . . .	65
Josino amavel, que zeloso engrossas. II. . . . .	145
Junto ao Tejo, entre os tenros amorinhos. III. . . . .	53
Lá quando a tua voz deu ser ao nada. I. . . . .	333
Lá quando em mim perder a humanidade. II. . . . .	239
Lembrou-se no Brasil bruxa insolente. III. . . . .	43
Li as quatorze regras aos pennachos. III. . . . .	68
Liberdade, onde estás? quem te demora? II. . . . .	78
Liberdade ferida e suspirada. II. . . . .	78
Longo tempo, chorando, memoráráo. III. . . . .	78
Louca, cega, illudida bumanidade. II. . . . .	64
Lusos heróes, cadaveres sedícios. II. . . . .	54
Maga lyra de amor que ao thracio vate. III. . . . .	55
Magro; de olhos azues; carão moreno. II. . . . .	162
Mãe de chefes heróes, de heróes soldados. II. . . . .	149
Mal forão nados os virentes louros. II. . . . .	311
Marilia, se em teus olhos attentára. I. . . . .	17
Mavorte, porque em perfida cilada. I. . . . .	3
Melibéo me cantou, cantou-me Oleno. II. . . . .	146
Meliséo, o menor entre os nascidos. III. . . . .	61
Mercenario pregão de cego andante. II. . . . .	230
Meu padre prégador, largue o capêlo. II. . . . .	19
Meu principe e senhor! Se Vossa Alteza. II. . . . .	231
Meus dias, que já forão tão luzentes. II. . . . .	93
Meu ser evaporei na lida insana. II. . . . .	159
Mil poetas emphaticos e ufanos. II. . . . .	279
Mimo das tribas te florece o canto. II. . . . .	90
Miseranda ausencia, és nome abstracto. II. . . . .	135
Morreu Bocage! e fez a despedida. II. . . . .	135
Morreu Bocage! Sepultou-se [em Gba] III. . . . .	45

Morreu pobre o Camões, pobre o Garção. II. . . . .	191
Não deves consentir, principe augusto. II. . . . .	225
Não mais, ó Tejo meu, formoso e brando. II. . . . .	138
« Não presta Coridon, não presta Elpino. III. . . . .	2
Não sou vil delator, vil assassino. I. . . . .	151
Não tendo que fazer Apollo um dia. III. . . . .	37
Nascemos para amar : a humanidade. I. . . . .	155
Na scena, em quadra tragico-invernosa. III. . . . .	82
Nas horas de Morpheo vi a meu lado. I. . . . .	165
Nem só commove o tom de <i>altos cantores</i> . II. . . . .	40
Nescia, vil ignorancia, injuriada. II. . . . .	91
N'esta cuja memoria esquece á fama. II. . . . .	220
N'esta do feio ppprobrio estancia feia. II. . . . .	82
N'este horrendo lugar, onde comigo. III. . . . .	43
N'este horrivel sepulcro da existencia. I. . . . .	58
Nestoreos dias, que sonhava Elmano. II. . . . .	138
Nize mimosa como as graças pura. I. . . . .	164
No abysmo tragador da humanidade. II. . . . .	141
Nojenta prole da rainha Ginga. III. . . . .	42
Nos elysios de amor endoesada. II. . . . .	312
Nos torpes laços de belleza impura. I. . . . .	157
Nymphas do Douro, ao vosso uní meu pranto. II. . . . .	307
O céu, de opacas sombras abafado. I. . . . .	143
O chimico infernal drogas malditas. III. . . . .	126
O céu, ó reino do mar, da terra. II. . . . .	40
O esculhado de fogo ardendo emprende. III. . . . .	71
O guarda-mór da calva para baixo. II. . . . .	284
Oh! vós, que lamentais de Elmano a sorte. I. . . . .	166
O instrumento brutal da acção mais crua. II. . . . .	148
O laçao d'odio é tal que emprehende. III. . . . .	71
O ledo passarinho que gorgéa. I. . . . .	56
Olha, Marilia, as flautas dos pastores. I. . . . .	18
Olhos suaves, que em suaves dias. I. . . . .	4
Ó lyra festival, por mim votada. I. . . . .	312
O mundo a porfiar que o Franco é tolo. III. . . . .	66
Onde a fresca Fayal, erguendo a frente. III. . . . .	63
o nympha, que das graças melindrosas. I. . . . .	331
O pesado rigor, de dia em dia. II. . . . .	81
Ó rei dos reis, ó arbitro do mundo. II. . . . .	171
Ó resato da morte! Ó noite amiga. I. . . . .	29
Os milhões de aureos lustres coruscantes. I. . . . .	20
Ó tu, que tens no seio a eternidade. I. . . . .	164
Para as sombras da morte aqui me ensaio. I. . . . .	167
Pariste um bando de c...s ladinos. II. . . . .	29
Passava já de um mez que o bom Luceno. III. . . . .	60
<i>Pela voz de trovão corisco intenso</i> . I. . . . .	335

INDICE DAS POESIAS.

xiii

Perverso estragador da formosura. I. . . . .	6
Phebo no ethereo plaustro omni-fulgente. II. . . . .	308
Pode o tico pincel, que mal sustento. III. . . . .	80
Por casa Phebo entrou co'um vil bugio. III. . . . .	42
Por terra jaz o emporio do Oriente. I. . . . .	16
Pouco a pouco lethifera doença. II. . . . .	135
Precavendo os vaivens da instavel sorte. II. . . . .	148
Preside o neto da rainha Ginga. III. . . . .	52
Qual novo Orestes, entre as furias brada. I. . . . .	5
Qual o italico heróe, o audaz Tancredo. II. . . . .	115
Qual tropa regular, a fradaria. II. . . . .	226
Qual volatil implume, á terra junto . . . . .	306
Quando na rosea nuvem sobe o dia. II. . . . .	92
Quantas vezes, amor, me tens ferido? II. . . . .	199
Quarta-feira, quatorze do corrente. III. . . . .	52
Que idéa horrenda te possue, Elmano! II. . . . .	205
Queimando o véo dos seculos futuros. I. . . . .	153
Quem é este boneco empertigado. II. . . . .	287
Quer ver uma perdiz chocar um rato. I. . . . .	44
Rapada amarellenta cabelleira. III. . . . .	60
Resurge vesgo e torto o tal Fred'rico. I. . . . .	333
Sanhudo, inexoravel despótismo. II. . . . .	180
Sã a morte afoga de Bocage o canto. II. . . . .	154
Se as arduas leis da sã philosophia. II. . . . .	301
Se é doce no recente, ameno estio. I. . . . .	229
Se Elmano, a quem no plectro, ente sagrado. II. . . . .	196
Se eu pudera ir de tralha, ir á surdina. II. . . . .	195
Se na que, morna e lugubre, murmura. II. . . . .	140
Senhor, que estás no céo, que vês na terra. I. . . . .	57
Se o grande, o que nos orbes diamantinos. II. . . . .	150
Se quereis, bom monarcha, ter soldados. II. . . . .	224
Sobrancerro ao poder, e ás leis da sorte. I. . . . .	79
Sobre as ondas do tumido oceano. II. . . . .	150
Sobre estas duras, cavernosas fragas. I. . . . .	78
Sobre o degraó terrivel assomava. II. . . . .	187
Sobre os contrarios o terror e a morte. II. . . . .	67
Sonho cruel o espirito impietto. II. . . . .	90
Tão negro como a turba que vaguêa. I. . . . .	163
Tendo o terrivel Bonaparte á vista. II. . . . .	90
Terno Paz, bom Maneschi, Aurelio caro. II. . . . .	147
Toldado o foco á luz da fantasia. III. . . . .	17
Tomo segundo á luz sabio das Rimas. III. . . . .	4
Tragedia de Tancreo, rei de Diúria. I. . . . .	331
Trastes sodiços, moveis de outra idade. II. . . . .	70
Tributo em ais, no coração gerados. II. . . . .	258
Tu, França, que na ode és mar em calma. III. . . . .	38

Tu, Gôa, in illo tempore cidade. I. . . . .	45
Tu, por Deos entre todas escolhida. II. . . . .	172
Tu que, antes de nascer, morres forçado. II. . . . .	249
Tu, que do gran cantor da natureza. II. . . . .	317
Tu, que na fouce de sanguineo gume. I. . . . .	79
Tu, que tão cedo aventurando as pennas. II. . . . .	511
Um ente dos mais entes soberano. II. . . . .	75
Vendo o Grande, o que os orbes senhorcia. II. . . . .	282
Versos de Elmiro os tempos avassallão. III. . . . .	107
Victima do rigor e da tristeza. II. . . . .	95
Voastê, alma innocente, alma querida. I. . . . .	154
Volve a Peniche, ó zanga de Lisboa. III. . . . .	69
Vós, credulos mortaes, hallucinados. I. . . . .	150
Vós, ó França, Semmedos, Quintanilhas. III. . . . .	59

FIN DO INDICE DAS POESIAS.

# INDICE DOS CAPITULOS

## TOMO SEGUNDO.

ADVERTENCIA GERAL. . . . .

ADVERTENCIAS ESPECIAES SOBRE BOCAGE. . . . .

CAPITULO I. — Naturalidade e familia de Bocage: — Setúbal — A região *du Bocage* em Normandia. — Os Bocagés de Cherbourg — Madama du Bocage. — Gil le Doux du Bocage e Duguay-Trouin no Rio de Janeiro. — Casamentos e prole do vice-almirante du Bocage. — Casamento de sua filha D. Marianna com o Dr. José Luiz Soares de Barbosa. — Filhos d'este matrimonio. — José Luiz, jurisconsulto e poeta. . . . . 7

CAP. II. — Nascimento de Bocage. — Sua educação. — Suas poesias infantis. — Praça de cadete. — Transferencia para Lisboa. — Guarda-marinha. — Motivos da sua resolução de ir para a India. — Parte de Lisboa como guarda-marinha para Gôa. . . . . 21

CAP. III. — Viagem de Bocage. — Saudades. — Temporal. — Se o poeta naufragou? — Sua estada no Rio de Janeiro. — Chegada a Gôa. — Perde as Ilusões. — Memorias da patria. — Poesias feitas em Gôa. — Imprudencias do poeta. — Odios que aos de Gôa inspirão varias produções injuriosas. — Esperas. — Conjuração contra os Portuguezes abortada. — Não foi D. Frederico Guilherme de Souza o causador da expulsão de Bocage, por causa do poema *Manteigui*. — Não podendo o poeta continuar em Gôa, obtem ser despachado tenente para Damão. — Parte, e chegada a Damão, deserta, no dia immediato; — Foge para Macho.

- Poesias ahi compostas. — Regressa para Lisboa. — Bocage e Camões. . . . . 39
- CAP. IV. — Chegada de Bocage a Lisboa. — Jornada a Setubal. — Nova roda de admiradores. — Publicação de suas primeiras obras. — Paga recebida do editor. — Estende-se a reputação de Bocage. — Versos irreligiosos. — Denuncia d'elles ás autoridades, e bem assim de varios outros, já indecentes, já liberaes. — Ordena-se a prisão do poeta. . . 70
- CAP. V. — É Bocage levado ao Limoeiro, e posto em duro segredo. — Prendem igualmente o seu companheiro André da Ponte. — Poesias feitas na prisão. — Relaxa-se o segredo. — O juiz Brito. — Protecção de José de Seabra. — É transferido para os carceres da inquisição. . . . 79
- CAP. VI. — Produções pelas quaes lhe fizeram crime. — Versos irreligiosos, e contrarios ao papa Pio VI. — Disposições da inquisição. — É Bocage transferido para o convento das Necessidades. — A congregação do Oratorio. — Poesias compostas durante essa detenção. — Supplica a todos liberdades. — Bocage e Ovidio. — Epistolas aos tres marquezes. — Os poetas amigos nada alcançarão. — Foi José de Seabra o seu libertador. — Versos que a este dirigio jaculatorios e depois gratulatorios. — Boato da sua morte. — É posto em plena liberdade. . . . . 99
- CAP. VII. — Volta Bocage para a sociedade. — Turba que o rodeia. — O Panard do Caveau lisbonense. — Indigência e suas consequências. — O que n'esse sentido vai lá por fóra. — Injustiça da sociedade com os grandes engenhos. . . . . 115
- CAP. VIII. — A officina chalcographica e a imprensa regia. — O Brasileiro padre-mestre frei José Mariano da Conceição Velloso. — Emprego de Bocage n'aquelle estabelecimento. — Principaes obras que Bocage então compôz. — É denunciado, em 1803, á inquisição, como pedreiro-livre. . . . . 122
- CAP. IX. — Constituição e máos habitos de Bocage. — Sua ultima residência. — Desenvolve-se-lhe o aneurisma. — Sensação geral no publico. — Poesias que então compôz. — Adeos. — Anecdotas reveladoras do estado da sua alma. — José Pedro da Silva mendigando para Bocage. — José Agostinho de Macedo classificando José Pedro. — O Agulheiro dos sabios. — Publicação dos *Improvisos*. — Versos a amigos. — A Nelson. — Os seus ultimos amores. — O cirandeiro. — Sentença de um medico. — Bocage fulminado. — Morte de terror. — Retrato do poeta, feito nos seus ultimos instantes. — Suffragios. — Sepultura. — Versos recitados por Torresão ao baixar o feretro á cova. — Os despojos mortaes de tão grande homem confundidos e perdidos para sempre. — Ultimo soneto de Bocage. — Soneto composto por um amigo durante a agonia de Elmano. — Epicedio por Filinto. — Lapida assente

INDICE DOS CAPITULOS.

XVI

- em Setubal na casa do nascimento do nosso poeta. — Projecta-se-lhe uma estatua de bronze. . . . . 135
- CAP. X. — Bocage considerado physicamente. — Retrato do poeta por elle mesmo. — Outro do mesmo autor. — Quináo em Montaigne. — Outro retrato do poeta feito por um seu inimigo. — O verdadeiro e authentico retrato de Bocage. — Quem o descobrio. — Historia d'essa preciosidade; sua descripção. — Elenco de retratos que do nosso poeta se têm publicado. . . . . 162
- CAP. XI. — Qualidades moraes de Bocage. — Alma contradictoria. — Seus sentimentos em materia de religião. — Devoção a Nossa Senhora. — Amor de patria. — Politica. — Suas idéas sobre a liberdade. — Poesia por occasião da morte da rainha de França. . . . . 170
- CAP. XII. — Continuação das qualidades moraes. — Caridade, sensibilidade. — Anecdotas. — Gratidão. — Melancolia. — Independencia. — Mendicidade litteraria. — Analogos exemplos, portuguezes. — Excessos bacchicos. — Bocage e Ovidio. — Efeito dos vapores alcoholicos no espirito dos poetas. . . . . 184
- CAP. XIII. — Continuação das qualidades moraes de Bocage. — Amor. Inconstancia. — Tropas de namoradas. — O sentimento nos dous sexos. — Brutalidade da paixão em Bocage. — O seu amor considerado graphicamente. — Delirios a que elle o arrastava. — Imprudencia. — Amor notarial, em publico e raso. — Ciúme. — Anecdotas. — Também na amizade. . . . . 195
- CAP. XIV. — Conclusão das qualidades moraes. — Orgulho. Sêde de applausos. — Estas chanças de poetas nem são raras, nem modernas. — Tristes consequencias de tal orgulho. — Bocage e Ducis. — Quiz applausos por todo o preço e infelicitou-se. — Cantos de anjo e de sercia. — Tendencias actuaes da mocidade em Portugal. — Deve o fructo amadurecer antes de ser colhido. . . . . 204
- CAP. XV. — Bocagiana. — Se a gravidade tolera narração de anecdotas. — Blair e as biographias. — Cabe a estas descrever successos familiares e da vida privada. — A quadra de Bocage foi de transição. — Viver engrinaldado de rosas. — Escolhêmos algumas de entre muitas anecdotas de Bocage. — Idéas d'elle sobre os frades. — O padre-mestre e o frade, ou os copos de vinho e agua. — Improvisos de Bocage e de outros, contra frades. — A procissão de Terceiros, ou o frade á pancada com a tocha. — A declaração e o bofetão, consoantes. — O mote sem rima. — O drama roubado. — O pregão do cego. — O habito do Serra. — Motes tolos. — O duque de Lafões. — Frei João de Pousafolles. — Bocage e a patrulha. — O poeta esfaimado e pedinte. — A estanqueira do Loreto. — O nariz de Antão Broega. — Epitaphios a si mesmo. —

O homem florete. — A offerta do baptisado. — Simas e porcas. — O boléo da Panasqueira. — A vespera do corpo de Deos. — Formosa, bella e honrada. — O mulato da viola. — Opaga, obstetricia feita a um imprevisto difficil. — A Zargueida. — João Soyé. — A historia de Malta. — Aborto forçado. — Bocage e Maynard, ou a memoria milagrosa. — Bocage e a camponeza; impossibilidade vencida. . . . . 214

CAP. XVI. — Relações de Bocage com varios dos seus contemporaneos avulsamente. — Thomé Barbosa. — Os irmãos Bersanes. — O canapé do preguinho. — O guarda-mór Verona. — Galina. — Nicoláo Yoleantino. — Antonio Ribeiro dos Santos. . . . . 252

CAP. XVII — Continuação das relações de Bocage com os contemporaneos. — Morgado d'Assentiz. — Auxilio que esta obra lhe deve. — O segredo de Bocage. — Theatrinho da rua de S. José. — Ericia. — Epistola d'Assentiz. — O Morgado e o Sr. Castilho (Antonio). — D. Gastão. — Sua condenação a esta obra. — Os sete sonetos de D. Gastão. — O soneto: Ah! meu Gastão, o Pindo senhoreia. — Padre Joaquim de Foyos. — Condessá d'Oyenhausen. — Filinto. . . . . 272

CAP. XVIII. — Continuação das relações de Bocage com os contemporaneos. — Gregorio Freire Carneiro. — Ignacio da Costa Quintella. — João Vicente Pimentel Maldonado. — Sebastião Xavier Botelho. — Francisco Padre de Carvalho. — D. Antonio da Visitação. — Nuno Alvares Pereira Paes Moniz. — Antonio Mendes Bordalo. — Agostinho Gomes da Silveira. — Antonio Xavier Ferreira. — Bento Henriques Soares. — Henrique Pedro da Costa. — José Nicoláo de Massuellos Pinto. — José Rodrigues Pimentel e Maia. — Pedro José Constancio. — Pedro Ignacio Ribeiro Soares. — Thomaz Antonio dos Santos e Silva. — Vicente Pedro Nolasco da Cunha. . . . . 292

TOMO TERCEIRO.

CAP. XIX. — Continuação das relações de Bocage com varios contemporaneos. — José Daniel. — Saunier. — Antonio José Alvares. — Soyé. — Soares de Carvalho. — Torresão. — Padre Fernandes. — Laborim. — Costa e Silva. — Ribeiro Soares. — Cardoso. — Henrique P. da Costa. — Gama. — Figueiredo. — Gomes. — Moura Leitão. — Almeida. — Maneschi. — Paz. — Rodrigues. — Ramos. — Coutinho. — Mendonça Arraes. — Blancheville. — Cordeiro. — Vianna. — J. B. Gomes. — I. G. M. de S. Mascarenhas. — M. A. Rodrigues. . . . . 1

CAP. XX. — A campanha dos Titães. — Sua historia. — Alcaçer-Quibir foi tambem tumulto das lettras portuguezas. — Quanto ellas havião antes primado. — O juiz castelhano e o gongorismo. — Independencia e seus

milagres. — Esforços dos Portuguezes para fazerem resurgir o gosto e aperfeiçoar o idioma. — Trabalhos collectivos emprehendidos com esse intuito. — Apenas Portugal se solta da Hespanha, criação de sociedades litterarias. — Academia dos Generosos. — Dita dos Singulares. — Associações dos Solitarios, dos Illustrados, dos Occultos, dos Insignes. — Academia Instantanea. — Conferências discretas dos Scientes de Lisboa. — Academia dos Anonymos. — Academia Real de Historia Portugueza. — Arcadia de Lisboa. — Academia Real das Sciencias. — Academia das Bellas-Lettras (Nova Arcadia). — O Sr. D. João V e a Arcadia. — Exercicios academicos da Velha Arcadia. — Sua dissolução. — Que a criação de todas estas sociedades teve sempre um impulso aristocratico. — Trabalhos da Nova Arcadia. — Bocage denominando-se Elmano Sadino. — Guerra entre elle e muitos dos socios. — Causas. — Luta é o estado natural dos espiritos. — Está lançada e levantada a luva. . . . . 21

CAP. XXI. — Manifesto da guerra civil da Arcadia. — Quem compôz o soneto *Preside o neto?* — Bocage impaciente de censura. — Soneto contra Bocage. — Este, ignorando o autor, desencadêa-se contra muitos companheiros. — Bocage é despedido. — Poesias que dispara contra todos os Arcades collectivamente, que suppõe inimigos. — Domingos Caldas Barbosa. — Belchior Manoel Curvo Semmedo. . . . . 32

CAP. XXII. — Continuação das relações com os Arcades. — Manoel Bernardes de Souza e Nello. — Luiz Corrêa da França Amaral. — José Thomaz da Silva Quintanilha. — Joaquim Franco de Araujo. — Os sonetos aos pennachos. — Miguel Antonio de Barros. — Anecdota. — Domingos Maximiano Torres. — Joaquim Severino Ferraz de Campos. — João de Souza Pacheco. — Francisco Joaquim Bingre. — Francisco da Silveira Malhão. . . . . 56

CAP. XXIII. — José Agostinho de Macedo. — Seus louvores primeiros a Bocage. — Guerra da Arcadia. — Descomposturas de Bocage. — As duas famosas satyras. — Pazes á beira do tumulo. — Ode enomiastica de Macedo, a que Bocage responde com sonetos. — Epistola e epicedio de Macedo a Bocage. — Máo comportamento posterior d'aquelle contra a memoria d'este. . . . . 81

CAP. XXIV. — O improvisador. — Condições e circumstancias do improviso. — Perigos d'elle. — Os improvisadores em Portugal. — Bocage, seu Peculiaridades materiaes do improviso de Bocage. — Anecdota. — Gloria de Elmano, por esta rara qualidade. — Opinião dos que o ouvirão. — Juizo da razão fria da posteridade. . . . . 126

CAP. XXV. — Prosa de Bocage. — Comparação entre a prosa e o verso. — Obras em prosa que o poeta deixou. — Seu merito relativo. . . . . 138

CAP. XXVI. — Que é poesia? — Bellezas da de Bocage. — Condições do

sublime, segundo Longino. — Calor. — Imagens. — Variedade. — Altiloquia. — Poeta christão. — Singeleza. — Descripções. — Melodia. — Perfeição metrica. — Seu excesso a ponto de monotonia. — Pausar natural. — Termos auxiliares. — Intraductibilidade. — Clareza. — Onomatopoeia. . . . . 140

CAP. XXVII. — Generos poeticos em que Bocage se exercitou. — Satyra. — Epigramma. — Apologo e fabula. — Cantatas. — Bucolicas e idyllios. . . . . 149

CAP. XXVIII. — Generos de poesia. — Dithyrambo. — Ode. — Poesia didactica. — Theatro. — Tragedia. — Traducções de dramas. — Elogios dramaticos. — Ambição de compôr peças originaes. — Vasco da Gama. — Eulalia. — Affonso Henriques. — Viriato. — Epopéa. — Soneto. — Suas difficuldades. — É genero em que Bocage primou. — A accusação das *poesias fugitivas*. — Perfeição não é attributo humano. . . . . 167

CAP. XXIX. — Manchas d'este autor. — O dever de imparcialidade. — Deficiencia de invenção. — Algumas mais ou menos raras vezes má escolha de assumpto. — E grandiloquia sobre objectos que a não comportavão. — E ponto de admiração frequente. — E de interrogação. — E palavras substituindo idéas. — E vocabulos improprios. — E locuções peregrinas. — E versificação deleixada. — E cacophonias. — E Bordões. — E epithetos mal cabidos. — E toantes e consoantes em versos soltos. — E consoantes errados. — E rimas pobres. — E lhe por lhes. — E o pallido lhe. — E imagens falsas. — E metaphoras mancas. — E hyperboles hespanholadas. — E má combinação metrica das alcaicas. — E variedade do accento nas mesmas palavras. — E antitheses e geminações. — De como não procede a arguição sobre desordem de pensamento. — Analyse severa de uma poesia, como exemplo. — Conclusão. . . . . 184

CAP. XXX. — Traducções. — É o mais firme titulo da gloria de Bocage. — Difficuldade das boas versões. — Opinião de varios sobre as de Bocage. — Como este se ufanava de tal perfeição. — Linguas de què elle verteu. — Hespanhol. — Gil Braz. — Italiano. — Imitações de Metastasio e Tasso. — Inglez. — Fragmento de Fingal. — Francez. — São admiraveis essas traducções. — Exemplo. — Obras francezas que traduzio. — Musa greco-latina. — Grego. — Latim. — Se Bocage o sabia bem ou não. — A metrificacão latina confrontada com a portugueza. — Quantidades e syllabas. — As versões de latim podem ser dadas como modelo. — Confrontações. — Obras gregas e latinas que traduzio. — Conclusão. . . . . 203

CAP. XXXI. — Influencia de Bocage na lingua e poesia portugueza. — Os *progressos d'este seculo*. — Não assim na poesia. — O tempo de Bocage

INDICE DOS CAPITULOS.

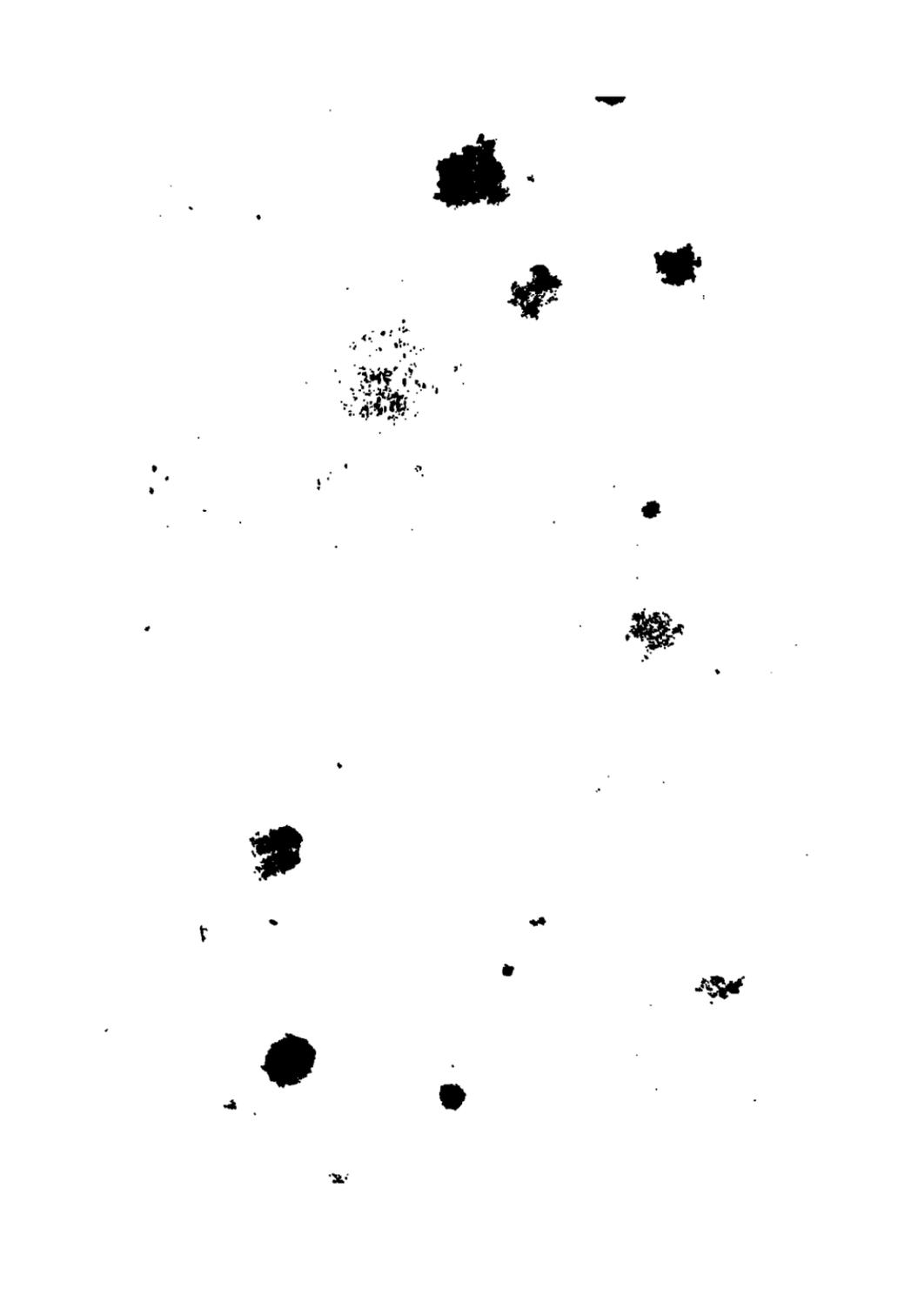
XXI

foi de transição. — O. Elman. — Os imitadores. — Bocage e Filinto. — Opiniões dos Srs. Garrett, Alexandre Herculano e Castilho Antonio. . . . . 231

CAP. XXXII. — Juizo de autores sobre Bocage. — Como os estrangeiros nos costumão julgar. — Opinião de Sané, — de Vogel, — de Ferdinand Denis, — de Balbi, — de Link, — de Backford, — de Dazobry e Bachelet, — de A. Timoni, — de Fresse Monval, — de Freire de Carvalho, — de Couto, — de Costa e Silva, — de Ignacio José de Macedo, — de Constancio, — de Rebello da Silva. . . . . 265

CAP. XXXIII. — Motivos da omissão, na edição presente, tanto de muitos excerptos como do capitulo bibliographico. — Publicações posthumas. — Considerações sobre publicações taes. — É Bocage classico ou não? — Seu timbre de vernaculidade. — Escreveu com pureza, mas não enriqueceu o vocabulario. — Bocage e Malherbe. — Se Bocage não é classico, é pelo menos escriptor de boa nota. — Apreciação geral do poeta. — Conclusão. . . . . 299

FIN DO INDICE DOS CAPITULOS.



# INDICE DOS AUTORES

CITADOS N'ESTA MEMORIA

- Abbate de Almoſter. — Vide *Joaquim Franco de Araujo*.  
A. Cardoso de Figueiredo, III, 286.  
Agostinho Gomes da Silveira, II, 305.  
Albano. — Vide *Mattos*.  
Albivano, III, 170.  
Alcino. — Vide *Quita*.  
Alcino Lisbonense. — Vide *Joaquim Severino Ferraz de Campos*.  
Alcippe. -- Vide *condessa d'Oyenhausen*.  
Alexandre Herculano, III, 235, 242.  
Alexandre José de Mello Moraes (Dr.), II, 43, 125; III, 205.  
Alfeno Cynthio. — Vide *Domingos Maximiano Torres*.  
Alfredo de Musset, II, 170, 187.  
Almeida Garrett, III, 235, 286.  
Almeno, II, 286.  
Alvarenga, II, 225.  
Amadis Jasmin, II, 120; III, 188.  
A. M. Sané, III, 267.  
André Chénier, III, 173.  
André da Ponte Quental da Camara, II, 80.  
Anna Marecos (D.), II, 163.  
Antonio Alvares, II, 103.  
Antonio Bersane Leite, II, 255, 259, 260, 261, 262, 263; III, 7.  
Antonio Chrispiziano Saunier, III, 6.  
Antonio Dias de Azevedo (Dr.), II, 226.  
Antonio José Alvares, III, 12.  
Antonio José Bernardo da Gama, III, 18.  
Antonio Lobo de Carvalho, II, 221, 241.

- Antonio Maria do Couto, II, 24, 29, 259, 260; III, 3, 124, 176, 177, 207, 209, 227, 277.
- Antonio Mendes Bordalo, II, 304.
- Antonio das Neves, III, 306.
- Antonio Pereira de Souza Caldas, III, 39.
- Antonio dos Reis, II, 103.
- Antonio Ribeiro dos Santos, II, 274, 286; III, 155, 205.
- Antonio da Visitação Freire de Carvalho (D.), II, 298.
- Antonio Xavier Ferreira, II, 306.
- A. P. de Figueiredo, II, 103.
- Aretino, III, 41.
- Aristoteles, II, 206.
- Armânia. — Vide *Marianna Antonia Pimentel Maldonado*.
- Arnault, II, 75; III, 171, 218.
- A. Timoni, III, 276.
- Aulo Gellio, II, 215.
- Ausonio, III, 154.
- Backford, III, 274.
- Balbi, II, 253; III, 272.
- Balthazar Estaço, III, 22.
- Barros, III, 241.
- Beauguard, III, 152.
- Belchior Manoel Curvo Semmedo, II, 173; III, 2, 28, 32, 34, 45, 58, 104, 157, 167.
- Belmiro. — Vide *Belchior Manoel Curvo Semmedo*.
- Bermuino. — Vide *Bento Henriques Soares*.
- Bento Henriques Soares, II, 307.
- Béranger, III, 181.
- Bernard (M<sup>me</sup>), III, 218.
- Bernardes, II, 103; III, 162, 266.
- Bernardim Ribeiro, III, 235, 266.
- Bion, III, 230.
- Blair, II, 241; III, 253.
- B. La Martinière, III, 156.
- Boccaccio, II, 229.
- Boileau, II, 72; III, 151, 157, 212, 261, 304.
- Bouhours (patrie), III, 154.
- Bouillet, III, 276.
- Braz Garcia de Mascarenhas, III, 22.
- Brueys e Palapat, III, 139, 171, 218.
- Bruno Scabra, III, 155.
- Buffon, III, 138, 145.
- Byron, III, 281, 287, 288, 289.
- Camões, II, 163, 164, 240; III, 22, 119, 147, 162, 179, 180, 194, 235, 239, 241, 244, 266, 267, 269, 275, 288, 292.
- Cardoso, III, 205, 223, 273.

## INDICE DOS AUTORES.

xxv

- Carl Vogel, III, 268.  
 Castel, III, 248, 239, 267.  
 Castilho (Antonio), II, 279; III, 249, 235, 246, 286.  
 Castro, III, 266.  
 Chapelle, II, 193.  
 Charles Nodier, III, 145.  
 Châteaubriand, III, 138, 244.  
 Chatterton, III, 282, 288, 289.  
 Cicero, III, 187, 188, 196.  
 Clément Marot, III, 152.  
 Colletet, III, 139.  
 Conde da Ericeira, III, 212.  
 Condessa d'Oyenhausen, II, 286.  
 Condillac, III, 138.  
 Constancio, III, 277.  
 Corneille, II, 170; III, 154.  
 Côte-Real, III, 266.  
 Corydon Neptunino. — Vide *Joaquim Franco de Araujo*.  
 D'Alembert, III, 213.  
 Danchet, III, 248.  
 Dante, III, 285.  
 Darwin, III, 267.  
 Dazobry e Cholet, III, 276.  
 Delille, III, 218, 239, 267, 307.  
 Delio, III, 145.  
 Diniz, III, 28, 167, 236, 266.  
 Diogenes de Laercio, II, 245.  
 Diogo do Couto, II, 66.  
 Diogo José Blancheville, II, 137; III, 20, 112.  
 Domingos Caldas Barbosa, III, 28, 32, 36, 39, 50, 51, 62, 69.  
 Domingos Maximiano Torres, III, 36, 74, 167, 248.  
 Dryden, II, 246.  
 Ducis, II, 240.  
 Dufremy, III, 218.  
 Dumoustier, II, 42.  
 Duque d'Alba, II, 38.  
 Durão, III, 266.  
 Edgard Poë, II, 194.  
 Elmiro Tagidio. — Vide *José Agostinho de Macedo*.  
 Elpino. — Vide *Diniz*.  
 Elpino Duriense. — Vide *Antonio Ribeiro dos Santos*.  
 Eurindo. — Vide *José Thomaz da Silva Quintanilha*.  
 Falmeno. — Vide *F. I. J. Cordeiro*.  
 Philippe Nery Xavier, II, 58, 59, 63.  
 Fernando Diniz, II, 43; III, 179, 208, 286.  
 Fernão Alvares do Oriente, II, 258; III, 162, 303.

- Ferreira, III, 162, 173, 205, 235, 247, 266.  
 Fichte, III, 287.  
 Fidelis Antonio Lopes Cordeiro, III, 124.  
 F. I. J. Cordeiro, III, 20.  
 Filinto Elysio. — Vide *Francisco Manoel do Nascimento*.  
 Florian, III, 139, 248.  
 Fontenelle, II, 11; III, 138.  
 Francelio Vouguense. — Vide *Francisco Joaquim Bingre*.  
 Francisco Bouça, II, 184.  
 Francisco Dias, III, 7.  
 Francisco Freire de Carvalho, II, 298; III, 276.  
 Francisco Joaquim Bingre, II, 95, 111, 137, 174, 185, 188, 191, 199, 202;  
 III, 34, 37, 71, 76, 153.  
 Francisco José de Almeida, III, 18.  
 Francisco José Freire, II, 103.  
 Francisco José da Paz, III, 19.  
 Francisco Manoel de Mello (D.), III, 22.  
 Francisco Manoel do Nascimento, II, 156, 222, 286, 289; III, 40, 119,  
 123, 155, 204, 212, 235, 236, 240, 241, 245, 252, 268, 277, 280,  
 289, 305.  
 Francisco de Mendonça Arraes e Mello, III, 20.  
 Francisco de Paula Cardoso de Almeida, II, 117, 137, 155, 270, 272, 291,  
 316; III, 7, 10, 45, 66, 90, 91, 92, 94, 95, 124, 206, 226, 222.  
 Francisco da Silveira Malhão, II, 190, 225; III, 79.  
 Francisco Villon, II, 120.  
 Fréron, III, 156.  
 Fresse Montval, III, 276.  
 Gabriel Pereira de Castro, III, 119, 188, 194.  
 Galina, II, 266.  
 Gama, III, 266.  
 Garção, III, 28, 31, 167, 204, 236, 240, 242, 266.  
 Garcia de Rezende, III, 53.  
 Gastão da Camara Coutinho (D.), II, 137, 164, 185, 270, 272, 280,  
 316; III, 10, 32, 34, 35, 45, 172, 223, 266.  
 Gessner, II, 162, 218, 246, 263.  
 Gil Vicente, III, 234, 266.  
 G. R. Vianna, III, 20.  
 Goethe, III, 170.  
 Gombaud, III, 47.  
 Gonzaga, III, 28, 266.  
 G. Pereira de Castro, III, 22.  
 Gregorio Freire Carneiro, II, 292.  
 Gresset, III, 243.  
 Guarini, III, 162.  
 Hénault, II, 249.  
 Henrique Pedro da Costa, II, 308; III, 17.

- Hoffmann, II, 194.  
 Homero, II, 232.  
 Horacio, II, 77, 206, 210, 211, 280; III, 164, 166, 169, 181, 192, 202, 203, 232, 236, 240, 292.  
 I. G. M. de S. Mascarenhas, III, 20.  
 Ignacio da Costa Quintella, II, 294.  
 Ignacio José de Macedo (padre), III, 124, 277.  
 Innocencio Francisco da Silva, II, 20, 21, 30, 31, 96, 100, 117, 128, 168, 180, 244, 248, 255, 263, 279, 285; III, 16, 62, 68, 70, 71, 94, 299.  
 Insauro. — Vide *Antonio Chrispiniano Sawnier*.  
 Ismeno. — Vide *João Vicente Pimentel Maldonado*.  
 Jacindo Ulyssiponense. — Vide *Ignacio da Costa Quintella*.  
 Jacintho Freire de Andrade, III, 22.  
 Jannario da Cunha Barbosa, III, 40.  
 J. B. Rousseau, III, 189, 218, 288.  
 J. Chénier, III, 158.  
 J. Freire (frei), III, 23.  
 J. M. de Oliveira, III, 49.  
 J. M. de Souza, III, 180.  
 João Baptista Gomes, III, 20.  
 João Pedro Maneschi, III, 19.  
 João Sabino dos Santos Ramos, III, 19.  
 João de Souza Pacheco, III, 76.  
 João de Soyé Waffer e O'Connor, II, 246, 247; III, 14.  
 João Vicente Pimentel Maldonado, II, 296.  
 Joaquim Antonio Soares de Carvalho, III, 15.  
 Joaquim Barreto de Castilho, II, 241.  
 Joaquim de Foyos (padre), II, 103, 286; III, 162.  
 Joaquim Franco de Araujo, II, 291; III, 56, 64.  
 Joaquim Manoel, II, 244.  
 Joaquim Manoel de Macedo (Dr.), II, 249.  
 Joaquim Manoel de Moura Leitão, III, 18.  
 Joaquim Pinto de Campos, III, 14, 73.  
 Joaquim Rodrigues Chaves, III, 20.  
 Joaquim Severino Ferraz de Campos, III, 28, 75.  
 Jonio. — Vide *João Baptista Gomes*.  
 Jorge de Montemaior, III, 247.  
 José (D.), III, 219.  
 José Agostinho de Macedo (padre), II, 48, 70, 137, 145, 165, 193, 285, 300, 315; III, 9, 32, 37, 54, 58, 61, 67, 71, 75, 77, 81, 133, 151, 178, 194, 195, 191, 223, 302.  
 José Anastacio da Cunha, III, 49, 289.  
 José Anastacio de Figueiredo, II, 248.  
 José Barreto Gomes, III, 18.  
 José Basilio, III, 125.  
 José Bersane Leite, II, 255, 258, 260, 266, 271; III, 5, 10, 75.

- José Botelho Torresão, II, 153, 218, 225; III, 15.  
 José Caetano de Figueiredo, II, 221.  
 José da Cruz Varona, II, 263.  
 José Daniel Rodrigues da Costa, III, 1, 292.  
 José Delorme, III, 179.  
 José Fernandes de Oliveira Leitão de Gouvêa (padre), III, 15.  
 José Joaquim Gerardo de Sampaio, II, 137, 140; III, 15.  
 José Luiz Soares de Barbosa, II, 18, 19, 25.  
 José Manoel de Abreu e Lima (padre), II, 229; III, 133, 176.  
 José Maria da Costa e Silva, II, 42, 137, 169, 184, 221, 285, 304; III, 16,  
 67, 135, 205, 208, 227, 277.  
 José Maria de Mello (D.), II, 103.  
 José Mariano da Corção Velloso, II, 123.  
 José Mariano Velloso, III, 84.  
 José Nicoláo de Massuellos Pinto, II, 309.  
 José Rodrigues Pimentel e Maia, II, 310.  
 José Thomaz da Silva Quintanilha, III, 36, 49, 51, 61, 69.  
 José de Torres, II, 71, 111, 137.  
 Josino. — Vide *José Nicoláo de Massuellos Pinto*.  
 Jules Janin, III, 232.  
 Junqueira (conselheiro), II, 250.  
 J. V. Cardoso, III, 230.  
 J. V. Pinto de Carvalho, II, 169.  
 Kant, III, 287.  
 Klopstock, III, 239.  
 Labenski, II, 188.  
 Lacerda, III, 219.  
 La Condamine, II, 10.  
 Lacroix, III, 230.  
 Lafontaine, II, 170, 190; III, 157, 180, 218, 232, 262.  
 La Harpe, III, 199, 204.  
 Lamartine, II, 188; III, 140, 232, 281, 284, 287.  
 Lambert, III, 267.  
 Lamothe, III, 138.  
 Lamotte-Houdard, III, 197.  
 Lara, III, 77.  
 Lebrun, III, 30, 154.  
 Legouvé, III, 218.  
 Leibnitz, III, 154.  
 Lemierre, II, 36; III, 139, 166.  
 Leonel da Costa, III, 303.  
 Lereño Celynuntino. — Vide *Domingos Caldas Barbosa*.  
 Leucacio Fido. — Vide *João de Souza Pacheco*.  
 Link, III, 206, 273.  
 Lobo, III, 162, 266.  
 Longepierre, III, 67.

- Longino, III, 141, 185.  
 Lopes de Mendonça, III, 282, 297.  
 Lucano, II, 209; III, 230.  
 Lucena, III, 241, 303.  
 Luiz Augusto Rebello da Silva, II, 30, 56.  
 Luiz Caetano de Campos, III, 139.  
 Luiz Corrêa França Amaral, III, 36, 58, 66.  
 Luiz Pinto de Souza Coutinho, III, 19, 191.  
 Lycidas Cynthio. — Vide *Manoel de Figueiredo*.  
 Machado de Assis, II, 35.  
 Malherbe, II, 305; III, 304.  
 Manilio, III, 170.  
 Manoel Antonio Alvares de Azevedo, III, 286.  
 Manoel Bernardes de Souza e Mello (Dr.), III, 56.  
 Manoel de Figueiredo, III, 18.  
 Manoel Pedro de Araujo Ribeiro, II, 155.  
 Manoel da Veiga, III, 162.  
 Marcial, III, 153, 156, 230.  
 Marcos Aurelio Rodrigues, III, 19, 90.  
 Marianna Antonia Pimentel Maldonado, II, 296.  
 Marianna Lepage du Bocage, II, 10; III, 218.  
 Marques Leão, II, 285.  
 Mattos, III, 31.  
 Maximiano Torres, III, 267.  
 Medina, II, 246.  
 Melibé. — Vide *Miguel Antonio de Barros*.  
 Mellin de Saint-Gelais, II, 206.  
 Melysé Cyleneo. — Vide *Luiz Corrêa França Amaral*.  
 Menalca. — Vide *José Rodrigues Pimentel e Maia*.  
 Mendes Leal, II, 34, 35, 169.  
 Méry, III, 190.  
 Metastasio, II, 286; III, 146, 171, 207.  
 Miguel Alvarenga, III, 56.  
 Miguel Antonio de Barros, II, 259; III, 36, 70.  
 Milton, II, 72; III, 179, 259.  
 Molière, II, 170, 193; III, 157, 180, 309.  
 Montaigne, II, 164; III, 183.  
 Monteiro, III, 275.  
 Montesquieu, III, 138, 151.  
 Morgado d'Assentiz. — Vide *Francisco de Paula Cardoso de Almeida*.  
 Moscho, III, 230.  
 Nasão, III, 196.  
 Nicoláo Tolentino de Almeida, II, 72, 190, 268; III, 254, 266.  
 Nuno Alvares Pereira Pato Moniz, II, 137, 184, 209, 300; III, 10, 125,  
 135, 173, 174, 175, 177, 218.  
 Ontanio. — Vide *Antonio da Visitação Freire de Carvalho*

- Osorio. III, 22.  
 Ovidio. II, 57, 104, 195, 209, 281; III, 196, 219, 225, 227, 250, 259, 264.  
 Paillard. III, 44.  
 Parni. II, 72.  
 Parny. II, 76, 114; III, 218.  
 Pedro Ignacio Ribeiro Soares, II, 315; III, 46.  
 Pedro José Constancio, II, 311.  
 Peiletan. III, 158.  
 Perrault. III, 218.  
 Persio. III, 150.  
 Petrarclia. III, 178.  
 Philoxène Boyer. III, 184, 288.  
 Pina e Mello, III, 248.  
 Pindaro. III, 169, 256, 240.  
 Piron. II, 76, 272.  
 Plutarcho. II, 215.  
 Pommier. II, 196.  
 Propercio. III, 264.  
 Quira. III, 28, 162, 266.  
 Quintiliano. III, 148, 202.  
 Rabutin. III, 218.  
 Racine. II, 172, 170, 475; III, 67, 215, 218, 262.  
 Rebello da Silva, III, 279.  
 Robert. III, 218.  
 Rodrigues Lobo, III, 502.  
 Rosset. III, 218.  
 Rutébeuf, II, 120.  
 Sabron, III, 140.  
 Salicio. — *Vê-se Sebastião Xavier Botelho.*  
 Sá Menezes, III, 266.  
 Sá de Miranda, III, 462, 475, 255, 264.  
 Sannazaro, III, 166.  
 Scudéry (M<sup>lle</sup>), III, 218.  
 Sebastião José Ferreira Barroso, II, 45.  
 Sebastião Xavier Botelho, II, 152, 208, 207; III, 242, 504.  
 Seneca, III, 196.  
 Shakspeare, II, 170; III, 185, 192.  
 Shelley, III, 288, 289.  
 Sheridan. III, 55.  
 Silio Italico, III, 241.  
 Sismondi, III, 266.  
 Stacio, II, 210.  
 Stael. III, 158.  
 Tabourot. II, 195.  
 Tacito. III, 219.

- Tasso, III, 162, 179, 259.  
Theocrito, III, 161, 166.  
Theodoro de Almeida, II, 103, 157.  
Theophilo Gautier, II, 194.  
Theotônio Xavier de Oliveira Banha, II, 60, 223, 251, 252, 271.  
Thomaz Antonio dos Santos e Silva, II, 9, 18, 157, 236, 314; III, 72.  
Thomé Barbosa de Figueiredo Almeida Cardoso, II, 253.  
Thomino Sadino. — Vide *Thomaz Antonio dos Santos e Silva*.  
Trigoso, III, 25.  
Valentim de Bulhões, II, 103.  
Valmore (M<sup>oo</sup>), II, 186, 196.  
Varnhagen, II, 119.  
Vasco Mausinho de Quevedo, II, 9; III, 266.  
Velloso, II, 157.  
Verney, III, 25.  
Vianna, II, 157.  
Vicente José Ferreira Cardoso, II, 157; III, 16.  
Vicente Pedro Nolasco da Cunha, II, 317; III, 226, 268.  
Victor Hugo, II, 72, 170; III, 141, 281, 284.  
Vieira, III, 267.  
Virgilio, II, 72; III, 146, 160, 161, 163, 164, 165, 166, 230, 259, 249.  
Visconde de Balsemão. — Vide *Luz Pinto de Souza Coutinho*.  
Visconde de Laborim. — Vide *José Joaquim Gerardo de Sampaio*.  
Visconde da Pedra Branca, III, 218.  
Viscondessa de Balsemão, II, 240.  
Voltaire, II, 11, 23; III, 124, 158, 151, 152, 155, 156, 234, 287.  
Werner, III, 290.  
Wielland, III, 241.  
Xenophonte, II, 215.  
Yart (padre), II, 11.  
Young, III, 196.



## ADVERTENCIA GERAL

---

N'esta collecção, corre por conta do autor de cada Memoria a responsabilidade litteraria e moral, tanto em relação ás opiniões e redacção da mesma Memoria, como á selecção dos Excerptos.



# ADVERTENCIAS ESPECIAES

## SOBRE BOCAGE

---

1ª Sahio em 1847 a 1ª edição d'esta Memoria, que ora tivemos de refundir e ampliar. N'este intervallo de dezoito annos muitas vicissitudes de vida, mudanças de terras e casas, e confusões de papeis, forão parte para que não achassemos agora os assentos que outr'ora tomámos. Nos pontos de facto a lembrança não sempre nos succede; mas asseguramos que nada demos então por averiguado que nos não foi considerado como tal por pessoa fidedigna.

2ª Eis aqui o que escreviamos em 1847: « Aproveitamos esta occasião para dar publico testemunho da nossa gratidão, pelas benevolas e importantes communicações, com que enriquecemos esta obra, a quasi todos esses raros amigos de Bocage ainda existentes. Cumpre mencionar á frente d'elles o Sr. D. Gastão Fausto da Camara Coutinho, cavalheiro em quem o saber corre parellhas com a delicadeza. — Ao Morgado d'Assentiz, pouco ha fallecido, tambem muito devemos. — Somos por igual motivo não menos devedores aos Srs. Francisco Joaquim

Bingre, visconde de Laborim, José Maria da Costa e Silva, Gonçalo José Vaz de Carvalho, Francisco Joaquim Pereira e Souza, D. Anna Gertrudes Pereira Mârecos, Theotonio Xavier de Oliveira, e outros, sem esquecermos tambem os Srs. José Pedro da Silva, João Nunes Esteves, e outros, de quem, nos competentes lugares, fallamos no texto. » Já d'aquella brilhante sociedade nem um unico deixou de ir juntar-se ao seu preclaro amigo.

3<sup>a</sup> Ao tempo em que escolhêmos Bocage para figurar na *Livraria classica*, foi, entre outros motivos, porque não existia collecção alguma das suas obras, as quaes andavão disseminadas por diversas e raras edições. Hoje esta razão desapareceria, pois aos grandes serviços que as letras devem a um incansavel bibliophilo Sr. I. F. da Silva, se juntou o de uma *Collecção completa* das poesias de Bocage, impressa no anno de 1853, em 6 volumes (a que alguém juntou um 7<sup>o</sup>, de versos fesceninios), obra de que nenhuma livraria de gosto pôde prescindir. Esta circumstancia nos fez reduzir mui consideravelmente os excerptos da primeira parte, em attenção tambem ás grandes dimensões da Memoria que vai ler-se, afim de não darmos demasiado numero de volumes só a um autor.

4<sup>a</sup> Nos excerptos que antecedem a nossa Memoria seguimos o methodo que nos pareceu tornar mais agradável a leitura, substituindo as antigas centurias de produções similares, pela variedade, que faz seguir ao soneto a ode, depois o drama, depois a epistola, depois o epigramma, voltando ao soneto, etc. O modo porém como foi formado o indice geral da nossa collecção, reunindo sob os respectivos generos sob a mesma rubrica, torna facilis as pesquisas, segundo o systema antigo.

5<sup>a</sup> Nesta edição, pois que excerptos dos autores erão da indole do trabalho, preferiamos intercalar nos lugares competentes da Memoria todas as poesias que prendessem com successos da vida do nosso heróe; já porém se achava reimpressa grande

parte d'aquelles excerptos quando chegarão a Paris as nossas providencias, de maneira que não pôde aquelle plano ser seguido á risca.

6<sup>a</sup> Deixámos de reimprimir muitas producções de Bocage, como os *Jardins* e outras, de grande merito, por serem de consideraveis dimensões. Dissemos mais na 1<sup>a</sup> edição o seguinte :

« Ha nas producções de Bocage incorporadas n'esta collecção muitas de pouco ou nenhum valor, parecendo mentirmos assim ao nosso programma de preferirmos só os melhores excerptos dos principaes autores de boa nota. Duas razões nos moverão. Certas composições, reconhecidamente inferiores, foram escolhidas como amostras de algum genero particular de poesia. Por outro lado, demos mais liberdade á escolha, por ser Bocage autor popularissimo, não existirem as suas obras em collecção, e ser rara e dispendiosa a totalidade das suas producções poeticas. Diz Lafontaine que « a melhor arte poetica é uma escolha de excellentes versos em todos os generos; escolha propria para formar o gosto, porque todos esses excerptos são lidos com utilidade e prazer. » É uma arte poetica, pois, que principalmente tivemos em vista compilar, mas deveremos ás vezes sacrificar essa consideração á da tambem necessaria vulgarisação dos bons livros raras. »

Quando citamos alguns versos de Bocage, deshonrados aliás por palavras improprias, e quando muitas appareçam, d'esta natureza, em autores de grande nota, e em obras tidas por classicas (por exemplo Camões, Jorge F. de Vasconcellos, Abade de Jacente, Hyssope de Luz, Macedo, etc.), puzemos reticencias n'esses lugares, mas não entendemos dever privar os leitores de producções que completão o retrato moral do autor, sempre que nos foi mister narrar acontecimento ligado com versos d'essa qualidade.

8<sup>a</sup> Escrevêmos na 1<sup>a</sup> edição (I, p. 22) : « Seja dito que,

dando nós cabimento n'esta Memoria a um avultado numero de *ineditos*, os reputamos taes, sem ousarmos asseverar que um ou outro a que applicamos a denominação não haja sido publicado anteriormente, sem que o saibamos. »

9<sup>o</sup> Tendo sido confiadas de nós muitas dezenas de poesias, dadas como de Bocage, nem a quarta parte reproduzimos, por serem manifestamente as restantes de outras pennas, ou tão estragadas que se não podião aproveitar; mesmo das que demostrem sempre a nós positivamente affirmar ser a autoria de Bocage.

---

# NOTICIA

DA VIDA E OBRAS

DE M. M. BARBOSA DU BOCAGE

Eis que do seu regaço os bons autores  
Vos emborca a impressão. Lêde o folheto;  
E os moldes engraçados da facundia  
Ensejada e nobre e rica n'elles jazem.

FILINTO ELYSIO, *Arte poet.*, § XX.

---

## CAPITULO PRIMEIRO

Natural da família de Bocage — Setubal e Troya. — A região da Bocage — a freguesia. — Os Bocages de Cherburgo. — Madama du Bocage — o Duque de Dourado — Duguay-Trouin no Rio de Janeiro. — Documentos e prole do casamento do Bocage. — Casamento de sua filha D. Marianna com o Dr. José Luiz Soares de Barbosa. — Filhos d'este matrimonio. — José Luiz, jurista e poeta.

A seis leguas S. E. de Lisboa, nas faldas do Barbarico Promontorio, onde o Sádão, ou Sado, de amenas margens, vai desembocar no Atlantico, demora uma povoação antiga, nobre, industriosa, de frequentado porto, excellentes pescarias, preciosos vinhos, marinhas amadas; povoação tão fidalga, que outr'ora o Sr. D. Affonso IV,

desentranhando riquezas da serra da Arrabida e outros lugares, a cercou de muros de jaspe.

Fundação de Tubal a Sobredourão crendeiros; o que porém é certo é que a noite dos tempos lhe escondeu a origem, sabendo-se comtudo ter sido a velha Cetobriga a gente n'uma lingua de terra, fronteira á Setubal de hoje.

Sobredourão-se os fastos d'esta povoação com vestigios de nobreza duas vezes romana. Ha já séculos; que um templo, com suas columnas e capiteis, havia sido desenterrado da terra, e bem assim muitos jazigos com ossadas humanas, urnas com cinzas e ossos em vasos de barro, ornamentos de vidro, de cobre, candeieiros de argila, medalhas; e pelo espaço de quasi uma legua forão encontradas renques de alicerces de magestosas casarias... ruinas tudo!

Inventando Lucano que Cesar, após a batalha de Pharsalia, visitára Troya, descreve os campos onde ella fôra, e conclue a descripção pela magnifica phrase: *et etiam perire ruinae!* Quanto ás ruinas da opulenta Cetobriga, que havião perecido ainda, e a ellas se julga dever attribuir-se o proprio nome de Troya, que tambem a este lugar, na embocadura do Sado, foi desde seculos applicado.

Poucos annos ha, se fundou uma sociedade archeologica para promover excavações, adquirindo a propriedade da maior parte do terrenó de Cetobriga. D'alli se extrahirão moedas anteriores cerca de trezentos annos á fundação do Imperio romano, curiosissimos mosaicos, vasos, amphoras, lacrimatorios, estatuas, fustes, capiteis, bases de columnas, e outras reliquias inappreciaveis. A creação e os alentos d'aquella sociedade

principalmente devidos ao zelo de um distincto archeologo, o reverendo padre Manoel da Gama Xaro. Constanos que, depois da sua transigencia para conego da Sé de Lisboa, os trabalhos esfriarão, chegando o terreno a ser cedido por alguns dos socios para plantações de alfáces e couves! Profanação, que, segundo ouvimos, vai ser desaggravada pelo principe illustrado, o rei artista, a quem Portugal deve tão formosos serviços prestados ás artes. Ser verdade que o Sr. D. Fernando se vai tornar dono de Troya, cabe esperar que mais valiosos trabalhos e estudos trará á luz do sol um novo Herculano, uma nova Pompeia.

Esta Setubal, por tantos titulos celebrada, é não menos gloriosa por haver sido berço a primorosos engenhos. Só ao côro dos nossos poetas deu ella, entre outros, o elegante epico Vasco Mausinho de Quevedo, Thomaz Antonio dos Santos e Silva, inculta montanha de talento, e o incomparavel Manoel Maria Barbosa du Bocage, cada um dos quaes bastaria para illustrar a sua patria.

É da biographia d'este ultimo que ora vamos tratar, e começaremos por dar noticia do tronco dos Bocages em Portugal, e dos membros mais proximos de tão distincta familia.

Existe em Normandia uma região rica e extensa, ensombrada de apraziveis arvoredos, d'onde em francez colheu o nome *Bocage*, e pertencente hoje aos departamentos da Mancha, do Orne e Calvados.

N'esses lugares possuíão os antepassados do nosso poeta consideraveis propriedades, e, ao uso de França, o appellido das suas terras *du Bocage*. Em Normandia (na cidade de Cherburgo) viveu, pelos fins do século decimo-setimo, um d'esses cavalheiros, abastado e

distincto proprietario, por nome Antonio Le Doux (outros escrevem L'Hédois) du Bocage, casado com a dama Catharina Cosma. Logo adiante vimos como d'este consorcio provierão os Bocages de Portugal; mas é razão não passarmos em silencio por uma illustre poetiza d'esta mesma **Finhagem**, que floreceu na propria França, e foi uma como precursora d'esta grande gloria portugueza.

Era, por afinidade, segunda tia materna do nosso poeta a celebre Marianna Lepage, que, muito moça, casou com o recebedor de Dieppe, Fiquet du Bocage.

Marianna, cujo nascimento antecederá cincoenta e cinco annos ao do sobrinho, falleceu a idade de elle apenas tres, de idade de noventa e dous annos, em 1802.

Esta dama, que tanto deveu ás Musas como ás Graças, deu-se a lettras com fervor cada vez maior, e soube ganhar alta fama entre os seus pares.

Propondo a academia de Roão premio ao melhor poema sobre *Sciencas e Lettras*, ousou concorrer com os vates a formosa Marianna du Bocage; laureados os seus versos e nobilitado o seu nome, celebrão-a á porfia as lyras mais illustres, e os vencidos lhe pincão de palmas e flores o caminho triumphal. Lembra-nos aqui, por exemplo, o delicado madrigal com que La Condamine a festejou, recordando em sóz seis versos a vencedora e a circumstancia de que fora a hedionda M<sup>lle</sup> de Scudéry quem em 1671 colhêra o prémio que pela academia franceza fôra outorgado. Eis o madrigal:

D'Allois, de Vénus, réunissant les armes,  
Vous subjuguez l'esprit, vous capturez le cœur,  
Et Scudéry jalouse en verserait des larmes.

Mais sous un autre aspect son talent est vainqueur :  
Elle eut celui de faire oublier sa valeur...  
Tout votre esprit n'a pu faire oublier vos charmes.

M<sup>me</sup> du Bocage, entre outras obras, traduzio a *Morte de Abel*, de Gessner; imitou o *Paraiso perdido*, de Milton, etc. Sobre essas traducções e imitações correrão varios os voços; ao *Paraiso perdido* fez o padre Yart um espirituoso epigramma, elogiado por La Harpe :

Sur cet écrit, charmante Du Bocage,  
Veux-tu savoir quel est mon sentiment?  
Je compte pour perdus, en lisant ton ouvrage,  
Le paradis, mon temps, ta peine et mon argent.

Porém o que á poetiza grangeou os entusiasticos elogios de Fontenelle, e os louros com que Voltaire em Ferney por suas mãos a engrinaldou, foi o poema original da *Columbiada*, cujo primeiro canto seu sobrinho verteu em portuguez.

Hoje, que o volver dos tempos permite mais fria analyse, devemos confessar que o pensamento geral do poema sobreleva á execução. Havia muito, sem duvida, para um quadro vasto e profundo na achada de um mundo nôvo; e innumeraveis incidentes, de magestosa poesia, podião ser da parte, sem prejuizo da acção, ir matizando a natureza do mundo maior que o mundo novo tinha a pôr ante si, na contraposição entre a cansada natureza da Europa e a opulencia do scenario intertropical; na differença entre os animaes, o reino vegetal, montanhas, mares e rios; tinha a confrontar com a sociedade civilisada as tribus e nações silvestres. Aquella com os seus peculiares vicios e vantagens, superstições, talentos e ambição; estas com as suas qualidades naturaes, ignorancia, singeleza, confiança, valor, independencia. Prestado isto, em mãos de poeta de ordem superior, a grandes bellezas. Com effeito, apezar de carecer de

energia o estro de M<sup>me</sup> du Bocage, este seu poema exhibe mais de uma vez, em linguagem que entrelembra o sobrinho, altas idéas, expressas por magníficos versos. Taes são estes, por exemplo, em que a autora passa em revista varios povos :

Ces Ottomans jaloux peuplent de vastes champs,  
 Où brillèrent jadis des empires puissants :  
 Le berceau des beaux-arts, l'Égypte, utile au monde ;  
 L'opulente Assyrie, en voluptés féconde ;  
 La Phénicie, où l'homme osa braver les mers ;  
 Et tant d'autres États, dont l'éclat, les revers,  
 Dans l'abîme des temps se perdent comme une ombre,  
 La renommée oublie et leurs faits et leur nombre.  
 Tout périt, tout varie ; et la course des ans  
 Change le lit des eaux et la face des champs.

Estes seguros penhores para a admiração dos contemporaneos fizeram que a denominassem *decima musa*, e *francesa Sapho*, e que inscrevessem sob o seu retrato este distico : *Formâ Venus, arte Minerva*. As academias de Roão, Bolonha, Lyão, Padua e Roma inscreverão o nome d'ella entre os dos seus alumnos, e estas todas a acompanharão até o tumulo, pois pouco antes do seu passamento Dumoustier lhe dirigio uns versos que acabavão assim :

Lorsque vers du declin le soleil nous éclaire,  
 L'éclat de ses rayons n'en est point affaibli.  
 On est vieux à vingt ans, si l'on cesse de plaire,  
 Et qui plaît à cent ans, meurt sans avoir vieilli.

Venhamos porém, já á familia portugueza. Atrás fallámos de Antonio Le Doux du Bocage, de Cherburgo, de cujo matrimonio com Catharina Costa nasceu, entre outros, Gil Le Doux du Bocage, o passado n'aquelle ci-

ade, e freguezia de S. Maria Maior. Gil contrahio primeira nupcias em França, e d'esse matrimonio teve uma filha, que já era casada com Julião Gelain, de Nantes, ao tempo em que elle, tendo abraçado a vida do mar, se passou, já viuvo, a Portugal, entrando em 1704 para o serviço da marinha portugueza, no posto de capitão de mar e guerra.

E é aqui lugar de noticiarmos uma curiosa circumstancia, ligada com a aventureosa vida d'este valente avô do nosso poeta.

Narrou-nos um cavalheiro, que servio na mesa da consciencia e ordens, que um dia, percorrendo certo maço de requerimentos, vio com estranheza um d'este official, sollicitando lhe fosse concedido proceder ás provanças pelo habito de Christo em Lisboa, por não as poder fazer na França, em razão do odio que n'aquelle reino havia contra elle. A razão d'este odio era o comportamento de Gil, segundo a opinião d'aquelle amigo, por occasião da injusta aggressão de Duguay-Trouin á capitania do Rio de Janeiro, em 1711 (e não em 1771, como por engano escreveu o Sr. Fernando Diniz). Transcreveremos o trecho em que este escriptor, no seu livro *Le Brésil*, t. II, p. 73, trata d'este assumpto. Depois de descrever o perfido comportamento de Duclair, e o modo como Duguay-Trouin o procurou vingar, narra como os Portuguezes diligenciáram em vão, por estratagemas de guerra, chamar os Francezes ao ponto onde os homens de Duclair haviam sido destroçados, e continúa assim :

« Não dando os Francezes na cilada, os proprios Portuguezes incendiáram varios arsenaes, e fizeram alguns prisioneiros, dos quaes tentáram debalde sacar esclarecimentos sobre a real força do aggressor. Estes porém cabi-

rão n'um laço armado por um sujeito da Normandia, por nome do Bocage, naturalisado Portuguez, o qual, por zelo a favor da sua nova patria, muitos prejuizos havia já occasionado á expedição franceza. Disfarçou-se de marujo, e foi levado, por soldados, como prisioneiro, para o carcere dos Francezes. Colheu logo das suas praticas o que desejava, e pela exposição que fez incitou para logo o conselho a atacar e exterminar tão fraca gente. »

Eis-aqui o modo como Duguay-Trouin falla d'este estratagemma em suas memorias :

« Arrebatou-nos o inimigo de noite algumas sentinellas; isto deu origem a um ardid extraordinario : um sujeito chamado do Bocage, nascido na Normandia, e que nas precedentes guerras tinha capitaneado um ou dous corsarios francezes, achava-se por aquelle tempo ao serviço do rei de Portugal, e tendo-se feito naturalisar Portuguez, havião-lhe dado o commando de navios de guerra nacionaes, e por esta occasião lhe estava confiado um dos que nós achámos no Rio de Janeiro. Começou por fazer-o rebentar com uma explosão, e foi depois dirigir as baterias dos Benedictinos, sendo tão certa a pontaria dos seus canhões, que nos fez um mal insuavel. Este Bocage desejava muito distinguir-se e attrahir a confiança dos Portuguezes, aos quaes, por ser Francez, se tinha tornado suspeito; lembrou-se por isso de se disfarçar em marinheiro, com barrete, jaleco e calças manchadas de alcatrão. N'esta bella figura, ordenou a quatro soldados portuguezes que o levassem para a prisão onde estavam encerradas as nossas sentinellas; fez com que lhe deitassem algemas, e ser um pobre marujo de uma das fragatas de São-Mateus, que se tinha estado do acampamento, sendo assim sorprendido por uns embosca-

dos. Representou tanto ao natural, que sacou aos prisioneiros francezes todos os esclarecimentos precisos para ter conhecimento do forte e do fraco das nossas tropas; e este conhecimento fez com que os inimigos resolvessem atacar o nosso campo. »

Assim continuou Gil du Bocage a assignalar-se, a ponto que, no anno de 1717, foi promovido ao posto de coronel de mar e guerra (vice-almirante). Official de vasto saber, exemplar denodo, e summa pericia militar, foi tido por um dos mais habéis da armada. Por sua distincção nas guerras do Brasil contra os Francezes, e do Mediterraneo contra os Barbarescos, alcançou dez mil réis de tença e o habito de Christo (ácerca de cujas provanças atrás fallámos); e por novos, relevantes serviços, lhe fez el-rei mercê da tença annual de 400,000 réis por três vidas, como consta de certidão passada na secretaria do despacho das mercês e expediente, assignada por Jeronymo Godinho de Niza, aos 4 de Novembro de 1827.

.O viuvo vice-almirante du Bocage recebeu-se com D. Clara Francisca Lestof, aos 13 de Junho de 1720, na freguezia da Encarnação em Lisboa, levando a procuration da avó, seu padrasto, o coronel de artilharia da praça de Setubal João Thomaz Corrêa de Brito : era esta senhora filha de Leonardo Lestof, consul de Hollanda, rico proprietario, e de sua segunda mulher, Luiza Vanzeller. Nascêrão d'este matrimonio duas filhas :

1ª D. Antonia Ignacia Xavier Lestof du Bocage. Deixou cinco filhos, de que não ha razão para tratarmos mais miudamente.

2ª D. Marianna Joaquina Xavier Lestof du Bocage. Casou com o bacharel José Luiz Soares de Barbesa, que foi juiz de fóros da Castanheira e Povos, e ouvidor na

comarca de Beja; verificando-se a cerimonia na freguezia de S. Sebastião de Setubal, aos 6 de Junho de 1758. Tiverão seis filhos, a saber :

1º Gil Francisco Barbosa du Bocage, nascido em Setubal, a 3 de Outubro de 1772, casado com D. Gertrudes Homem da Cunha d'Essa; filha de um marechal de campo, governador da torre de Outão da barra de Setubal. Agracivel poeta, distincto juriscônsulto, e de facil e aprazivel convivencia, falleceu aos 13 de Maio de 1834, e só teve uma filha.

2º MANOEL MARIA BARBOSA DU BOCAGE, o nosso poeta, baptisado na freguezia de S. Sebastião, de Setubal, sendo seus padrinhos Heitor Mendes Botelho de Moraes Sarmiento, e soror D. Luiza Mathilde, sua tia.

3º D. Maria Agostinha Barbosa du Bocage. Nasceu em 14 de Julho de 1759; foi baptisada na freguezia de S. Sebastião, em 28 de Agosto; casou com Vicente de Paula Figuciredo de Góes Souto-maior, tenente de infantaria 7, e teve dous filhos.

4º D. Anna das Mercês Barbosa du Bocage. Nasceu em 23 de Setembro de 1760; baptisou-se na freguezia de S. Sebastião, em 31 de Outubro; casou com João do Prado Homem da Cunha d'Essa, cunhado de seu irmão Gil, matrimonio que produziu tres filhos.

D. Maria Eugenia Barbosa du Bocage. Nasceu em Beja aos 8 de Setembro de 1768; foi baptisada na freguezia de S. Maria, em 13 de Outubro; falleceu na flôr da idade, sendo a ella que o poeta endereçou o soneto :

De raiosas plúmeas escollada,  
Dêste immaturo adeos ao mundo triste,  
Co'a mente no almo polo aonde assiste  
Beu que sempre se goza e nunca enfada.

A morte a cegar vidas destinada  
 Manosuma cordeira o collo uniste.  
 O que do céu ao céu restituiste;  
 Restituiste ao nada o que é do nada.

E inda gemo, inda choro alma querida,  
 Teu fado amigo; tua dita immensa,  
 Que em vez de pranto a jubilo convida.

Ah! pio accordo minha magoa vença.  
 É captiveiro para o justo a vida;  
 A morte para o justo é recompensa.

6.ª D. Maria Francisca Barbosa du Bocage, nascida em Setubal, em 15 de Abril de 1771, baptisada na freguezia de S. Maria da Graça, em 2 de Junho, fallecida no primeiro estado em Setubal, aos 18 de Maio de 1841, tendo vivido muitos annos em casa da marquezia d'Alorna; foi tambem poetiza, e a irmã predilecta do nosso autor. Viveu em sua companhia até se elle finar, e toda se desentranhou em affecto, pagando-lhe em saudosas lagrimas, té que o foi procurar em melhor mundo, o seu tributo de fraterna gratidão.

Por morte de Manoel Maria ficou pois esta sua querida irmã na posse de numerosos autographos, que bastantes annos recatou, como adoradas reliquias de quem tanto amára.

O editor das *Verdadeiras ineditas*, t. IV, e 1.ª de *Posthumas*, assim se exprime, no prefacio, fallando d'essas obras de Bocage: « Encerradas quasi todas no poder de uma senhora, estimavel por muitos titulos, e irmã do autor, a qual as prezava como preciosa prenda, com que unicamente se deixara rica seu caro irmão, com difficuldade se pôde resolver a consentir em não ser só ella

quem com sua lição se regressasse n'estas produções d'aquelle culto engenho.

«Fedeu finalmente o amor á voz da razão.»

Existem ainda muitos parentes do poeta, e entre elles um que, em diversa carreira intellectual, se brilhanta ainda a coroa que adorna esta illustre familia. Fallamos do distincto naturalista e geologo José Vicente Barbosa du Bocage.

Não progrediremos n'estas indicações, porque nos não acovimem de comprehendermos este capitulo n'uma arvore genealogica; Concluiremos sómente com algumas palavras acerca dos immediatos progenitores do poeta.

Sua mãe, verdadeira Bocage, era senhora de muitas prendas e instrução: modelo de mãis.

Seu pai, o bacharel em canones pela universidade de Coimbra José Luiz Soares de Barbosa, nascido aos 29 de Setembro de 1728, juiz de fóra da Castanheira e de Poros, ouvidor em Beja, acabou advogando em Setúbal. Foi jurisperito, distincto poeta, e Bocage lhe chama abio n'uma saphica ao governador de Macáo :

«Se as cans houradas vou molhar do pranto  
- Não sabio telho, que me deu có'a vida  
- Os seus decastres....»

Diz Antonio Maria do Couto ter visto poesias satyricas de José Luiz no gongal do filho; mas que elle não consentira em que se lhe publicassem, sendo aliás homem de grande engenho, saber e gosto.

Um soneto do illustre poeta Thomaz Antonio dos Santos e Silva principia assim, dirigindo-se a Manoel Maria :

Vae, meu infante, a sorrisos e flores,  
Si doutina, que, joven, requinta...

Bebem do sabio pai, luz hoje extincta,  
Caudal então de metricos fulgores;

Que em jogos pueris, brotantes flôres,  
Junto ás ternas irmãs, traçou a tinta  
Com que, adulto depois, esmalta e pinta  
Os ufanos, e proferos amores.....

Em duas notas dizia o escriptor que as irmãs de Bocage são todas de um lindissimo espirito — e que o Dr. José Luiz Soares de Barbosa juntava a qualidade de gravissimo jurista a de excellente poeta, reunindo em provecção, á imitação de Young, fogo extraordinario a erudição prodigiosa.

De José Luiz só tivemos a fórtuna de alcançar um soneto, que o não do distincto poeta o Sr. José Maria da Costa e Silva nos revelou, por tê-lo ouvido a Santos e Silva, a quem Bocage fizo o repetira, como prova do talento de seu pai. Muito notavel é esta poesia pelo ar de familia, que tem com as satyricas do nosso improvisador. Tendo fallecido em Setubal João Thomaz Farinha, José Luiz zombou muito do sermão das exéquias, porque o guardião Franciscano, voltando-se para a eça, exclamára : « Oh! meus amados irmãos, fitai os olhos, fitai-os n'aquelle *funebre*, *maizem da saude*... » Escreveu então José Luiz o seguinte soneto :

Meu padre prégador, feche o pulcro;  
Feche a corôa; ajunte os pratos;  
Temperê ou lave na cozinha os pratos,  
Que em pulpitos não ha quem possa vê-lo.

Vá na horta plantar alface e grão;  
Tome o bastão e vá pedir chibatos;  
Prégue lá dos pastores insensatos,  
Que entre todos é sabio inda um camelo.

Nas exequias do Bicho da Cozinha,  
 Ou d'outros figurões d'esta entidade,  
 Póde prégar, que tem licença minha.

Alli, meu padre, espoje-se a vontade!  
 E se houver urna ao João Thomaz Farinha,  
 Empurre-lhe o *armazem da saudade!*

O Sr. I. F. da Silva, no seu *Diccionario bibliographico*, attribue a José Luiz um *Epicedio que na morte do reverendo padre José de Faria e Souza fez um seu amigo, explicando a sua dor n'esta elegia*, dizendo que esta indicação, e a de, ser in-folio, sem designação do lugar da impressão nem do nome do impressor, é extrahida do tomo IV da *Bibl. Lus.*, mas que o illustre bibliophilo não vira exemplar algum de tal folhetó. Ignoramos pois qual o fundamento com que se attribue esse epicedio ao pai de Bocage.

Portanto, dos dous appellidos de que todos os irmãos usavão, o de Barbosa pertencia ao pai; e do ramo materno lhes veio o de Bocage; nomes e familias que já de si legavão talento.

Tinha Bocage jactancia do seu nascimento e honrava-se com o fulgor dos seus passados. N'um *idyllio* exclama elle á sua Lenia, de Góá :

Pergunta a quantos vêm do Tejo e Sado,  
 Se alli me condemnou vil nascimento  
 A este, em que mourejo, humilde estado.

Sempre entre os mais honrados tive assento :  
 Venho dos principaes da minha aldeá...  
 Nem cuides que vás fabulas in

E n'outro *idyllio*

E eu, posto que leal, que verdadeiro,  
De clara geração, de sangue honrado,  
Caducos, frageis bens não devo ao fado.

Basta. Supprimimos muitos outros pormenores relativos á familia de Bocage, para sem detença nos occuparmos do nosso poeta.

## CAPITULO II

Nascimento de Bocage. — Sua educação. — Suas poesias infantis. — Praça de cadete. — Transferencia para Lisboa. — Guarda-marinha. — Motivos da sua resolução de ir para a India. — Parte de Lisboa como guarda-marinha para Gôa.

Foi Manoel Maria Barbosa du Bocage a luz do dia em Setúbal, aos 15 de Setembro de 1765<sup>1</sup>, na casa numero 17 e 18 da rua de S. Domingos (freguezia de S. Sebas-

<sup>1</sup> Desde o anno de 1817 que demos esta data com exactidão. Todos os que depois se disserão autores de biographias de Bocage continuarão a commetter o erro dos nossos predecessores. Exceptua-se sómente o sabio academico Sr. I. F. da Silva, o qual, no monumento que ás letras patrias erigiu sob o titulo de *Diccionario bibliographico*, se exprime assim:

« A data do seu nascimento corria até agora como ponto problematico entre os biographos, collocando-a quasi todos em 17 de Setembro de 1766, e só um d'elles (o Sr. J. F. de Castilho), melhor informado, em 15 de igual mez de 1765. Até no modernissimo *Dictionnaire gén. de biogr. et d'hist.* dos Srs. Dezobry e Bachelet, obra geralmente mais exacta que as anteriores do seu genero, apparece, no tomo I, com manifesto engano, indicado aquelle nascimento em 1771. Para deixar de uma vez assentado este ponto de modo definitivo e irrecusavel, recorri ao meu obsequioso amigo e patricio do poeta o Sr. João Carlos de Almeida Carvalho, que teve a bondade de enviar-me cópia authentica, extrahida do livro 8º dos baptisimos da freguezia de S. Sebastião de Setúbal, a folhas 176 verso, pela qual fica indubitavelmente provado que Manoel Maria nascêra com effeito a 15 de Setembro de 1765, e fora baptisado a 29 do dito mez e anno. Esta data deverá pois prevalecer agora em diante sobre qualquer outra, como a unica verdadeira.

tião). Ainda existe de pé o memoravel edificio. Ah! soltou os primeiros vagidos quem depois havia de desferir tantas canções immortaes<sup>1</sup>. Ainda hoje, um seculo depois, vão em peregrinação devota a este genro de templozinho obscuro os romeiros scismadôres da poesia. Aquella paredes, aquella casinhola de aspecto vetusto, singelo, mas nobre, aquella sacada alta, onde tanta vez encostado scismou por ventura a sublime criança que é hoje o assombro de todos nós, tudo isso, no seu mesmo desalinho e pobreza, conversa com elles e os inspira. Aos viandantes commemora ella mesma este facto importantissimo; graças á illustrada camara de Setubal uma inscripção attesta que alli vio a luz o poeta Bocage.

Fadado para os versos, desde os mais tenros annos, o crente não contemplar o como desde tão menino entrou o poeta giganteo a revelar-se, tentações de crer que nos labios do recém-nado pousassem as abelhas de Platão.

A mãe de Bocage, que toda se estremecia n'aquelle dilecto filho, mais não fazia que espreital-o anciosamente, animal-o e animal-o. Aos cinco annos de idade era ella mesma quem lhe ensinava as primeiras letras, e toda se ufanava com os progressos do discipulo querido.

Na 1ª edição d'esta Memoria dissemos o seguinte :

« Suppomos ter ha pouco fallecido um tal Antonio Pereira, marcador n'um bilhar da rua Augusta, e conhecido verzejador. Era fama que fôra tambem seu mestre de primeiras letras e latim, em Setubal. Perguntando D. Gastão a Bocage se com effeito Pereira fôra seu mestre, res-

<sup>1</sup> No n.º 46 do vol. III do *Archivo pitagorico* podem os leitores encontrar o desenho da fachada d'esta casa

pondo-me-lhe : « É verdade que alguns me o foi, e se  
« continúo mais tempo, aleje-me. »

Pai e mãe são familiares com as musas; e já nas litterarias palatras, delicias d'alles, já no trato doméstico, pois a criancinha colhe as inspirações, desenvolvendo a intelligencia precoce, alimentando o fogo que desde os seus tenros annos o devorava, e supprindo com o natural ardor o que para uma educação escasseava em terra onde os meios de instrucção são defeituosos e parcos. Mas não prescindem tanta vez as naturezas privilegiadas dos andaimes indispensaveis ao vulgo?

Portentosas se manifestarão em Bocage, desde a infancia, duas faculdades, germen de sua fama : — *Memoria* e *Imaginação*. Balbuciava apenas, e já se revelava poeta : com que deleite não repetia suas extremosas e os seus versinhos infantis, ricos de harmonia e de graça. Tal é a quadra, feita a poucos annos de idade, tendo ido a Lisboa ver a procissão da Cinza :

Fui ver a procissão a S.<sup>a</sup> Francisco,  
A quem o vulgo chama da cidade;  
E, supposto o apertão, foi raridade  
Que, indo eu em carne, não viesse em cisco!

Disserais haver n'esses versos já o mesmo talento e humor satyrico que distinguia Voltaire, quando n'aquella mesma idade zurzia os tocadores de sinos com o epigramma :

Persécuteurs du genre humain,  
Qui sonnez sans miséricorde,  
Que n'avez-vous au cou la corde  
Que vous tenez dans votre main!

E nos confirmamos a matutina revelação por Bocage, no soneto que principia assim :

Das mãos infantis despido penas,  
Sentia o sacro fogo arder na mente.  
Meuerno coração, inda innocente,  
Lão ganhando as placidas Camenas.

bem como no prologo das *Plantas* :

Versos balbucio co a voz da infancia!  
Vate nasci; fã vate, fã na quadra  
Em que o rosto viril, macio e tenro,  
Semelha o mimo de virginea face.

o na Satyra a José Agostinho de Macedo :

..... : aquelle  
Que já na infancia consultava Phebo.

Com esteio, bem razão tinha Bocage em se ensober-  
becer do terreno fecundo onde centuriava a semente  
do saber :

Eu, esse, cujos dons medrãrão tanto,  
De cultura gentil no brando esteio.

Diz Couto que Manoel Maria, aos oito annos de idade,  
lia e escrevia com pasmosa pureza, dando ao ler a in-  
flexão de voz propria de quem a fundo entendê e sãbo-  
reia o pensamento do autor.

Consagrava sua mãi os mais doces instantes á cultura  
de tão esperançosa planta; e mãi, e amiga, e mestra, lhe  
fecundava a instinctiva cobiça de noife, ajudando-lhe a  
romper a senda, apontando á sua infantil ambição para  
o alvo, e animando-o com o brado : *Pódes, e has de alli  
chegar!*

Mas esse... os de mãi, que uma vez lhe arrancá-

rão expressões de saudade e gratidão; que, ainda infante, o fazia exclamar :

No afago maternal nutro meu canto;

Os velos que nenhuns desvelos e nenhuma sciencia suprem, findarão-lhe aos dez annos de idade; irreparável perda, que nunca se apagou da memoria do menino nem do homem, do expatriado nem do móribundo.

José Luiz era vate, e dos vates é partilha o dom prophético. Instinctivo terror lhe fazia antever os dissabores que o estro causaria a seu filho. Pelos annos da morte de Bocage, outro grande poeta, Lamartine, fazia a seu pai derramar lagrimas de commoção e prazer, ao ler-lhe os versos (*Le Vallon*), com que inaugurava a sua entrada nos dominios em que tamanhos triumphos o aguardavam. O pai de Bocage, pelo contrario, não encarava sem terror o espontaneo crescer e vicejar d'aquelle portentoso talento; pesava os contras á profissão de poeta, e procurava sopear no filho tendencias fataes, que antevia deverem conduzir o incauto moço ao Capitolio talvez, á Tarpeia de certo. Acontecia-lhe porém o mesmo que ao pai de Ovidio; tambem aquelle que o fado condemnára a succumbir no exilio, victima dos versos, queria, infante, obedecer a um pai, que lhe ordenava repudiar a musa; debalde contrariava a natureza, e a despeito das ordens paternas, elle nol-o diz, e em verso :

Quidquid tentem scribere, versus erat.

Narre-nos esta sua entrada na vida

O pescador innocente, o malfadado  
Que, em azia instante, faz primeira  
Vio lá nas praias onde morre o Sapo,

pois elle o fará elegantemente nos seguintes versos, escriptos no seu voluntario desterro :

Apenas vi do dia a luz brilhante  
Lá de Tubal no anno celebrado,  
Com sanguineo color foi marcado  
Pelos destinos do primeiro instante.

Nos dous lustros a morte de repente  
Me roubou, ternã mãi, teu doce agrado;  
Seguiu a arte depois, e emfim meu fado  
Dos irmãos e do pai me pôz distante.

Se é de Bocage, em sua mocidade, a ode á *Fortuna*, publicada no 4º tomo das Rimas — *Verdadeirds ineditas*, —ahi se queixa de pobreza, molestia e prematura perda de seus pais :

Se a pobreza importuna me persegue,  
Desde o berço talvez á sepultura;  
Se a feia enfermidade estende as azas,  
E em mim o golpe acerta :

Se a morte, a negra morte, vem roubar-me  
A minha protecção e o meu asylo;  
Ou arranca da terra os pais mais ternos,  
Primor da natureza :

A fome, a orphandade, e os mais trabalhos  
Reconheço por dons da Providencia.  
Bem a sagrada mão que assim me fere;  
Respeito seus decretos.

Na idade de quatorze annos, tendo aprendido o francez com seu pai, e o latim com o ecclesiastico hespanhol D. João de Medina, e assentado praça de cadete no regimento nº 7 de infantaria de Setúbal, passou-se a Lisboa, deixando lá a patria o coração.

Desejando seguir a honrosa vida em que seu avô tanto primara, diligenciou ser transferido para a arma da marinha, embora tivesse de ir residir no ultramar.

Naquelle período do reinado da Sra. D. Maria I foram as diligencias feitas para estender a instrução publica. Por esses tempos se instituiu a mesma censura pela mesa sobre o exame dos livros, até que se creou em Coimbra a junta de directoria geral, tendo por principal intuito a instrução primaria; se criou a academia de marinha, destinada ao ensino de um curso completo de mathematicas; igualmente adaptado para servir de fundamento commum á navegação e ás architecturas naval, militar, hydraulica e civil, á sciencia das minas e á artilharia; a escola de pintura e desenho de architectura civil; a academia real de fortificação, artilharia e desenho; a academia real dos guardas da marinha; instituições que, pouco depois, e no mesmo reinado, foram ampliadas com a criação da academia real das sciencias, com a fundação da academia de marinha do Porto, etc.

Não podemos afirmar que Bocage fizesse muito regulares estudos, durante os sete annos que decorrerão entre a sua chegada a Lisboa e partida para a India; antes para nós temos que o deleitirão somente os fructos da arvore da sciencia, pois de seus conhecimentos mathematicos e nauticos nem reza a tradição, nem (senão de longe e a furto) os memorão os seus escriptos.

Por exemplo: n'aquella saudosa canção, quasi elegia, a que o poeta pôz por titulo *A Nereida*, e que adiante vai transcripta, gracioso idyllio tão cheiroso a maresia, tão rico de sua doçura, e onde sob o véo da allegoria arcadica e mythologica, rebuça por ventura muitas ver-

dades o misero Alicuto, occorreu-nos se acaso os versos em que o amante, amesquinhando os seus dotes phisicos, exalta o seu saber e as suas prendas, não serão copiados do natural e fidelissimo retrato dos conhecimentos nauticos do nosso Bocage, e tão por longes terras peregrino. E se não, cotejai-me os quatro tercetos, que discorrem desde o verso :

Na manobra quem é mais diligente.....

até ao verso :

E Orion tão fatal ao navegante.

Comparai-os com a sciencia presumivel no aventureiro e juvenil guarda-marinha, glorioso neto do vice-almirante du Bocage, e dizei-nos, se no seu conteudo (correctas as illusões da perspectiva poetica) desdizem esses versos e chanças de nauta, dos estudos, aliás grosseiros e rapidos, com que Urania devia de andar a esse tempo adestrando e apparelhando o seu novel discipulo filho de Apollo.

Foi n'esse tempo que Bocage realisou a sua grande viagem ; e então querido, festejado, alvo de admiração, era Lisboa o grão theatro apropriado á sua indole ; que razões o induzirião a projectar quasi repentinamente uma emigração até o berço da aurora ?

Na primeira edição que d'esta Memoria sahio em 1847, fomos echo da seguinte explicação :

Dizia-se que tendo o almirante conde de S. Vicente particular affeição a uma formosa esteireira, que se agra-dára do mestre de campo Leonardo Teixeira Ilhomem, este, ao dirigir-se uma noite para casa d'ella, fôra tras-pasado por um florete na travessa da Espera ; que a indignação geral tomára grande tempo, obrigando o

conde a evadir-se precipitadamente para Hespanha; e que todas as noites appareção pasquins, clamando vingança, taes como este, attribuido a Bocage, que da columna do Pelourinho se arrancou, uma madrugada:

Está bello e excellento  
P'ra o conde de S. Vicentê:

Fôï mister satisfazer a opinião; e correm impressos o processo na sentença de absolvição ao conde. Por esta occasião, se refere, compôz Bocage cinco escandalosos sonetos, que andarão, por todas as mãos, excitando iras aristocráticas e omnipotentes, a ser verdade, como se julgava, que o proprio conde tinha licença ampla para degradar vassallos; que finalmente foi para evitar as consequencias, que o poeta decidio evadir-se, a toda a pressa, para climas remotos<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Acrescentamos que possuíamos tres dos incriminados sonetos, dous dos quaes improprios para o prelo; que davamos porém, com as indispensaveis reticencias, mas exacto, um que fôra publicado, inintelligivel, na *Collecção das Satyricas de Bocage*, feita por Couto; e era o seguinte:

Pariste um bando de c...s ladinos,  
O' São Vicente, sem gemer co'as dôres;  
E n'esta p...l corja de tambores  
Tens um s...o de c...s indinos,

Reges dos vastos mares os destinos,  
Por sábias leis, decretos sup'riores!  
Devido ser menino entre os doutores,  
Ficas sendo doutor entre os meninos.

Mil esteireiras tens. Está a manha  
Em conserval-as, sem com mão impia  
Dar ao mestre de campo morte estranha.

Se fazes outra, temos romaria:  
Tu partes de Lisboa para Hespanha,  
Elles do mesmo p'ra a Casa Pia.

<sup>2</sup> Para entender estes versos, cumpre saber que este almirante foi o insti-

Fez-nos o respeitavel Sr. Luiz Augusto Rebello da Silva a honra de vestir esta nossa Memoria com as galas do seu primoroso estylo, publicando-nos tres edições: no *Panorama*, na *Collecção geral das obras de Bocage*, e em volume avulso, com os typos da academia. Rarissimas são as alterações que o distincto escriptor fez ao nosso opusculo; porém é este um dos lugares em que se dá uma mudança. Diz-nos que, em 1785, na idade de dezasseis para vinte annos, estava Bocage com o posto de tenente de infantaria, e em veynte e seis de partir para a India; item, que o Sr. Innocencio he ponderado que o Sr. Bocage vindo de S. Vicente era do anno de 1776; e que Bocage viera para Lisboa em 1782, tendo antes dito que Bocage nascêra em 1766.

Com a devida venia, observaremos que não é exacto ter ido Bocage para a India em 1785, pois foi em 1786; que tambem o não é, ter ido no posto de tenente de infantaria, pois foi como simples guarda-marinha; que Bocage não veio para Lisboa em 1782, e sim em 1779, se chegou de quatorze annos; e, finalmente, que não nasceu em 1766, mas em 1765.

Feitas estas rectificações, só fica de pé a observação do Sr. Innocencio. Impossibilitado, no Rio de Janeiro, de verificar se não haverá alguma circumstancia que deva levar-se em conta, e costumado a prestar veneração á

tuidor da academia dos guardas da marinha, a qual dirigio muito tempo, desfavorecendo-o a opinião publica com imputações que devemos calar.

O que d'elle sabemos é que, homem illustrado e laboriosissimo, deixou, do seu proprio punho, 16 volumes in-folio, escriptos um cada anno, sobre materias relativas á marinha e á academia; mandou-se to, que foi comprado ao conde filho por Joaquim Francisco Monteiro de Campos, que o deu a Manuel José Maria da Costa e Sá.

profundidade e consciencia dos trabalhos do Sr. Innocencio, diremos que o seu argumento das datas nos parece victorioso: se o facto da esteira é de 1776, a esse tempo tinha Bocage onze annos, estava em Setubal, e não podia ser isso causal de uma resolução só verificada dez annos depois.

Assim lealmente confessado este ponto, só nos resta exprimir sorpresa de tal anachronismo! São graves as seguintes circumstancias.

Dezoito annos decorrerão sobre a publicação da nossa biographia; desaparecerão-nos com viagens e mudanças milhares das nossas antigas apontamentos, e a memoria nem sempre nos obedece com firmeza. O certo porém é que nós não houveramos affirmado o facto tão peremptoriamente, se elle nos não tivesse sido attestado por algum amigo intimo do poeta.

Accresce que A. M. do Couto, que cultivou relações com Bocage, e apenas este falleceu foi autor da sua primeira biographia, que depois reimprimio, seguida de varias poesias satyricas ineditas, deu, á pagina 24, o soneto *Pariste um bando*, e acrescenta todos estes dados: que este soneto era de Bocage; que foi por elle composto, na idade de dezesete annos, sendo guarda-marinha; que o caso (do filho) da esteira é comprido; que ha outro soneto (de Bocage) do mesmo jaez, que a decencia publica manda calar.

Le-se igualmente o seguinte, na *Nouvelle Biographie Universelle*: « L'inimitié du comte de Saint-Vincent lui ferma bientôt cette carrière (celle de la marine), et ce ministre lui fit expier par l'exil une saillie que le jeune poëte s'était permise à son égard. »

Não iremos mais longe, pois só temos aqui em vista

LIVRARIA CLAS

re ao menos esta opinião ter  
ar que sem fundamento.  
Devemos repellir aquella e  
lá a entender o proprio  
ão offerecerem então as  
eatro assaz vasto para  
ue lançára os olhos a t  
rtugueza, avido de tra  
mais remota e inhos  
chasse applausos e ho  
convencer-nos de  
e pelas armas era c  
sportar-se á India :

ga patria minha e lar  
tes, a quem rendo u  
Lacrimosos parente  
da na ausencia me  
s! um vivo ardor  
va região me attr

parte :

Vos climas, on  
eternizou da  
er se acaso a  
e vida feliz c

n'uma e/  
ave-lhe :

que de v  
uma illustr  
estrada ver

mente

a *Historia de*

ido a Bocage,  
Asamão. Em  
toda a appa-  
rio de um de  
rs, pag. 95,  
feito a um

o, um dos  
ra, ouvimos  
os tem sido  
, onde ella

elevada po-  
sitado para  
natural, e

mostrando que ao menos essa opinião tem grassado, sendo para admirar que sem fundamento.

Se pois devemos repellir aquella explicação, acedemos a que nos dá a entender o proprio Bocage, dizendo que fôra por não offerecerem então as armas no continente europeu theatro assaz vasto para o seu insaciavel ardor de fama, que lançára os olhos a todos os pontos da monarchia portugueza, avido de transportar-se a qualquer região, por mais remota e inhospita, onde, em belligas fadigas, ganhasse applausos e honra. Esforça-se, em seus versos, por convencer-nos de que o desejo ardente de distinguir-se pelas armas era o unico impulso que o moveva a transportar-se á India :

Amiga patria minha e lar paterno!  
 Penates, a quem rendo um culto interno!  
 Lacrimosos parentes,  
 Na ausencia me estareis presentes!  
 Adeos! um vivo ardor de nome e fama  
 A nova região me attrahe, me chama!

E n'outra parte :

Nos climas, onde a guerra  
 Herões eternizou da lysia terra,  
 Vou ver se acaso a meu destino agrada  
 Dar-me vida feliz ou morte honrada.

Tambem n'uma epistola, figurando que Adamastor lhe falla, ouve-lhe :

Ó tu, que de uma vã caduca fama,  
 De uma illustre chimera ambicioso,  
 A estrada vens saber do afouto Gama!

É igualmente para aqui transcrever um mimoso soneto :

Eu me ausento de ti, meu gado Sado,  
 Na corrente, de leitões, maná,  
 Em cuja praia o nome de Philena  
 Mil vezes tenho escripto e mil beijado.

Nunca mais me verás, entre meu gado,  
 Soprando a namorada e branda avent,  
 A cujo som descias mais serena,  
 Mais vagarosa para o mar salgado.

Devo enfim manejar, por lei da sorte,  
 Cajados não, mortiferos alfanges,  
 Nos campos do colerico Mavorte;

talvez, entre impavidas phalanges,  
 Emunhas farei da minha morte  
 Remotas margens, que humedece o Ganges.

Sempre a gloria militar conservou grandes encantos para Bocage, o qual mais tarde ainda fallava d'elle apaixonadamente, e até de suas bellicas aspirações. Assim, concluiu com estes versos um soneto á memoria do guardamarinha Palhares, morto no combate d'Argel :

Na dura, marcial, honrosa lida,  
 Entre os braços da gloria heroico e forte,  
 Recébeste a cruel, mortal ferida.

Ah! que inveja me faz a tua sorte!  
 É viver como eu vivo infausta vida,  
 É morrer como tu ditosa morte.

Tambem é curioso notar que todas as suas poesias de índole patriótica têm o fito constantemente na India, como quanto muitos brilhantes successos da nossa historia pudessem chamar-lhe a attenção para outras direcções; o que prova que, em todo o sentido, aquellas regiões orientaes forão sempre a sua idéa fixa.

Supponhamos pois que a resolução de Bocage nascesse da natural volubilidade do seu character, e do desejo ardente de contemplar o esplendido theatro de nossa mais romanas glorias. É verdade que, n'uma epistola dirigida, no Rio de Janeiro, ao vice-rei do Brasil, Luiz de Vasconcellos e Souza, parece indicar que, por algum outro movel, ia, arrancado dos braços paternos, e quasi arrancado:

*Eu, dos braços paternos arrancado,  
E pela furia de soberbos mares  
Sacudido, arrojado  
A remotos, incognitos lugares,  
Onde talvez que me apparelhe a sorte,  
Depois de infausta vida, infausta morte.*

*Surdo o fado a meus ais e a minhas magoas,  
Este ameno paiz me quer distante;  
Manda que eu busque as aguas  
Onde se banha o valido gigante.*

É completa ficção theatral e poetica o motivo que o insigne dramaturgo e nosso bom amigo Mendes Leal aventou para esta partida do poeta, no drama com que ha poucos mezes alvoroçou o mundo litterario, enriquecendo a scena portugueza, e que, por se referir muito de perto ao assumpto da presente Memoria, não podemos deixar de mencionar.

*Os primeiros amores de Bocage* é o titulo do ultimo drama do Sr. Mendes Leal, drama que, hoje impresso, os Portuguezes de além e de aquem mar conhecem e admirão; não discursaremos pois sobre um livro de cujo merito já a critica litteraria publicou verdades.

Para a partida de Bocage se finge no enredo d'esta

peça uma causa inteiramente alheia á historia, mas tão galante, e com tanta arte motivada, que o espectador perplexo não atina com as raias da verdade para a verosimilhança.

A obra do Sr. Mendes Leal remettemos o leitor curioso. N'ella achará á farta com que debuxar e colorir em estylo o grande vulto, ainda juvenil e quasi imberbe, e monstruoso talento, evocado pelo não menos arrojado estro do nosso dramaturgo.

Não haverião por certo de perdoar-nos os manes de Bocage, se não commemorassemos em lettras de bronze, na face d'este pobre obelisco erigido á sua memoria, aquella apotheose com que o poeta Mendes Leal celebrou o poeta Bocage, seu confrade nas lettras, seu irmão na gloria <sup>1</sup>.

E fosse qual fosse o motivo, o indubitavel que Bocage tomou esta resolução com apparencia de muita espontaneidade. N'aquellas quadras, a propria expatria-

<sup>1</sup> N'uma carta que sobre o drama do Sr. Mendes Leal, e sua representação no Rio de Janeiro, nos dirigio o esperançoso escriptor fluminense Machado de Assis, se lê ácerca d'este ponto do drama o seguinte bem pensado e elegante parographo :

« Veja V. como se houve Mendes Leal no desenlace da comedia. Eu leio na biographia de Bocage escripta por V. que a causa de ausentar-se de Lisboa o poeta foi o receio de que o conde de S. Vicente se vingasse d'elle, por motivo de pasquins que se lhe attribuião, e que não respeito a uma morte praticada na travessa da Espera. Nada d'isto se refere na comedia; ah! o motivo da partida para a India é um generoso sacrificio de amor. Pois bem! é com ambas as mãos que eu applaudo este desenlace, tão logico e tão digno da comedia e de Bocage me parece elle! Bocage amava estremecidamente na occasião de deixar Portugal; os versos que então escreveu' dão prova d'isso; era elle capaz de um sacrificio? era. E demais, retirando as suas pretensões á filha de D. Felicia, conservava elle a sua cara independencia, e abria diante de si horizontes novos e campo desconhecido. Ah! está Bocage. »

Esta bella carta, que inserta no n.º 196 do *Diario do Rio de Janeiro* de 15 de Agosto de 1860.

ção é um brinco, e tudo se faz alegremente, porque o inverno da vida nem se julga possível; e razão tem o poeta Le Mierre, definindo

La jeunesse au front gai, pour qui tout est printemps.

Na idade dos vinte e um annos requereu pois, e alcançou o decreto de 31 de Janeiro de 1786, pelo qual foi despachado em guarda-marinha para o Estado da Índia. O decreto é do teor seguinte :

Hei por bem fazer mercê a Manoel Maria Barbosa Hóreis de Bocage de o nomear guarda-marinha da armada do Estado da Índia. O conselho ultramarino o tenha assim entendido, e lhe mande passar os despachos necessários. Samora Corrêa, em trinta e um de Janeiro de mil setecentos e oitenta e seis. — Com a rubrica de Sua Magestade. »

Partio Bocage, com effeito, no mez seguinte, com escala pelo Rio de Janeiro, a bordo da náó de viagem *Nossa Senhora da Vida, Santo Antonio e Magdalena*, sob o commando de José Rodrigues de Magalhães. »

Foi-nos communicado o seguinte *inedito*, feito por occasião d'esta partida, e conservado pela familia da senhora a quem se dirigio :

Deixar, amado bem, teu rosto lindo,  
Teus afagos deixar, tua candura,  
Tanto me opprime, que da morte escura  
Sobre mim negras sombras vêm cahindo.

Parto; e vou teu nome repetindo,  
Que dê desafogo á magoa dura;  
Meus tristes ais, suspiros de amargura,  
Áquem dos mares ficarão cahindo.

Mas se me cárcão, no cruz transporte,  
 Quantas furias o barathro vomita,  
 E se meu mal é peor que a mesma morte,

O fado em me aterrar em vão cogita,  
 Com todo o seu poder não póde a sorte  
 Tua imagem riscar d'esta alma afflicta.

Quantos não serião então os poeticos bilhetes de des-  
 que elle deixasse ao côro das suas nymphas!  
 Um, como exemplo :

Ah! que fazes, Elmano? Ah! não te ausentes  
 Dos braços de Gertruria carinhosa :  
 Trocas do Tejo a margem deleitosa  
 Por barbaro paiz, barbaras gentes?

A tigre te gerou, se dô não sentes  
 Sendo tão consternada e tão saudosa  
 A Tagide mais linda e mais mimosa ;  
 Ah! que fazes, Elmano? Ah! não te ausentes.

Teme os duros cachopos, treme, insano,  
 Do enorme Adamastor, que sempre vela  
 Entre as furias e os monstros do Oceano :

Olha nos labios de Gertruria bella  
 Como suspira Amor!... Vê, vê, tyranno,  
 As Graças a chorar nos olhos d'ella!

Parece porém que esta Gertruria era de esse tempo, a  
 sultana favorita, pois a ella forão não menos dirigidas  
 outras producções que revelão affecto mais profundo.  
 Deverá, em taes assumptos, depositar-se grande fé nas  
 apaixonadas affirmativas de poetas? O alcorão d'elles nol-o  
 revela Ovidio, quando tão ingenuo declara que as suas  
 palavras não são artigos de fé :

Tem de um vate a licença infinda liberdade,  
 Não se prende em galões de historica verdade.

Vós que sabieis,	Vós me conheceis
Cácula gente,	Ter por suspeito
O quanto mente	Quando, co'o peito
Qualquer cantor,	Ebrio de amor,
E o quanto eu mesmo	Não graciosa
Vos fabulei;	Al-a pinteí.

Suppondo que, em tão solemne momento como a partida para remotissimos climas, não estivesse mentindo cá *este cantor*, nem se puzesse a *fabular*, seria a acreditar que a causa da sua peregrinação fosse o nar-se, por façanhas, digno da tal D. Dulcinea Gerandes. Arregimentando-se no errante esquadrão dos Amadis, quiz merecer a sua dama, *endireitando tortos* por esses mundos, e quixoteando em honra e gloria da namorada. Pelo menos elle assim o afirmou, e bella quando lhe bradou :

Por entre a chuva de mortaes pelouros  
 A nua fronte enriquecer de louros  
 Eu procuro, eu desejo,  
 Para teus mimos desfructar sem pejo;  
 Pois quem d'este esplendor se não guarnece,  
 Não é digno de ti, não te merece.

Faz lembrar o duque d'Alba, indicando a tencionada conquista de Portugal a uma jovem formosura, a quem pretendia convencer de que as suas heroicidades devião, no coração d'ella, compensar a sua velhice. Ora, se um duque d'Alba, idoso, grave e severo, fazia d'estas, que admira o imitasse Bogaço, mancebo, leve e poeta?! Portanto, se este nos fallou serio, eis-ahi outro motivo da resolução do vate do Sado; accrescendo que a sua natural e proverbial inconstancia em amores e amizades, em crenças e gostos, bem pôde operar no seu animo esse

vivo desejo de viagens, de locomoção, attrahindo-o em tal caso ás regiões da India, onde, sem prejudicar a sua carreira, ia admirar o theatro esplendido dos feitos de nossos avós.

Já muitos erão também, em tão curta idade, os intimos amigos que Bocage deixava com vivissimas saudades:

Ó vós, que nos altares da amizade  
 Votastes exemplar fidelidade,  
 Vasconcellos, Couceiro,  
 Lis banfeitor, Andrade prazenteiro,  
 Vós que em doce união viveis comigo,  
 Ouvi um terno adeos de um terno amigo.

Embora sábio de Lisboa, mas não sem que o coração se lhe magasse, ao deixar: a patria que tanto amava, parentes de quem era adorado, amores em larga cópia, e um tropel de admiradores do seu talento, já em tão verdes annos patenteado por numerosas produções.

### CAPITULO III

Viagem de Bocage. — Saudades. — Temporal. — Se o poeta soffragou? — Sua estada no Rio de Janeiro. — Chegada a Gôa. — Perde as illusões. — Memorias da patria. — Poesias feitas em Gôa. — Audencias do poeta. — Odios que aos de Gôa inspirão varias produções injurias. — Esperas. — Conjuração contra os Portuguezes abortada. — Não foi D. Frederico Guilherme de Souza o causador da expulsão de Bocage, por causa do poema *Manteigui*. — Não podendo o poeta continuar em Gôa, obtem ser despachado tenente para Damão. — Parte, e chegado a Damão, deserta, no dia immediato. — Foge para Macão. — Poesias ahi compostas. — Regressa para Lisboa. — Bocage e Camões.

Lá vai o poeta sulcando as ondas. Fita os olhos da fantasia no Oriente, nas regiões da aurora, e para lá

corre pressuroso, que é ali onde os raios do sol dão harmonias a Memnon. Porém as illusões começam logo a desvanecer-se, e a realidade a desmentir ostentações da imaginação. Ainda bem não perdêra dos olhos as margens do Tejo, e já se lhe ião envenenando as pungentes saudades que tinham de o devorar durante a sua pesada emigração. Conservão-se varias das poesias que a bordo escreveu, por exemplo o soneto em que declara ir-lhe cortando o coração voraz tristeza, e fartando-se n'elle colera da sorte :

Emquanto os Bravos, formidaveis Notos,  
Por entré os cabos tremulos zunindo  
O fendente baixel vão sacudindo  
A climas, do meu clima tão remotos :

Emquanto de Neréo continuos motos  
No vacillante pôpa estou sentindo, etc.

Adiante observaremos como Bocage havia por costume, em seus trabalhos, enfermidades ou perigos, invocar contrito o auxilio do Creador de todas as cousas. Assim aconteceu por ocasião de um grande temporal que n'esta viagem lhe ameaçou a existencia, e que motivou dous bellos sonetos.

Ó Deos, ó rei do céu, do mar, da terra,  
Pois só me restão lagrimas, clamores,  
Suspende os teus horrisonos furores,  
O corisco, o trovão que tudo aterrã!

Nos subterraneos cárceres encerra  
Os procellosos monstros berradores,  
Que enchendo os ares d'infernaes vapores,  
Parão que entre si travarão guerra.

Para nós, compassivo, os ventos lança!

Perdôa ao fraco lenho! attende ao pranto  
 Dos tristes, que em ti poem sua esperança!

As densas trevas despedaça o manto!  
 Fazê, em signal de proxima mudança,  
 Brilhar no ethereo tope o lume santo!

Fôra o seguinte admiravel hymno uma das mais formosas cousas escriptas em portuguez, se, melhorado o original, se houvesse attendido á regra horaciana: *Primo medium, medio ne discrepet ium.*

Filho, espirito e pai, tres e um sómente,  
 Que extrahiste do cahos, do pó, do nada,  
 O sol dourado, a lua prateada,  
 O racional e irracional vivente;

Eterno, justo, immenso, omnipotente,  
 Que occupas essa abobada estrellada;  
 Grão ser, de cuja força illimitada  
 A machina do mundo está pendente;

Tu que, se queres, furacão violento,  
 Sumatra feia, tempestade escura  
 Desatas e subjugas n'um momento;

Creador, que remiste a creatura,  
 Quebra o furor do tumido elemento,  
 Que nos abre no inferno a sepultura!

É da mesma viagem o soneto que principia:

Por fôfos escarcéos arremessado,  
 Ora aos abysmos, ora ao firmamento,  
 Escutando o furor e o som violento  
 Do rispido Aquilão, de Noto irado, etc.

Tambem na epistola dirigida de Gôa a Gertruria ha uma rapida e formosa descripção d'esse temporal.

E por esta occasião diremos que alguns, provavelmente para augmentarem as parecências de Bocage com Camões, pretendem que tambem aquelle naufragára, salvando a nado os versos, e accrescentão ignorar-se se este naufragio foi á ida ou á volta, suspeitando outros que o de Camões fosse lá mesmo na India.

Costa e Silva, depois de asseverar inexactamente ter Bocage sido promovido ao posto de tenente de infantaria de Goa, accrescenta: « Fez a viagem de Macáo, em que naufragou como o grande Camões, e salvou a nado parte das poesias que compoem o seu primeiro tomo, como o antigo poeta salvara a sua *Lusiada*. Não temos base para confirmar tal asserção, antes romãmos com que ao autor do *Ensaio* prouve adornar o seu livro. Nem por outra qualquer via a ouvimos boquejar sequer; sendo certissimo que para Bocage, de si blasonador e avesado a memorar-se, aqui, alli, não passaria assim despercebida uma circumstancia que do seu ponto de vista mais o achegasse, pelo parentesco das coincidencias, ao grande e tão seu Luiz de Camões. O que é verdade é que nem um só verso de Bocage póde servir de prova a tal balela.

O navio que conduzia Bocage tocou por escala no Rio de Janeiro, onde, avaliando-o por uma epistola de que abaixo fallaremos, obteve tambem promptamente largo circulo de relações, e até de conquistas. Era a esse tempo o nunca esquecido Luiz de Vasconcellos e Souza, da casa de Castello-Melhor, vice-rei do Brasil, onde Bocage travou com elle amizade que depois de annos se arraigou em Lisboa. N'uma epistola, dirigida a este fidalgo, diz o poeta:

Vasconcellos, que ainda,  
Na dilatada America opulenta,

Pela intacta justiça,  
 Pela terna saudade é suspirado;  
 Vasconcellos, aquelle  
 Que de um sorriso, ó musa! honrou teu canto  
 Lá na tepida margem  
 Do tepido Janeiro, que a cerulea  
 Gotteja a cabeça  
 Tantas vezes alçou da vitrea gruta  
 Para urdir-lhe altos hymnos  
 Entre o côro das medidas Nereidas.

D'onde se conclue que Bocage poeta muito emquanto se conservou no Rio; mas não se sabe de poesia alguma d'esse periodo. Fomos informados por um sábio brasileiro, o Sr. Dr. A. de Mello Moraes, o qual das cousas portuguezas conhece mais e melhor do que a maioria dos nossos conterraneos, ter Bocage, no breve tempo que se demorou no Rio, pousado na rua das Violas, no quarteirão que fica entre esta rua e a de S. Joaquim, no lugar denominado *Ilha secca*. Minucia que aos curiosos muito pôde interessar.

Chegado a Gôa, a 29 de Outubro de 1786, recusou madrastra sorte proporcionar a Bocage ensejo de colher os louros com que sonhára, e que de tão longes terras o havião, segundo affirmava, arrastado até o berço do sol. Se o fado lhe destinava uma corôa, n'outros campos a tinha de conquistar.

Onde pois esperára a fortuna, vio peiorar-se-lhe o fado. Valor marcial, não tinha em que empregal-o. Latões poeticos, não havia mãos que lh'os tecessem, em terra e getas, onde bradava, como o outro expatriado: *Barbarus hinc ego sum, quia non intelligor ulli!*

Sejão prova estes versos :

Já por barbaros climas entranhado,

Já por mares inhospitos vagante,  
 Victima triste da fortuna errante,  
 Té dos mais desprezíveis desprezado :

Da fagueira esperança abandonado,  
 Lássas as forças, pallido o semblante,  
 Sinto rasgar meu peito a cada instante  
 A magoa de morrer expatriado!

### E est'outros :

Aqui sinto crescer minha amargura :  
 Aqui, pela saudade envenenado,  
 Como espectro acompanha a noite escura:

Aqui ninguem me attende, ó negro-vado!  
 Nem Deoses, nem mortaes, ninguem me attende...  
 Tão molesto se faz um desgraçado!

Sou qual febricitante, que, sedento,  
 Em libar fresca taça allivio goza,  
 Afagando com ella o soffrimento.

Em menor gráo, mas ainda com vivas côres, pintára,  
 sempre que lá poetou, a insoffrida saudade da patria :

Musa chorosa, que por terra estranha,  
 Tão longe de teu patrio ninho amado,  
 Andas errante, suspirando ao lado  
 Da saudade fiel que te acompanha,  
 Do chão, onde a lançaste, a lyra apanha!

### e n'outra elegia :

Por isso agora, afflicto e vagabundo,  
 Estranho tanto o mal; por isso agora  
 De lagrimas sem fim meu rosto inundo.

Todavia é certo que nem todos os contemporaneos de  
*Bocage em Gôa* parecião getas. Era desembargador d'essa

relação Sebastião José Ferreira Barroso, distincto cultor da sciencia e das lettras, traductor das *Metamorphoses*, autor de um poema epico de que era heróe *Affonso d'Albuquerque*, e de outras obras, e amigo de Filinto e Alfeno. O caso que Bocage fazia d'este sabio poeta manifesta-se no seguinte soneto, que em Gôa lhe dirigio, dedicando-lhe o idyllio piscatorio intitulado *As Tagides*:

Nem só commove o tom de *altos cantores*,  
 Enternece tambem, tambem recreia,  
 Ao som de *crystallina* e *tarda veia*,  
 A *rude* e *baixa voz* dos pescadores.

*Tu pois, cujo pincel produz mil flores*  
*Dos campos que Hippocrene aformoseia,*  
 Queixumes contra *Armia* e *Dinopêa*  
 Ouve a seus desgraçados amadores.

Ais que derão no Tejo aqui voárão,  
 Depois de serem lá desattendidos  
 Das *Tagides* crueis que os motivarão;

Agora vão parar nos teus ouvidos;  
 E n'elles com razão, *Sebastio*, parão,  
 Que não te enojas de escutar gemidos.

Pungia-o a constante saudade da patria; adivinhamol-o; e mas que o não adivinhassemos, os seus versos nol-o revelarão :

*Vagando a curva terra, o mar profundo,*  
*Longe da patria, longe da ventura,*  
*Minhas faces com lagrimas inundo!*

E d'estes espinhos da alma nenhuns lhe cravavão mais fundo que as reminiscencias dos amores deixados na Europa, e d'esses dias placidos então trocados pelos

de borrascosas viagens e mudades cruciantes, como se collige do soneto que principia :

Olhos suaves, que em suaves dias...

impresso á pag. 4 do 1° tomo dos eiteiros.

Não penseis todavia que os *sanctuares de tumor* fossem privilegio das Lisbonenses, e que o foragido em mais parte nenhuma além do Tejo encontrasse *olhos suaves*.

Pobre Gertrudes, de Portugal! A sua imagem era atacada violentamente em todas as terras onde o cavalleiro andante punha pés. Parecia uma conjuração. Quando ao Rio de Janeiro, em viagem para Gôa, se o accommettido por uma ninhada de amores novos. De todos blasona ter logrado completa victoria, fortalecido das recordações da sua Lisbonense. Elle que vol-o diga; escutai-o :

Puz, finalmente, os pés onde murmura  
O placido Janeiro, em cuja arêa  
Jazia entre delicias a ternura;

Alli, como nas margens de Ulyssêa,  
Prendendo corações brincavão, rião  
Os filhinhos gentis de Cytherêa.

Mil graças, que a vangloria trocarião  
Em vergonhosa inveja á tua vista,  
Usurpar-te meus cultos presunsião!

Eis olhão como facil a conquista;  
Mas a fé me acompanha, a fé me alenta,  
E constancia me dá com que resista.

Este combate a gloria me accrescenta.  
Conhecete o valor do navegante  
Em tenebrosa horrisona tormenta.

Se porém as Fluminenses forão todas repellidas com

perda, ou não, e até mesmo se as iniciativas provinhão d'ellas, é ponto escabroso de decidir, e *adhuc sub judice lis est*. Dificuldade da conquista! fidelidade e constancia de Bocage! *pictoribus atque poetis quodlibet audenti*. Em troca damos pleno credito ás suas relações com as taes *mil graças*.

Muito mais ditosas forão as formosas filhas de Gôa; essas virão Bocage inteiramente Bocage, inteiramente borboleta, convicto e indefesso Anacreonte volitando de flôr em flôr.

Quereis sorprendê-lo com Anarda? ouvi :

Alterosas fructíferas palmeiras,  
Vós que na gloria equivaleis aos louros...  
Escutai meus tormentos, meus queixumes,  
Meus venenosos, infernaes ciumes...  
Alli de uns labios onde as Graças brincão  
Ouvi suspiros, grangeei favores,  
Alli me disse Anarda o que eu não digo...  
Novas campinas testemunhas forão  
De nova gloria, de maior ventura,  
Tal que julguei, logrando-a, que sonhava.

Mas a conquista nova, gloriosa e celeste, não parece ter sido trabalho de Hercules, pois que os taes labios brincavão para quem queria, e quem queria lhes ouvia suspiros e grangeava favores, e até em muito mais larga escala que a do dísditoso Manoel Maria :

Anarda, Anarda perfida, teus olhos,  
Onde amor traz escripta a minha sorte,  
Teus mimos por mim só não são gozados!  
Tu não foges de mim, tu não te esquivas  
D'estes olhos que em ti captivos andão.  
Mas ah! não é só minha esta ventura;  
Meu vaidoso rival a tem segura.  
Que indigna variedade! Em um momento

Teus olhos inconstantes  
Acarinhão sem pejo a seus amantes.

A mesma, e no mesmo sentido, foi dirigida ainda a canção *O Delirio Amoroso*.

É também feito em Gôa o idyllio piscatorio, dedicado a Lenia, no qual se lê :

..... o infeliz que em vão carpia  
Do claro Mandovi sobre a ribeira

e aqui, fallando Elmano de si mesmo, reconhece que em Portugal era elle outra qualidade de poeta :

Lá, sobre as flores que meneia  
Sadia viração, cantei mil versos,  
Mil versos de que tinha a mente cheia.  
Trabalhos, afflicções, fados adversos,  
A melodia, a graça me apoucarão  
Em climas do meu clima tão diversos.

opinião esta com que de nenhum modo se conforma J. Agostinho de Macedo, pois na virulenta satyra que fulminou contra Bocage, declara que as poesias compostas por este na Índia são preferiveis a tudo mais que depois produzio :

Deitaste-te a perder, que a natureza  
Não te negou seus dons : é doce, é terno,  
Delicado é também quanto cantaste  
Aonde o berço tem nascido o dia.

Foi ainda em Gôa que Bocage escreveu o idyllio maritimo, *A Nereida*, que parece ser uma formosa allegoria. Essa poesia mimosa, e perfeitamente versificada, tem um particular sabor bucolico, e imita em varios trechos o

original que sem duvida tinha o poeta ante os olhos :  
Virgilio, se é que não Theocrito. Segundo as tradições do  
genero, Alicuto deve ser, como acima bosquejámos, o  
proprio Bocage, e Glaura alguma das mais bellas e  
menos Lucina que as outras. Eis o idyllio :

A foz do Mandovi, sereno e brando,

Tanto infeliz estava um dia :

Amorosos queixumes espalhando :

« Quanto, o maritimo, que ardia

Por Glaura, das Nereidas a mais bella,

Que em vitrea lapa sem pezar o ouvia.

Doudo pela não ver, doudo por vê-la,

E nas algosas pedras debruçado,

Bradava d'esta sorte alli por ella :

« Tanto, ó Glaura cruel, te desagrado,

« Que não deixas por mim, nem um momento,

« As crespas ondas, o licor salgado !

« Olha que em ais e em lagrimas o alento

« Me vai fugindo, que a mordaz saudade

« Me róe continuamente o soffrimento :

« Olha que lá me tens a liberdade,

« E que mais te não peço em recompensa,

« Que um ar benigno, uns longes de piedade.

« É digno tanto amor de tanta offensa?

« Ah! Que me faz odioso? A má figura?

« O pé gretado, a pallida presença?

« Queres só quem te iguale em formosura :

« Pois sabe, que jámais verás objecto,

« Que possa merecer tua ternura.

« Não devo á natureza um grato aspecto,

« É verdade : o meu merito consiste

« N'um claro entendimento, e puro affecto.

« Se a compasso da lyra a verso triste  
 « Então alguma vez, ao som canoro  
 « Ninguém, não sendo tu, ninguém resiste :

« Que provas tuais fiéis de que te adoro,  
 « Que este incansavel pranto? E finalmente,  
 « Do meu mister que requisito ignora?

« Na manobra quem é mais diligente  
 « Que eu? Quem sabe deitar melhor o prumo?  
 « Quem no leme e na régua é mais sciente?

« A carga no porão com regra arrumo,  
 « Sei pôr á capa, sei mandar á via,  
 « Como qualquer piloto, e dar o rumo :

« Sei como hei de correr com travessia,  
 « E pela balestilha, ou pelo outante  
 « Achar a latitude ao meio-dia :

« Sei qual estrella é fixa, e qual errante;  
 « A Lebre, o Cysne, a Lyra, a Não conheço,  
 « E Orion, tão fatal ao navegante.

« Talvez muito vaidoso te pareço;  
 « Mas devo assim fallar, para que vejas  
 « Que teus desdens, ó nympha, não mereço;

« E se o que digo é pouco, e mais desejas,  
 « Irei, pois, outros meritos ganhando,  
 « Até que tu de mim contente estejas :

« Tentarei, por fazer teu genio brando,  
 « Nunca tentados, nunca vistos mares,  
 « Os meus antepassados imitando;

« E agora, se teus olhos singulares  
 « Lançares á flôr d'agua um só minuto,  
 « Dando-me allivio, serenando os ares :

« Quero fazer-te um mimo... Ai! Já te escuto,  
 « Ouço-te a dizer, que não cobças  
 « Donativos do misero Alicuto;

« Mas apesar de tantas injustiças,  
 « Hei de cada vez mais mostrar-te o fogo  
 « Que tu com teu rigor n'esta alma atijas.

« Ah! Vem, Nereida, amanse-te o meu rogo :  
 « Se te enjas o fallar, e estar comigo,  
 « Não falles, apparece, e vai-te logo.

« Topámos ha tres dias o inimigo  
 « A altura de Chaül; travámos guerra,  
 « Sentio do Portuguez o esforço antigo;

« Fiz-me uma presa, repartio-se em terra  
 « Inda agora : o quinhão, que lá me derão,  
 « Este pintado cofreinho encerra.

« Nas mãos um collar de ouro me pegarão  
 « Sobre aljofares mil : vi que, por bello,  
 « Do teu collo e tens pulsos dignos erão.

« O mesmo foi pegar-lhes, que trazêl-os  
 « Para offertar-t'os : vem (não é desdouro),  
 « Vem accital-os, ou, sequer, vem vêl-os;

« Mas que precisas tu, se és um thesouro,  
 « Se tens mais lindas perolas na boca,  
 « Se tens ouro melhor nas tranças de ouro!

« Loucas idéas! Esperança louca!  
 « Louco amor! E off'reci com voz ousada  
 « A filha de Nerêo cousa tão pouca!

« Mas se nem alma tão fiel te agrada,  
 « Um pobre, ó Glaura, um triste marinheiro  
 « Que mais te ha de off'recer? Não tem mais nada.

« Já te entendo (ai de mim!) Bem sei, prin  
 « Qual Gláuco irei vagar no pégo vasto  
 « Sobre as espaldas de delphim ligeiro;

« Pelo embate das ondas será gasto  
 « Do soberbo Neptuno o gran tridente,  
 « E os palmares ás phocas darão pasto;

« Lá no opposto horizonte do occidente  
 « O dia apontará, primeiro (ah! dura!)  
 « Que tu me attendas uma vez sómente.

« Eu que fiz, miseravel! Por ventura  
 « Amor é crime? Para ser querida  
 « Não crestei Jove eterno a formosura?

« A que foi, como eu fui, no mar nascida,  
 « Por vencer Juno e Pallas na belleza,  
 « Mais que Pallas e Juno é applaudida.

« Porém se ainda assim suppões vileza  
 « Sofreres que um monstro se afoute a amar-te,  
 « Sendo tu de mais alta natureza;

« E se levas a mal o importunar-te  
 « Com um coração desesperado,  
 « Tyranno pôs que tardas em vingar-te?

« Podes punir esse amor desatinado;  
 « Eu não fujo, aqui estou; das ondas saia  
 « Tragador jacaré, por ti matado.

« Sobre mim de repente o monstro caia :  
 « Folgarás, vendo o sangue de meu peito  
 « Às golfadas saltar, tingindo a praia;

« E eu morrerei contente e satisfeito  
 « Por escapar de estado tão penoso,  
 « E inda mais por morrer por teu respeito.

« Só têmo que o meu caso lastimoso,  
 « O deploravel fim de meus amores,  
 « Faça teu nome a todos horroroso. »

Proseguiria o triste em vão clamores  
 Mas viu que para alli vinhão remando  
 Nos tabricos sadós os pescadores,

E ficou mudo, para o mar olhando.

Porém outras muitas damas de Goa forão ainda victi-

mas de paixão hydrophobica de Manoel Maria, que, apenas a mais leve suspeita o agitava, derribava instantaneamente o idolo do altar, arrastando-o á *cloaca maxima*.

Quando o ciuime, com razão ou sem ella, o aguilhoava, não havia respeito humano que o detivesse.

Não sabemos quem foi uma pobre Alcina, que lhe cahio a talho de fouce, mas á pag. 151 do 1º tomo dos excerptos demos, no soneto que começa :

Igual ingratição e igual vileza.....

uma amostra do modo como erão tratadas, terna e delicadamente, as formosas sobre quem as suas suspeitas tivessem a desgraça de recahir.

E todavia logo, acto continuo, se punha a escrever á Gertruria, de Lisboa, a epistola :

Cá do pé das gangeticas ribeiras.....

que se lê á pag. 46 do 1º tomo dos excerptos de Bocage, curiosa pelos protestos de inalteravel constancia.

Não contente com a irregularidade do procedimento para com as senhoras de Gôa, já cortejando-as sem distincção de estado, já desamparando-as, já tornando-as alvo de satyras ferinas, duplicou ainda imprudencias.

Tinha já por insupportavel a sua permanencia na India : penuria cada dia crescente, solidão intellectual, saudades da patria, tudo lhe azedava o espirito, e o fazia disparar ás cegas contra os preconceitos e a philaucia de uma terra enfatuada, o que lhe accrescentou cada vez mais o exercito dos inimigos. O nosso atrabiliario militar não perdia o costume de atihar o fogo com a ponta da espada. D'essas satyras alguns sonetos se salvarão, como por exemplo os seguintes :

En vim c'ross em ti-minhas desgraças,  
 Bem como Ovidio misero entre os getas,  
 Terra sem lei, madrastra de poetas,  
 Estuporada mãe de gentes baças!

Tens filhas, antes cães, de muitas raças,  
 Que não mordem com dentes, mas com aretas,  
 E que impingir-nos vêm, como a patetas,  
 Gatos por febres, ostras por vidraças<sup>1</sup>.

Tens varias casas, armazens de ratos,  
 Tens febres, molochins<sup>2</sup> em demasia,  
 De que escapamos a poder de ratos;

Mas a tua peor epidemia,  
 O mal que em todos dá, que produz flatos,  
 É a vã, negregada senhoria!

---

Lusos e cães, cadaveres sedicões,  
 Erguei-vos d'entre o pó! Sombras honradas,  
 Surgi! vinde exercer as mãos murradas,  
 N'estes vis, n'estes cães, n'estes mesticões.

Vinde salvar d'estes pardaes castiços  
 As searas de arroz, por vós ganhadas...  
 Mas ah! poupai-lhe as filhas delicadas,  
 Que ellas culpa não têm; têm mil feitiços.

De pavor ante vós no chão se deite  
 Tanto fusco rajá, tanto nababo,  
 E as vossas ordens tremulo respeite.

Vão para as varzeas! leve-os o diabo!  
 Andem como os avós, sem mais enfeite  
 Que o langotim, diametro do.....

---

Das terras a peor tu és, ó Góia;  
 Tu pareces mais ermo que cidade;

<sup>1</sup> Na Índia usava-se de ostras nas janellas, em vez de vidros.

<sup>2</sup> Indigestão que se cura apertando muito o corpo com uma precinta.

Mas alojás em ti maior vaidade  
Que Londres, que Paris ou que Lisboa.

A chusma de teus incolas pregôa  
Que excede o Grão Senhor na fidelidade;  
Tudo quer senhoria : o proprio frade  
Allega, e quer tal-a, o jus da c'róa.

De timbres preenhe estás, mas ouro e prata  
Em cruces, com que d'antes te benzias,  
Foge a teus infanções de bolsa chata.

Oh! que feliz e esplenêda serias  
Se algum fusto Merlin, que faz bagata,  
Te alborçasse a perdêr as senhorias!

Não mênos podem ler-se os tres sonetos que demos no  
tomo 1º, pag. 42 a 44, e que principião

Cala a boca, satyrico poeta.....  
Tu, Gôa, *in illo tempore* cidade.....  
Quer ver uma perdiz chocar um rato.....

Facil se comprehende pois que o odio inspirado por  
Bocage era já chegado em Gôa a extremos de exaltação;  
e por tão graves imprudencias teve elle de eyadir-se a  
esperas, destinadas a pôr-lhe termo á existencia, como se  
vê de varios trechos, por exemplo :

Sem medo á furia dos terriveis mares,  
Vim do culto, benefico occidente,  
Viver com tigres, habitar palmares;

Aqui vago em perpetuo labyrintho,  
Sempre em risco de ver maligno braço  
No proprio sangue meu banhado e tinto.

Feticões ou petas, attribuidas aos gentios da India.  
Dinheira, cujo valor é quasi 200 réis.

A estas inclemências se juntou o caso da conjuração, de que elle, como todos os Portuguezes, foi victima, e que foi descoberta após uma sua molestia longa, relatada n'uma epistola de Sebastião Xavier Botelho, onde se lê o seguinte :

## Lethal doença

Do barathro surgio; e me intimar-me  
A antiga, universal, cruel sentença;

Podres fauces abrio para tragar-me,  
Porém cedeu, rugido a mão divina,  
Que a vida, a meu peizo, quis conservar-me.

Eis que perfida mão tabal rufou,  
Sepultando o dever no esquecimento,  
A todos nos prepara e nos destina.

Rasgado o peito de um punhal cruelto,  
La bati a teu querido amigo,  
Qual victima innocente, ao monumento.

Uma alma, infame, um barbaro inimigo  
Da fé, das leis, do throno, um deshumano,  
Credor de eterno, de infernal castigo,

Tendo embebido seu furor insano  
Na falsa gente brachmane inquieta,  
Que amaldiçoa o jugo lusitano,

Contra nós apontava a mortal setta!  
Mas estorvou o inevitavel tiro  
A mão divina, poderosa e recta!

Desenvolveu-se o crime! Inda respiro,  
E já destes, ó réos de atroz maldade,  
Em vis theatros o final suspiro.

Já dissemos que a primeira edição d'esta nossa Memoria logrou a boa fortuna de induzir o elegante escriptor Sr. L. A. Rebello da Silva a aproveitar todos os documentos e factos que lhe foram exhibidos, para, revesar tudo da

na linguagem, enriquecer a litteratura com um estudo biographico-critico. Comquanto sendo frequentes e brilhantes as ampliações do respeitavel academico, não podemos divergir nas bases, pois que elle adoptou quasi sempre as que tinhamos dado ao publico.

Aqui porém, recorrendo o Sr. Rebello a outra fonte, reproduzio uma tradição, que nós haviamos, após exame, repellido. Exprimio-se assim, depois de variar o que dissemos no tomo XXII da *Livraria classica*, pag. 32, 35, 37, 38, 40:

« Dando baixa do serviço militar, por motivos pouco averiguados, sahio de Góá, e emprehendeu uma viagem, em que alguns biographos virão só a inclinação de visitar os sitios mais famosos da conquista; e outros a obediencia ás ordens do governo, e uma deportação forçada. A ultima conjectura é a que se figura mais provavel, attentas as circumstancias em que se tinha collocado. Não contente com o rancor dos habitantes, supplicados nos seus versos, a indole irascivel e as propensões satyricas de Elmano levarão-o a pôr o alvo dos seus tiros na pessoa do capitão-general D. Frederico Guilherme de Souza, ferindo-o no lado mais sensivel com o poema obsceno *A Mantiqui*. Esta injuria atroz contra a amante do governador, conhecido o genio vingativo d'este, não parece possivel que ficasse impune; por isso não será nada temerario attribuir a sabida de Góá a uma causa tão natural. »

Nunca havia sido indicada boa fonte onde esta tradição fosse hevida, e antes muitas circumstancias tornavão a affirmação inverosimil. Hoje porém basta confrontar as datas para reconhecer que tal versão carece de fundamento. No *Archivo universal*, 4º vol., nº 20, apparecem alguns assentos, extrahidos de livros da Índia pelo Sr. Fi-

lippe Nery Xavier, e servão as suas proprias palavras de refutação do antigo boato :

« D. Frederico Guilherme de Souza, nomeado governador e capitão-general d'este Estado em 18 de Março de 1778, tomou posse em 26 de Maio de 1779, e largou o governo em 3 de Novembro de 1786, ao seu successor Francisco da Cunha e Menezes, chegado no dia 28 de Outubro antecedente, e em seguida foi visitar as praças do norte e Surrate, d'onde voltando se embarcou para Portugal em Fevereiro de 1787. Bôcage chegou a Gôa no dia 29 do referido mez de Outubro, e encontrou a D. Frederico no governo do Estado apenas quatro dias; esse tempo não era de certo bastante para adquirir conhecimento necessario da paixão do governador, e de suas particularidades, e fazer o poema satyrico *A Manteigui*, e d'est'arte provocar as iras do amante; tendo elle, durante os referidos dias, de tratar do seu desembarque e alojamento em terra estranha, e falta de hospedarias, e no meio de festejo geral, e costumado, pela chegada das náos de viagem, e n'essa occasião ainda maior com a vinda do novo governador. Além d'isso a residencia do poeta em Gôa, e a sua promoção para Damão, deixa ver que D. Frederico não concorreu para a sua sahida d'este Estado. »

Do poema torpe a que se allude, é heroina uma mulher formosissima, nascida em Damão, mas casada em Gôa, e não obstante pouco morigerada. Em todo o poema, só se falla da mulher, do marido e do amante; apenas um verso allude a outrem :

Nunca mais! Nunca mais!... Ah! D. Fulano.....

Ainda que este *Fulano* seja um pseudonymo com que se substituisse o nome do governador, nunca poderia este

er Frederico, pois estas quatro syllabas não caberão no verso, e antes poderia ser o nome do seu successor *Francisco*.

É pois da primeira evidência que Bocage não foi expulso por D. Frederico, e que é um romance quanto se tem devaneado sobre o desprezível poema, como causador d'esse desterro.

Affirma Couto que « o clima era opposto ao seu temperamento, e que, por temer novas molestias, voltára com licença a Lisboa, negando-se depois ás armas, cuja vida o desgostava, e lhe era então summamente fastidiosa. »

Nada d'isto affirmamos, e cremos ao contrario que os dissabores e perigos bastarão para arraigar em Bocage contra a gente de Gôa um teiró que lhe era com dura retribuido. A permanencia em semelhante cidade tornárase-lhe portanto intoleravel, e resolveu sahir d'alli, fosse para onde fosse, e de preferencia para lugar d'onde mais facilmente pudesse realisar o projecto que desde logo concebeu.

Constando-lhe que na praça de Damão vagára um lugar, aproveitou avido o ensejo para exprimir ao governo a sua anciedade de sahir de Gôa, embora para sitio não mais attractivo. O certo é que, em portaria do governador e capitão-general da India, datada aos 25 de Fevereiro de 1789, foi despachado tenente de infantaria da 5.<sup>a</sup> companhia do regimento de Damão<sup>1</sup>.

Depois d'este seu despacho, partio o nosso tenente para

<sup>1</sup> No *Archivo universal*, 4.<sup>o</sup> vol., n.<sup>o</sup> 20, foi publicada essa patente, cuja cópia remettêra, de Gôa, o Sr. Philippe Nery Xavier; n'ella se lê que a nomeação é feita, *attendendo aos serviços e merecimentos do guarda-marinha N.* Os esclarecimentos que damos aqui sobre essas datas da India, etc., são colhidos d'esse curto apontamento do Sr. Xavier, util para o estudo da vida de Bocage, no prazo a que ora nos referimos.

Damão, aos 8 de Março de 1789, na fragata *Sant' Anna*, commandada por Felix José Tinoco da Gama, chegando ao seu destino em 6 de Abril subsequente; e n'esse mesmo dia o governador Antonio Leite de Souza mandou cumprir a sua patente e dar-lhe posse do posto.

Immediatamente depois, isto é, logo no dia 8 de Abril, Bocage, acompanhado do alferes Manoel José Dionysio, que, por crivado de dividas, não podia conservar-se mais em Damão, desertou, fingindo pela *Porta do Campo*, para nunca mais apparecer. Isto tudo consta de uma conta do governador de Damão, datada a 21 de Abril de 1789, e do livro de Damão, dos annos 1786 a 1790.

Pode ser provado que Bocage, exasperado com tantos desgostos, e aterrado com tantos riscos como em Goa supportou, vio-se acommettido de um accesso de nostalgia e de um ardentissimo desejo de regressar a Portugal. O Sr. Theotónio Xavier de Oliveira Banha, de Setubal, parente de Bocage (e a quem devemos valiosas informações) assevera que a deliberação de Bocage proviera da indignação que lhe causára o haver sido injustamente preterido; mas com a devida venia diremos que nem de tal cousa existe vestigio algum nas suas obras, nem pôde ter fundamento, pois até Bocage sahio do serviço exactamente quando acabava de ser promovido, a seu pedido e contento, tendo tirado e feito registrar a sua patente, e jurado, um mez antes.

E porquanto Bocage desapareceu de Damão, poucas horas depois de ahi chegar, sem haver tempo para ser arrastado a esse passo por considerações locais, provado está que a sua deliberação era já caso pensado em Goa, onde aceitou a remoção para Damão como um expediente que lhe favoreceria a projectada evasão, facil na praça

de terceira ordem, e de exito perigoso em Gôa, importante residencia do governador e capitão-general da Índia. Se se conservou pois em Damão o tempo necessario para aggregar á sua aventurosa expedição um companheiro, mais conhecedor das paragens, e cuja cooperação pudesse tornar a audaz deliberação menos arriscada. O tal alféuz endividado preenchia perfeitamente as suas vistas; desertarão juntos.

Vem aqui a proposito reproduzir um soneto, onde Bocage nos relata os motivos que, tornando tão penosa a sua posição em Gôa, o resolvêrão a tamanho extremo :

Do Mandovi na margem reclinado  
Chorei debalde minha negra sina,  
Qual o misero vate de Corina,  
Nas Poncitanas praias desterrado.

Mais duro fez ao meu duro fado  
Da viperina lingua a lingua viperina,  
Até que aos mares da longinqua China  
Fui por bravos tufões arremessado.

Atassalhou-me a serpe, que devora  
Tantos mil; perseguio-me o gran gigante  
Que no terrivel promontorio mora.

Por barbaros sertões gemi, vagante...  
Falta-me inda peor; falta-me agora  
Ver Gertruria nos braços de outro amante.

N'uma nota a este soneto, diz Bocage que alludia n'elle a uma especie de peregrinação que fizera por terras barbaras, onde supportára os horrores da penuria, e esta poesia confirma a nossa versão : foi na margem do Mandovi (rio de Gôa) que elle chorou a sua sina; foram as *calumnias* (?) com que alli o victimarão, causa da sua partida para a China. Já se vê ter a escala por Damão

sido apenas uma facilidade procurada. A peregrinação por terras barbaras e sertões, suportando penuria, e gemendo vagante, allude á sua jornada até Bombaim ou Surrate, d'onde se embarcaria para Macão.

Confirma-se esta interpretação com outros analogos dizeres de Bocage, por exemplo n'este trecho :

Musa de Elmano, que gyraсте afflictá  
 Por inhospitos mares ;  
 Se a loquaz ignorancia,  
 Sobre as margens auríferas do Ganges,  
 Co' um sorriso affrontoso  
 As vis espaldas te voltou mil vezes ;  
 Se a vasta, a fertil China,  
 Fôza d'imaginaria antiguidade,  
 Pelo seu pingue seio  
 Te vio com lasso pé vagar mendiga ;  
 Se a mirrada avareza,  
 Aferrolhando os cofres prenhes de ouro,  
 Lá onde o sol o gera,  
 Foi mais dura que o marmore a teus versos...

e ainda n'este lugar :

Miserrimo de mim, que em terra alheia,  
 Cá onde muge o mar da vasta China,  
 Vagabundo praguejo a morte feia !

Eil-o finalmente, após tantas fadigas, chegado á velha possessão portugueza na China. Ahi o recolheu em casa o negociante de Gôa Joaquim Pereira d'Almeida, que o apresentou á primeira sociedade de Macão, onde permaneceu alguns mezes, sendo este Almeida aquelle que, por occasião da morte de seu pai, inspirou a Bocage a delicada elegia :

É todo o mundo um carcere, em que a morte.....

e finda assim :

O' tu, meu bemfeitor, meu caro amigo,  
 Que, contra o desprazer, no affavel seio  
 D'alta philosophia achaste abrigo,  
 De um grato coração, de magoa cheio,  
 Acolhe o termo, o candido tributo,  
 Que a musa, gloria minha e meu recreio,  
 Te offrece, envolta no funereo luto.

Affirma o Sr. Xavier que Bocage, não podendo resistir á indole, compuzera alli varias poesias satyricas, taes como o *Canto da Béba*, os sonetos da descripção de Macáo, contra os fidalgos macaístas, etc. Tudo isso porém é ainda inedito, e bom serviço prestaria quem de nos prelo essas producções, sobre acuradas cópias.

N'aquella cidade compôz o soneto a D. Maria de Saldanha de Noronha e Menezes, que principia :

Musa chorosa, que pór terra estranha.....

E bem assim a ode, que começa :

Musa, não gemas! Ergue, ó desgraçada.....

ode dirigida áquella fidalga, com o intuito de obter que ella concorresse para facilitar o seu regresso á patria, pois assim falla á musa :

Roga, roga-lhe emfim que te destrua  
 As ancias, os temores;  
 Que á patria, ao proprio lar te restitua.  
 Ah! Já te dá que sim! Não mais clamores.  
 Musa, musa, descansa.  
 Cantemos o triumpho, ó esperanza!

Tambem se achava em Macáo quando alli chegou a

noticia do fallecimento do principe real, o Sr. D. José (irmão mais velho do Sr. D. João VI), que a 20 de Setembro de 1788 succumbio, na idade de vinte e sete annos, a um ataque de bexigas; o que inspirou a Bocage uma sentida elegia, cujo primeiro verso:

Eu vos saúdo, ó tumulos annosos.....

allude a um cemitério de Chins que existe proximo de Macáo, e no qual o poeta se foi pôr a escrever esses versos, lamentandó-se por não ter podido em Lisboa acompanhar a dôr geral:

Miserrimo de mim, que em terra alheia,  
Cá onde muge o vasto mar da China,  
Vagabundo praguejo a morte feia.

Tem em forão então por Bocage dedicados á morte do príncipe os dous seguintes sonetos:

Louca, cega, illudida humanidade,  
Miseravel de ti! Não consideras  
Que o barro te gerou? Como que esperas  
Evadir-te á geral fatalidade?

Pó, que levanta o sopro da vaidade,  
Homem caduco e fragil, não ponderas  
Que teus bens, teus braços, tuas chimeras,  
Nenhum valor terão na eternidade?

Ah! volta, volta os olhos mais sisudo;  
Alli na magestade aniquilada  
Te faz o desengano aviso mudo:

Attenta de José na cinza amada:  
Que serás, se elle é já, se ha de ser tudo  
Pasto da morte, victima do nada?

José, sangue d'héroés, príncipe amado,  
 Nosso bem, nosso pai, nossa alegria,  
 Tu pela negra mão da morte fria,  
 Da truculenta morte em flôr cortado!

Tu de nós para sempre desterrado!  
 Nós sem ti para sempre! Horrivel dia!  
 Misero povo! Infausta monarchia!  
 Rígida lei do inexoravel fado!

Aureas, vãs esperanças concebemos...  
 Eil-as, eil-as em cinzas no jazigo  
 Com teu rostó adoravel, que perdemos.

Ah! Que é do nosso generoso amigo?  
 Que fazemos no mundo, ah! que fazemos,  
 Que nos não vamos sepultar comtigo?

Era então governador interino de Macáo o desembargador da relação de Góá, e ouvidor geral do civil, Lazaro da Silva Ferreira, a cujo favor generoso deveu principalmente Bocage a sua restituição á patria; por isso, na viagem (antes que lhe esfriasse a gratidão) lhe dedicou a saphica :

Ao som confuso da cecluma os nautas.....

onde transluz a immensa satisfação de regressar a Portugal :

Eu torno; eu torno, por amor guiado,  
 Exposto á furia dos tufões, dos mares,  
 Eu torno; eu torno para vós; ouvi-me  
 Jupiter alto!

Tudo a ti devo; a gratidão não soffre, etc.

E ao pérmos aqui termo á parte da biographia de Bocage, no tocante á sua residencia nas regiões regadas pelo Ganges, assalta o espirito a confrontação com outro

grande genio, em mil sentidos tão parente d'este : Camões !

Ambos Portuguezes, nascidos apenas a seis leguas de distancia ; poetas : magniloquos, bucolicos, elegiacos, primorosos na composição de sonetos ; soldados ; ido a tras da patria ; perseguidos ; pobres ; ambiciosos de gloria ; amantes ; indo militar para a India ; lá compondo perigosas satyras ; traçando-se a Macáo ; correndo grandes riscos ; regressando com difficuldade ;... e ambos expirando em leito indigente, e amigos dormindo sem lápida, e confundidos perdidos seus restos !

Quanto porém ás satyras a que acabamos de alludir, cumpre apresentar uma reflexão, em honra dos dous poetas : nenhuma d'essas satyras é *peessoal*. Nas satyras indianas de Bocage a censura dos vícios não parece sobrescriptada a individuo algum em particular ; nova paridade com Camões, o qual, nos *Disparates na India*, não apontou um só nome. O *Soldado pratico* de Diogo do Couto, e o que este autor contemporaneo delata, na decada V, liv. 1º, cap. 3º, mostra a que estado de corrupção tinhamo chegado os Portuguezes na India, e que o poeta era ainda brando censor ; os fidalgos de então já não erão mais que os manes dos seus antepassados. Igual justificação tem Bocage a seu favor.

Esta confrontação occorreu ao espirito do poeta do Sádão, como se collige do soneto que principia :

Camões, grande Camões, quão semelhante....

que demos no tomo I, pagina 30

E é aqui lugar de dizer que Bocage profere a maior veneração ao autor dos *Lusiadas*, asseverando que muito

antes lhe aprouvera ser Camões do que Alexandre ou Achilles, como o repetio n'este soneto :

Sobre os contrarios o terror e a morte  
 Dardeje embora Achilles denodado,  
 Ou no rapido, e não ensanguentado  
 Leve a rastos sem vida o Teucro forte.

Embora o bravo Macedonio corte  
 Co'a fulminante espada o nó fadado,  
 Que eu, de mais nobre estimulo tocado,  
 Nem lhe ampa a gloria, nem lhe invejó a sorte.

Invejo-te, Camões, o nome famoso;  
 Da mente creadora o sacro nome,  
 Que exprime as furias de Lyco raivoso,

Os ais de Ignez, de Venus o queixume,  
 As pragas do gigante procelloso,  
 O céu de amor, o inferno do ciume.

N'uma ode a José Bersane, indicando-lhe os meios de inspiração para varios generos de poeticos, diz :

Para cantar de heróes, que á patria derão  
 Não cuidadas victorias,  
 De sangue, de suor, de pó manchados,  
 Forçando o mar e a terra,  
 Lê Camões! lê Camões! com elle a mente  
 Fertilisa, afervora,  
 Povôa, fortalece, apura, eleva!

Já ao partir para a India elle fallava de Camões d'este arte :

Os mares vou talhar, cujos furores  
 Descreve o gran cantor por quem de amores  
 Inda as musas suspirão;  
 Aquelles mares onde os Gamas virão  
 De rebelde horrendissimo gigante  
 Os negros labios, o feroz semblante.

A epistola ao vice-rei do Estado do Brasil, Luiz de Vasconcellos e Souza, termina assim :

Não escapas do assumpto que proclamas,  
Só pertence aos Camões fallar dos Gamas

N'outra a Cardoso :

Se o transcendente espirito, que aceso,  
Que absorvo em turbilhões de etherea flamma,  
Deu tanto a Lysia e lhe deveu tão pouco;  
Se Camões o immortal não fosse aquelle  
Que aos seus em vão carpio; se achasse o triste  
Risos na sorte, grã na patria;  
Se não curvasse a fronte ao ferreo peso  
De mil tribulações, de mil desastres;  
Se infestos, se cruéis, se carrancudos  
O misero, quaes vio, não vira os fados;  
Além da humanidade o vôo alçara.  
Precedendo e seguindo assombro a assombro,  
Em numens convertido o pensamento,  
Feliz qual fôr, feliz foi tanto  
Da gloria no momento os olhos fitos.  
Ufano, sobranceiro á desventura,  
A' baixeza, ao desar com que nas almas  
A servil dependencia engenhos mirra,  
Meneando o pincel, que portentoso  
Na véo da eternidade imprime os quadros,  
O character, dá luz, dá vida a tudo,  
Licára a perfeição co'a fantasia.  
O féro Adamastor, mais espantoso  
Excedêra o trovão na voz medonha,  
Os membros giganteos occuparião  
O espaço do ar, maior da terra;  
Inda mais dilatára a boca enorme,  
Retorcêra inda mais os negros olhos,  
Das procellas horribisonas toldado.  
Nas columnas de neve encantos novos  
No raro cernel tu, Cypria deosa,  
Amorosas lides esquiváras,

Sem tolher invasões ao pensamento.  
 Mais pathetica Ignez, Ignez mais bella,  
 Entre os penhores seus, entre os filhinhos,  
 Ou cópia d'ella, ou cópia dos amores,  
 O despiadado Affonso embrandecêra.

No poema sobre a *Agricultura*, c. 11, de Camões :

..... alta musa,  
 Das Camenas do Tejo honra e saudade.

Paremos aqui. Vemos Bocage regressando à patria, depois de haver consumido vinte e cinco annos da sua idade, percorrido climas remotos, longamente padecido, agozado. Têl-o-ha acaso amestrado, pesada experiencia da vida? Terá elle aprendido a domar tão incorrigiveis tendencias, ou subjugar tão exaltado genio? Ah! mocidade, mocidade! que fada não és tu! Como douras a existencia! Como esqueces e promettes, enganadora! É a mocidade tão formosa e abençoada cousa, que até das recordações estilla delicias saudades, para o safo da velhice! A experiencia de Bocage para nada lhe valeu, que a levandade do mancebo, passando esponja sobre os dissabores, fallaz lhe purpureava de prazeres e esperanças o horizonte.

Que pagina lhe reservava o livro do destino? Em seguida o veremos.

## CAPÍTULO IV

Chegada de Bocage a Lisboa. — Jornada a Setubal. — Nova roda de admiradores. — Publicação de suas primeiras obras. — Paga recebida do editor. — Attende-se a reputação de Bocage. — Versos irreligiosos. — Denuncia d'elles ás autoridades, e bem assim de varios outros, já indecentes, já liberaes. — Ordena-se a prisão do poeta.

Em Agosto de 1790<sup>4</sup> pisava de novo Bocage o idolatrado chão da patria; alvoroçado abraçava os amigos de outra terra; com enthusiasmo repartia o coração por mil novos corações; e não se lhe fartavam os olhos de contemplar os sitios testemunhas da sua primeira mocidade.

Tudo então lhe desafiava a musa, ora sentida, ora facetada. Daremos como exemplo o soneto por elle improvisado, quando, ao transportar-se a Setubal, apenas desembarcára, para matar as saudades, alli vio n'uma casa varios trastes, que tinham pertencido á de seus pais, e que o dono liberalmente lhe offereceu; soneto inedito, que de Setubal mesmo nos enviarão, e que nós pela primeira vez publicamos na primeira edição d'este livro.

Trastes sedições, moveis de outra idade,  
 Deixam o primeiro avô mimo e ventura,  
 E não me saúdo, já que a desventura  
 Tanto respeita a vossa dignidade.

Nem tu me esquecerás, oh! raridade!  
 Leito, que cerca horrivel bordadura;

<sup>4</sup> Por lapso de memoria, J. Agostinho de Macedo, nas *Considerações mansas*, á pag. 35, diz ter Bocage chegado de Macão a Lisboa, no principio de Agosto de 1791, indo morar para casa d'elle Macedo. Tregressou um anno antes d'essa data.

Tu, que juraste, pela Estyge escura,  
M..... na cova á mesma eternidade.

Ah! não se atreva braço aventureiro  
De incansavel algoz, que o mundo arrasa,  
Quebrar dos tempos o brazão primeiro!

Longe, incendio voraz, que tudo abrasa!  
Tenhão meus descendentes, sem dinheiro,  
A historia natural sempre de casa.

Reservamos para o lugar competente a narração de varias anedotas d'esse tempo, assim como trataremos sobre si da renhida guerra da *Nova Arcadia*, a qual principiou logo depois da volta de Bocage á Europa, assumpto este que, bem como o de suas relações com José Agostinho, merece capitulo particular.

Apenas cruzou o Tejo, considerou-se Bocage livre e longe dos seus getas, e esplendidamente rodeado dos seus Romanos. Engrossado o petulio poetico, e tentadas já primeiras armas em algumas paginas pela imprensa, sahio á luz com um volume das suas *Rimas*, impresso na officina de Simão Thadeo Ferreira, e taxado a 7 de Novembro de 1791.

Note-se, porém, que a esse tempo a musa só servia para guiar o genio gloriosamente ao hospital. Simão Thadeo pagou-lhe esta edição por dez moedas. Podia-se chamar de Simão em Judas, e fazer-se-lhe do appellido *Thadeo, t' a furtou*. Perdão pelo pobre joguete de palavra, foi para abafar uma execração vehemente intempesitiva. D'esses Simões Thadeos andão hoje por ahi a rodo; tanto o andassem os Bocages!

Na importante memoria biographica e critica do Sr. José de Torres sobre Nicoláo Tolentino, diz aquelle cavalheiro

que o Sr. Amaral Frazão lhe asseverára ter Tolentino vendido a edição de suas obras, quando ainda na imprensa, por doze mil cruzados, a um collega do poeta, Manoel José Sarmento! Será isto possível? Se tal succedeu, não **actuaria** no animo de Sarmento a simples boa vontade de **fazer** ao seu amigo um mimo delicado? Se  
 \* porém Tolentino vendia por doze mil cruzados o que a Bocage rendia apenas dez moedas, ha explicação intelligivel para semelhantes differenças?

Mas, em todo o caso, não venhão os estrangeiros lançar em rosto aos Portuguezes este baixo preço dado ao livro de Bocage. A 27 de Abril de 1667 assignou Milton um contracto, vendendo ao impressor Samuel Simmons (pelo primeiro nome e pelos feitos devia ser judeo) por metade das taes dez moedas cinco libras esterlinas) o poema do *Paraiso perdido*: e igual somma após a segunda e terceira edição. Mas não se accuse o bom Samuel de mesquinhez, pois levou sete annos a vender as tres edições, e isso com a pia fraude de alterar o titulo. As segundas cinco libras, ainda Milton recebeu, e depois a familia vendeu por oito a propriedade da obra! Affirma-se que Boileau vendeu, em 1674, o manuscripto do *Lutrin*, por seiscentos francos, ao livreiro Thierry: e Racine, pouco antes, cedera o seu manuscripto da *Andromaca*, pela terya parte d'esta somma. Parini mostrava hyperbolica exigencia quando pedia a um livreiro veneziano cento e cincoenta sequins pelos tres poemas *Il Mattino*, *Il Mezzogiorno*, *La Sera*. Ah! tendes fôrmas para o mesmo pé, na Inglaterra, na França, na Italia; cá e lá más fadas ha. Em tempos modernos, pergunte-se a V. Hugo quanto rendêrão os *Miserables*; em tempos antigos, pergunte-se a Virgilio quanto lhe rendeu o episodio *Tu Marcellus*

eris; mas estas cousas varião com as circumstancias e os dias.

Voltemos ao nosso poeta.

Se os versos não rendião metal ao já então Elmano, coroavão-lhe a fronte de louros. A sua reputação de dia a dia se ia exaltando; já o renome do assombroso improvisador subira da extatica admiração das turbas ao attento apreço dos entendidos; já a provação do *scripta manent* lhe fixava cadeira curul no parnaso portuguez. Numerosas *Poesias*, *Elegios poeticos*, a *Eufemia*, e varias composições em verso e prosa, augmentavão quotidianamente o seu thesouro, com applauso dos amigos e inveja dos emulos.

D'est'arte lhe decorrêrão sete annos de vida nomada, gloriosa, independente e dependente, dissipada e de completa incuria quanto ao amanhã.

Avultava entre os defeitos de Bocage o da volubilidade, applicada a todos os gostos e sentimentos. O homem que não passava dia sem render culto a amores novos; que hontem erguera ás nuvens o que hoje satyrisava; que epigrammava desalmado os medicos, cujo auxilio em suas enfermidades supplicava; que despiedadamente sacrificaria a um bom dito o amigo mais do seu peito; que n'um dia odiava o genero de vida que na véspera ambicionara; que ora incensava os poderosos, ora entoava canções á liberdade; homem assim organizado não podia (por hum mal!) resistir sempre aos ruins impulsos do interior dos circumstantes. Logo veremos como applausos o fascinavão.

Sem razão se cre geralmente que Bocage era impio. Impio! elle era tão profundamente religioso, que levava a sua fé ao ponto de fanatismo! Elle, que se levava a

crença com todo o ardor da sua imaginação! Elle, que se desavinha com o melhor amigo, por este zombar... de uma pratica pueril! Impio! Bocage!...

Verdade é que varias poesias suas irreligiosas, algumas das quaes correm impressas ou manuscriptas, arrancarão applauso de impios, e contristarão aos seus admiradores sinceros. Desejosos de apresentarmos imparcialmente, n'este processo biographico, tanto os documentos favoraveis como os aggravantes; havendo um que na carreira de Bocage exerceu terrivel influxo; tivemos tentações de transcrever aqui uma famosa producção, merecedora do mais severo estigma. Não lhe accrescentaremos porém a publicidade, comquanto em nosso tempo se pense a estes respeitoos mui diversamente do que no principio do seculo.

Milheiros e cópias da

Favorosa illusão da eternidade...

d'esse poema assassino da innocencia, e vergonhosa aberração do espirito humano, gyrarão de mãos em mãos.

Affirma Couto haver o poeta escrito aquelles versos com o intuito de precaver uma namorada sua, a quem um frade requestava. Nem sombra de plausivel tem esta opinião. Vê-se que o poeta diligente ou perverter em seu favor a uma senhorita boçal, tola, e de bons costumes.

• Obra a todos os respeitoos moralmente pessima, indigna do talento de Elmano! Lancemos sobre ella o véo.

Attribuirão-se-lhe diversos outros ligeiros, mas reprehensiveis, e puerulos anti-religiosos, comquanto estejamos convencidos de que esta accusação tomou maior corpo

do que a verdade devia consentir; e talvez nenhuma d'essas imputadas poesias seja de Bocage, exceptuando apenas o seguinte soneto, provavelmente composto com projecto culpavel, igual ao que dictou a *Pavorosa* :

Um ente dos mais entes soberano,  
Que abrange a terra, os céos, a eternidade,  
Que diffunde annual fertilidade,  
E aplanas as altas serras do Oceano ;

Um nume so terrivel ao tyranno,  
Não á triste mortal fragilidade,  
Eis o Deos que consola a humanidade,  
Eis o Deos da razão, o Deos de Elmano.

Um despotismo da enorme fortaleza,  
Prompto sempre o rigor para a ternura,  
Raio sempre da mão para a fraqueza ;

Um creador funesto á creatura,  
Eis o Deos que horrorisa a natureza,  
O Deos do fanatismo, ou da impostura.

Cópias da *Pavorosa*, que tão pavorosa se tornou para seu autor, cahirão nas mãos das autoridades ecclesiasticas e civis, que julgaram necessario proceder immediatamente contra o audacioso poeta. Se esse poema lhe grangeou ainda mais clara fama, não menos lhe acarretou os maiores desastres que em sua vida o victimarão, podendo bem applicar-se-lhe a moralidade da fabula de Arnault, *O Patrogaio* :

La cause de notre grandeur  
Peut l'être aussi de notre perte.

Comquanto fosse aquella a causa proxima da perseguição de Bocage, cumpre confessar que havia outras

imputações graves se conglobarão em torno da accusação principal, como passamos a ver.

Abusando da celebridade, que o tornava idolo geral, nenhuns respetos coarctarão suã audacias: solteiras, viúvas ou casadas, erão indistinctamente objecto de suas aspirações, não raro lançando assim perturbacão em lares domesticos. Sirva de exemplo uma tragedia a-Urselina:

Frio horror os cabellos me arripia,  
Quando a imaginação me representa  
Meigo esposo que ao thalamo te guia.

Como que o vejo co'a paixão sedenta  
Manchar-te a leda boca purpurina,  
De seu nectar dulcissimo avarenta.

Como que o vejo... oh! raiva! E nãoamina  
A mão que teve um barbaço tyranno,  
Que me roubou o meu bem, e me assassina!

.....  
Tu, vago habitador de estranhos lares,  
Que em vão buscaste o riso da ventura  
Por longes terras, por immensos mares...

\* A isto se segue uma ephemera velleidade de respeito ao thoro conjugal, que até lhe suscita idéas de suicidio, mas conclue assim:

Ella chama por mim, vou dar-lhe a vida!  
Feliz eu, no fim misero a que aspiro,  
Se, co'a boca amorosa á tua unida  
Desentranhasse meu final suspiro!

Quakers da poesia derão igualmente á autoridade noticia de centenaes de escriptos, inspirados pelas musas descompostas e ebrias de Paruy e de Piron. Esses, sim, são de Bocage: corre impressa gran parte das suas fesceminas; e alguns versos que se ostentão nas varias collec-

ções, continhão primitivamente phrases ou palavras inadmissíveis, que os editores substituirão. Ahi, não se procure arte de poesia, mas de toxicologia moral. Além dos cantos desgrenhados, outros ha, mui leves, que (em publico) insurgirão hoje o leitor, n'estas éras em que, a pâr de menos virtude, se alardeia mais pudicicia. Muitos d'esses versos, de repugnante nudez, encerrão quadros indignos do character e do talento de Bocage; mas não será licito encarar a questão á luz da arte? Sendo-o, reconheceremos que, se as poesias licenciosas de Horacio são os seus unicos versos sem espirito, as de Bocage, aviltando-lhe a moralidade, honrar-lhe-hião talvez o talento, se tal genio pudesse aspirar jámais a credito ou consideração.

Comquanto já a longa retumbassem os trovões, precursor da tremebunda tempestade, vinha a caranquear no horizonte, era cedo para Portugal; forçoso lhe era esperar mais um quarto de seculo. Não soára ainda a hora, em que, na phrase de Cicero, cumpria a cada cidadão trazer inscripto na fronte o que pensasse das cousas publicas: *scriptum in fronte uniuscujusque civis, quid de republica sentiat.*

Varios dos versos liberaes de Bocage forão denunciados como primeiras tentativas perigosas; e em verdade que, a despeito de todas as cautelas da censura, muitos relampagos de alma livre fulgurão nas suas obras. Principalmente, nas versões de peças dramaticas, o poeta, escutando-se com a responsabilidade de um texto supposto, dá expansão aos seus sentimentos, intercalando versos proprios e traduzindo com imitação. Restão porém algumas produções originaes, escriptas antes se o houvessem sido em 1820. Citaremos dous sonetos

O que passamos a transcrever, segundo nos informou pessoa competente, já duas vezes houvera sido rejeitado pela censura; mas havendo desejo de o publicar, o editor do tomo V declarou, em nota, ter sido escripto na prisão: mediante este artificio, obteve o passe da censura. É obvio o sentido em que o poeta ahi toma a palavra *liberdade*:

Liberdade querida e suspirada,  
Que o despotismo acerrimo condemna!  
Liberdade, a meus olhos mais serena  
Que o sereno clarão da madrugada!

Attende á minha voz, que geme e brada  
Por ver-te, e por gozar-te a face humana!  
Liberdade gentil, desterra a pena  
Em que esta alma infeliz jaz sepultada.

Vem, ó Patria immortal, vem, maravilha!  
Vem, ó consolação da humanidade,  
Tujo semblante mais que os astros brilha.

Vem! solta-me o grilhão da adversidade!  
Dos céos descende, pois dos céos és filha,  
Mãe dos prazeres, doce liberdade!

Se porém ainda n'este soneto pudessem ficar duvidas sobre o seu verdadeiro sentido, não assim sobre o do seguinte:

Liberdade, onde estás? quem te demora?  
Quem faz que o teu influxo em nós não caia?  
Porque, triste de mim! porque não raia  
Já na esphera de Lusia a tua aurora?

Da santa redempção é vinda a hora  
A esta parte do mundo, que desmaia.  
Oh! venha! oh! venha! e tremulo descaia  
Despotismo feroz, que nos devora!

Eia, acode ao mortal, que, frio e mudo,  
Occulta o patrio amor, torce a vontade,  
E em fingir, por temor, empenha estudo.

Movão nossos grilhões tua piedade!  
Nosso numen tu és, e gloria, e tudo,  
Mãi do genio e prazer, ó liberdade!

Eis-ahi o perigoso cortejo da *Pavorosa*: as accusações tremendas de immoral, irreligioso e liberal, repercutião-se com estrondo sempre crescente, ao passarem pela boca dos encarniçados inimigos que o poeta se compromovera em crear; aquelle que não hesitava em apregoar-se:

Inimigo de hypocritas e frades,

certo estava de adquirir adversarios terriveis e numerosos.

Foi preso.

Ahi se abre a phase mais negra da vida do nosso heróe; o triumphador baqueava; a Rocha Tarpeia denunciava ao Capitolio a sua proximidade.

## CAPITULO V

É Bocage levado ao Limoeiro, e posto em duro segredo. — Prende igualmente o seu companheiro André da Ponte. — Poesias feitas na prisão. — Relaxa-se o segredo. — O juiz Brito. — Protecção de José de Seabra. — É transferido para os cárceres da inquisição.

No dia 10 de Agosto de 1797, Bocage arrastado ás cadeias da cidade, onde se prenderá em duro segredo.

Intendente geral da policia, Diogo Ignacio de Pina

Manique, ordenou ao juiz do crime do bairro de Andaluz que abrisse devassa a respeito de M. M. Barbosa du Bocage, denunciado autor de *papeis impios, sediciosos e criticos*; devassa que progrediu activamente contra o inculpado, e até contra os seus amigos.

Parece ter sido escripto quando começarão as ameaças de perseguição, e ainda antes de ser levado á cadeia, o soneto que reproduzimos no tomo I, pag. 151.

Não sou vil delator, vil assassino.....

Ao tempo da prisão, vivia Bocage em grande intimidade com André da Ponte Quental da Camara, ao qual, por causa d'estas relações, tambem apprehenderão, e que algum tempo jazeu em ferros.

Era este André da Ponte cavalheiro muito distincto, chefe de uma familia illustre da ilha de S. Miguel, em quem o amor ás letras é hereditario, já lá desde os tempos do grande Bartholomeu do Quental, cuja virtude e sabedoria são proverbiaes. Não admira pois que em Lisboa se estreitassem relações intimas entre Quental e Bocage, ambos moços, ardentes, apaixonados, e poetas ambos. Essa conformidade de sorte, genios, estudos e aspirações, fez com que ambos sentissem como propria a dôr do amigo. Nesta occasião, dirigio Bocage ao seu commensal uma ode, onde lhe diz :

Se não somos heróes, se em nós, ó Ponte,  
Afouteza não ha, não ha constancia,  
Para com ferros sustentar da patria  
A nua

Nossos nomes, amigo, alçados vemos  
Alma dos communs: ama-nos Phebo;

As musas nos enlourão ; cultos nossos  
Mansa virtude acobee ;

Em tenebrosos carcereos infernaes ;  
Fallaz accusação nos apanha ;  
De oppressões, de ameaças nos carregá  
O rigor carreado ;

Mas puro dom dos céos, alva innocencia,  
Esta affronta, este horror nos atavia.  
Uma candidez compensa as manchas  
Da superficie escura.

Deixemos a perversos delatores  
Os filhos do terror, fantasmas negros,  
Que o Medonho clarão e a lux interna  
Assoprão sobre os crimes.

Se verdade entre sombras esmorece,  
Se das éras tardas pendo, e pendes,  
Para o são tribunal, que ao longe assoma,  
Eia, amigo, appellemos.

Tambem ha para nós posteridade !  
Quando lá no sepulcro em cinzas soltos  
Não pudémos cevar faminta inveja,  
Calumnia devorante,

Os vindouros mortaes irão piedosos  
Ler-nos na triste campa a historia triste ;  
Darão flôres, ó Ponte, ás lyras nossas,  
Pranto a nossos desastres.

Tambem lhe endereçou o seguinte soneto :

O pesado rigor, de dia em dia  
Se apure contra nós, oppres  
Tolere, arraste vis grilhões  
Quem contigo altos bens  
Da nossa amarga sorte, escura, impia,  
Colha triumphos tacito inimigo.

Sombra como a do lugubre jazigo  
 Nos cubra de mortal melancolia.

Custão fadigas a vinda a gloria;  
 Por entre abrolhos se cingua ao monte.  
 Ao templo da honorifica memoria.

Esto que hoje a calumnia nos affronte,  
 Tuda serão talvez na longa historia  
 Dous nomes immortaes : *Bocage e Ponte.*

Durante o segredo da imaginação de Bocage o cruciava,  
 já pelo horror do carcere, já pela ignorancia da sua sorte,  
 já e fim pelos punhaes do ciume. Ahi compôz então este  
 soneto :

N'esta do feio opprobrio estancia feia  
 Que abafas, mãe das trevas, com teu manto,  
 Muda tristeza, carrancado espanto,  
 O amotinado espirito me anceia.

Das sombras abrigada, a fragil teia  
 Urde Arachne sagas e canto em canto;  
 Minha imaginação faz outro tanto;  
 Mil tristes pensamentos forma, enleia.

Minha imaginação de algoz me serve,  
 Forçando-me a que os gostos de algum dia  
 Submersos d'este horror no abysmo observe.

De encontradas visões na fantasia  
 Baralhado tropel me cahe, me ferve,  
 E n'esta confusão reluz Armia.

Foi ainda no segredo do Limoeiro que Bocage compôz  
 provavelmente os tres sonetos, que demos no tomo I,  
 pag. 4, 58 e 157, e que principião :

Em sordida masmorra aferrolhado...  
 N'este horrivel sepulchro da existencia...  
 Ahi onde arquejando estou curvado...

Cerca de um mez havia já que o desventurado jazia no segredo, quando comprou entre ferros e amargura os seus mal logrados *trilla e douz'annos*. Raiou-lhe ennevoadado e tristonho o dia 15 de Setembro de 1797 (data que subseqüentemente havia de representar outro grande anniversario); no seu futuro melancolico e cerrado nem quer uma luz; tudo são trevas, desamparo e solidão. Que reis ouvir como a pallida musa de Elmano dilha o alauda? curvi; desabafe e menos pelos versos essa tristura incomportavel:

Do tempo sobre as azas volte o dia,  
O portão de meu triste nascimento.  
Vedado á luz do sol este momento,  
E as, com vossos fachos se alumia.

Nascido apenas, pavorosa harpia  
Ao berço me voou, do immundo alento  
Empestando o miserrimo aposento,  
E eis me roga esta praga, horrenda, impia:

« Esteja sempre o bem de ti remoto!  
« Vivas sempre choroso, amargurado!  
« Damne teus dias o destino immoto!»

Cahio-me a imprecação do monstro alado.  
Curto mil males, e entre sombras noto  
Outros, com que me espera ao longe o fado.

Dias depois, a 22 de Setembro, torna Bocage a cantar; mas d'esta vez a musa não logra remontar-se á costumada eloquencia; não modula elegias ao som do piano nobilissimo; rasteja canção plebea ao som da viola popular e portugueza. *Je suis forcé de m'abaisser pour me faire entendre*, diz elle por desculpa na hypographie com que remata esta curiosa e deleixada peça; canta para o

povo, para a plebe, esqueceu a altiloquia, os arrojos do  
 atrás, as ousadias sublimes do immortal; eis os versos :

Se em verso cantava d'antes  
 O poder da formosura,  
 Hoje vou chorar em verso  
 Inconstancias da ventura.

Vou pintar os dissabores  
 Que soffre minha torção,  
 Desde que lei a dorosa  
 Me pôz em dura prisão.

A dez de Agosto, esse dia,  
 Dia fatal para mim,  
 Teve principio o meu pranto,  
 O meu socego deu fim.

Do funesto Limoeiro  
 Já toco os trinta degraus.  
 Por onde sobem e descem  
 Igualmente os bons e os máos.

Cortem-se das riuas portas  
 Os ferrolhos e os dentes :  
 Feroz conduza-me enterra  
 No sepulcro dos viventes.

Para a casa dos assentos  
 Caminho com pés forçados,  
 Alli meu nome se ajunta  
 A mil nomes desgraçados.

Para o volume odioso  
 Lançando os olhos a medo,  
 Vejo pôr — Manoel Maria —  
 E logo á margem — segredo. —

Eis que sou examinado  
 Da cabeça até os pés,  
 E vinte dedos me apalpão;  
 Quando de mais erão dez.

Tirão-me chapéo, gravata,  
Fivelas; e d'esta sorte,  
Por um guarda-sol levado  
Ao domicilio

Estufa de treze palmos  
C'uma fresta, que dizia  
Para o lugar asqueroso,  
Denominado enxovia.

E aqui me, fico assombado  
Na medonha solidão,  
E sem cama a que me encoste,  
Descanso os membros no chão.

Mil terríveis pensamentos  
Em minha alma se apoderão:  
Gostos, e bens d'este mundo  
Então conheci o que erão,

Nos olhos pranto ferve,  
No coração cresce a dôr,  
E com males da fortuna  
Se mistura o mal de amor.

Que mais me lamenta  
Se repete de improviso a porta,  
E ouço um animo benigno,  
Que me alenta, e me conforta.

Era Ignacio, affavel peito,  
Alma cheia de piedade,  
Credor dos meus elogios,  
Por heróe da humanidade.

Do amavel carcereiro  
Me patentêa o desgosto,  
Diz que piedoso me enviou  
Pobre, mas util encontro.

Junta a este beneficio  
A necessaria confida,

que sustentasse o fio  
 desta lastimosa vida.

Garnier-terro! não sei  
 Tu foste um nudo de lino,  
 Que veio tornar mais doce  
 O meu penoso destino.

Os amigos inconstantes  
 Me tinham desamparado,  
 E nas garras da exigencia  
 Eu gemia atirado;

Quando Aonio, o caro Aonio;  
 Da natureza thesouro,  
 Á triste penuria manda  
 Encauzar auxilio de ouro.

Emquanto existir Elmano,  
 Sempre a gente singular,  
 Na sua alma aos seus versos  
 Terás honroso lugar.

Passados os dous dias,  
 Soffrendo as penas juntas,  
 Emfim, meus meus guardas  
 Fui conduzido a perguntas.

O ministro destinado  
 Era o respeitavel Brito,  
 Que logo vio no meu rosto  
 Mais um erro, que um delicto.

Olhou-me com meigo aspecto,  
 Com branda, amigavel fronte,  
 E fui logo acareado  
 Com o meu amavel Ponte.

Portei-me como quem tinha  
 Uma verdadeira tendencia:  
 De acordo da opinião,  
 Recebrei a innocencia.

Puni pelo meu amigo,  
 Ferido de interna dor.  
 Singular sou na amizade,  
 Como singular no amor.

Posto fim ao acanhado  
 O meu guia me conduz  
 Para segredo mais largo,  
 De que não tem medo a luz.

Ficou mais desafogado,  
 Mas também fiquei eu  
 E de amargura sentia  
 Soltar-se da vida o nó.

Lembrava-me a curta fresta,  
 Põe-me a presa matulla  
 Como de quando em quando  
 Tanto vil em phrase chula.

Lembra-me a gritaria  
 Que faz a boia, a quem boia,  
 Boutamente misturando  
 O prazer com a desgraça.

Lembra-me este cigarro  
 Pide que de alvo he  
 Aquella a chuchar gostoso  
 Cigarro, que ou compra, ou pilha.

Um por baldas, que lhe sabe,  
 Ao-outro dando matança;  
 Estes cantando fobras,  
 Aquelles jogando a faca.

Cousas taes, que n'outro tempo  
 Me farião anciedade,  
 Erão então para mim  
 Estimulo de saudade.

Servindo-me de tormento  
 A minha imaginação

Passava os dias em vão,  
 E os dias em vão.

O meu extremo  
 Benigno me viu,  
 E em suaves  
 A minha pena adoçava.

Qual foi comigo, ao principio,  
 Comigo a ser continúa :  
 Os desgraçados e contrão  
 Poucas almas me a sua.

Céo ! que todas as venturas,  
 Todos os bens tens comigo,  
 Faze que ser grato eu possa  
 Ao meu benéfico amigo.

Ou tantas felicidades  
 Te dá, Céo, de lhe dar,  
 Quando aizes que eu te  
 De te, lhe desejo.

Emfim, depois de soffrer  
 Tardas horas de tormento,  
 Fui costumeiramente  
 Ao solitário e triste.

O Deus creador do mundo,  
 Fai, amigo universal,  
 Com saudavel, brando sommo  
 Foi-me interrompendo o mal.

D'este centro da tristeza,  
 Morada das afflicções,  
 Fiz ao lugar das perguntas  
 Inda mais tres digressões.

Amo, professo a verdade :  
 Nas tres digressões que fiz,  
 Sempre achei o amavel Brito,  
 O bemfeitor, que just.

Tal tem sido a minha sorte  
 N'esta dolorosa estância,  
 Aonde a philantropia,  
 Às vezes deserta a estância.  
 Há já quarenta e cinco annos  
 Que choro n'este degredo :  
 Hei de ser muito calado,  
 Costumárão-me ao segredo.

Escrevi também na prisão a elegia á *Instabilidade da Fortuna*, que principia :

De sérenos favonios bafejada....:

onde a si mesma se consola, pelos exemplos de elevações e quedas; quasi no fim, diz :

Nada tem permanencia :  
 Caprichos de fortuna alterão tudo.  
 Da famosa Ulysséa  
 Os corvos aterrei, fui grato aos avines.  
 Hoje sumido á gente  
 Á luz vedado em carcere me tenho,  
 Não parece que existo.  
 Réo me publica opinião potente ;  
 Triste labéo me afeia.

O segredo breve se relaxou, pois tendo sido encarregado do interrogatorio do accusado o juiz Ignacio José de Moraes e Brito, este se mostrou tão brando para com Bocage, que o poeta chegou a temer não fosse tamanha lenidade mal vista por seus oppressores, e na effusão do reconhecimento lhe dirigio o seguinte soneto :

De ferreo julgador não vem contigo  
 Rugosa catadura, acções austeras;

Antes de ser juiz já nem eras,  
 E has mais glorioso o nome antigo.

O amargor, a tristeza do castigo-  
 Que impoem ao curar, e as leis severas;  
 Com benigna clemencia tu temperas,  
 Dos réos, que gemem, bemfeitor e amigo :

Se ardua rocha imitando, ou rijo muro,  
 Reprovar, detrahir tua piedade  
 Tyranno coração, character duro :

D'elle te vingue a doce humanidade,  
 Que de agrados do tempo estás seguro;  
 Meus versos te darão a eternidade.

Durante a mesma prisão compôz est' outros :

Sonho cruel o espirito inquieto  
 Me arrebatou a incognita morada;  
 Era de bronze a temerosa entalada  
 De bronze o pavimento, o muro, o tecto.

Ente disforme, de rugoso aspecto,  
 D'alto assento me assento com voz pesada :  
 « Té que do meu altar te abrigue o nada  
 « Fulminei contra ti este decreto :

« Os fóros perderás da humanidade;  
 « Teus flagellos serão teus semelhantes;  
 « Não de extorquir-te a gloria e a liberdade! »

N'isto acordo co' os membros titubantes.  
 Assim tremeste, ouvindo, ó ferrea idade,  
 A queda horrenda que esmagou gigantes.

Miseranda innocencia, és nome abstracto,  
 És um titulo vão da humanidade,  
 Quando se envolve em sombras a verdade,  
 Quando soffres do crime ò duro trato.

Que importa que eu conserve o peito intacto  
Das peçonhentas fezes da malícia?  
Que em cumprir tuas leis, ó grandidade,  
Fosse meu coração fiel e intacto?

Que importa, se a calúnia m'o desmiente?  
Se o ser do parecer é tão diverso,  
E em vão se oppõe o interno ao apparente?

Opinião, rainha do universo,  
Ante o teu tribunal omnipotente  
Socrates impio foi, e eu sou perverso!

Nescia, vil ignorancia, injuriada  
Dos vivos, que meu estro me grangeia,  
Desce aos infernos; e a calúnia feia,  
Bramindo, extrahe da lobregá morada.

Do monstro de cem côres escoltada,  
Por aqui, por ali corre, vagueia;  
Em meu nome de lar em lar semeia  
Agro dicerio, satyra damnada;

Em cynico furor me finge aceso;  
Venenoso, atordaz, impio me chama;  
Diz que o filho de um rei, de um Deos desprezo...

Mas sempre, sobranceira, a baixa trama,  
Das patrias justas leis me é doce o peso.  
Amo a religião, e aspiro á fama.

Aceso no almo ardor, que a mente inflamma,  
Vivo de amor, de amor suspiro e canto.  
Na face agora o riso, agora o pranto,  
De arvore tua, ó Phebo, eu cinjo a rama.

Prezo a doce moral, na voz da fama  
Meu nome pouco a pouco aos céos levanto,  
Mas turba vil que abato, aneio, espanto,  
Urde em meu damno abominavel trama.

Réo me delata de horrída maldade,  
 Projeta aniquilá-me o bando rude,  
 Envolto na lúthea escuridade.

Que falsa idéa, ó zollos, vos illude!  
 Furtais-me a paz? Furtais-me a liberdade?  
 Fica-me a gloria; fica-me a virtude.

Quando na rosea nuvem sobe o dia  
 De risos esmaltando a natureza,  
 Bem que me achê as sombras da tristeza,  
 Um tempo semsabor me principia :

Quando por entre os vãos da noite fria  
 A machina celeste observo acesa,  
 De angustia, de terror a imagem presa,  
 Começa a devorar-me a fantasia.

Por mais ardentes preces que lhe faço  
 Meus ais não ouve o nume soavelento,  
 Nem prende a minha dôr com tenue laço.

No inferno se me troca o pensamento.  
 Céos! porque hei de existir, porque se passo  
 Dias de enjô e noites de tormento.

Veão-se não menos os sonetos que usamos no tomo I,  
 pag. 165 e 167, e começo :

Tão negro como a turba que vagueia.....  
 Para as sombras da morte aqui me ensaio.....

O remorso que alli diz não lhe vergar a consciencia,  
 descreve o poeta em soberbos versos como roendo a alma  
 dos seus accusadores, no outro soneto que publicámos  
 no mesmo tomo, pag. 166, e rompe assim :

Aquelle que domina os céos brilhantes.....

Meus dias, que já foram tão luzentes,  
 Hoje da noite opaca irmãos parecem.  
 Meus dias miseráveis ambrhecem,  
 Longe do gosto e longe dos viventes.

Horror das trevas, peso das correntes,  
 Olhos, forças me abatem, me entorpecem,  
 E apenas por momentos me apparecem  
 Rostos sombrios de intrataveis entes.

Pagão-se da rugosa austeridade;  
 Antolha-se-lhe um crime, um atentado  
 Sofrer nos corações a humanidade.

Voai, voai do céu para meu lado,  
 Ah! vinde, doce amor, doce amizade!  
 Sou tão digno de vós, quão desgraçado.

Victima do rigor, da tristeza,  
 Em negra estancia, em carcere profundo,  
 O mundo habito sem saber do mundo;  
 Como que não pertença á natureza.

Emquanto na vasta redondeza  
 Vai solto e se infesto, o yicio immundo,  
 Eu (não ao verso) em pranto a face inundo,  
 Do grilhão supportando a vil dureza:

Mas no bojo voraz da desventura,  
 Monstro por cujas fauces fui tragado,  
 Em parte um pensamento a dôr me cura:

O infeliz (não por culpa; só do fado)  
 N'aquelles corações em que ha ternura,  
 É mais interessante, é mais amado.

E, ainda de dentro das grades, não se lhe diminuia o  
 sestro amatorio, a que devera tão deliciosos instantes,  
 mas tambem tão horriveis amarguras. Da prisão mandou  
 a uma Nize o soneto :

Nize mimosa, como as graças pura...

que se lê á pag. 164 do tomo I.

Continuou assim da prisão a deplorar sua mofina sorte, não sendo os ciumes o minimo dos seus padecimentos :

Não sinto me arrojasse o duro fado  
N'esta abobada feia, horrenda e escura,  
N'esta dos vivos negra sepultura,  
Onde a luz nunca entrou do sol dourado;

Não choro a liberdade, que enleada  
Tenho em ferreas prisões, e a paz ditosa,  
Que voou da minha alma attribulada;  
Só sinto que Marília, etc.

Compense porém aquellas leviandades a Fé sincera e profunda com que o misero se refugiava, em tão grave conjunctura, das velleidades mundanas no seio da religião. Sirva de prova o magnifico soneto :

Ó tu, que tens no seio a eternidade,

que trasladámos no tomo I, pag. 164.

É ainda animado por iguaes sentimentos, que o poeta traçou estas linhas :

A frente que de louro ergui cingida,  
Ufana do louvor e da innocencia,  
Jaz (por effeito de horrida apparencia)  
Curvada pelo opprobrio e denegrida.

De mil gratos objectos guarneçada,  
Rutilava a meus olhos a existencia.  
Hoje, amavel prazer, na tua ausencia  
Parece aos olhos meus um ermo a vida.

De quantas côres se matiza o fado!

Nem sempre o homem ri, nem sempre chora ;  
Mal com bem, bem com mal é temperado.

Os estados varião de hora em hora.  
Sabio o mortal que em um, que em outro estado  
(Disposto a tudo) a Providencia adora!

Nem sempre acháva allivio o misero n'estas sublimes orações, e então o desanimo o arrastava a não esperar melhoramento, senão na morte. Haja vista um soneto, que por si só vale um poema, que demos no tomo I, pag. 165. e começa :

Nas horas de Morphêo vi a meu lado.....

Comquanto houvessem relaxado um tanto o segredo de Bocage, considerou-se um beneficio q ser elle transferido, após tres mezes de cadêa, para os carcerees da inquisição, tribunal que já havia perdido a anterior deshumanidade.

Aqui citaremos um trecho da carta que aos 5 de Julho de 1847 nos dirigio o infimo amigo de Bocage, o já hoje finado Francisco Joaquim Bingre, que do seu querido companheiro nos fallava sempre com o calor da amizade pura, e uma elegancia de estylo e linguagem, que raro acompanha a idade mais que octogenaria que Bingre tinha a esse tempo. Eis como elle se nos expressou :

« Todos sabem quanto José de Seabra foi apaixonado de Bocage. Ninguem (... o *ninguem* do meu tempo) ignora que, para o livrar das garras do intendente Diogo Ignacio de Pina Manique, que o retinha preso nas cadêas do Limoeiro, pela composição da *Pavorosa illusão da eternidade*, fez com que a inquisição o requisitasse, ficando ahi pouco tempo, e sendo bem tratado, pois releva con-

«Essar que já n'esses dias era morno o antigo rigor do fanatismo inquisitorial.»

O erudito Sr. I. F. da Silva; alludindo aos dous versos:

Cuja fama, senhor, purificaste  
Das noivas torpes da mordaz calumnia,

julga que essa poesia foi dirigida a José de Seabra, depois que, pela protecção d'este, fôra solto.

Creemos, sim, que Seabra fosse o principal libertador, o que lhe era facilimo, sendo elle então ministro do reino; mas affirma-se-nos que esta elegia referida pelo respeitavel critico, e que começa: *Costume de chorar*, foi escripta no Limoeiro, a 31 de Outubro de 1797, dia em que José de Seabra completou sessenta e cinco annos, e que exactamente antecedeu uma semana aquelle em que transferirão Bocage para a inquisição, com vantagem para o plano da sua liberdade. Não podia, estando livre, dizer:

N'estas horas se apaga o sacro fogo.

Além d'isso os dous versos citados admittem outra interpretação, ligando-se com os immediatos:

E a quem já vezes mil n'um teu sorriso  
Dêste amavel penhor de bens vindouros.

O que porém definitivamente nos persuade são os outros versos, em que Bocage mostra que a graça então supplicada não é de dinheiro, mas de mais alta natureza, e dependente do governo; ora, se é sabido que Bocage até recusou empregos offercidos por Seabra, parece concluir-se que esta mercê é a liberdade. Ouçamol-o:

Tens o jus e o poder, ambos augustos,

De tornar venturoso o desgraçado.  
 És órgão da suprema autoridade,  
 Puro e vasto canal por onde as graças  
 Manão do throno excelso ao curvo rogo.  
 Doce, tenue porção dos dons immensos  
 Que o céo te conferio, confere ao triste!

O certo é que Bocage foi transportado, a 7 de Novembro de 1797, e entregue ao inquisidor geral, D. José Maria de Mello. Já não longe os dias dos autos-da-fé; já o tribunal da inquisição era um refugio contra os tribunaes civis, um degrão para a liberdade.

Concluindo, transcreveremos, por interessante e pouco conhecido, o officio de 7 de Novembro de 1797 que o intendente da policia Diogo Ignacio de Pina Manique dirigio ao bispo inquisidor geral. Extractamol-o fielmente da Torre do Tombo, secretarias, livro V da intendencia geral da policia:

« Ex<sup>mo</sup> e Rev<sup>mo</sup> Senhor. Constando-me que n'esta côrte e reino gravão alguns papeis impios e sediciosos, mandei averiguar quem serião os autores d'elles, e encontrei que uma parte d'estes era o seu autor Manoel Maria Barbosa de Bocage, o qual vivia em casa de um cadete de regimento da primeira armada, André da Ponte, que é natural da ilha Terceira; mandei proceder contra um e outro, e á apprehensão dos seus papeis; e não achando ao sobredito Manoel Maria, se encontrou sómente o André da Ponte, que foi preso, e apprehendidos os papeis, e entre elles se achou um infame papel impio e sedicioso, que se intitula *Verdades duras*, e principia *Pavorosa illusão da eternidade*, e acaba *De opprimir seus iguaes com o ferro e o juço*, como consta do auto da achada, que

acompanha a conta que me deu o juiz do crime do bairro de Andaluz, a quem eu havia encarregado esta diligencia. Do mesmo auto verá V. Ex. os mais papeis e livros impios e sediciosos que se apprehendêrão ao dito André da Ponte, os quaes remetto inclusos com a devassa a que mandei proceder para averiguação da verdade, e as perguntas que se fizerão aos ditos Manoel Maria Barbosa de Bocage, que passados alguns dias tambem foi preso a bordo de uma embarcação, que ia fugido no comboio para a Bahia, e André da Ponte Quental da Camara; remetto tambem a delatação que me fez da cadêa o dito Manoel Maria Barbosa de Bocage, para que esse santo tribunal lhe dê o peso que mereça. V. Ex. me insinuará o mais que quer que eu faça sobre estes dous réos, os quaes conservo na prisão, esperando a restituição d'estes papeis logo que fôrem examinados por esse santo tribunal pela parte que lhe toca, etc. — de Novembro de 1797. ■

Os restantes papeis e documentos pertencentes a este processo não existem no real archivo; queimou-os lord Beresford com os mais papeis e negocios findos da intendencia da policia da côrte; acto de barbara imprevidencia, que hoje lamentamos debalde.

## CAPITULO VI

Produções pelas quaes lhe fizeram crime. — Versos irreligiosos, e contrarios ao papa Pio VI. — Disposições da inquisição. — É Bocage transferido para o convento das Necessidades. — A congregação do Oratorio. — Poesias compostas durante essa detenção. — Supplica a todos liberdade. — Bocage e Ovidio. — Epistolas aos tres marquezes. — Os poetas amigos nada alcançarão. — Foi José de Seabra o seu libertador. — Versos que a este dirigio jaculatorios e depois gratulatorios. — Boato da sua morte. — É posto em plena liberdade.

Na inquisição, de duas produções lhe fizeram crime : a *Pavorosa*, de que já fallámos, e um soneto, em cinco composto, e a que deu origem este successo : sendo em 1797 batido pelos Francezes o exercito pontifical, assignou o pontifice a paz de Tolentino ; mas no mesmo anno houve em Roma uma sedição, em consequencia da qual, foi a cidade tomada por um exercito francez, sendo Pio VI transportado prisioneiro para França, onde falleceu em 1799. Chegando a Lisboa a noticia da primeira derrota dos soldados do papa, Bocage compôz este soneto :

Tendo o terrivel Bonaparte á vista,  
Novo Annibal, que esfalfa a voz da Fama :  
« Ó c... Heróes ! » aos seus exclama  
Purpúreo fanfarrão, papal sacrista.

« O progresso estorvai da atroz conquista,  
« Que da philosophia o mal derrama ! »  
Diz. E em fervido tom sauda e chama  
Santos surdos varões por sacra lista.

D'elles em vão rogando um pio arrojo,  
Convulso o corpo, as faces amarellas,  
*Cede triste victoria, que faz nojo.*

O rapido Francez vai-lhe ás canellas;  
Dá; fere; mata. — Ficão-lhe em despojo  
Tiaras, mitras, bullas, bagatellas<sup>1</sup>.

O Sr. I. F. da Silva attribue a Bocage o seguinte soneto, feito ao mesmo assumpto; talvez duvidassemos um tanto da autoria, se não fosse a firmeza com que o digno collector a assegura:

<sup>1</sup> Será sempre com o sincero respeito devido ao benemerito das letras, Sr. Innocencio Francisco da Silva, que alguma vez submetteremos duvidas a asserções, que, sahidas da sua penna, trazem já por isso a autorisação de um grande nome. Sabemos de antemão que relevará nossa franqueza, se alguma vez divergirmos de uma opinião, que estamos sempre dispostos a acatar.

No tomo VI da *Colleção das obras de Bocage*, pag. 410, diz S. S. que nós mesmos nos n'umas partes, e em outras remendámos este soneto. Abrindo-se o tomo VII que alguém annexou á mesma *Colleção*, acha-se exactamente este soneto, como aqui o damos, poudo por extenso a palavra impropria, que supprimimos no 3º verso, e só com uma differença no ultimo, que alli se lê: *Reliquias, bullas, m..., bagatellas*. A nossa lição parece-nos mais preferível: 1º porque est'outro verso é, na harmonia, menos bocagiano; 2º porque Bocage, frequentemente obsceno, raras vezes era immundo, e aquella penultima palavra, nunca nos consta que a empregasse; 3º porque as idéas religiosas ainda poderião, quando em certo gráo d'excitação, induzil-o a zombar do papa bellicoso, mas nunca elle escarneria de reliquias, nas qu'elles acreditava; 4º porque se não collocaria em ultimo lugar a palavra bagatellas, se a tal mais expressiva a tivesse precedido: *Tiaras, mitras e bullas* podem epigrammar-se, resumindo-se tudo no termo *bagatellas*; mas se o resumo epigrammatico já estava feito no immundo termo anterior, seria inadmissivel diminuir por tal guisa a qualificação; 5º porque, como o governo era todo ecclesiastico, e o sacro collegio composto de santos cardiaes velhos, finge o poeta serem elles chamados para um acto de valor, e corresponderem com um de ignominia; mas d'esses cardiaes, muitos tinham as (aliás inferiores) honras episcopaes: com a variedade allude pois Bocage á *tiara*, insignia do papa; ás *mitras*, insignia episcopal; ás *bullas*, documentos com que Pio VI fulminára as resoluções da republica franceza; e é assim que, denominando tudo isso *bagatellas*, fecha com chave de ouro; emquanto, nem o termo *reliquias* teria, n'este caso, sentido; nem a palavra *m...* serviria senão para estragar o epiphonema.

Pedimos portanto licença para suppôr que, longe de havermos mutilado ou remendado o soneto, o demos na sua pureza.

A prole de Antenór degenerada,  
O debíl resto dos heróes troyanos,  
Em jugo vil de asperrimos tyrannos  
Tinha a curva cerviz já calejada.

Era triste synonymo do nada  
A morta liberdade envolta em damnos,  
Mas eis que irracionaes vão sendo humanos,  
Graças, ó Corso exce!so, á tua espada!

Tu, purpureo reitor ; vós, membros graves.  
Tremei na curia da sagaz Veneza.  
Trocão-se as agras leis em leis suaves :

Restaura-se a razão, cahe a grandeza,  
E o feroz despotismo entrega as chaves  
Ao novo redemptor da natureza.

Baldámos esforços por adquirir conhecimento exacto d'este periodo importante da vida de Bocage. Nas suas obras não deixou d'elle o minimo vestigio. Os que foram amigos de Bocage dizião que era objecto em que evitava fallar, pois é sabido com que rigor os inquisidores recommendavão o mais absoluto sigillo sobre quanto alli se passava : só um d'aquelles amigos nos contou o seguinte :

« Encontrei Bocage ao Espirito Santo, dias depois da sua sahida da inquisição, e, abraçando-o, perguntei-lhe d'onde vinha, depois de tão longa ausencia?

« — Venho... venho da Hespanha.

« — Então que viste por lá?

« — Não vi homem que me não parecesse ladrão, nem mulher que me não parecesse...

« Por mais diligencias que fiz, tive de mudar de conversa. »

No, para as lettras, sciencias e historia patria, sempre

calamitoso modo como forão desbaratados tantos monumentos e riquezas, na suppressão das ordens religiosas e de antigas repartições do Estado, varios documentos se salváram entre os milhões de preciosissimos; e alguns lá jazem, sem classificação nem catalogos, no real archivo da Torre do Tombo. Alli existem, em grande cópia, processos, livros e papeis pertencentes ás tres inquisições do continente, Lisboa, Coimbra e Evora: porém debalde procurámos ahi qualquer documento relativo a Bocage, comquanto pareça que posteriormente houve quem fosse mais feliz do que nós, achando um, relativo a periodo ulterior, de 1802, como abaixo diremos.

O certo é que a Inquisição se limitou então a dar ao poeta uma aspera reprehensão; a obrigar-o a prometter que mais não consagraria a penna a objectos irreligiosos, e a ir, como cathecumeno, passar uns tempos de instrução moral e religiosa junto a varões sabios e tementes a Deos.

Servio novamente de instrumento o intendente geral da policia, o qual recebendo da inquisição o preso, ordenou a 22 de Março de 1798, isto é, mais de quatro mezes depois da sua prisão nos carceres inquisitoriaes, que Bocage fosse levado do mosteiro de S. Bento da Saude para o de Nossa Senhora das Necessidades, onde devia viver em contacto com os padres, mas incommunicavel para quaesquer estranhos.

Essa casa, com ser propria para purificação de costumes, não menos o era para litterarias palestras; na sala da esplendida livraria se havião dado sessões publicas da velha Arcadia.

A congregação do Oratorio, de S. Felipe Nery, foi sempre respeitada como associação tão veneranda por

sua piedade e religião, quanto pela sua superior cultura de sciencias e lettras. A ella pertencêrão luminares da nossa litteratura: Bernardes, o ascetico e portentoso escriptór da mais pura linguagem classica; Antonio dos Reis, cultor da poesia latina; Francisco José Freire, traductor de Horacio; o erudito D. José Maria de Mello; o sabio Theodoro de Almeida; o douto Valentim de Bulhões; o celebre e incansavel polygrapho A. P. de Figueiredo; o subtil Antonio Alvares; o estudioso Joaquim de Foios.

Abençoada porém seja esta detenção, que enriqueceu a nossa litteratura com uma das mais admiraveis tentativas que em lingua portugueza se hão feito. Por esse tempo deu Bocage o maior impulso ao monumento que não chegou a poder completar, a versão das *Metamorphoses* de Ovidio, como se deduz da epigraphic:

Entre ferros cantei, desfeito em pranto:  
Valha a desculpa, se não vale o canto!

Muitas poesias, geralmente inspiradas pela dependência e pelo soffrimento, nos legou o periodo da sua prisão: versos a poderosos, sollicitando liberdade; a amigos, pedindo auxilios; a Deos, invocando forças; a todos, requerendo justiça. O certo é que, em centos de epistolas, protestou sempre a sua fidelidade ao rei, o seu respeito aos costumes, a sua veneração á fé de nossos pais, desculpando-se de erros de mocidade, queixando-se da guerra tenaz que lhe movia a inveja e a calumpnia, e despidendo-se da responsabilidade de producções que lhe imputavão.

A privação da liberdade era-lhe um peso incomportavel, e por mais que lh'o alliviassem, a imaginação lh'o

representava como supplicio infernal. Não houve pois pessoa influente, conhecida ou não conhecida sua, a quem, durante o periodo da sua detenção, Bocage não endereçasse sentidos versos, supplicando' liberdade.

Por esses tempos, manuseava elle muito os versos do exilado do Ponto, com o qual tambem não erão poucas as suas pareenças; e talvez ao espirito lhe surgisse a confrontação, visto que Ovidio, perseguido igualmente, implorou a Roma inteira, com menos fortuna, protecção e acolhimento. Ao Sulmonense têm increpado criticos os versos do Ponto, em que o poeta exora a dous imperadores um termo ao seu desterro barbaro. A mesma falta de firmeza quizerão tambem assacar ao vate Sadino. Pois assaquem nas boas horas. Aquelles dous amantissimos corações erão assim: debulhãõ-se em pranto e supplicas. Que muito! se parã ambos se tratava de implorar patria e liberdade!

É este o lugar de transcrevermos varias poesias, dirigidas por Bocage a poderosos, escriptas nos diversos periodos da sua reclusão.

À Sra. D. Marianna Aquina Pereira Coutinho, valida da Sra. rainha D. Maria I, e dama insigne por nobreza e piedade, escreveu uma epistola, interessando-a pela sua libertação, e cis-aqui algumas d'essas quintilhas:

Pesado grilhão me opprime;  
Duro carcere me fecha;  
Tecem-me de um erro um crime;  
E a vil calunnia não deixa  
Que a compaixão se lastime.

Eu, desvalido mortal,  
Ludibrio de sorte injusta,  
Amei sempre, avesso ao mal,

As leis da virgide augusta,  
As leis da recta moral.

Se casuaes erros fiz,  
Socios da idade imprudente,  
Meu desvario infeliz  
No coração innocente  
Não teve infesta raiz.

Da vaidade sem ardor,  
Que o peito inexperto inflamma;  
Das musas suave amor;  
Sede implacavel de fama  
Me sumirão n'este horror.

Ao seu amigo Joaquim Rodrigues Chaves, quando tinha dous mezes de cadêa, pedio protecção na epistola improvisada :

A ti, que ás outras leis da humanidade.....

já impressa no tomo I, pag. 202 d'esta collecção :

São mui citadas as epistolas aos três marquezes, igualmente destinadas a supplicar liberdade, e d'ellas aqui daremos noticia.

Era o marquez de Ponte Lima fidalgo muito illustrado e influente. Quando, em tempo da Sra. D. Maria I, em 1798, foi creada a bibliotheca publica de Lisboa, sendo primeiro bibliothecario-mór o sabio desembargador Antonio Ribeiro dos Santos, foi aquelle illustrado marquez nomeado primeiro inspector de tão importante estabelecimento; dirige-lhe Bocage a seguinte epistola:

Se aos miseros, senhor, não é vedado,  
No abysmo, em que os confunde a desventura,  
Seus males exprimir, chorar seu fado,

Minha consternação, minha amargura  
Vai demandar em ti sagrado asylo,  
Acolheita efficaz em ti procura.

Têm as angustias enfadoso estylo;  
Mas tu, attento ás leis da humanidade,  
Tu não te has de enojar, senhor, de ouvil-o.

Outros querem louvor, eu só piedade:  
Piedade... que a perder, o gozo á fama  
Até já me ensinou a adversidade.

De ethereo dom, que espiritos inflamma,  
A chamma nos suspiros se evapora,  
Ou se apaga nas lagrimas a chamma.

Dos louros, que cingi, não cuido agora:  
É meu unico objecto o lenitivo  
Da tenaz afflicção, que me devora.

Em carcere, a que o sol medroso, esquivo,  
Seu lume bemfeitor já mais envia,  
E onde sómente a dôr me diz que vivo;

Na idéa, com que apenas sei que ha dia,  
Encarando, senhor, tua grandeza,  
Tua alma generosa, affabil, pia;

D'entre as sombras da noite, e da tristeza,  
Vendo luzir mil dons, sem que a ventura  
Se unio, por gloria tua, á natureza;

A sorte se me antolha menos dura:  
Pondero o teu favor saudavel porto  
Contra os horrores de procella escura:

Por vil calumnia moralmente morto,  
Á physica extincção darei o alento,  
Se imaginario fôr este conforto:

O rumor, que me ultraja, é fraudulento;  
Senhor, meu coração não jaz corrupto,  
Corrupto não está meu pensamento.

Detesto o falso, o ingrato, o dissoluto;  
Do triste, do infeliz não olho ao damno  
Com ferreo desamor, com rosto enxuto.

Vejo a cópia de um Deos no soberano;  
Curvo-me ás aras; em silencio adoro  
D'alta religião o eterno arcano.

Sim, erros commetti, mas erros choro,  
Não com pranto sagaz, que a vista illude :  
Da abjecta hypocrisia ardis ignoro.

O brilhante character de virtude,  
Arma contra os asperrimos destinos,  
Tem cultos meus : o imparcial me estude.

Na quadra das paixões, dos desatinos,  
Se deixei de cumprir, fiel e exacto,  
Preceitos veneraveis, são, divinos :

Não sou para com Deos, não eu o ingrato;  
Muitos, que me ennegrecem, que me afeião,  
São talvez meu modelo, ou meu retrato.

Remorsos devorantes não me anceião :  
Mais fraqueza do que indole, meus vícios  
As forças da razão me não seceião.

Eis, senhor, porque espero a tua propicio  
Teus influxos comigo, e que derrames  
Por minhas afflicções teus beneficios.

De mordazes insectos vis enxames  
Me ferem, me envelheão, vão lançando  
Sobre o character meu labéos infames.

Embebe o coração flexivel, brando,  
Na maviosa dôr, que em mim suspira,  
Que em mim por teu soccorro está chamando.

O Deos, a que um só ai remove a ira,  
O Eterno, o Bemfeitor, o Omnipotente,  
Doce clemencia na tua alma inspira

Se apraz aos céos um animo innocente,  
Tambem é grato aos céos o arrependido :  
Uma lagrima extingue o raio ardente.

Deixa pousar, senhor, no attento ouvido  
A queixosa tristissima linguagem,  
As supplicas e os ais de um perseguido.

Do susto, da oppressão, do horror, do ultrage,  
Solta, restaura com piedade intensa,  
Os agros dias do infeliz Bocage :

Teu braço, teu poder, meus fados vença,  
Como atras nuvens de vapor maligno  
Rebate o sol co'a fulgida presença.

Ganha-me a compaixão do heróe benigno,  
Do principe immortal, que em nós impera,  
Não só de um throno, de mil thronos digno :

Tolhe-me ás furias da calumnia fêra,  
Que o premio singular, premio sublime,  
O que o mundo não dá, nos céos te espera :

Teu peito de meus males se lastime;  
Erros tenho, não crimes commettido;  
O erro exige perdão, castigo o crime.

Inda que da ventura és tão querido,  
Inda que o céu te ergueu a excelso estado,  
Mais é valer, senhor, ao desvalido,  
Mais é tornar feliz um desgraçado.

O marquez de Abrantes escreveu o autor a seguinte  
epistola :

Tu, de antigos heróes progenie excelsa,  
Ramo de regia planta derivado,  
D'acudir ao pequeno, ao desvalido,  
Tens, benigno marquez, dever sagrado.

Depois de conferir-te um grão sublime,  
Ainda não contente a divindade,

Une-te á posse de inclita grandeza  
O santo ministerio da piedade :

Occasião te dá para exerceres  
Affabil, paternal beneficencia  
Na estancia da oppressão, cá onde o crime  
Caminha par a par com a innocencia.

Aferrolhada miseravel turba,  
A quem cinge o grillão, e a fome abate,  
Já cuida que te vê na mão prestante  
Dadiva pia e provido resgate.

Qual per ermos incognitos perdido  
O lasso caminante o dia anhela,  
Deseja d'entre sombras triste chusina  
Ver luzir teu favor nos males d'ella.

Do numero infeliz, que te suspira,  
Lastimosa porção fez a sorte,  
Lançou-me em feio abysmo, onde parece  
Que entre seus cortezãos preside a morte.

Que é morte? solidão; silencio; trevas!  
Tudo isto occupa o lugubre aposento :  
Silencio, trevas, solidão me abrangem,  
E horrores multiplica o pensamento.

De atroz perfidia as nodoas não me infamão ;  
Remorsos me não fervem na tristeza ;  
Em barbaras acções, em negros crimes  
Não tenho profanado a natureza :

Com ferro abominabil entre as furias  
Impio golpe não dei no patrio seio :  
Sempre a cauta razão me tem sustido  
Reluctantes paixões com util freio.

Desventurado sou, não sou perverso ;  
Ao jugo de altas leis o collo inclino ;  
E no humano poder contemplo, adoro  
Augusta imagem do poder divino.

Torpe, invejosa, perfida cadumnia,  
 Monstro devorador da honra alheia,  
 Não me prostra o valor de todo ainda,  
 Com vê-la tão cruel, com ser tão feia.

Os damnos, que me urdio, baldar-lhe espero,  
 Nos sentimentos meus, e em ti fiado;  
 Tu, grande, tu, benefico, tu, forte,  
 Emprende a gloria de vencer meu fado :

Protege a causa do infeliz, que invoca  
 Teu nome, o teu fervor, tua piedade;  
 Guia os suspiros meus, e as preces minhas  
 Ao throno, onde reluz a humanidade.

Á grandeza e virtude asylo imploro;  
 Tu gozas da virtude e da grandeza :  
 Estes brilhantes dons comigo apura,  
 Terá mais um triumpho a natureza.

Ao marquez de Pombal endereçou Bocage a epistola :

Só conheço de ti grandeza e nome....

que se encontra no tomo I, pag. 197 d'esta collecção.

Suspeitamos porém, que nenhum d'aquelles, nem de  
 outros poderosos a quem Bocage implorou, obteve a sua  
 soltura; e até nem existe tradição de que, durante esse  
 periodo de provações, lhe dirigissem ao menos produc-  
 ções do estro ou consolações os poetas, seus amigos,  
 sectarios ou admiradores. Bem podia ser elle o autor  
 d'aquelle epigramma :

Les amis de l'heure présente  
 Ont le naturel du melon :  
 Il faut en essayer cinquante,  
 Avant que d'en trouver un bon.

Temos por indubitavel que o seu salvador foi José de

Seabra. Era homem de vasta intelligencia, de idéas mais adiantadas que as do seu seculo, e mui parentas das que devião triumphar um quarto de seculo depois. Era por indole protector dos homens talentosos; o Sr. José de Torres, no seu importante *Ensaio sobre Nicoláo Tolentino*, affirma, por exemplo, que Seabra estendêra ás irmãs d'este o valimento que ao poeta concedia, despachando-as com tenças nas commendas vagas. Além d'isso, era ministro do reino, e como tal poderosissimo. Já atrás vimos, n'uma carta que nos dirigio o poeta Bingre, quanto Seabra comozou a obra da sua protecção, que elle não podia deixar em meio. N'aquella mesma carta, diziamos Bingre, em seguida :

« Ia Bocage muitas vezes jantar com José de Seabra, o qual sempre, no fim, apresentava com algumas peças, a titulo de obras que lhe dava para traduzir. »

E logo após nos narrou uma anecdota, de que adiante, em mais apropriado lugar, daremos conhecimento, comprobativa do grande apreço em que Seabra tinha o seu protegido e amigo; e estamos convencidos de que á voz do illustrado ministro se descerrarão as grades ao eminente versificador.

Regulando pela epigraphe, a primeira poesia dirigida por Bocage, antes de ser preso, a José de Seabra, foi a ode que principia :

A seria, imparcial philosophia.....

Já da prisão, levou á presença do ministro, no seu anniversario natalicio, uma epistola, a que por signal antepôz erradamente, talvez de memoria, esta epigraphe :

In te spes omnis... nobis sita est.

Te solum habemus; tu es patronus, tu parens;

que diz extrahida da scena 5ª do acto 5º dos *Adelphos*, o que é inexacto. N'esta epistola, de que já fallámos, continúa o preso a impetrar a sua soltura, v. gr.:

Eu, aggregado ao numero funesto  
 Das victimas chorosas do infortunio,  
 Que trago na cerviz, na frente, e n'alma  
 Seu peso esmagador, seu nome acerbo,  
 Em vão com teu formoso, egregio dia,  
 Em vão quero illudir, chorar meus males.  
 Por entre os turbilhões de altas idéas,  
 Que abala o teu natal e a gloria tua,  
 Na mente alvoroçada imagem triste,  
 Negras, medonhas, como d'antes surgem  
 Para gemer, senhor, para chorar-me  
 Tenho, além da razão, tenho o costume.  
 Tu, que em summa virtude és mais que humano,  
 Converte a guerra em paz, e em riso o luto  
 Que do vate infeliz envolve a frente.  
 Arranca-me ao penoso, ao ferreo jugo  
 Da sorte avessa, da tenaz desgraça

São raros os Camões; o dom divino  
 Em raros póde mais que a desventura.  
 N'estas sombras se apaga o sacro fogo;  
 Nas garras da indigencia as musas inorrem.

Ainda lhe endereçou a ode que principia :

Do Lacio portentoso e d'alta Grecia.....

onde ha estes versos :

A mim, desventurado,  
 D'un carcere cruel envolto em sombras,  
 A mim, curvo, abatido  
 Ao peso do grilhão, da injuria ao peso,  
 Ente vulgar, inutil,  
 De mil tribulações — que recompensa,  
 Que futuro me resta?

Mas dignas-te de vir ao triste seio  
 Da medrosa masmorra?  
 Habitante do céu brilhar no abysmo?  
 Attrahio por ventura,  
 Encaminhou talvez aqui teu voo  
 O não raro accidente  
 De estar sem crime habitação de crimes?  
 Tu vês, ente celeste,  
 Tu vês meu coração : não é perjuro,  
 Não cruel, não ingrato;  
 Ama o dever, a probidade, a honra;  
 Dá hymnos á virtude,  
 Aos altares incenso, aos solios culto.

No lugar que te aponto,  
 Conheces, deosa, de Seabra os lares,  
 Seu louvor, no seu nome;  
 Na gloria que descrevo a gloria sua.  
 Ao penetral brilhante  
 Onde os influxos teus dos astros descem,  
 Leva o quadro funesto  
 Das minhas oppressões, dos meus desastres, etc.

Suspeitamos que ainda a Seabra fosse dirigido este soneto :

Qual o italico heróe, o audaz Tancredo,  
 Pondo o apostata infame em vil fugida,  
 Cahio no laço da fallaz Armida,  
 Na confusa prisão, de mago enredo,

Tal eu, depois que enchi de opprobrio e medo  
 Os zoilos, a caterva embravecida,  
 Fui abysmado por calumnia infida  
 Nas ermas sombras de horrído segredo.

Nem só n'isto ao heróe sou semelhante.  
 Nize e o voado tempo na memoria  
 São a minha Glorinda, o meu Argante.

Ah! tu, que inda has de honrar a lusa historia,

O meu Reinaldo sê, varão prestante!  
Torna-me a liberdade, o mundo, a gloria!

Fosse porém aquelle soneto dedicado ou não a José de Seabra, o certo é que a este dirigio Bocage fervorosos agradecimentos, após a sua soltura, na ode que principia :

Fantasmas do terror, socios funestos  
Do queixoso infortunio,  
Tristes combinações, verdugos d'alma,  
Já não sois meus tyrannos.

D'alma rebentão versos,  
Versos que vão luzir, votiva off'renda,  
Da gratidão nas aras.  
Tu, Seabra immortal, meu canto acolhe,  
Como os ais me acolhes

almente dirigio por esta occasião uma ode, que é pouco valiosa imitação de Parny, e começa :

Jazem desfeitos meus penosos ferros.  
Socios ficis, eis volto,  
Liberto de afflicções, aos vossos braços!

Antes de passar d'esta phase da vida do nosso biographado, diremos que, durante o tempo da detenção, e não havendo mais noticias do poeta, se espalhou o boato de ser elle fallecido, o que deu lugar a varias poesias de admiradores seus; Bocage respondeu com outras, entre as quaes figura o soneto :

Ó vós, que lamentais de Elmano a sorte...

impresso no tomo I, pag. 166 d'esta collecção.

Finalmente, meado o anno de 1798, foi Bocage restituído á sua plena liberdade.

### CAPITULO VII

Volta Bocage para a sociedade. — Turba que o rodeia. — Torna-se o Parnard do *Caveau* lisbonense. — Indigencia e suas consequencias. — O que n'esse sentido vai lá por fóra. — Injustiça da sociedade para com os grandes erigenhos.

Eis-ahi pois Bocage regressado ao seio da sociedade; eil-o temporariamente curvado ante as recordações de seus padecimentos; eil-o cordialmente disposto a uma reforma de costumes; eil-o encãecido com tamanhos trabalhos, e tendo exaurido em taça de fel, segundo cria, as fezes de attribulada existencia.

No mesmo anno de 1798, logo depois de lhe ser restor-gada a liberdade, compôz Bocage o soneto :

Excedo lustros seis por mais tres annos.....

que já produzimos no tomo I, pag. 168.

Voltou pois para o mundo com as intenções mais puras; mas aquelle grande homem era fraco ante o imperio dos sentidos, as propensões do habito, e os dictames da sua vangloria. Para logo se vio rodeado de immensa turba, composta de alguns illustrados amigos, innumeraveis admiradores, e poucos atrabiliarios inimigos. Não era entre nós esse ainda o tempo (confessamol-o) em que o espirito, devorando-se, se esterilisa em mortíferas disputas sobre ambições mesquinhas, embuçadas no pomposo manto de *amores de patria e direitos do homem*: a mais uteis e nobres occupações que a uma

cousa, chamada politica, se consagrava então o genio: e essa geração, tão outra da sua actual representante, resplandecia com a muita instrucção, intelligencia e merito que a opulentavão; contava pois Bocage, entre os seus contemporaneos e amigos, numero avultado, cujo nome hão de os tempos respeitar. Porém (confessemol-o tambem) a maioria dos commensaes e intimos, dos satellites e apregoadores das praças e dos lupanares, dos enthusiasts estrepitosos e delirantes, erão gente sem educação, de máo gosto e espirito máo, impotente para corromper tão alta intelligencia, mas não comtudo para momentaneamente a desvairar. Não podia resistir ás tentações de tribuno da plebe litterario. Digno successor de Panard, empunhava o sceptro do *Caveau* lisbonense, e, por mais que a razão lhe segredasse, não sentia forças para abdicar-o.

Diarias excitações de toda essa desmoralisadora roda — carencia de bens patrimoniaes — grande dissipação de vida e costumes — e independencia tal de genio que não tolerava sujeição a encargo algum, o conservarão em constante penuria, devendo ora á sua industria, ora á sua penna, ora aos seus amigos, uma subsistencia sempre parca, e em que o dia de hoje interrogava sempre o de amanhã.

Demoremo-nos um momento ante o quadro d'essa penuria, visto como foi tambem ella que exerceu influencia no viver de Bocage, arrancando-lhe parte da independencia, que era o seu mais natural caracteristico, e rebaixando algumas vezes seus actos e sua penna.

A tal auge chegarão as tribulações da indigência. se vio obrigado a converter a arte divina em officio vil: *sevandijar* e prostituir a musa. Foi para comprar pão que

no entrudo de 1802 escreveu as *Espantosas acções de Antão Broega*, producção de genero desprezível<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> O Sr. I. F. da Silva, na sua *Collecção das obras de Bocage* (VI, pag. 409), duvida de que estas quadrinhas fossem obra de Bocage, dando como razão: 1º ter-lh'o assim affirmado o Morgado d'Assentiz, 2º ter sido em 1802 o periodo mais bonançoso da vida do poeta, por ser então que elle esteve estipendiado pelo padre Velloso.

Se é licito romper silencio respeitoso, pedimos licença para ponderar que se o assumpto é miseravel, a execução (considerada, já se sabe, á luz das respectivas condições) nos não parece merecer tamanha austeridade de julgamento, pois não é inferior á das glozas á *Minha Lilia morreu*, ou *Insistentes afortunados*, ou os *Trabalhos da vida humana*, ou outros ridiculos sonhos do Homero dormitando.

Quanto ao Morgado de Assentiz, só diremos que, se acaso algum de nós se não engana, procedeu mal o nosso informador. Teve o Morgado conhecimento prévio de todas as poesias de que fizemos selecção; e certamente houveramos por nossa parte eliminado esta, se elle a tivesse refugado como não bocagiana. Permitta-se nos porém ponderar que ainda assim o não saber Assentiz se o seu amigo compuzera ou não uma obra (que é o mais que elle poderia affirmar, sob pena de o termos pelo seu inseparavel anjo da guarda), não é razão para estribarmos um juizo. Não nos condão hoje a reminiscencia asseverar firmemente a qual dos amigos de Bocage ouvimos o que no texto affirmamos; mas não seria ao proprio Assentiz?

Quanto ás faturas de Bocage em 1802, por ser então que elle estava estipendiado por Velloso (com trabalho constante e insano, e salario de cinco moedas mensaes), supponho ser engano, pois esse emprego de Bocage cremos que só durou de 1799 a 1801. Foi em 1800 e 1801 que elle publicou: *Jardim, Tripoli, Elegia a D. Rodrigo, Elogio ao Principe Regente, Plantas, Consorcio das Flôres*, na chalcographica. Em 1802 apenas lá sahio uma elegia e um elogio, comprehendendo tudo dezoito paginas, e até mesmo o elogio é já dedicado por Simão Thadeo Ferreira, primitivo editor de Bocage, e que novamente o fez já em 1802, pois na sua typographia n'esse anno se imprimio a *Grécia*, e editor não era esse que salvasse pessoa alguma da indigencia, pois se não pejou de dar ao poeta dez moedas pela primeira edição do seu 1º tomo de poesias.

Note-se mais que n'essa officina de Thadeo sahio tambem em 1802 uma edição do 2º tomo, na qual não apparecem as epistolas de e a Seh. X. Botelho. Ora, tendo estas visto a luz no 3º tomo, edição de 1804, é de crer que fossem escriptas em 1802 ou 1803. N'uma d'ellas diz Bocage:

Presa a tantos martyrios, a indigencia  
 Os apura, os irrita, os desespera.  
 É ella, caro amigo, é n'essa que Phebo  
 Quem me arranca do espirito enlutado

Tambem não hesitou em compôr, por dinheiro, insulsos elogios dramaticos, traducções de pobres originaes, e outras insignificantes obras avulsas. Promoveu beneficios em theatros, para seu proveito. N'essas occasiões fazia recitar ou recitava ás vezes um elogio á platéa, ou ao :

Congresso bemfeitor, por quem mil vezes  
Agros destinos meus se tornão doces.....

O metro carpidor em que a deploro  
Qual nas margens do Tibre ao Venusino.

Está no mesmo volume a epistola ao desembargador Cardoso, onde se queixa do mesmo mal :

Mas ah! Vincenio! se os haveres, o ouro,  
Puxando-nos á terra, origem sua  
O adejo á fantasia, ao genio promem,  
Obstaculo mais duro é a indigência.

Mas novos para ti não são meus amores.  
Já tens mais de uma vez amado a  
Meus agros, espinhosos dissabores;  
Já tens mais de uma vez salvado Elmano.

Já beneficencia em ti costume.  
Meu oppressa, infeliz, se acolhe a ella.  
Quem seus ais enfreou, seus ais enfreic.

Como Bocage avaliasse essas riquezas, vê-se n'uma epistola ao conde de S. Lourenço, escripta em 1801, exactamente no zenith da tal opulencia :

Se a beber novo brilho, idéas novas,  
Nas azas da saudade a ti não vôo,  
É qua ferreo dever, grilhão sagrado,  
No pobre, tosco alvergue me acantoão.  
Lucro mesquinho de vigílias duras,  
Patrimonio dos vates (e não sempre)  
Sentem meus dias, que parecem noites,  
E esteio aos dias são de irmã que torna  
Curte comigo tormentosos fados \*.

Eis-ahi os motivos que no animo nos actuação para continuarmos a não negar a Bocage a paternidade de uma producção que já anteriormente a nós lhe foi attribuida.

\* Este verso vem repetido n'outra parte.

e accrescentava :

Ó patria, que hoje em mim teus dons semeias,  
 Acolhe, escuta com silencio honroso  
 Os esforços de autor submisso e grato,  
 A quem renovão descahido alento  
 Louvor e amparo, de prodigios fonte.  
 Do publico favor medrando á sombra  
 O pio sentimento em mim se arraiga.  
 Immutavel comvosco, eterna, immensa,  
 A minha gratidão será meu fado.

Chegou a vender, ás vezes, os seus livros, havendo entretanto outros, seus mais caros companheiros, de que dizia que só com a vida poderia separar-se. O Sr. Varnhagen, nas eruditas notas á ultima edição do *Caramuru*, diz que Bocage, ainda pouco antes de fallecer, contava o poema de Durão como um dos livros mais queridos da sua minguada livraria.

Esta falta de recursos fazia com que o nosso poeta não só frequentemente mendigasse o sustento (como o prova quantidade de versos impressos, e de bilhetes e cartas autographas, que por mão de curiosos se conservão), mas consentisse em aceitar a hospitalidade de amigos, entre si disputavão o prazer de o receberem.

O autor do poema *Portugal vingado*, impresso no Rio em 1811, exprime-se assim, na dedicatória a frei José Mariano :

Ao vate desvalido a sorte escuda,  
 Qual já fizeste de Ulyssêa ao cysne,  
 Que até na morte, no sepulcro mesmo,  
 Foste anjo tutelar, ou foste um nume.

Qual és, qual foste, Europa, o globo o sabe.  
 Sinta Corino o que sentiu Bocage;  
 O que Europa escutou, Brasil escute.

Pertenceu pois, não ha negal-o, á raça aristocratico-mendiga dos vates famelicos!

Mas nem por isso venhão os estrangeiros apedrejar-nos pela miseria dos nossos Camões e Bocages.

Não nascêrão em Portugal os Gilbertos, os Chattertons, os Malfilâtres, e tantos outros, que litteralmente succumbirão á fome. Diz um Francez que isto nos desaira. Olhe lá pela sua terra.

Fancisco Villon, fundador, no seculo decimo-quinto, da poesia moderna, foi em tudo irmão da mesma confraria, e ainda com circumstancias aggravantes. Dizia este, no seu testamento :

Mais triste coeur, ventre affamé  
Qui n'est rassasié au tiers,  
Me oste des amoureux se tiers.  
Au fort, quelqu'un s'en récompense,  
Qui est remply sur les chantiers,  
Car de la panse vient la danse.

Amadis Jasmin, pedindo esmola a Carlos IX, com certa hombridade, como a do mendigo castelhano, que, por ser fidalgo, a pede de chapéo na cabeça, acabava assim um soneto :

Les poètes sont des grands rois neveux,  
Et si souvent ils vivent souffreteux,  
Ayant de l'eau pour unique héritage!

Faites connaître au moins à cette fois,  
En me donnant quelque bien en partage,  
Que vous pensez qu'ils sont parents des rois.

Rutébeuf compôz muitas producções analogas a um passo onde diz :

« Nem uma côdea para os dentes; nem uma acha para

fogo. Tusso de frio; bocejo de fome. Toda a minha mobilia empenhada... Desde a ruina de Troya, nunca houve outra mais completa do que a minha! »

Deixemos os estrangeiros, e reconheçamos que, de máos habitos dos tempos que lá vão, era este um.

Outr'ora timbrava-se na ignorancia, como hoje na sciencia.

« *N... que por ser fidalgo não sabe escrever.* » Então o talento era mercenario, e condemnava-se aos misteres mais vis. Entre nós verdadeiramente a dignidade do homem de letras é idéa pratica do presente seculo. Já se não comprehendem as farças em que o poeta era representado por uma figura transparente, esfaimada, de tabardo roto, e bolsos cheios de sonetos.

Deploravel disposiçõs do espirito humano! Volvem os seculos; e nos mais distantes lugares e tempos, e nas mais desproporcionadas idades da civilisação, apparecem genio e sciencia quasi constante apanagio ou das inferiores classes da sociedade, ou da penuria! Por alguns raros, que incita séde de fama e ardor estreme de gloria, innumeraveis deixarião nome obscuro, se precisões todas terrenas os não arrancassem ao ocio.

Contemplai o proprio Bocage, com a sua insaciavel cobiça de nome, com a sua espantosa facilidade, e achareis terem sido escriptas entre ferros, ou destinadas a produzir-lhe alguns cruzados, as producções em que mais se esmerou! achareis que assim se lhe devolvêrão oito lustros, assaz longos para lhe perpetuarem a memoria, mas que, aproveitados, o poderião ter levantado a altura inaccessible!

Mas tem a sociedade direito de exprobrar ao genio o voar quando ella lhe corta as azas? Quem deixa mor-

rer n'um hospital Camões e Santos e Silva, mendigar Tolentino e Bocage, perde todo o direito de censura, porque nem soube ser a sociedade christã, á qual o *Levitico* ordena que alguns restos se deixem *para os pobres* nos campos, nas arvores e nas vinhas. Pobres são estes, que opulentão de gloria as nações!

Tente o vate converter em metal os sublimes productos do seu estro e laboriosas vigílias para deleitação do mundo, verá regatearem-se-lhe os seitis! Tal foi a sorte de Bocage. Se os seus conferraneos lhe houvessem pago, ainda escassamente, a grande divida; se lhe houvessem proporcionado sequer o dia farto e a noite descansada; se o não tivessem reduzido a procurar o pão quotidiano para si e sua irmã; oh! então haverião apparecido, numerosas e esplendidas, essas *correctas e de vulto*, cuja falta hoje se lhe imputa.

## CAPITULO VIII

A officina chalcographica e a imprensa regia. — O Brasileiro padre-mestre frei José Mariano da Conceição Velloso. — Emprego de Bocage n'aquelle estabelecimento. — Principaes obras que Bocage então compôz. — É denunciado, em 1793, á inquisição, como pedreiro-livre.

Cumpre agora dizer qual foi a occupação a que Bocage mais se entregou por esses tempos, e de que maiores e mais bem grangeados creditos lhe advierão.

Entre os estabelecimentos que por fins do passado seculo, e após o impulso dado por Pombal ás sciencias e letras, rapidamente se em grandecêrão e aperfeioárão, sobresahe a famosa *Typographia*, conhecida pela *Officina*

do *Arco do Cego*, ou *Chalcographica*, ou *Typoplastica e Litteraria*, a qual depois veio a confundir-se na *Imprensa Regia*, sua herdeira. Hoje, esta repartição, com os admiráveis melhoramentos introduzidos de um quarto de seculo a esta parte pelos infatigáveis irmãos, o finado poeta José Frederico Pereira Marecos, e o benemerito conselheiro Firmo Pereira Marecos, occupa, na arte, um lugar que faz honra a Portugal. Se nos referirmos ao tempo em que funcionou a *Officina Chalcographica*, veremos tambem muitos de seus productos equiparaveis aos analogos em nações mais adiantadas.

Dirigia esta officina chalcographica o padre-mestre brasileiro frei José Mariano da Conceição Velloso, religioso Arrabido, da provincia do Rio de Janeiro.

Este incansavel moço pensionado pelo principe regente, distinguia-se por superior illustração. Dos annos de 1798 a 1806 (regressou ao Rio em 1807), são innumeraveis as obras, principalmente traduzidas, mas tambem originaes, que este litterato levou ao prelo em Lisboa, na maxima parte sobre agricultura, artes e sciencias naturaes.

D'entre as obras do padre Velloso merece mais particular menção uma *Flora Fluminense*, que o *Jornal de Coimbra*, de Fevereiro de 1812, annunciou estar no prelo e dever deitar onze volumes in-folio, com a analyse de mais de tres mil plantas, classificadas pelo systema de Linneo. Sobre esta obra gigantea, devemos ao Sr. Dr. A. J. de Mello Moraes informações que se fundem no seguinte.

Velloso nasceu em 1742 em S. José do Rio das Mortes, provincia de Minas, e fallecido no Rio a 11 ou 14 de Julho de 1811, acabou em 1798 a sua *Flora Fluminense*,

na qual teve por collaboradores F. M. da Silva Mello, J. Corrêa Rangel, J. Aniceto Rangel, J. F. Xavier, J. de Souza Marrecos, Firmino J. do Amaral, J. Gonçalves, e Antonio Alvares. Foi Velloso mui coadjuvado na sua empreza pelo illustrado Luiz de Vasconcellos e Souza, que tanto se empenhava pelo engrandecimento do Rio de Janeiro.

Como o padre Velloso superintendia o primeiro estabelecimento typographico de Lisboa, começou n'esta cidade a abrir as chapas necessarias para a obra, chegando a adiantar 554, que em 1808, no tempo dos Francezes, forão levadas por Geoffroy Saint-Hilaire.

Conservava-se porém na bibliotheca publica do Rio o manuscripto, que foi achado por frei Antonio da Arrabida. Examinado por este e pelo Dr. João da Silveira Caldeira, conheceu-se estar completo, quanto ás estampas, faltando algumas descripções; mas empenhou-se com o governo imperial, o qual mandou a obra para Paris, afim de se fazerem as lithographias na conceituada officina de Lasteyrie.

Era encarregado de negocios do Brasil em Paris o conhecido poeta Domingos Borges de Barros, visconde da Pedra Branca. Ordenou o governo do Sr. D. Pedro I a frei Antonio que se entendesse com o visconde, o que elle logo fez, commendando-lhe que sobre esta publicação se guardasse o maior segredo, e que ninguem, além dos confidentes, leigos na materia, visse as estampas do padre Velloso. Era Borges de Barros tambem botanico, achou dura e intempestiva a recommendação, e desobedeceu-lhe, pedindo a um amigo muito competente que examinasse os desenhos e sobre elles emitisse parecer. Consultado respondeu que a obra estava em geral boa,

mas tinha muita cousa superflua, que podia supprimir-se; que a vegetação se achava reproduzida sem necessidade, o que fazia parecer aquelle livro antes collecção de estudos do padre Velloso do que obra expurgada, limada, e prompta para impressão; e finalmente que se o padre visse, por modo nenhum consentiria que os seus estudos fossem publicados antes de definitivamente corrigidos. Borges de Barros passou então pelos olhos as estampas, e convencido da exacção do informe communicou a frei Antonio da Arrabida a sua opinião franca e leal. Em premio das suas diligencias, recebeu uma reprehensão formal, e novas ordens intimando o maior segredo, e apressando a publicação da *Flora* tal qual se achasse. Nomeou-se logo, entre outros empregados, a José Marcelino Gonçalves para thesoureiro e director da empresa.

Ajustou-se a obra, alugárão-se armazens, pôz-se tudo em movimento. Enquanto se apromptavão em Paris as estampas, frei Antonio mandava imprimir o texto na typographia nacional do Rio, em 1825. Despendêrão-se em Paris mais de dous milhões de francos, e vierão para o Rio 500 exemplares, ficando lá 1,500. Os 500 foram na sua maioria vendidos ao Dr. Capanema para papel de embrulho: outros apodrecêrão no saguão da secretaria da justiça; alguns derão-se a quem quer que os pedia; pouquissimos se archivárão na biblioteca publica. Os 1,500 que ficarão em Paris vendêrão-se para forro de barretinas ao chapelleiro do exercito francez.

Espantou-se pois o Sr. Dr. Mello Moraes, de ler no *Relatorio do ministerio da agricultura*, em 1864, o seguinte acerca d'esta *Flora*: « Esta obra, de incontestavel merito, acha-se em grande parte por imprimir, e a parte impressa é hoje tão rara, que não permite aos homens

da sciencia obterem facilmente um exemplar. Ponderando estas e outras considerações, dei as providencias para que se faça uma impressão de toda a obra, por conta do governo imperial. »

Eis o que era o padre Velloso. Comprehende-se que quem assim cultivava as letras, sentisse vivas sympathias para com os homens do officio, e se tornasse protector e amigo dos engenhos desvalidos. Se o principe regente o havia pensionado, suppunha elle ter obrigação de pensionar os outros.

Constando a Velloso a indigencia e o talento de Bocage, e com especialidade a sua singular distincção na arte difficil de transpôr as riquezas litterarias de um para outro idioma, propôz-lhe um contracto, que o nosso poeta aceitou, não obstante a insignificancia da remuneração de tão valiosos trabalhos. Devia ser o seu emprego rever acuradamente as provas de obras importantes, applicando as sobras do tempo a versões de bons autores ou composições originaes.

Foi João Nunes Esteves, a esse tempo conhecido de Velloso e Bocage, e guarda-livros da officina chalcographica, o que nos communicou estes pormenores. O salario de Bocage era de réis 24,000 mensaes; e a primeira edição das suas obras ou traducções, ricamente feita á custa da casa, e por ordem do principe, ficava propriedade da mesma casa.

Se estas sómente forão as relações entre ambos, mais nos parece Velloso o favorecido que o bemfeitor; e todavia a exaltada dedicatoria do drama *A virtude laureada*, impresso no anno da morte de Bocage, induz a crer que o seu amigo lhe era credor de muito maiores obsequios, como se deprehe de dos seguintes versos :

Em ti, constante, desvelado amigo,  
 Demando contra a sorte asylo e sombra,  
 Ó das musas fautor, de Flora alumno!  
 (Rasgado o véo da allegoria) estende  
 Ao metro, que desvale, a mão, que presta.  
 Se azas lhe deres, em suave adejo,  
 De Lysia ao seio, que a virtude amima,  
 D'ella cultores voaráo meus versos,  
 E o patrio, doce amor, ser-lhe-ha piedoso.

E entretanto, n'uma epistola ao conde de S. Lourenço, a que já atrás alludimos, deplora Bocage ver-se obrigado a consagrar o tempo aos misteres a que assim se ligára.

Áquelles ajustes litterarios com o padre Velloso somos devedores das obras de maior dimensão, que parece haverem sido limadas por Bocage com improbo trabalho.

Impressas na officina do Arco dô Cego, muitas em virtude d'aquelle contracto, ou sob a direcção de Velloso, ou por esses periodos, forão as traducções dos *Jardins*, das *Plantas*, do *Consortio das Flôres*, do *Canto de Tripoli*, do *Gil Braz*; e bem assim o tomo II das *Rimas*, a *Elegia a D. Rodrigo*, o *Elogio aos annos do principe*, o drama *Virtude laureada*.

Em maio pois de seus trabalhos se achava então Manoel Maria, quando sob os pés lhe rebentárão inesperadas as minas surdas que lhe urdio o fanatismo.

Um dia entrou na inquisição de Lisboa uma denuncia contra Bocage; era formula escripta que a opinião publica já de muito murmurava por portas travessas, sem ousar declarar-se; a mão que descerrou ao poeta os carceres do Rocio, foi a de uma mulher!

Tivemos occasião de examinar no real archivo da Torre do Tombo o asqueroso, mas importante documento, que bastou ao tribunal do santo officio para instauração de

processo contra um tal cidadão<sup>1</sup>; e ainda hoje não podemos dar conta do que nos assaltou ao contemplarmos aquellás regras miseraveis, rachiticas e foscas, com que uma beata obscura, ignorante e malevola, atassalhava a um tempo a orthographia, a calligraphia, a grammatica, o juizo publico, a igreja catholica, atassalhando ao mais assombroso genio poetico do seu tempo. O nome d'esta fanatica enredadora solapada, d'esta incorrigivel calumniadora da nossa augusta religião, conservou-se, para sua gloria, até nós; era Maria Theodora Severiana Lobo. Que terião (perguntamos) um com o outro o dia e a noite? a aguia e o verme? o genio, que tudo descortina, e a estupidéz, que nada enxerga? o sublime autor da *Nereida*, e a sua bastarda denunciadora? quem ensinára á venenosa tarantula fiandeira a urdir a teia informe onde havia de enleiar-se a formosa borboleta arcadica? Não o sabemos. O que nos cumpre é registrar n'este cartorio bocagiano a façanhuda pagina com que a estrige pretendeu conspurcar o rouxinol. Entre pois em scena a Sra. Maria Theodora. A sua denuncia diz assim<sup>2</sup>:

« Eu Maria Theodora Severiana Lobo, filha de Roque Ferreira Lobo morador na rua da era fr. de S<sup>ta</sup> Catarina da cidade de Lisboa, atendendo ao preceito e obrigação que impoem o Tribunal do S. Officio aos que souberem alguma das coisas conteudas nos interrogatorios do Edital do dito S. Tribunal; declara que ouviu diser a Manuel

<sup>1</sup> Todos os documentos relativos a isto forão pelo Sr. Innocencio F. da Silva descobertos na Torre do Tombo entre os papeis da inquisição para alli mandados em 1821.

<sup>2</sup> A orthographia vai intacta; ha quasi asco em pôr mão em tão immundo documento.

Maria de Barboza do Bocage, que elle, e Jozé Maria de Oliveira e hum fulano do qual não sei o nome, mas sei que he filho de Matias Jozé de Castro, o qual, puzo dizer que he Cristão novo, que todos os tres referidos, Bocage, Oliveira e Castro, do qual não sei nome proprio erão pedreiros livres; e ainda que o dito sujeito o dice de bato de segredo, ella o denuncia ao S. Tribunal, obedecendo a seus preceitos. — MARIA THEODORA SEVERIANA LOBO. »

« P. S. — Declaro que sou Filha do Admenistrador do Correio do Reino, e que os sobreditos morão M.<sup>o</sup> M.<sup>o</sup> num beco que esta na rua fermosa, Jozé M.<sup>o</sup> dentro do Correio, do qual he escriptuario, não sei bem a freguesia, mas parece me que he das merces, e o dito Capitão Castro na traveça da Condeça do rio, e tão-bem não sei de certo de que fr. he, mas parece me que he S.<sup>ia</sup> Catarina tão-bem declaro que o dito M.<sup>o</sup> M.<sup>o</sup> não sei que tenha occupação, e creio que vive das suas obras em verço, não sei se tão-bem em prosa. »

Agora, o proprio santo officio que responda por boca dos seus ministros. Dá-se seguimento ao processo; a Sra. Maria Theodora exulta no fundo do seu mestiço coração, e entrevê para gloria de Deos acender-se de longe o auto-dá-fé.

O officio que em seguida estampamos é a recommendação estreita que ao padre José dos Reis Marques dirigem tres inquisidores. Eil-o :

« Tendo Maria Theodora Severiana Lobo Ferreira dirigido á mesa do santo officio d'esta inquisição a representação inclusa, se faz presença bem de causa que corre

n'este tribunal, e da justiça do mesmo, attendendo ao estado da declarante e o ser filha familia, que por isso deferimos de ser por ora perguntada judicialmente, que Vm., vendo que a mesma expõe a sobredita denuncia na primeira occasião que ella se fôr confessar, lhe peça licença para fóra da confissão tratar com a mesma sobre os objectos da denuncia que deu ao santo officio, segurando-a que póde livremente expressar e declarar tudo que souber a respeito dos particulares da tal denuncia, e sem o menor receio que perigue levemente o seu credito e reputação, nem offender as leis da santa religião e da mais pura christandade, antes que este é meio unico de acabar de sanar sobre este negocio a sua consciencia. E logo no confessorario, ou em outro lugar, com toda a cautela, discrição e segredo, que muito lhe encarregamos, de nossa ordem e autoridade se' informará da dita Maria Theodora sobre as circumstancias seguintes. Quanto tempo ha que ella ouviu dizer o que tem declarado, por que occasião e motivos entrárão os tres sujeitos mencionados na dita denuncia, a tratar na presença d'ella declarante sobre materias tão improprias e incompetentes ao seu sexo, e á profissão dos mesmos sujeitos; se estes lhe persuadião alguma doutrina que competisse particularmente á sociedade de que elles se dizião socios, ou se disputavão entre si approvando as vantagens da mesma sociedade, abonando as suas doutrinas, e sustentando ser ella licita e boa; se sabe que elles se ajuntem e formem assembléas particulares para tratarem dos negocios da tal sociedade, onde as fação, se são em dias certos, e quaes sejam estes; se mostrárão algumas insignias ou cousas que sejam privativas para se darem a conhecer por membros da mesma sociedade, e mostrar

as prerogativas d'ella. E ultimamente a advertirá que pôde, e deve declarar tudo que souber relativo aos objectos acima referidos. E havendo Vm. prosseguido n'esta averiguação, com toda a prudencia e disfarce, nos dará uma individual informação do que alcançar, lançando-a por escripto no reverso d'esta, e a fará entregar n'esta mesa com a mesma denuncia. Confiamos que tudo execute na fôrma recommendada, não só pelo zelo que deve ter pelo serviço de Deos Nosso Senhor, mas tambem pelo que interessa a justiça do santo officio e o serviço do principe nosso senhor, avisando-nos de assim o haver cumprido em resposta sua. Deos Nosso Senhor guarde a Vm. — Lisboa, no santo officio em mesa, 23 de Novembro de 1802. — MANOEL ESTANISLAO FRAGOSO. — FRANCISCO XAVIER DE OLIVEIRA DE MATTOS. — ANTONIO VELHO DA COSTA »

Entra de novo a Sra. Maria Theodora. Eis a consulta que ao tribunal faz subir o padre interrogador sobre os depoimentos da fanatica :

« Em observancia d'esta ordem do santo tribunal, declaro que tive licença da sobredita denunciante Maria Theodora para tratar e averiguar fóra da confissão o que pertencia a sua denuncia, e para dar parte ao santo tribunal do que fosse preciso a este respeito, e sem que eu lhe dêsse parte de que sabia de antes da sua denuncia, declarou em tudo conforme como n'ella se contém; demais, disse que não estava certa no tempo em que o tal Bocage lhe tinha dito, mas que estava certa que tinha sido depois da quaresma de 1802 em casa de uns vizinhos da sua escada d'ella denunciante, e onde elle e o tal José Maria tambem algumas vezes iam de visita; e disse

mais que na mesma casa achando-se ella presente, em que estavam o dito Bocage e o dito José Maria, o tal José Maria desenhára em cima de uma banca um triangulo, e em um angulo d'elle um olho, e dentro d'elle o sol, a lua, e algumas estrellas, e duas mãos dadas, e que dissera se havia céo n'este mundo era aquelle; e chamando o tal Bocage para ver, elle se escusou, que não gostava de desenhos, mas instando o dito José Maria veio com effeito ver, e disse que d'aquelle que gostava, e apagou-o logo porque não viesse alguem que entendesse, o que fez suspeitar á dita denunciante se um sujeito da dita casa escrivão do crime da côrte, e casa, chamado Joaquim Manoel<sup>1</sup>, seria tambem da mesma sociedade, visto que não escondião isto d'elle, e que se tratavão por manos, que segundo lhe contou, dito, era costume nos da sociedade; e que não estava certa no dia em que isto succedeu, mas que fora depois do meado d'este Março passado; e que o tal Bocage quando lhe declarou as cousas não lhe declarou o lugar nem o tempo das suas assembléas, mas sim que a tal sociedade tinha muitos socios, tanto n'este reino como em outros, e que se communicavão, e que tinham muitas vantagens, que se ajudavão uns aos outros, e que tinham varios signaes com que se entendião, mas que ella os não sabia, e que nunca a persuadirão a cousa alguma pertencente á dita sociedade; e que além d'isto que tem declarado, nunca lhe observou cousa que conhecesse ser opposta á religião. Esta é a informação que achei, que fielmente sujeito ao santo tribunal. — Lisboa, 28 de Abril de 1803. — O padre JOSÉ DOS REIS MARQUES. »

<sup>1</sup> Este Joaquim Manoel era Joaquim Manoel de Moura Leitão, morador na rua da Atalaia. (Almanak de 1803, pag. 220.)

Veio Deos em auxilio a quem, acoimado de impio, ar-  
dêra sempre na mais verdadeira e santa piedade. O pro-  
cesso não foi avante : ou porque os motivos allegados  
pela intrigante não parecessem bastantes ao santo offi-  
cio; ou porque amigos do poeta lograssem intervir na  
decisão do tribunal; ou porque o tribunal antevisse  
longe que as éras da summa libertação (e, por desven-  
tura, da licença tambem) se approximavão.

Em mais de dous annos que Bocage ainda viveu, nunca  
mais se lhe bulio; deixárão-o poetar á vontade, tanger a  
lyra de ouro e immortalisar-se; nem parece que as Marias  
Theodoras se atrevessem mais a levantar a voz contra o  
descomprehendido e indomito cantor.

## CAPITULO IX

Constituição e máos habitos de Bocage. — Sua ultima residencia. — Deo-  
envolve-se-lhe o aneurisma. — Sensação geral do publico. —  
que então compôs. — Adeos. — Anecdota reveladora do estado  
sua alma. — José Pedro da Silva mendigando para Bocage. — José  
Agostinho de Macedo classificando José Pedro. — O Agulheiro dos sabios.  
— Publicação dos *Improvisos*. — Versos a amigos. — A Nelson. — Os  
seus ultimos amores. — O curandeiro. — Sentença de um medico. —  
Bocage fulminado. — Morre de terror. — Retrato do poeta, feito nos  
seus ultimos instantes. — Suffragios. — Sepultura. — Versos recitados por  
Torresão ao baixar o feretro á cova. — Os despojos mortaes de tão  
grande homem confundidos e perdidos para sempre. — Ultimo soneto de  
Bocage. — Soneto composto por um amigo durante a agonia de Elma-  
no. — Epicedio por Filinto. — Lapida assente em Setubal na casa do  
nascimento do nosso poeta. — Projecta-se-lhe uma estatua de bronze.

Et mon hiver s'est approché,  
Quand mon printemps s'écoule à peine.  
MILLÉVOT.

Somos chegados ao cume da vida d'este homem tão  
notavel, cuja fama no seu tempo igualou a dos mais fa-

vorecidos. Temol-o idolatrado de uma sociedade numerosa, e avida de versos, ouvida e festejada a sua voz, acatado em todo o reino o dom divino com que, a exemplo de Orphêo, maravilhava e concitava as turbas, e vai, não obstante, e na curta idade dos seus quarenta annos, trancar-se-nos entre as mãos o estame de uma tal existencia.

Corria o anno de 1805. Da casa do conselheiro José de Andrade de Carvalho mudára-se Bocage para uma casinhola na travessa de André Valente n° 11, terceiro andar (hoje n° 25). A irmã fiel, a sua Antigone, ainda o não desamparou, nem desampara; caminha com elle até o fim; admirou-o nos dias da gloria, estremece-o nos dias do infortunio.

Na pobre habitação do poeta solução cada dia tristezas muito amargas; allucinada a irmã percebe a passo e passo o caminhar da doença que tem de arrebatá-lhe o companheiro; Bocage de dia a dia se vai definhando; os amigos, os admiradores, encarão a esta desgraça tremenda, e nem poderão crer ainda!

Era debil e doentia a compleição do poeta; fraco de membros, pallido e mortiço de côr, dir-se-hia que o estro que o devorava lhe sugava toda a seiva da amargurada existencia. Alanceavão-o habitualmente dôres incomportáveis; diz-nol-o elle proprio :

Ferem-me os cem punhaes do rheumatismo:

e frequentes vezes esteve nas ultimas. Da grave enfermidade, em que perigou na India, já fallámos. Não raro acerta de queixar-se Bocage de pessima saude: e, cousa digna de attenção! aquelle, a quem alcunhão de impio, nunca viu acercar-se-lhe a morte, sem que, cheio de con-

trição, invocasse o auxilio divino. Na enfermidade que o acommetteu, pouco depois da sua chegada da Índia, compôz elle o seguinte soneto :

Pouco a pouco lethifera doença  
Dirige para mim tremulos passos.  
Eis seus cahidos, micilentos braços ;  
Eis a sua terrifica presença.

Virá pronunciar fatal sentença,  
Em meu rosto cravando os olhos baços?  
Virá romper-me á vida os tennes laços  
A fouce, contra quem não ha defenza?

Oh! sim, deidade horrenda, irmã da morte!  
Vem, que esta alma, avezada a mil conflictos,  
Não se assombra do teu, bem que mais forte.

Mas ah! mandando ao céu meus ais contritos,  
Espero que, primeiro que o teu córte,  
Me acabe viva dôr dos meus delictos.

De Bocage, como já de Anacreonte e de Horacio, de Béranger, se sabe, que nunca já morreu, despeito do que rosnão praguejamos, deixou cahir semi-morto nos braços da desregrada embriaguez; mas o que é certo, e nos affirmarão testemunhas, é que damnificava usualmente o estomago pelo continuo e quasi exclusivo uso de certas bebidas espirituosas e estimulantes, como ponche e genebra, e o peito pelo abuso incalculado do fumo. Esse desregramento, a sua constituição invalida, as privações, fadigas e peregrinações por climas inhospitos, mas sobretudo abalos moraes de todo o genero, forão minando e alluindo tão estafada saude, e precipitando-lhe o termo.

N'esta casa da travessa de André Valente, para onde vos apontamos, exacerbou-se-lhe a molestia; baqueou a grande arvore, exhausta do succo da vida, e o pobre can-

tor nem suspeita sequer que já o está abraçando o anjo da morte. Aos incommodos habituaes do doente accresceu um mal horrivel, de que não ha esperança: uma dilatação da carotida interna, proxima ao ponto da primeira bifurcação da carotida primitiva, do lado direito, convertida rapido em aneurisma. Assim lamenta Bocage a sua triste sorte na ode a Pato Moniz:

Elmano, do que ha sido  
Qual no gesto desdiz, desdiz na mente.  
Diastole tardia  
Já da fonte vital me esparge a custo  
O limo circulante.

Chorão os amigos; não-se os recursos e posses da sciencia; debalde ahi se fina a olhos visto o homem que poucas semanas antes ainda era um luzeiro.

Passou a primavera, com a sua arrebatada de flôres e esperanças! passou todo o verão, com os seus dias calmosos e creadores! sahio o pallido outomno, com a sua physionomia suave e melancolica! entrou o inverno emfim; o inverno carrancudo, desconsolado e aspero, como um adeos de lagrimas!

Durando toda essa longa e penosa quadra, houvera principe mundano sabido inspirar sympathias profundas como este principe de poetas. Á mesquinha porta do quasi mendigo batião de minuto a minuto, inquirindo, com lagrimas na voz, os progressos da enfermidade, admiradores, amigos, desconhecidos, anniversarios. Lá em cima, junto ao leito da dôr velava sempre não só a inconsolavel irmã, dentro em pouco orphanada de segundo pai n'este irmão querido, mas a coorte sagrada e constante dos amigos. Vêde, vêde quem se apparece n'esta

pobre camara nua e desconchegada; são : Cardoso, Morgado de Assentiz; Macedo; o illustre Bingre; D. Gastão da Camara; Paz; Maneschi; Almeida; o insigne e melodioso Pato Moniz; o laborioso Costa e Silva; Vianna; o sabio Velloso; Blancheville; Santos e Silva, patricio do poeta moribundo; Torres; Soares; Sampaio, depois visconde de Laborim; e outros mais, de renome litterario, não menor; os amigos de infancia, os companheiros dos trabalhos, os irmãos na gloria, os discipulos, os entusiastas, todõs alli concorrerão espontaneos, a prestar digno preito ao genio, a orar em côro unisono junto áquelle grabato illustre, como n'um templo.

Passão os dias; passão as noites; a solidoria casinhola nunca se vio tão perfumada e aconchegada de hemquerenças; uns após outros os devotos amigos, como vesperas aguçosas, por que se lhes não apague nem o amor do sacro, que os desvela, e a desatina, se alternam, junto ao enfermo. Passão os longos dias, e nem um raio se melhora; passão as tristes das noites cortadas de dôr, e nem um suspiro, nem um irreligioso se escuta ao moribundo. Como foi em vida, assim é nas portas da morte: poeta sempre.

Pobre poeta! No meio das suas angustias, procura pagar desvelos, e retribuir em verso os versos que inspira; improvisa; devaneia com a lyra cheia de unção e tristeza resignada, já porém desornada d'aquelles esplendentes e fulgidos movimentos em que outr'ora consistia o seu triumpho; é o sol no occaso: grande, immenso ainda. Bocage é sempre Bocage.

Chegado aos marcos da eternidade, não tremeu; antes soube, com olhos já não mortaes, deysassar as regiões sem fim, alimentar-se poetica e profundamente do mais sublime arcanjo, e em hymnos de inesgotavel formosura,

proximo a subir á morada dos anjos, decantar em lingua de anjo.

São admiraveis paginas, que por si sós tornarião immarcescivel a gloria de um poeta, alguns dos sonetos que então compôz; por exemplo :

Não mais, ó Tejo meu, formoso e brando,  
 Á margem, fertil de gentis verdores,  
 Terás d'alta Ulysséa um dos cantores,  
 Suspiros no aureo metro modulando.

Rindo não mais verás, não mais brincando  
 Por entre as nymphas, e por entre as flôres,  
 O côro divinal dos nús amores,  
 Os zephyros azues o affavel bando.

Co'a fronte já sem myrto, e já sem louro,  
 O arrebatada de roço a mão da sorte  
 A alma salutar, e á margem de ouro.

Eil-o em fragas de horror, sem luz, sem noite;  
 Sós d'aqui, d'alli, piado agouro:  
 Sois vós, desterro eterno, ermos da morte!

Nestereos dias, que sonhava Elmano,  
 Brilhantes de almos gostos, de aurea sorte,  
 Pomposa fantasia, audaz transporte,  
 As azas cerceai do orgulho insano.

Plano de um nume contradiz meu plano,  
 E quer que se esvaeça, e quer que aborte:  
 Eis, eis palpita, precursor da morte,  
 No tumido aneurisma o desengano.

Adeos, ó genios que Ulysséa admira:  
 (Cantor que honrastes, honrareis, cantores)  
 Versos, prantos lhe dai, que Elmano expira.

Deixai-lhe a cinza em paz, fataes amores

E vós, do extincta vate a campa e lyra,  
Virtudes, que exaltou, cobri de flôres.

---

Se o Grande, o que nos orbes diamantinos  
Tem curvos a seus pés dos reis os fados,  
Novamente me der ver animados  
De modesta ventura os meus destinos;

Se acordarem na lyra os sons divinos,  
Que dormem (já da gloria não lembrados)  
Ao côro ethereo, candidos e alados,  
Honrar com elle um Deos ireis, meus hymnos.

Mas, da humana carreira inda no meio,  
Se a debil flôr vital sentir murchada  
Por lei que envolta na existencia veio;

Co'a mente pelos céos toda espaiada,  
Direi, de eternidade ufano e cheio:  
« Adeos, ó mundo! ó natureza! ó nada!

---

Meu ser evaporei na lida insana  
Do tropel de paixões que me arrastava:  
Ah! cego eu cria, ah! misero eu sonhava  
Em mim, quasi immortal, a essencia humana:

De que innumerados soes a mente ufana  
A existencia fallaz me não dourava!  
Mas eis succumbe a natureza escrava,  
Ao mal, que a vida em sua origem damna.

Prazeres, socios meus, e meus tyrannos,  
Esta alma, que sedenta em si não coube,  
No abysmo vos sumfo dos desenganos.

Deos... ó Deos! quando a morte a luz me roube,  
Ganhe um momento o que perdêrão annos,  
Saiba morrer o que viver não soube.

---

Se na que, morna e lugubre, murmura,  
 Corrente averna, como as sombras densa,  
 Der quéda enorme a soffrega doença  
 Que á vida quer sorver-me a fonte impura!

De eleitos vegetaes sagaz mistura  
 Não foi rígido estorvo á morte infensa :  
 Só póde aos olhos meus virtude immensa  
 A do horror ferrolhar morada escura.

Arde, ó estro! Fulmina o monstro humano,  
 Que origem vil a si chamar presume,  
 E á causa divinal repugna, insano.

Salve, principio d'alma, ethereo lume!...  
 Se um Deos não fôra, que seria Elmano!  
 E que vate porque existe o nume.

Não multiplicaremos transcripções. Ao admirardes essas linhas, não estais vós lendo n'aquella alma? Não é para estes hymnos, para estas palavras de uncção, que foi traçado o *Sursum corda*?

Arranquemo-nos porém ás reflexões que na mente nos tumultuão, e continuemos a historia de Bocage, n'esta funebre quadra.

Exacerbára-se-lhe o genio irascível, como uma anecdota o mostrará. Contou-nos o visconde de Laborim, que tendo-o visitado poucos dias antes da sua morte, só dialogarão palavras de religião e fé. Alumiavão apenas o escuro quarto as velas de um oratorio, armadõ aos pés do leito. Querendo o amigo ler-lhe a conhecida ode, que em seu louvor compuzera :

Se póde um mocho piador nas selvas.....

lançou mão de uma das velas do oratorio. Ao ver aquelle movimento, Bocage, que até alli parecêra prostrado, ergue-se a subitas, tenta debalde ajoelhar, e tendo bra-

dado, com voz de Stentor, contra o *impio*, o *perverso*, o *athêo*, que assim vilipendiava os symbolos da crença, dirige-se fervorosamente a Deos, como despindo-se da responsabilidade de um attentado nefando!

Tudo, n'aquella ardente imaginação, produzia impressão medonha. Aos 28 de Março de 1805 falleceu, no mesmo predio onde Bocage agonisava, uma sua sobrinha, de cinco annos; celebrou elle essa morte em duas quadras, que improvisou :

Trocando amargas horas  
Por doce eternidade,  
Gemeu co'a natureza,  
Folga co'a Divindade.

O que é nos céos contemplo,  
Contemplo o que era aqui.  
Gemi... porque gemia!  
Rio... porque ella ri!

Pareção annunciou que lhe mandava o céu. Com pouco intervallo se finou tambem na mesma propriedade um homem de sessenta annos, e uma menina de dezoito; como estes golpes repetidos o impressionarão, manifesta-o o espavorido soneto que por então escreveu :

No abysmo tragador da humanidade  
(D'ella, d'ella não só, de quanto existe)  
Co'a mesma rapidez, Elmano, ah! viste  
Sumir-se a florecente e a murcha idade!

Olha em muros, que este a escuridade,  
Olha a côr de teu fim, a côr mais triste!  
Talvez (e agora, agora!) elle te aliste  
No volume em que lê a eternidade!

Ó tochas funeraes! Clarão medonho!  
Da morte, ó mudas, solitarias scenas!  
Em vós atropiado os olhos ponho!...

Ah! porque tremes, louco? Ah! porque penas?  
 Sonhas n'um ermo, e surgirás do sonho  
 Em climas de ouro, em regiões amenas.

Quão religiosa e contrita se ia esvaindo aquella alma  
 purissima! Escutai-o murmurar :

Já debil, tibio já, meu estro adeja,  
 E entenebrece a mente, e põe-lhe espanto  
 A morte, que no peito me rouqueja.

Esta melancolia amarga que ás vezes o pungia, disfarçava-a outras vezes. O genio galhofeiro, que nem a defecada mão da enfermidade conseguira demudar-lhe. Eis-aqui uma d'essas raras estrellas que somem no tenebroso céo d'aquella vida erma :

Chalaca minha, que chibavas tanto  
 Na sucia dos tafues! és uma feia.  
 Deixas-me andar talvez por lingua alheia,  
 Ou lá não sei por onde, e eu cá n'um canto!

Vem para casa, vem, que me ataranto  
 Sem te ver ao jantar, sem ver-te á ceia.  
 Da merma historia minha urdindo a teia  
 Dê-se a folgado o que se deve ao pranto.

Contem-se o vai melhor<sup>mo</sup> e o não é nada;  
 Seccos bons dias da hyperborea mana,  
 E a roda viva da vivaz criada.

Amolleça-se o fel da vida humana,  
 Até que a morte, de broquel e espada,  
 Nos leve á cortezia até Panfana.

Muitos o soccorrêrão; mas era a molestia dispendiosa,  
 e cahira o poeta na pobre barra sem possuir com que  
 mercar o medicamento d'aquelle dia. Cumpre aqui dar

algum relevo ao nobre procedimento de um homem do povo, tanto mais merecedor de ver seu nome exaltado, quanto mais singelos e desinteressados forão seus actos.

José Pedro da Silva, homem sem instrucção, mas de coração angelico, timbrava em proteger muitos homens illustres do seu tempo, para os quaes tinha sempre bolsa franca. Desde os fins do seculo passado, teve a honra de ver, durante vinte annos, a sua casa o quasi domicilio de todos os talentos, e ponto de reunião de uma sociedade escolhida, sanctuario de espirito e de gosto. A loja de bebidas de José Pedro, ao Rocio, tinha uma casita, ao rez da rua, onde nem um só dia deixava de ir Bocage, a qual era geralmente designada pela honrosa alcunha de *Agulheiro dos Sabios*. E como qualificava esta reunião a viperina lingua de José Agostinho de Macedo? O prologo do *Poema dos Burros* nol-o dirá :

« O espirito da Asneira preparou, no centro de Lisboa, um domicilio, onde quiz levantar o throno e dilatar o imperio dos sandêos. Uma fatal força centripeta para alli puxa os mais asneirões de todas as classes; e d'alli, assim como do club dos jacobinos de Paris se prepararão e dirigirão todos os golpes contra todos os governos que não fossem revolucionarios, se dirigirão todos os golpes, todos os tiros, todos os ataques contra o imperio da razão, do gosto, da critica, da poesia e da prosa, em que reluzisse um vislumbre do siso commum. Fallo de um botequim, ou café de um José Pedro da Silva, no Rocio de Lisboa, *sanctuario* conhecido, não só aos vagabundos de Lisboa, mas aos estupidos e alarves provincianos, que se persuadem figurar no mundo, quando, entre calotes, apparecem seis mezes no immundo e sebento theatro de uma estalagem, onde, entrarão com reposteiro á porta, e

são em embrulhados na manta que d'ella furtão. Uma necessidade fatal, que nos arrasta n'este seculo para o cahos da ignorancia, desde a desgraçada installação d'este botequim, fez alli presidir a Asneira, desde que o orate Bocage, levantado de motu proprio e poder absoluto em sultão do Parnaso portuguez, alli começou a beber e a gritar. Alguma cousa se susteve ainda a razão, nos dias d'este mentecapto; mas erão já muito poucos os effeitos da sua resistencia, etc., etc. »

O mesmo J. A. de Macedo pôz ao pobre homem a alcunha, pela qual até a morte foi conhecido, de José Pedro das *Luminarias*. Eis o que deu lugar a esta graça.

No dia 16 de Abril de 1811, celebrando-se em Lisboa a expulsão dos exercitos francezes, José Pedro mandou armar na frente do seu botequim no Rocio uma brilhante illuminação, com innumeraveis luzes, quadros allegoricos, arcos, flôres, etc. N'um quadro, por exemplo, estava Wellington coroado pela fama, levado á immortalidade, e este verso:

Valês em Lysia, quanto Fabio em Roma

e uma porção de quartetos.

Tendo nós, em 1847, consultado este bom José Pedro, a tempo em que era chefe de continuos na camara dos deputados, narrou-nos, com a modesta singeleza, apanagio da verdadeira beneficencia, o modo como occorreu ás necessidades do seu pobre invalido. É elle quem dicta o que em seguida transcrevemos :

« Desde o dia em que Bocage adoeceu, não lhe desamparei o leito, visitando-o todas as tardes, e a final permanecendo ao seu lado quasi sempre. No progresso da

BOCAGE.

molestia, incommodado de observar tamanha indigência, e notando que todos os amigos lhe dirigião produções, a que geralmente respondia com bons sonetos, disse-lhe eu :

« — Ó senhor Bocage, dá-me estes versos dos ultimos dias?

« Não m'os recusou, e sahi logo de sua casa para a imprensa rega, a dar ao prelo a colleção que corre com o titulo : *Improvisos de Bocage, na sua mui perigosa enfermidade, dedicados a seus bons amigos*. Passados tres dias, andava eu por toda Lisboa, pedindo a quantos encontrava um cruzado novo, por cada folheto, para Bocage. No primeiro dia, passei 112, no segundo 64, e assim seguidamente; o que de dia chegava a colher, na mesma noite lhe entregava. Depois obriguei-o a incluir exemplares a muitas pessoas ricas, em cartas do seu proprio punho, que tinham geralmente em resposta, dez, vinte mil réis e mais; de forma que, não só até á morte subsistio d'esses recursos, mas ainda durante annos viveu d'elles sua irmã; e declarava Bocage que nunca em sua vida vira tanto dinheiro junto. »

No dia em que Bocage recebeu a primeira remessa, mandou a José Pedro o seguinte soneto :

Jasino amavel, que zeloso em grossas  
Bens que mesquinho Apollo aos seus permite;  
Que os, não longe talvez do ermo limite,  
Agros meus dias compo adocças;

Do honroso' plectro meu com jus te apossas :  
Folga! Os fados me dão que a sombra evita  
Em que altas famas some o negro Il.  
E, a que ás torres fatal é como ás chobças.

Debêa prepotencia os tempos doma.

LIVRARIA CLASSICA.

Com teu nome, por mim, que cinjo o louro,  
Alvo padrão na eternidade assomado.

D'est'arte, abrindo o genio o seu thesouro,  
Out'ara n'alta Grecia e n'alta Roma,  
Pagava em metrô o que devia em ouro.

Com effeito, todos os poetas e versejadores do seu tempo lhe dirigirão então poesias, e encarnicados inimigos com elle se reconciliarão. Doeui-me porém na alma não receber iguaes provas de sympathia de Pimentel Maldonado, e de Ferraz de Campos, como o revelou n'este soneto.

Melibéo me cantou, cantou-me Oleno,  
Nomes que vái dourando á fama o gyro.  
Gloria Amphriso me deu, me deu Belmiro,  
Olivo me cantou com metro ameno.

Solo do vil, miserrimo terreno,  
Aos astros fui nos extases de Elmiro.  
Por mim de Tempe o florido retrô  
Teus sons ouviu, Pierio; os teus, Almeno.

Junto a Phebo, ou a si, me pôz Tomino  
E outros... Das entre o numero inspirado  
Não tive Ismeno (oh dô), não tive Alcino!

Jaz mudo aquelle (e não me ignoro, o fado);  
Este, absorto em seu prospero destino,  
Se esquece de que Elmeno é desgraçado.

Parece porém que Maldonado se lhe chegou depois, e ainda a todos fez Bocage esta despedida :

Caro a Phebo, a Philinto, a Lysia, á Fama,  
Na lacia fonte e argiva immerso Alfeno;  
Pelas deusas irmãs fadado Ismeno,  
Em que é numen razão, verdade é haunna;

Canoro Melibéo, por quem derrama  
 Inveja e gloria o nectar e o veneno;  
 Philosopho cantor, meu doce Oleno,  
 Doce ao socio infeliz, que em ais te chama:

Elmiro, que de Sophia o gran thesouro  
 Revolves, possessor, com mão suprema,  
 E outros, que o Tejo honrais, o Vouga e o Douro:

Dai-me que o Lethes sorvedor não tema;  
 Por vós comprado ao tempo em versos d'ouro,  
 Cysne talvez que sóe a hora extrema.

Entre as poesias que então elegantemente dirigio  
 aos seus mais particulares amigos, figura este soneto:

Terno Paç, bom Maneschi, Aurelio caro,  
 Alvares extremo, Almeida humano,  
 Ferrão prestante, valedor Montano,  
 Moniz, que extrahes teu nome ao tempo avaro:

Freire, Vianna, Blanchville, ó raro,  
 Moral thesouro, que possui Elmano;  
 Socio de Flora; e tu de som thebano  
 Ó cysne! E tu, Cardôso, em letras claro.

Monumento honrador da humanidade,  
 (Se o fado me sumir da morte no termo)  
 Graças vos deixa cordial laudade.

Ireis nos versos meus do globo ao termo,  
 Por serdes, com benefica piedade,  
 Nuncios, nuncios de um deus ao vale eterno.

De vez em quanto compoza Bocage, por distracção,  
 poesias a objectos estranhos. Pouco mais de um mez antes  
 de sua morte, pagou Nelson com a existencia a esplên-  
 dida batalha de Trafalgar, ganha sobre as esquadras hes-  
 panhola e franceza unidas, o que inspirou ao cysne mo-  
 ribundo este soneto:

Preavendo os vaivees da instavel morte,  
E do britanno heroe zelando a gloria,  
Sem hesitação, sem desar d'al-o a memoria  
Pelas ondas fataes jurou a morte.

Nelson! raio do sul! raio do norte,  
Queres na lide ao Gallo a ovante historia,  
Do horror a par de ti surge a victoria,  
E louras immortaes te cinge a morte.

Não com dôr, não com ais, o Thrace n'ume  
No thoro funeral te vê lançado,  
Em teus olhos extincto o parcio lume.

(diz fo... Olympo, alumno amado!  
O... que em si foi teu costume:  
Do... era teu costume eu fiz teu fado.

Tendo-se então espalhado que Nelson havia sido assassinado por um missioneiro francez, eis como Bocage qualificou este acto

O instrumento brutal da acção mais crua,  
Que em sangue o louro a Nelson purpureia:  
« C'rou... gloria, ó gloria » (audaz vozcia,  
Desfeito a golpes mil, já sombra nua).

Primeiro a deusa attenta recua,  
Assim depois o espectro sentençaia:  
« Em caracter sanguineo o mundo leia  
« Do mundo nos annaes a historia tua:

« Em ti um monstro mais o Averno alcança,  
« De herde... o fero algoz » (diz co'um gemido),  
E o lemur... ao ás furias lança!

Cahe nos infernos com feroz bramido.  
Eis sobre elle sacode Alecto a trahça  
E de aspides sem conto eil-o mordido.

Este momentoso assumpto lhe inspirou ainda os seguintes sonetos:

De peito impenetravel sempre ao susto,  
Ledo entre as ondas, e fútil no p'cho,  
Ó França, teu magnimo inimigo,  
Por timbre teu não triumphou sem custo.

Ardendo em gloria o coração robusto  
Onde teve o trophéo teve o jazigo.  
Nelson venceu... venceu por uso antigo  
Mas da victoria foi desconto injusto.

Bem que a gente a Gallia em rubro lago  
(Domando a morte quem seus brios doma)  
Crê reparar com isto immenso estrago!

Ah! d'onde um Nelson cabe, lá Nero assoma  
Assim, de heróes privando-te o seio  
Heróes ferirão no teu seio, o Roma.

Mãe de chefes heróes, de heróes a mãe dos,  
A Gallia herdou de Roma o gemer a sorte;  
Seus filhos no igneo jogo de Marte  
Virão marcios letes tremer curvados.

Mas alta lei dos penetraes sagrados  
Baixou, que o fatal impeto reportou  
Fervendo em raios no oceano a morte,  
Te obedece, ó Britannia, ao mando, aos fados.

No continente o Gallo é o deo da guerra;  
O Anglo audaz sobre o pelago iracundo,  
Da victoria os pendões, troando, aferta...

Ah! nutirão sempre assim ranco, profundo.  
Um triumpho no mar, outro na terra;  
Se as mãos se derem, que será o fundo

Co'um diadema de luz no Elysio entranha  
Envolto Nelson em sanguineo manto  
Lavrou nos manes desusado espanto,  
E a turba dos heróes o rodeava.

Grita Alexandre (e) Elle os olhos crava;  
 « Quem és, que entras no portão de tanto? »  
 « Sou (lhe diz) quem fôrmo de teu quebranto  
 « Europa curva, oppressa, e quasi esrava.

« Deixei de sangue o pégo rubicundo;  
 « Trophéos em meu sepulcro a patria arvora;  
 « Não andi sobre o Gallo furibundo... »

Fisgo de novo o Macedonio chora :  
 O que immensa extensão venceu do mundo,  
 Quem vencera um só povo inveja agora.

Sobre a foz do tumido oceano  
 Impo o guerreiro, nauta ousado,  
 De valor e fortuna sempre armado  
 Britânico se ostenta o heróe britanno.

Sem da morte temer a furia, o damno,  
 Entre as aguas do Nilo celebrado,  
 Depois de o estreito Sunda ter passado,  
 Foi terror do Francez, do Castelhana.

Das fozes rendendo ousado e forte,  
 Seus dias acabou, mas combateado  
 No marcio jogo, que preside á morte.

Louros ganhando, a defendendo,  
 Cedeu da parca horrenda fero córte.  
 Triumphando viveu; morren vencendo.

Dir-se-hia, pelos sonetos que precedem, e por outros lugares, que Bocca, esquecendo a sua estirpe, renegava as glorias da França, apenas exaltando a Inglaterra. Não era assim, como o mostram um d'esses mesmos sonetos : *Mãi de chefes heróes*, e outras poesias.

Os ultimos amores que lhe encantáõ a existencia forão os de uma dama, que julgamos termos ainda co-

nhecido, e a quem, já quasi nos manes paroxysmos, en-  
dereçou o seguinte soneto :

De um nune aos ais de Elmano, oh! dom mimoso!  
Theouros meus! Aljofares de amores!  
Ao ver-vos deslisar, cahir nas flôres,  
De um gesto como os deoses milagroso,

Orvalho pareceis do céo piedoso,  
Que meigo orlivo influe em agras dôres,  
Que humedece estes aridos vapores,  
Este halito da morte, infesto, ancioso.

Sentindo o coração por ti regado,  
Comtigo, ó nectar, a existencia amado,  
E brando para mim se ri meu fado.

Aziada! Jove e tu só podem tanto!  
Meu mal dorme... repousa embriagado  
Das mil delicias que me dá teu pranto.

Desde que reconheceu ser-lhe a morte inevitavel, e que  
a querida utopia de se unirem em vida já lhe não afagava  
a esperança, como talvez tivesse em mente, dirigio á  
mesma o seguinte soneto :

Comtigo, alma suave, alma formosa,  
Celeste imagem, de qua não me priva,  
Que eu vivesse não quiz não quer que eu viva,  
Lei (sendo ethérea!) ao coração penosa.

Vendo sumir-me por morada umbrosa,  
Ah! Não desmaies, a constancia aviva,  
É por artes de amor, de amor, ó Divá,  
Do não gozado amante os manes goza.

Mais doce orvalho de teus olhos desça  
Á (linda como tu) melhor das flôres,  
Que em terno á campa se abotõe, e cresça :

Passêa entre os meninos voadores,

« Une a mão aos filiaes; e pareça  
Da morte a sonda o jardim de amargos »

Note-se porém que erradamente se attribuem ao periodo da ultima enfermidade algumas poesias, e até das que alludem ao boato da sua morte. A saude de Bocage era naturalmente precaria, e empeiorada ainda pelo viver desregrado. No tomo III, dado á luz, sob suas vistas, em 1804, estão duas bonitas epistolas, uma de Sebastião Xavier Botelho a elle :

« Sobre erguidas montanhas que rodeia...

e a resposta :

Se lugubre existencia amargurada...

« Asaes só assentão na gravissima doenca que o teó as portas da morte, e na noticia que grassou de haver fallecido, o que por conseguinte foi em prazé alguns annos anterior ao passamento, como já atrás dissemos! »

A noite de 20 para 21 de Dezembro de 1805 foi de tormenta no pobre quarto da travessa de André Valente; reconheceu-se o doente nas ultimas agonias, mas nem por isso deixou de admirar e edificar, por sua piedade e resignação.

« Será chegada a hora? » murmuravão entre si aterrados e a chorar pelos cantos os consternados amigos, que lhe erão todos familia, e da mais intima. « Será chegada a sua hora? »

O que iria lá por dentro no grande espirito, durando taes momentos amargos de pranto! Se vissemos o que lá ia por dentro! Que suave contraposição de idéas! que antevisões! que antegostos da bemaventurança!.....

Junto ao leito de Elmano, e enquanto um sopro vital animava ainda aquelle rosto sublime, se via, debuxando-lhe as feições, entre as lagrimas dos circumstantes, um pintor cheio de coração, um amigo do poeta, o seu Henri-  
rino. Era para ver o soffrego enthusiasmo com que o artista se esforçava por exceder-se, resuscitando, com a magia do lapis, o poeta moribundo!

O sol da terra, o pallido sol de Dezembro entrava tambem cada dia, mas a meio, e solemne, na estancia lacrimosa do poeta moribundo, e trazia para o ultimo acto d'aquelle drama singelo da penitencia, uma como reflexos benignos e melancolicos da despedida do anno!

As dez horas e um quarto da manhã de 21, recebida a absolvição final da boca do veneravel Dr. José Maria, depois bispo do Funchal, e de Bragança, passou poeta... não já só o poeta, o christão fervoroso e blime, os humbraes da vida eterna, contando apenas quatro annos e tres mezes.

Comparecerão, no dia immediato, espontaneamente, na igreja de N. Sra. das Mercês, muitos ecclesiasticos, para celebrarem missas e suffragios pelo repouso eterno da alma do defunto.

Sepultarão-o, pela direcção e á custa do mesmo José Pedro (outro e melhor João), no cemiterio das Mercês. Um poeta, que poucos mezes tinha de sobreviver-lhe, Frei José Botelho Torrezão, recitou, no momento de deixar o corpo á cova, o soneto que principia :

No denso véo da noite o pranto escorre...

*vem* inserto na *Collecção de poesias á morte de Bocage.*

Havião sido fallazes as esperanças que o mesmo amigo  
expressára, pouco antes, n'est'outro soneto :

Se a morte afoga de Bocage o canto,  
Se as forças promptas do Immortal não descem,  
Se os céos á voz da dôr não se enternecem,  
Perdes, ó Lysia, teu melhor encanto.

Ah! Vê que um fate assim merece tanto  
Como os herôes que as éras ennobrecem!  
Faze votos; as supplicas não cessem :  
Impede o luto enfim, a mágoa, o pranto.

Eu vejo Lysia aos pés do altar sagrado,  
O halito de um Deos sorvo e respiro,  
Bocage á morte, á campa está salvado.

Parabens, Portugal, mundo! Eu deliro!  
Não deliro : nos céos está mandado  
Que de Ulysséa o sol não finde o gyro.

a que Bocage respondeu pelos mesmos conselhos :

De Elmano antes da morte é morto o canto.  
Do Pindo inspirações já lhe não descem;  
Mas inda aos que em seus males se enternecem  
O que sómente é dôr, parece encanto.

Ah! ditoso o que devê á patria tanto,  
Ditoso o que altas musas ennobrecem :  
Bem que afincadas oppressões não cessem  
De abrir-lhe mais e mais a fonte ao pranto!

Da mente, em que fervia o gaz sagrado,  
Um Deos, que respirei, já não respiro,  
Um Deos, por quem do nada estou salvado :

Nos versos, que te dou, talvez deliro;  
Da sorte aos meus pousar foi já mandado,  
E aos teus impõe seguir da fama o gyro.

Eis-aqui a ultima poesia composta por Bocage; possui-  
mol-a do proprio punho do Morgado de Assentiz :

Já Bocage não sou!... Á cova escura  
Meu estro vai parar, desfeito em vento...  
Eu aos céos ultrajei! o meu tormento  
Lore me torne sempre a terra dura!

Arrepenho agora já quão vã figura  
Em prosa e verso fez meu louco intento...  
Musa... tivera algum merecimento,  
Se um raio de fazão seguisse pura!

Eu me arrependo : a lingua quasi fria,  
Brade, em alto pregão, á mocidade,  
Que atrás do soneto fantastico corria :

Outro Aretino fui! A santidade  
Manchei... Oh! se me crêste, gente impia,  
Rasga meus versos! crê na eternidade!

Aqui daremos outro soneto, que tambem possuímos  
por lettra de Assentiz, e cujo valor consiste em tê-lo  
composto quem acabava de ser amanuense do moribundo  
para o qual se leu, e haver sido começado enquanto Bo-  
cage era ainda vivo, e terminado já depois da sua morte.  
Os versos de Manoel Pedro de Araujo Ribeiro :

Morreu Bocage! e fez a despedida  
Como cysne christão! Ah! na passage  
Mais em quatorze versos fez Bocage  
Para a gloria immortal, que em toda a vida.

Reconheceu, no orbe diffundida,  
Da eterna mão a sacro-santa image:  
E quem, em vida, ao céu fez duro ultrage  
Chora na morte a pena merecida.

Do Pindo as musas, lugubres, descendo,  
De louro o coroal verso coroando,  
Vão sobre a pedra este lettreiro erguendo :

« Cantou, chorou Bocage. E assim chorando,  
 « Como christão morreu, de dôr gemendo ;  
 « Como cygne acabou, em paz cantando. »

Tivera aqui talvez cabimento transcreever centenares de produções que este desastroso successo inspirou aos vates; mas para fecharmos o capitulo com chave de ouro, escolhemos entre ellas o epicedio de Philinto Elysio :

Dá-nos susto o morrer, do sol radioso  
 Perder a amada luz, passar d'um tétetro  
 A Styx e ondas do olvido,  
 Deixar honras e bens, deixar o alcáçar  
 De prazer summo, o posto que acarêa  
 Acatamento e mando,  
 Que inveja induz nos Grandes... Descuidoso  
 O alado povo cahe no mortal laço;  
 Cahe, cada dia, a turba  
 Que habita o bosque, o rio, em nada subdita  
 As cruas mágoas, aos mil sossobros  
 \* Que nós soffremos, miseros!  
 N'estas almas humanas acurvadas  
 De infortunios. Desfructão melhor vida!  
 Tyranno de annos verdes  
 Nos apunhala amor. A sêde avara  
 D'esse ouro insultuoso nos subverte,  
 Por lucros, a virtude.  
 Vai-se após honras vãs, ensanguentado  
 De abrolhos, o ambicioso. Outro, que a taça  
 Esgotára da inveja,  
 (Paixão infame!) as veias se empeçonha.  
 Quem não sentio, no seio, os crús verdugo  
 Da tristeza, ou despeito?  
 De odios? de iras? ou de rancor que ultra  
 O terno dó do fraco, a quem opprimem,  
 O coração nos fende.  
 Na terra, no ar, no fraudulento oceano,  
 Não ha animal que igual tormento sinta,  
 Qual dá Natura aos homens.  
 Da essencia divinal o raio eterno,

Que nasce e anda connosco, os dias turvos  
 Da vida nos espinha,  
 Com paixões e Nem farto de afancear-nos  
 Vivos, na morte ensopa a lança inteira.

Mais agra, alli a morte,  
 No espelho da lembrança, nos ameaça.  
 Labora o juizo. E a morte é mais medonha  
 Pensada, que sentida.

Veste-a a mente de espantos. Mais affavel  
 Foi co'as feras Natura, não lhes dando,

Na imprevidente idéa,  
 O antegosto da dôr, que os homens bebem,  
 Trago a trago, na taça que lhe emborca,  
 A cada instante, Erynnis.

E a nossa vida é assim. Mesquinhos homens!  
 Nascemos para lanço de ruins fadôs,  
 Enquanto a alma em nós mora.

Quando o céo põe seus dons, suas virtudes  
 N'um lindo peito, a morte (essa invejosa)  
 Nol-a rouba, apressada.

O verde, o esmalte d'um risonho prado,  
 A purpurina tez da fresca rosa,

Assim os come Syrio,  
 Assim do anno se acanha a juventude,  
 Quando gelado o inverno, o aceso estio,  
 Mais que enfadosos, durão.

Sim refloresço a airosa primavera,  
 Se outr'ora se murchou. Mas não temoça

As cãs verdor da idade;  
 Que nos ferra a velhice enferma e triste  
 (Tetra hospeda da morte) e ás sombras ôcas

Da campa nos despenha,  
 Vede de enojo infindo. — Tu, Quintilio,

As musas favorecem, honrão  
 Entre os que a Apollo seguem,

E as lições lhe ouvem no fendido monte,  
 Olha um Bocage, gloria do aureo Tejo,

N'esta éra alto prodigio,  
 Brazão d'este orbe. Ascosos vermes pasce  
 (Ultrage inevitavel!) no jazigo.

Nada lhe aproveitárão

Raios de Phebo, mimos das Piérides,  
 Bem que, por lhe assistir, deixado houvessem  
 O vocal genico cume :  
 Quando elle, á lusa terra, todo o côro  
 Harmonico attrahio, porque entoasse  
 Da Elysia o engenho, a fama,  
 Proezas de seus reis, de amor proezas,  
 Como pôde esse Deos, que infante o anára  
 Não o arrancar á morte,  
 Deos que as canções lhe amou salvar divinas.  
 Vir-te-ha, Quintilio, assim, tambem; Applauso,  
 Que te esclarece no orbe,  
 Cahirá, contigo, no jazigo, mudo ;  
 Grandezas, honras não terão mais polpa  
 Que a pobreza do vulgo.  
 Teus sacros versos, que silencio e pejo  
 Plantão nas linguas, plantão nos semblantes  
 Dos mestres do aureo plectro ;  
 Que as dextras lhe entorpecem ; que, de inveja  
 Lhes deslisaõ das mãos papel e pluma,  
 Perdêrão a toada,  
 Que lhes vinha do peito ativo e forte,  
 Onde as musas os sons lhes afinavão,  
 Co'o delphico alaúde.  
 Tu, não menos verás estofas ondas,  
 Que todo o humano avista : ao nauta avaro  
 Tens de pagar teu obolo,  
 Afim que á adversa margem te navegue.  
 Porquê aos eternifluos, vagos rios,  
 Que o leito nunca mudão,  
 Não semelhamos nós? Nem aos balanços  
 Do oceano coévo aos céos? aos céos sem terra?  
 Não cabe lastimarmo-nos,  
 Que, em despeito de Eólo, e de Neptuno,  
 De Jove irroso, e dos fendentes raios,  
 Entone audaz a cima  
 Ponteagudo penhasco, e eterno jaza,  
 E se ufane seguro, altivo seixo!  
 Que ás sévas mãos das Parcas,  
 Morrão engenhos grandes, quaes Bocage!  
 E o ferro não treineu na mão de Clotho,

Quando cortou tal vida?  
 Lamentavel destino! O varão, que altos  
 De engenho e de amor logra, não furtão!  
 E deixão de era em era  
 O parvo blazonar co' a calva fronte!  
 Quem, desd'ora entoará, como compete,  
 Com sons marciaes, na tuba,  
 Do lyso braço a gloria, já que é extincta.  
 A musa que a cantava altisonante?  
 Quem dirá seus combates?  
 O destemido arrojo de Pacheco?  
 A intrepidez de Nuno? o forte Castro?  
 O rigido Albuquerque?  
 Quem o ousará, Quintilio? A tua musa  
 Lhe aceitará a tuba, se (fugindo  
 Todo o terreno assumpto)  
 Não tomasse por alvo o céo, e os hymnos.  
 Quem nosso Homero, quem Virgilio nosso  
 Heróes cantará lusos?  
 Senão Erminia, que o seu nome espalha  
 Na amplidão do orbe; como quando Phebo,  
 Sentado sobre o Pindo,  
 Toma a lyra nas mãos, modula os versos  
 Com que, a saudarem Jove, ensina as musas.  
 A voz, que em cheio solta,  
 Vai desdobrando o som de longe em longe,  
 E estendendo-o — as folhas estremece,  
 Nas madeixas dos troncos.  
 Erminia, Erminia, as musas te convidão,  
 Clío o seu alaúde te offerece,  
 E para ti o afina.  
 Junto de si te quer. Oh! que alli podes  
 Dar louvores dignos de Bocage,  
 Com voz igual á sua.  
 Onde estás, Sapho? Aonde estás, Corina?  
 Sapho e Corina, ó Erminia, em ti concorrem:  
 Concorrem melhoradas.  
 Erminia, successora tu só restas  
 Da lyra de Bocage. Tu consola-nos  
 Da perda do grão vate.  
 Clío não queira; oh! não consinta Apollo,

Que (dado á foice da impia Libitina  
 Bocage) um vate falte,  
 Que nos cante a virtude! Oh! minha Erminia  
 Enternecer as penhas, prados, selvas,  
 Com saudosas badechas,  
 Em memoria de Elmano, aos Lusos caro!

## ERMINIA.

- « Elmano; oh! *vale!* A abelha, em teu moimento  
 « Sempre o seu mel componha!
- « Manná dos céos, e balsamos da Arabia;
- « Alli distillem; louros enverdeção,  
 « Heras, nevados lyrios!
- « Basto rosal, com mil botões o abraça!
- « Mangerona, tomilho, e a dór vermella,  
 « Que annuncia em queixumes
- « De Ajax a dór, n'um ai tinto em seu veio!
- « Do Sado as nymphas, nymphas do aureo Tejo,  
 « E as indicas Neréas,
- « Com lagrimas a campa lhe humedeção!
- « Clotho com fria mão, cortou-te o fio  
 « Á vida — desbotado
- « Pelo infortunio, pelas manchas lividas  
 « Da doença importuna, precursora  
 « De angustioso gume.
- « Ouve, ó Bocage, as queixas lastimadas,  
 « Que entre as graças, que Elysia manda ao Olympo  
 « Pelos dons com que a exalça,
- « Mescla arrojados intimos suspiros:
- « *Ai! salta-me um Bocage! um igual cantor.*  
 « E a voz alli desmaia-me:
- « Que ao romper das entranhas magoadas  
 « Lh'a entaça a perda do cantor sublime,  
 « E a fronte inclina e geme. »

Solta, ó Quintilio, o nó que te ata os hymnos  
 Na melica garganta do teu Bocage —  
 Desfructa a luz do Elysio, —  
 Feliz Elmano, *Salve!* As negras roupas  
 Da amargura as rasgou a mesma foice  
 Que te ceifou a vida.

Já arraiada de luz tua alma illustre,  
 À sombra dos madiferos loureiros,  
 Aspirando os aromas

Dos hesperides pomos, na alcatifa  
 De esmeralda que, a fio, dá de rosto  
 Ao bochorno, á geada,

Heróes te vêm saudar, heróes, que o nectar  
 Contigo bebem, festivaes convivas.

Vêm-te saudar os vates,

O tão famoso Eumolpo, o Orphêo divino,  
 Lino, Amphião, Musêo, e o que, aquecendo

A tuba, abrasou Troja;

Vem de Mantua o Cantor, e Horacio, e Pindaro;

Com mil applausos, ledos apregoão :

*Não vede á Italia, á Grecia*

*A lusitana musa. — Tecei c'róas*

*De hera e louro a Bocage. Nós, saudosos,*

Dizemos : « Vale, Elmano ! »

Essa poesia, e vibrada de tal lyra, é já uma apothese, mas a posteridade a quem Bocage instituíra testamenteira de sua gloria, tem-se ido, por todas as fórmãs, desempenhando do encargo.

A seiva nova que as modernas instituições fizerão circular no grande tronco social, toda rebenta em fructos e flôres de benção. Nossos dias estão satisfazendo muitos debitos de nossos avós. A Camões, além de outros monumentos litterarios, estamos levantando uma estatua condigna. A quem tanto se lhe assemelhou, a Bocage, outro tanto succederá n'este seculo, para o que já um tentame brilhante se anticipou.

No dia 10 de Abril de 1864, ás cinco horas da tarde, os Setubalenses, unidos todos no mesmo sentimento, prestavão já um primeiro tributo de homenagem ao grande poeta, assentando uma lapida commemorativa na frente da casa onde o berço de Bocage fôra embalado. Bandas

de músicas, hymnos, girandolas, repiques, poesias, flôres, entusiasticos applausos de multidões attrahidas de longe, tudo abrilhantou uma festa nacional, que sem duvida será seguida por outra, quando no meio da praça de Setubal se erguer o vulto em bronze de Elmano.

### CAPITULO X

Bocage considerado physicamente. — Retrato do poeta por elle mesmo. — Outro do mesmo autor. — Quináo em Montaigne. — Outro retrato do poeta feito por um seu inimigo. — O verdadeiro e authentico retrato de Bocage. — Quem o descobrió. — Historia d'essa preciosidade; sua descripção. — Elenco dos retratos que do nosso poeta se têm publicado.

Como se desconfiasse da pericia dos pintores, teve cuidado o proprio poeta de nos deixar o seu fidelissimo transumpto, pela propria mão debuxado com estranha firmeza de linhas, e felicidade na semelhança; eis-o :

Magro; de olhos azues; carão moreno;  
 Bem servido de pés; meão na altura;  
 Triste de facha; o mesmo de figura;  
 Nariz, alto no meio, e não pequeno;

Incapaz de existir n'um terreno;  
 Mais propenso ao furor do que á ternura;  
 Bebendo, em niveas mãos, por taça escura,  
 De zelos infernaes lethal veneno;

Devoto incensador de mil deidades...  
 (Digo, de moças mil) n'um só momento;  
 Inimigo de hypocritas e frades;

Eis Bocage, em quem luz algum talento.  
 Sahirão d'elle mesmo estas verdades,  
 N'um dia em que se achou mais pachorrento.

Por temor da censura, imprimio-se o 11º verso:

E sómente no altar amando os frades;

e por decencia deixou o autor de publicar o ultimo verso como o compôz :

N'um dia em que se achou c... ao vento.

A, hoje finada, amavel e espirituosa poetiza Sra. D. Anna Marecos, que presenciou muitas vezes os improvisos de Bocage, nós recitou este soneto (*inedito*), que, estando n'uma sociedade, em Santarem, ella lhe vio fulminar :

De ceruleo gabão, não bem coberto,  
Fazseia em Santarem chuchado moço,  
Mantido ás vezes de succinto almoço,  
De cea casual, jantar incerto.

Dos esbrugados peitos quasi aberto,  
Versos *impinge* por miudo e grosso;  
E do que, em phrase vil, chamão *caroço*,  
Se o quer, é *vox clamantis in deserto*.

Pêde ás moças ternura... e dão-lhe motes!  
Que, tendo um coração como estalage,  
Vão n'elle *accommodando* a mil peixotes.

Sabes, leitor, quem *soffre* tanto ultrage,  
Cercado de um tropel de *franchinotes*?  
É o autor do soneto : é o Bocage.

Dizião todos os que forão seus intimos, que raro despontava sorriso na pacilenta face do poeta ; só os olhos azues, vivos e grandes, lampejavão intelligencia ; erão elles por si sós a admiravel expressão de todo o rosto, suave e energica expressão, que para logo sabia alliciar-lhe os animos. Os cabellos, longos e soltos, andavão sempre

desgredados, e as mãos sempre a augmentar-lhes a desordem. Bocage caminhava curvo e inclinado, com apparencia e porte de rachitico. Pendia-lhe o tronco ao aver-se, como se as extremidades inferiores lhe não pudessem com o peso do corpo.

Com a estiolada e misera saude que já mencionámos, pôde Bocage desmentir sem custo as doutrinas do bom Montaigne (*Essais*, liv. III, cap. 5), que para tudo quanto se refere á intelligencia e imaginação requer alegria e muita saude :

« Errão os mestres, diz elle, quando attribuem os rasgos sublimes do espirito ao enthusiasmo, ao amor, ás rudezas da guerra, á poesia, ao vinho, esquecendo a saude : Na lá cousa como saude forte, cheia, descansada, com sem interrupção a logrei eu no verdor dos annos ! É esse fogo de alegria, que em meio dos mais arrebatados, se é que não dos mais extravagantes transportes, excita na alma lampejos vivos como natural espirito não tivera força para creal-os. »

Todos temos nossas fraquezas ; havia uma no nosso poeta sobre que elle não admittia chufas ; era a enorridade dos pés, ainda mais conspicuos por monstruosos calcanhares. Um dia, por desgraça, vendo-o D. Gastão, de calção novo, de sarja, á porta de uma loja, comprimintou-o : « Ó Bocage ! estás magnifico, mas lembra-te do pavão, não olhes para os pés ; » gracejo que o poeta muito tempo não perdoou.

Um dos antagonistas de Bocage escreveu por baixo de um retrato d'elle estes versos :

Esqueleto animal, cara de fome,  
De timão, e chapéo á lollandeza,

BOCAGE.

Olhos espantadiços, boca acesa,  
D'onde o fumo, que sahe, a todos some,

Milagre do Parnaso em fama e nome,  
Em corpo estuporado alma franceza,  
Com voz medonha, lingua portugueza,  
Que aos bocados a honra e brio come.

N'este esboço o retrato tenho feito :  
Eis o grande, o fatal Manoel Maria,  
Que até pintado perde o bom conceito.

Era de uma lividez sepulcral, e (salva a exageração do *crime*) com razão dizia de si mesmo :

..... se trago escripto  
No rosto côr da morte o meu delicto...

O homem não se andava sempre a namorar, cumpre confessal-o, e a cada passo reconhecia a sua fealdade, como se vê na *Satyra* a José Agostinho. Os seus dotes physicos certamente os não tinha na conta em que avaliava os Moraes :

Não devo á natureza um grato aspecto ;  
É verdade. O meu merito consiste  
N'um claro entendimento e puro affecto<sup>1</sup>.

E todavia, ao estudarmos attentamente os traços physionomicos no seu retrato, sentimo-nos abalados a suppôr que pelo seu aspecto se adivinharia o caracter das suas obras, como pelo caracter das suas obras se lhe adivinharia o aspecto.

De todos os retratos que d'elle existem, affirmavão os

<sup>1</sup> A *Nereida*, idyllio.

que o haviam tratado, que só um era de véras semelhante; esse porém desaparecera. Referimo-nos ao penultimo que Henrique José da Silva executou, e não ao que desenhou perante o poeta moribundo, e que acima mencionamos.

Tivemos a fortuna de descobrir essa verdadeira preciosidade artistica e litteraria, cuja descripção e historia vamos bosquejar aqui para os curiosos.

Pintado este retrato por Henrino no anno da morte do poeta, pertencia de propriedade a seu autor. Este, vindo ao Rio de Janeiro, onde foi professor da academia das bellas-artes, o trouxe consigo. Por morte do pintor, passou o retrato, com o mais do espolio, a seu filho, porteiro do musêo, e a cousa assim; e depois, por fallecimento d'este herdeiro, o recebêrão no inventario suas filhas, netas de Henrino, e já nascidas no Brasil.

Não deixa de merecer especial menção a circumstancia de que no inventario foi o retrato avaliado em 10,5000 rs., e por suas donas adjudicado, como premio de serviços de advogado no inventario, ao nösso amigo o Sr. Dr. Joaquim José Teixeira, distincto homem de letras brasileiro, que hoje por caso nenhum consentiria em desapossar-se de um tal ornamento, sem preço, da sua já avultada galeria artistica.

Eis agora a descripção minuciosa do quadro.

É a oleo, e mede 00 centímetros de altura, sobre 00 de largo. Mesmo para quem não é o poeta, se afigura dever ser este o seu authentico retrato, pois, comquanto como obra de arte não seja um primor, transverbera-lhe no rosto uma não sei que vaga expressão de verdade e vida, que a todos, até aos profanos, incutirá convencimento.

Em fundo de côr terrena se destaca a figura do poeta, enchendo todo o campo, menos na parte superior obra de pollegada e meia. Figura elle sentado n'uma cadeira; a cabeça encostada á mão esquerda; o cotovelo descansado na mesa, da qual se divisa pendente uma folha de papel, onde se lêem estes tres versos <sup>1</sup>:

Honra Elmano o pincel, e o plectro Henrino:  
 Compete aos vates dous, aos dous pintores  
 Correr na eternidade igual destino.

BOCAGE.

Segura no papel pela parte superior um livro encadernado, em cuja lombada se vê: *Rimas de Bocage*. Em cima do livro um d'aquelles antigos tinteiros redondos de metal amarello, com uma penna de ganso.

A attitude do braço direito do poeta está apontando para os versos.

Descobre-se-lhe todo o corpo até ao joelho, pois, estando o poeta sentado, a côxa, em posição horizontal, serve de base ao quadro.

<sup>1</sup> São o segundo terceto do soneto de Bocage :

Altas filhas do genio, irmãs formosas,  
 Ó poesia! Ó pintura! Ó par sagrado!  
 Que nos jardins de amor colheis mil rosas,  
 Arcanos mil, nos penetraes do fado!

Em vós absorto, em vós extasiado,  
 Da sorte não me acurvo ás leis penosas!  
 Já! Por ambos o mortal é dado  
 Que logrem homens, o que em german gozas.

Forçando ao pasmo as almas superiores,  
 Transluz um ar, um estro, um ser divino  
 Do plectro e do pincel nos tons, nas côres :

Honra Elmano o pincel, e o plectro Henrino:  
 Compete aos vates dous, aos dous pintores  
 Correr na eternidade igual destino.

O cabello é castanho escuro, muito corredio, desalinhado, e cahido pela testa, que é alta e estreita. Olhos grandes, e muito azues; sobrancêlhas não bastas, curvas, assaz intervalladas, e o intervallo entre ambas algum tanto enrugado. Nariz enorme, e de longo cavalleto ao meio. Boca muito pequena, e labios bem vermelhos. Vê-se pelo azulado da face que a barba é espessa. A face está de todo rapada, e apenas mostra uma pequenissima suíça junto á orelha. O olhar é penetrante e perspicaz; a tez entre morena e pallida; avultão porém nas maçãs do rosto as côres tão frequentes nos achacados de aneurisma.

Bocage veste casaca azul á moda do tempo, collete cõr de canna, do feitio que hoje se chama á Napoleão, mas desabotoado em cima; calças cõr de canella. Ao pescoço traz enrolada em duas voltas uma como manta de lâ vermelha; o collarinho não apparece.

Entre os pés da mesa se lê o seguinte: « Henrique Jose da Silva pintou. 1805. »

Não tardará que o pincel, a lithographia, a gravura e a photographia vulgarisem este retrato. Poderão então os curiosos, comparando entre si as diversas estampas que com o nome de Manoel Maria têm sahido a lume, julgar se o preciosissimo quadro de Henrino merece ou não a palma sobre elles todos.

O nosso respeitavel confrade e amigo o Sr. Innocencio da Silva, recopilando as noticias que até então existião ácerca de retratos do poeta, disse o seguinte no seu monumental *Diccionario bibliographico*:

« Cumpre dizer duas palavras com respeito aos retratos que existem do poeta. O mais fiel e aprimorado de todos, e até superior na grandeza do formato, é o de gravura

em cobre, delineado por Henrique José da Silva, e aberto por Bartholozzi, logo após a morte de Bocage. Os exemplares são raros. Por este se fez o de lithographia que acompanha a nova edição das *Poesias de 1853*; e que sahio mais que soffrivel no seu genero. Já alludi acima aos que se achão no *Panorama e Archivo pittoresco*, e que pouco ou nada valem. Além d'esses possuo mais tres, de gravura em cobre, todos de pequenos formatos, e a qual d'elles menos exacto e de menor merito artistico. Ha ainda outro lithographado (cópia tambem do de Bartholozzi) que sahio com o artigo do Sr. Mendes Leal acima citado. »

José Maria da Costa e Silva (*Passeio*, c. I), fallando do retrato feito á hora da morte, diz :

..... Henrique,  
Que de Elmano as feições roubaste á Morte,  
Para que sempre os posteros tivessem  
Seu rosto em teu pincel, a alma em seus versos.

Tambem (no c. II), descrevendo os pensamentos que lhe tumultuavão, ao vagar n'um cemiterio, exclama :

Olho rasteira campa, envolta em musgo.  
Digo comigo : — Aqui talvez repouse  
Algum novo Camões, novo Bocage!  
Um, que levasse herões a estranho mundo  
*Por mares nunca d'antes navegados;*  
Outro, que extemporaneo aos céos voasse  
Sobre volutas de fogo! Abandonou-os  
A sciencia, a fortuna; em flôr murcharão.

Ha tambem um retrato de Bocage, superposto ao quadro da sua morte, á frente da *Poesias Selectas*, impressas no Porto, em 1864, precedidas de um esboço biographico pelo Sr. J. V. Pinto de Carvalho.

## CAPITULO XI

Qualidades moraes de Bocage. — Alma contradictoria. — Seus sentimentos em materia de religião. — Devoção a Nossa Senhora. — Amor de patria. — Política. — Suas idéas sobre a liberdade. — Poesia por occasião da morte da rainha de França.

Perscrutemos agora as qualidades moraes do poeta; penetremos com o escalpello até ás ultimas fibras, desnudando-lhe os intimos arcanos, e não poupando censura, nem louvor; contemplemos esse character multiplice, vario, tauxiado (por que assim o digamos) de elementos tão diversos!

Foi a vida de Bocage a um tempo ardente e fria, descansada e irrequieta, humilde e sobranceira; subjugação-o as paixões; enlouquecião-o os applausos; admirava os heróes, e os rasgos sublimes; dera o sangue pela patria; as mulheres e Deos eram os dous grandes cultos do seu coração.

Não nos circumscrevamos porém a estas vagas reflexões, visto como a opinião prevenida injustamente estigmatizou um vulto que tem direito de ser encarado á sua verdadeira luz. Nem sempre a justiça dos contemporaneos tem collocado os homens no lugar que lhes é devido: Corneille foi condemnado; Racine pateado; Molière chamado impio; Lafontaine immo; Shakspeare selvagem; Victor Hugo barbaro; Alfredo de Musset libertino; Bocage infame! Dar-se-ha caso que semelhantes adjectivos sejam titulos ás poltronas academicas?

Examinemos pois os fundamentos em que o julgamento de Bocage deva assentar.

**RELIGIÃO.** — Era Manoel Maria, por natureza, crente, devoto, beato... supersticioso. Mil factos seus o demonstrarão, porém até nas suas obras nos legou muita prova da piedosa disposição do seu animo. Para assumpto quantas vezes escolhia a religião, sua grandeza e seus mysterios! palpita em quasi todas as poesias religiosas que escreveu profundo recolhimento, meditação immensa; dir-se-hia de muitas, que são verdadeiras orações, escriptas de joelhos, para serem cantadas de joelhos. Ouví esta por exemplo :

Ó rei dos reis, ó arbitro do mundo,  
Cuja mão sacrosanta os máos fulmina,  
E a cuja voz terrifica e divina  
Lucifer treme no seu cháos profundo!

Lava-me as nodoas do peccado immundo,  
Que as almas cega, as almas contamina!  
O rosto para mim piedoso inclina  
Do eterno imperio teu, do céu rotundo.

Estende o braço, a lagrimas propicio,  
Solta-me os ferros em que choro e gemo  
Na escuridão já do precipício!

De mim proprio me livra, ó Deos supremo,  
Porque o meu coração, propenso ao vicio,  
É, Senhor, o contrario que mais temo.

Demos na collecção diversos outros analogos e bellissimos sonetos, por exemplo os que se lêem no tomo I, a pag. 5, 25 e 51. Começão :

Qual novo Vestes, entre as furias brada.....

Os milhões de aureos lustres coruscantes.....

Senhor, que estás no céu que vês na terra.....

É para notar o cuidado que Bocage emprega em acudir

com certas notas, ás vezes pueris, quando as circumstan-  
cias o constrangem a pôr na boca de terceiro qualquer  
apparente impiedade.

Assim, na versão de *Progne, Theréo e Philomela* (das  
*Metamorphoses*) ao verso :

E um Deos, se acaso um Deos no céo reside.....

apressou-se em observar : « Linguagem propria da deses-  
peração, e vertida litteralmente. »

Era Bocage particularmente devoto de Nossa Senhora.  
Aquella Mãe Sagrada, cuja pureza é o symbolo da per-  
feição, cujas glorias sobrelevão a todas as glorias, cujas  
dôres pungem céos e terra, cujo reinado é sem termo, a  
cuja prece tanta vez se mitigão as iras do Supremo Autor,  
cuja protecção é a esperança mais fagueira ; ella, a for-  
mosa pomba de Sião, que adeja sobre os cumes da Pa-  
lestina, não podia deixar de inspirar delicias ao vate  
christão, e ser alvo de immenso affecto em peito natural-  
mente propenso a amor.

Por isso, muitas de suas producções, as mais sentidas,  
as mais espontaneas, erão dedicadas á Torre Eburnea.  
Tal é, por exemplo, a ode a Nossa Senhora da Encarnação,  
que principia :

.. Acatamento em si e audacia unindo....

e este soneto :

Tu, por Deos entre todas escolhida ;  
Virgem das virgens ; tu que do assanhado  
Tartareo monstro com teu pé sagrado  
Esmagaste a cabeça entorpecida ;

Doce abrigo, santissima guarida  
De quem te busca em lagrimas banhado ;

Corrente, com que as nodos do peccado  
Lava uma alma que geme arrependida;

Virgem, de estrellas nitidas c'roada;  
O Espirito, do Pai, do Filho eterno,  
Mãe, filha, esposa, e mais que tudo amada;

Valha-me o teu poder e amor materno!  
Guia este cego! Arranca-me da estrada  
Que vai parar ao tenebroso inferno.

É Nossa Senhora da Conceição a padroeira do reino, da universidade de Coimbra, e de varias corporações sabias. A *Velha Arcadia* igualmente a tomára por protectora; e nos dias das suas assentadas no monte Menalo, trazião os arcades por divisa um lirio, no qual a Virgem Maria era mysticamente figurada. D'aqui veio o culto á Celestial Senhora. A *Nova Arcadia* o renovou, e o dia 8 de Dezembro era por essa assembléa consagrado a uma sessão especial, em que de nada mais se tratava que de encomios á Virgem Immaculada.

Por isso existe, no tomo II do *Almanak das Musas*, pag. xxv, uma cançoneta de Semmedo á Divina Senhora, lida n'um d'aquelles anniversarios, principiando:

Que fraudes, que enredos,  
Que horrivel estrago,  
Fanelico tirago  
Semeia entre nós,  
O collo escamoso  
Quando feroz?

Por terra alongado  
Um' hora serpenta,  
E a cauda curta  
Enrosca em anneis,  
Outr' hora corisca  
Dos olhos crueis.

e conclue :

Celebrem-te sempre  
Do Olympo os cantores;  
Perennes louvores  
Te dêm os mortaes;  
Teus cultos se veção  
Crescer mais e mais.

Da torva discordia,  
Da inveja sedenta,  
Benefica isenta  
O nosso Athenéo!  
Mil graças lhe alcança,  
Mil benções do céo.

Não olvidado d'este piedoso culto, ainda em 8 de Dezembro de 1847, Bingre, o derradeiro supervivente do Menalo, consagrou este soneto ao mesmo augusto assumpto :

Era n'este celeste augusto dia  
Por dever social, Virgem Sagrada,  
Que a vossa conceição immaculada  
Cantava a minha antiga academia.

Eu, alumno tambem, a voz erguia  
Para troar na olympica morada;  
E co' a mente em fervor incendiada  
Tres vezes pura vos louvei, Maria.

D'aquella vossa Arcadia eu o primeiro  
Que, voando nas azas do meu canto,  
Era da vossa gloria o pregoeiro.

Mas hoje que do chão me não levanto,  
Recebei d'esse alumno derradeiro  
A lyra, sem cantor, banhada em pranto.

Não podia Bocage deixar de ser dos mais assiduos ser-

vidores da Virgem Santa, em cujos louvores se inspirou para taes solemnidades, lendo a 8 de Dezembro de 1790 o seu primeiro canto á purissima conceição de Nossa Senhora, — de 1791, o segundo canto, — de 1792, a cantata ao mesmo objecto.

Teve entretanto momentos (mui raros) de espantosa aberração, apesar de ser, de todos seus sentimentos, mais duradouro e vivaz o da religião.

Com que humildade não reconhece elle e deplora aquellas propensões da parte material do seu ser, não para um atheismo dogmatico, mas para o atheismo pratico; não para desprezo de Deos fructo de convicções, mas podre fructo de vicios!

Contra esta disposição terrena se lhe insurgia a intelligencia pura, que sempre lhe promettia emenda :

Mãe ah! mandando ao céu meus ais contritos,  
Espero que, primeiro que o teu córte,  
Me acabe viva dôr dos meus delictos.

A fluctuação de um espirito superior, a contradicção que elle mesmo deplorava entre o *eu* moral e o *eu* physico, collocava-o, segundo parece, na posição horrivel que o orthodoxo Racine revelou de si proprio n'aquelle admiravel cantico :

Mon Dieu, quelle guerre cruelle!  
Je trouve deux hommes en moi:  
L'un veut que, plein d'amour pour toi,  
Mon cœur te soit toujours fidèle;  
L'autre, à tes volontés rebelle,  
Me révolte contre ta loi.

Hélas! En guerre avec moi-même,  
Où pourrai-je trouver la paix?

Je veux, et n'accomplis jamais ;  
 Je veux ! mais (ô misère extrême !)  
 Je ne fais pas le bien que j'aime,  
 Et je fais le mal que je hais.

O grâce, ô rayon salutaire !  
 Viens me mettre avec moi d'accord ;  
 Et, domptant par un doux effort  
 Cet homme qui t'est si contraire,  
 Fais ton esclave volontaire  
 De cet esclave de la mort.

L'un, tout esprit et tout céleste,  
 Veut qu'au ciel sans cesse attaché,  
 Et des biens éternels touché,  
 Je compte pour rien tout le reste ;  
 Et l'autre, par son poids funeste,  
 Me tient vers la terre penché.

AMOR PATRIA. — Parece que era este um Botage um sentimento real e intenso, a julgarmos por muitas de suas produções. Já ponderámos haverem sido as glorias de Portugal na Asia o que mais vivamente o impressionava. A figura dos Albuquerques terriveis e Castros fortes se lhe antolhava gigante á imaginação. Ouçamos como elle se exprime ácerca de Affonso de Albuquerque vingando-se dos Agarenos traidores aos Portuguezes, e tomando Malaca :

Em bando espesso, em numero infinito,  
 Defende a ponte o barbaro Malaio.  
 Eis que, entre horrores, emulo do raijo,  
 Albuquerque immortal vò a ao conflicto.

Assim que assoma o claro chefe invicto,  
 Terror da prole do feroz Sabaio,  
 Gela os netos de um gar frio desmaio,  
 Os Lusos soltam a victoria o grito.

Victimas são do portuguez Mavorte  
 Inda aquelles que mal na fuga alcança;  
 Leva no ferro transmigrada a morte.

Mas já sobre trophéos o heróe descansa;  
 Havendo, por seu braço illustre e forte,  
 A patria, a natureza, os céos vingança.

Ao salvador de Diu, D. João de Castro, dedicou o seguinte soneto :

Blasphema Rumeção, jura vingança  
 Aos manes infernaes, ao pai maldito,  
 E contra Diu em pertinaz conflicto  
 As industrias esgota, as forças cansa.

Munido de magnanima esperança  
 O portentoso chego, o Luso invicto,  
 Dos veneraveis muros infinito  
 O barbaro tropel mil vezes lança.

Minima caterva as armas mede;  
 Encursando ás do Rhodope a memoria  
 Sobre hostil multidão raios despede;

E quando finalmente a lysia gloria  
 Vê o extremo fatal e inda não cede,  
 Eis Castro! eis a virtude! eis a victoria!

Sempre com o pensamento n'aquelles dous heróes, lamenta a decadencia do dominio portuguez na India, com o soneto que demos no tomo I, pag. 16, e começa :

Por terra jaz o emporio do Oriente.....

Como idéa associada dos males que Portugal padeceu, a troco das glorias colhidas por suas navegações longinquas, e pelo dobrar do Cabo Tormentoso, compôz este valente soneto :

Adamastor cruel! De teus furores  
 Quantas vezes me lembro horripisado!  
 Oh! maldito! Quantas vezes tens tragado  
 Do soberbo Oriente os domadores!

Parece-me que, entregué a vis traidores,  
 Estou vendo Sepulveda afamado,  
 Co' a esposa e co' os filhinhos abraçado,  
 Qual Mavorte com Venus e os Amores.

Parece-me que vejo o triste esposo,  
 Perdida a tenra prole, e a bella dama,  
 Ás garras dos leões correr furioso.

Bem te vingaste em nós do afouto Gama!  
 Pelos nossos desastres és famoso:  
 Maldito Adamastor! maldita fama!

A restauração de Portugal deddou o soneto que se lê  
 a pag. 16 do tomo I d'esta collecção, e começa:

Cesarões, Viriatos, Apimanos.....

À patria, em geral, agradecendo as sympathicas provas  
 de affecto que recebera, dirigio est'outro, por occasião  
 da enfermidade que o arrebatou:

De Elmano a musa, que entre imagens vela,  
 Enquanto, ó natureza, estás calada,  
 Carpia do aureo Pluto abandonada,  
 E Pluto era de bronze aos prantos d'ella:

De Elmano a musa, que a memoria anhele,  
 Conformo o plectro em dôr co' a voz magoada;  
 E dos piedosos deus tu apiedada,  
 Gemes, ó Lysia, a mái suave e bella.

Qual arde avara sêde ante um thesouro,  
 Patria, amor ante o metro-me flammeja,  
 E o que em verso me extrabe, me volve em ouro.

D'alma em torno a sorrir-se a gloria adeja;  
 E (mercê de alta Lysia) immune o louro  
 Entre as sombras lethaes inda verdeja.

Em muitos elogios dramaticos, odes, elegias, etc., se  
 apresentam iguaes sentimentos de enthusiasmo para com a  
 terra do seu berço, expressos em palavras analogas, a  
 estas :

. . . . . Lysia!

Ó plaga superior ás plagas todas,  
 Que deste ao mundo antigo um novo mundo,  
 Que, immensa no valor, no espaço curta,  
 Transcendeste os confins da humanidade,  
 Levaste execução lá onde apenas  
 Ousará abalançar-se o pensamento!

Era tãl enfim a regeneração, que parecia sahir-lhe da  
 alma aquelle verso:

Se Lysia baquear, baquêa o mundo.

Note-se mais que os assumptos epicos ou tragicos, de  
 que a sua musa se enamorára, todos os extrahio dos fastos  
 nacionaes; facil é pois reconhecer quão vivo ardia no  
 peito de Bocage o amor da sua patria.

POLITICA. — Esta palavra, na moderna accepção, ainda  
 não existia em tempos de Bocage. Já o volcão francez  
 tinha feito a sua erupção tremenda, mas ainda a corrente  
 da lava não tinha invadido os campos do Douro a 1790.  
 As suas tendencias porém erão todas liberaes, como já  
 tivemos occasião de observar; e se houvesse fallecido do-  
 zeseis annos depois, sem duvida nos teria legado hymnos  
 e canticos á liberdade. Nesta materia, bem para si mesmo  
 compuzera o verso :

Em seculo de infamias, sou Romano.

Comquanto o seguinte soneto se nos afigure pouco bo-  
cagioso, aqui o transcrevemos, visto havê-lo o Sr. Inno-  
cencio da Silva admitido como authentico:

Sanhudo, inexoravel despotismo,  
Mostrando que em pranto, em sangue, a furia cevas,  
Que em mil quadros horricos te *elevas*,  
Obra da iniquidade e do atheismo:

Assanhas o damnado fanatismo  
Por que te escore o throno onde te *elevas*;  
Por que o sol da verdade envolva em trevas  
E sepulte a razão n'um denso abysmo.

Da sagrada virtude o collo pisas,  
E aos satellites vis da prepotencia  
De crimes infernaes o plano gizas;

Mas, apezar da barbara insolencia,  
Reinas só no exterior; não tyrannisas  
Do livre coração a independencia.

Mas a liberdade do culto, das aspirações de Bocage,  
era a que une a sua imagem á fraternidade do Evangelho,  
ou ainda a que engrandece um povo até eleva-lo ás altu-  
ras de uma Roma; não a que, gerada em sangue, só de  
sangue se alimenta; não a que vive de derrubar, sem  
erigir monumentos sobre as ruinas dos abatidos; não a  
que converte o homem em fera, e que o denomina *irmão*,  
para tornar mais negro ainda o crime de prostral-o; não  
a que proclama igualdades, á moda dos Tarquínios, de-  
capando cabeças de papoulas; não a que serve de degráo  
a ambiciosos, ou de manto a tyrannos; não a que pro-  
screve todos os grandes e eternos principios da religião,  
da verdadeira liberdade, ou antes dignidade do homem,  
da familia, da propriedade, dos mil respeitos humanos;

não a que substitue a existencia pausada e nobre das sociedades por uma dança macabra, em que todas as hierarchias, sexos, idades, posições, se vão processionalmente despenhando no fundo do mesmo golphão.

Não podião portanto as scenas da revolução franceza, e as contemporaneas, deixar de encher de indignação e terror a alma suave de Elmano.

Que ardente de impeto, que latego de Nemesis, que formosa de linguagem, que delicada de sentimento, não é a curta elegia, escripta ao chegar a Lisboa a nova tragica da morte da rainha de França!

Seculo horrendo aos seculos vindouros,  
Que ias inutilmente accumulando  
Das artes, das sciencias os thesouros:

Seculo enorme, seculo horrendo,  
Em que das fauces do espantoso Averno  
Dragões sobre dragões vêm rebentando:

Marcado foste pela mão do Eterno  
Para estragar nos corações corruptos  
O dom da humanidade, amavel, terno.

Que fataes producções, que azedos fructos  
Dás aos campos da Gallia abominados,  
Nunca de sangue, ou lagrimas enxutos!

Que horrores, pelas furias propagados,  
Mais e mais esses ares enevoão,  
Da gloria longo tempo illuminados!

Crimes soltos do inferno a terra atroão,  
E em torno aos cadafalsos lutosos  
De sedenta Viganga os gritos soão.

Turba feroz de monstros pavorosos  
O ferro de impias leis bramindo, encrava  
Em mil, que a seu sabor faz criminosos.

A brilhante nação, que blasonava  
De exemplo das nações, o throno abate,  
E de um senado atroz se torna escrava;

Por mais que o sangue em ondas se desate,  
Nada, nada lha acorda o sentimento,  
Que as insanas paixões prende, ou rebate;

Vai grassando o fútor sanguinolento,  
Lavra de peito em peito, e d'alma em alma,  
Qual rubra labareda exposta ao vento :

Não cede, não repousa, não se acalma,  
E a funesta insolente liberdade,  
Ergue no punho audaz sanguinea palma.

Barbaro templo! Abominosa idola,  
Outras éras pelos fados preta,  
Para labéo e horror da humanidade!

Flagellos da virtude e da verdade,  
Réos do infame e sacrilego attentado  
De que treme a razão e a natureza!

Não bastava esse crime? Inda o damnado  
Espírito, que em vós está fervendo,  
A novos parricidios córre, ousado!

Justos céos! Que espectáculo tremendo,  
Que imagens de terror, que horrivel scena  
Vou na assombrada idéa revolvendo!

Que victima gentil, muda e serena,  
Brilha entre espesso de testavel bando,  
Das sombras da alumina, que a condemna!

Orna a luz da innocencia o gesto brando,  
E os olhos, cujas graças encantarão,  
Se volvem para o céu de quando em quando;

As maos, aquellas mãos, que semearam  
Dadivas, premios, e na molle infancia  
Com os sceptros auriferos brincarão,

Ludibrio do furor e da arrogancia,  
Soffrem prisiones servis, que apenas sente  
O assombro da belleza e da constancia.

Ó justiça dos céos! Ó mundo! Ó gente!  
Vinde, acudi, correi, e vai da morte  
A malfadada victima innocente!...

Mas ai! Não ha piedade, que reporte  
A raiva dos terriveis assassinos;  
Souo da tyrannia o duro corte.

Já cerrados estais, olhos divinos;  
Já voando campante, alma formosa;  
A ferrea lei de asperros destinos...

Do raios reis na côrte luminosa  
Reveo o pio herdeiro por nós chorado,  
Que da excelsa virtude os lauros goza.

Nã mente vos observo: sil-o a teu lado  
Implorando ao Senhor os máos flagella,  
Perdão para seu puro hallucinado.

Despido o véo corporeo, ó alma bella,  
No seio de immortal felicidade,  
Sententes não voar mais cedo a ella.

Emquanto aos monstros de horrida maldade  
Murmura a seu pezar-no peito iroso  
A voz da vingadora eternidade,

Desfructa summa gloria, ó par ditoso,  
Logra em perpetua paz jubilo immenso,  
Que o mundo consternado e respeitoso,

Te aprompta as aras, te dispõe incenso.

Eis-ahi quaes os nobres sentimentos de Bocage: a sua  
arvore de liberdade precisava alastrar as raizes por terra  
pura: os sentimentos odientos definhavão-lh'a; o sangue  
afogava-lh'a.

## CAPITULO XII

Continuação das qualidades moraes. — Caridade, sensibilidade. — Accedotes. — Gratidão. — Melancolia. — Independencia. — Mendocidade litteraria. — Analogos exemplos, portuguezes. — Excessos bacchicos. — Bocage e Ovidio. — Efeito dos vapores alcoolicos no espirito dos poetas.

**CARIDADE, SENSIBILIDADE.** — Estes dotes em sublimo gráo esmaltavão aquella alma formosissima. Os proprios defeitos de Manoel Maria podem considerar-se como resultantes do excesso d'aquellas virtudes.

Pato Moniz, que o tratou de perto, exprime-se d'est'arte: « Ah! eu não achei n'elle o homem que m'uitos accusão. Sim achei o homem demasiadamente sensivel, e por isso muitas vezes fraco; porém quantas virtudes rutilavão entre esse defeito! Eu nunca me arrependi de ser meu amigo! »

Accrescenta Costa e Silva que n'este homem tinha a natureza depositado o germen das virtudes moraes; que elle mil vezes chorou sobre a sorte do infeliz; que mil vezes se privou do necessario, para soccorrê-lo.

Quantos o conhecêrão exaltavão com effeito o gráo de bondade d'aquelle coração de pomba, que não podia prescindir, ou privação, sem desejar allivial-a.

O seguinte facto fôl-nos contado pelo finado Francisco Bogaça, official da junta do credito publico:

« Um cavalheiro, cuja casa eu frequentava muito, convidou-o para ir com elle passar a noite; recusou. Averiguando o motivo, soube elle que faltavão a Bocage fôto e sapatos decentes, e mandou-lhe logo o preciso vestua-

rio, rogando-lhe o não privasse do prazer da sua companhia. Prometteu o poeta, mas faltou. Ao outro dia, um mendigo explicava a omissão do poeta, de um modo que, natural da parte de Bocage, deu brado por toda Lisboa. Contava elle o que se segue. Entrára o mendigo pela sua porta, implorando caridade. Respondeu-lhe Bocage : « Meu amigo, estamos companheiros, que eu tambem não tenho ceitil. » Já se voltava o mendigo, lançando-lhe a benção, e stubiando : « Morrerei pois de fome e frio... » Não o deixou Bocage proseguir, pois observando-lhe os andrajos que, na estação inclemente, lhe deixavão o corpo nú, lhe exclamou : « De frio, não queira « Deos! Ahi tem você o fato e estes sapatos. » E deu-lhe quanto acabava de receber, ficando mais pobre que o pedinte, e impossibilitado de comparecer na festa para que fôra convidado! »

Disse-nos D. Gastão que muitas vezes jantavão juntos; porém, quando o fidalgo o convidava, sendo dia em que o poeta não tivesse na sua casa muita farta, com remorsos de ir banquetear-se, deixando a irmã com fome, respondia ao convite : « Iria... mas o cruzado novo para o jantar da minha irmã? » Recebia-o, e logo partia satisfeito.

O poeta Bingre, na carta a que alludimos, narrou-nos um caso, de que foi testemunha presencial, e que bastaria para conquistar as sympathias de todo o coração bem formado. Eil-ô aqui, litteralmente copiado :

« Andando nós ambos a passear, em uma manhã, no Passeio Publico de Lisboa, fomos dar com um homem asseiado a chorar, sentado em um banco de pedra. E perguntando-lhe Bocage o que tinha, respondeu : « Tenho « fome... porém não é a minha que eu pranteio; é a da « minha desgraçada familia, que me ficou em casa des-

« fallecida! » Bocage de repente, dando um grito, mette a mão na algibeira, e tira quanto dinheiro n'ella tinha, que, segundo minha lembrança, era quatro cruzados novos em miudos, e lh'os deita no chapéo, bradando :

« — Oh ! que não tenha eu agora umas poucas de peças !

« E, todo entusiasmado, virou os bolsos do avesso, dizendo para o homem :

« — Vê que não tenho mais ? Se os tivesse cheios, todos lh'os vasava no chapéo... Mas venha cá ! venha cá !

« E mettendo-me a mão no bolso, me tirou dois unicórnios cruzados novos que eu tinha, e lh'os deu; e entrou em altas vozes a invectivar com raiva e furor contra os ricos egoistas e avaros. »

Que vos parece isto ? Um sorriso e uma lagrima, no semblante de um colosso, é uma originalidade quasi divina. Foi para Bocage que M<sup>me</sup> Valmore compuzera aquelle nobre verso :

Tant que l'on peut mourir, on ne peut pas mourir.

• Aos assumptos que tão fortemente lhe impressionavão o coração, dedicava por instincto os mais primorosos productos de estro inspirado. Escolheremos um, entre muitos exemplos.

No dia 11 de Julho de 1797, um mez antes de Manoel Maria ser preso, condemnado ao patibulo um réo, devidamente condemnado, mas cuja sorte enlutava n'esse dia a cidade de Lisboa. O vate, sobr'excitado pela idéa do pavoroso quadro, improvisou o afamado soneto que se lê a pag. 156 do 1<sup>o</sup> tomo d'esta collecção.

Ao crebro som do lugubre instrumento.....

Ainda dedicou ao infeliz est'outro, menos citado, mas cuja chave é também de ouro :

Sobre o degrão terrível assomava  
O réo, cingido de funereo manto.  
Avezada ao terror, aos ais, ao pranto,  
Da intrepidez a morte se assombrava.

No firme coração não palpitava  
O'precurso da parca, o mudo espanto;  
E, ufana de subir no esforço a tanto,  
Um ai a humanidade apenas dava.

Mortal, que foste heróe no extremo dia,  
De idéas carrancudas e oppressoras  
Não soffreste o pavio na fantasia.

Co'as vozes divinaes, consoladoras,  
Só a religião te embrandecia...  
Fôras de ferro, se christão não fôras.

**GRATIDÃO.** — Ahi se dava uma das terriveis contraposições do seu character. Conservou muitos amigos até á morte, mas com a mór parte do que padeceu eclipses. Beneficios e provas de cordialidade arrancavão-lhe exaltados testemunhos de reconhecimento; mas tal impulso era fugaz; a um bom dito sacrificava um amigo, e, salvas poucas excepções, o intimo de hontem era o indifferente, quando não alvo dos epigrammas de hoje. Era da opinião d'aquelle Inglez que dizia que a gratidão é a virtude dos cães.

**MELANCOLIA.** — Este homem, que vivia sempre em prazeres e orgias, entre amantes da bonachira e do bacchanal, viver anacróntico, era pelo contrario naturalmente melancolico. Podia dizer, com Alfredo de Musset :

Le seul bien qui me reste au monde  
Est d'avoir quelquefois pleuré.

Logo no primeiro soneto, que o poeta nunca publicou (e que se lê no tomo I, pag. 1 d'esta collecção), manifesta elle o genio triste, acrescentando que os seus versos alegres são fingidos, e provenientes de dependencia.

É porém certo que a volcanica imaginação lhe converte em cruéis pezares os mais singelos acontecimentos da vida humana; é certo que n'aquella alma constantemente :

Post equidem sedet atra cura;

pois já em produções da sua quasi infancia se lamenta da sua *baça tristeza*, e denuncia o estado do seu *peito, de gemer cansado e rouco*.

Este nosso philosopho porém era um meio entre Heraclyto e Democrito; a sua musa ora chorava do fundo da sua alegria, ora sorria do fundo da sua tristeza.

Elle sourit pourtant du fond de sa tristesse.

(diz algures Polonius, isto é, Labenski.)

Se porém raiavão frequentes as horas da musa desenvolta, mais e melhores despontavão outras em que o visitava a sempre amiga musa de Lamartine, a quem inspirou as *Harmonias*, e especialmente as sublimes *No-vissima Verba*.

INDEPENDENCIA. — Genio impaciente de freio, não tolerando *sujeição* ao minimo encargo, antes queria a independencia com todos seus horrores do que opulencia com quebra de liberdade. Esse o motivo por que se não conservou na carreira de serviço que escolhêra, e rejeitou quantos offercimentos lhe fizerão de pingues empregos.

Na já citada carta de 5 de Julho de 1847, que Bingre,

o constante amigo de Bocage, nos dirigio, depois de nos repetir quanto José de Seabra era apaixonado do nosso poeta, e seu protector, ~~continua~~ assim, fazendo-nos conhecer uma anecdota caracteristica d'aquella singular impaciencia de jugo :

« Ia Bocage muitas vezes jantar com José de Seabra, o qual sempre, no fim, o presenteava com algumas peças, a titulo de obras que lhe dava para traduzir.

« Um dia, jantando ambos, em companhia de D. Francisco de Almeida, tambem intimo amigo de Bocage, disse aquelle para José de Seabra :

« — Admira-me que, sendo V. Ex. tão amigo do Sr. Bocage, não achasse ainda um emprego decente em que o occupar!

« — Pois diga V. Ex., em que? respondeu Seabra. O Sr. Bocage não quer sujeição.

« — Uma cousa sei eu, que elle ha de aceitar de certo...

« — Então o que é?

« — Bibliothecario na Livraria Publica, que V. Ex. vai crear...

« — É muito e muito bem lembrado, disse José de Seabra, lançando mão do copo para brindar á saude do futuro bibliothecario; ao que logo acudio Bocage :

« — Obrigado, Sr. José de Seabra! Mas, que encargos tem o tal emprego?

\* « — Oh! muito leves e sem cansaço. Lidar com homens sabios e estudiosos, tres horas de manhã e tres de tarde.....

« — Safa! Seis horas! e então com os taes homens sabios! e por obrigação! livra, que escravidão! Não aceito; não aceito. Obrigado, Sr. José de Seabra, não captivo a minha liberdade por quanto ouro tinha Cresco.

« — Então, Sr. D. Francisco, que lhe disse eu? Ao Sr. Bocage não ha nada que dar, senão remunerações pelas composições talentosas.

« E entrarão todos a rir... »

Já se vê que Bocage, em taes casos, antepoendo a independencia a todas as vantagens, respondia como João Lafontaine :

Prenez le titre et laissez-moi la rente.\*

**MENDICIDADE LITTERARIA.** — Aquella independencia, aquelle impulso nascido de impaciencia, ou de volubilidadade, ou de preguiça, trazia comsigo o inevitavel resultado, penuria; e a penuria, ao contrario, outra vez a dependencia, de que elle em versos recém-citados não menos se queixava.

Com as nossas idéas de hoje, com o senso intimo da dignidade humana, e principalmente da do homem de genio, que sente em si o mais opulento dos patrimonios, invade-nos certa indignação contra a sinecura da mendicidade litteraria, que tanto esteve em moda nos tempos de Bocage. Parece um luxo dos poetas da quadra a ostentação do seu sestro mendicante: seriam uns terriveis concurrentes aos pobres dos Asylos, se já existissem, e certamente o erão dos frades franciscanos.

Que ha mais repugnante que as paginas pedinchonas de Nicoláo Tolentino?

Malhão escreveu, entre cousas semelhantes, ao principal Camara :

N'ellas te explica o Malhão,  
Na phrase mais natural,  
Que se acha sobre um colção,  
Cózo, e sem ter um real.

Bingre, também victima de Apollo, e chorão até á morte, não menos escreveu este soneto :

Morreu pobre o Camões, pobre o Garção,  
Quita e Mattos viverão na pobreza,  
Bocage teve lances de escasseza,  
Muitos dias soffreu falta de pão !

Santos e Silva tinha uma razão  
Do hospital na botica por fineza.  
Parece que capricha a natureza  
Em fechar á poesia a dextra mão.

Aquelles forão vates de alto espanto  
Que deixarão no mundo eterno nome  
Muitas vezes comendo o proprio pranto.

Tal o Bingre mirrado se consome.  
Se os não póde imitar no doce canto,  
Elle os imita victima da fome.

Bocage, portanto, igualmente padeceu d'aquella moléstia, endemica ou epidemica, d'aquella cholera-morbus intellectual; pedia esmola em prosa e verso, com a mesma facilidade com que daria quanto possuísse.

EXCESSOS BACCHICOS. — Forão unanimes quanto temporaneos de Bocage consultámos, em assêverar que elle usava em demasia de bebidas espirituosas (particularmente perne e genebra), mas também em repellir a accusação de que fosse, uma só vez, encontrado em estado de embriaguez.

Em contrario, apenas se nos deparava um documento, uma propria vergonhosa confissão de Bocage, n'um soneto que lhe attribue o tomo IV das *Pósthumas*, edição Desiderio, onde o autor se confessa frequentador de inúmeras tabernas, dizendo embriagar-se então em tal excesso que *com a trabuzana, sahia de lá a remos e á ba-*

*Jina!* O soneto não está mal feito; foi sem duvida intencionalmente destinado para correr como producção de Bocage, o magro, de olho azul, de cor morena; mas afigura-se-nos ser isso uma estratégia do inimigo, que, abusando da immensa influencia que exercêra no espirito do gibboso Desiderio Marques de Leão, lhe iria successivamente entregando para archivar, e depois publicar como de Bocage, versos não d'elle, e só destinados a empanar-lhe a reputação. Como declararia Bocage de si mmesmo semelhantes torpezas, elle que timbrou sempre, como se vê na *Satyra* e em outras producções, em não ser tido por homem de mãos costimtes? elle que em nenhuma outra poesia se accusou do vicio torpe? elle que, no prazo em que se diz isso composto, á beira da sepultura, só estava absorvido pelo culto da religião e da amizade? elle que, se ainda então algum dia pôde sorrir, seria em gracejos innocentes, e não em declarações cynicas? elle que, com os olhos fitos no céo, não podia revelar ao mesmo tempo aspirações terrestres e enlameadas?

Até, na versificação, supponmos reconhecer meias provas de que o soneto não é de Bocage. Aquelle desdobrar do 1º para o 2º verso; aquelle *a tal cigana*; aquelle *mar rôxo* (*arroxo*, e consonancia de rr); aquelle *andar a flaino* (será o anti-bocagiano gallicismo *flâner*?); aquelle chave não de ouro, mas de chumbo, indigna na intenção, sem graça na fórma..... avaliem os entendidos se isto pôde ser Bocage; e se o condemnarem como apocrypho, terá desaparecido o unico documento que n'este sentido o desabonasse. Ouçamos o referido soneto, ao qual (por que?) puzerão o titulo de *Furta-côres*, quando o mais apropriado seria o de *Furta-estylas* :

Se eu pudera ir de tralha, ir á surdina,  
 Por ahí! Forte sêde, e forte gana  
 De zurrapa, de atum, de ti, chanfana,  
 De ti que das pingões és gulosina!

Que tempo em que eu, com sucia, ou grossa ou fina,  
 Para a tia Anastacia (a tal cigana)  
 Ia e vinha depois co' a trabuzana  
 A remos, no mar rôxo, ou á bolina!

Quando has de consentir, cruel fortuna,  
 Ao magro, de olho azul, de côr morena,  
 O bem de andar a flajno, e de ir á tuna?

Mas, ai... maldito som que me condemna!  
 Dize, ó fado, ao bizouro que não zuna...  
 Ah! me chama algum: *Alma pequena!*

Se este soneto fosse realmente de Bocage, e ainda assim não um simples brinco, mas uma confissão cynica, poderia dizer-se do Sadino o que de Molière dizia Chappelle: que elle

..... buvait assez  
 Pour, vers le soir, être en goguette;

mas, ou muito nos enganamos, ou esta producção não é de Bocage. Quando ás portas da eternidade, alongasse olhos por sua accidentada existencia, elle o crente, elle o supersticioso, elle o compassivo, elle o enamorado, elle o orgulhoso, certamente que o seu *oh ubi campi* não seria a casa da tia Anastacia, nem o seu *dulces moriens remiscitur Argos* a taberna de zurrapa e chanfana. Bardeem-nos os manes de José Agostinho, se os caluniamos, intrevendo aqui o dedo do seu odio.

Ainda n'este assumpto houve pois paridade entre elle e Ovidio, o qual, sem jámais embriagar-se, pedia entre-

tanto ao succo da vinha mais delicias para o amor, mais inspirações para a poesia. Como já de Ordio dissemos, diremos do Portuguez : das sensualidades da mesa foi, sim, Bocage devoto; não raro lhe era o estomago um vestibulo do templo de amor, e ás vezes chegava a ser o templo mesmo, e o *sancta sanctorum*.

Com razão diz Th. Gautier haver estros que, para exaltar-se, ganhão com um excitante physico. N'essas naturéas obra o vinho como um philtro maravilhoso; o generoso sangue da videira mistura-se com o sangue das veias, accelera-o, brota na mente a inspiração. Surge no *eu* outro *eu* que lá jazia; estremece, vibra, derrama eloquencia; sahe de um jacto a nobre estrophe, revestindo a idéa, formosa e esplendida; cahem sem custo as rimas; a palavra flammeja; compõe-se o grande todo; e o somnambulo dedilha as harmonias magicas, que ao acordar hão de a elle proprio maravilha-o.

Não basta porém o beber para que taes maravilhas surjão á luz. Nem sempre os Ganymedes trazem estro e immortalidade nas taças do festim; a certas organizações nunca o beber lhes dará versos.

É fatal a inspiração alcoolica; são os espiritos umas como cantharidas da intelligencia. Bocage, como Hoffmann, como Edgard Poë, como tantos outros, apressou a morte.

## CAPITULO XIII

Continuação das qualidades moraes de Bocage. — Amor. Inconstancia. — Tropas de namoradas. — O sentimento nos dous sexos. — Brutalidade e paixão em Bocage. — O seu amor considerado geographicamente. — Delirios a que elle o arrastava. — Imprudencias. — Amor notarial, em publico e raso. — Ciume. — Anecdotas. — Zelos tambem na amizade.

AMOR. INCONSTANCIA. — É curioso que estas duas palavras antipodas nos cahissem instinctivamente da penna como inseparaveis, ao fallarmos de Bocage; mariposa que recorda o velho poeta Tabourot, o qual, por esquecer o nome das namoradas, as designava pelo seu numero ordinal, como se faz aos condemnados na casa de correção do Rio : « A minha 7<sup>a</sup>, a minha 26<sup>a</sup>. » Compôz um soneto a um rival, que andava atrás da sua 30<sup>a</sup> conquista, ácerca da qual diz elle : « Que dó não tenho eu do pobre homem, que ficou *in albis*, assim como eu! mas quanto a mim, foi caso de parabens, porque se eu tivesse de possuir quantas sujeitas namorei, onde se alojaria eu? »

Bocage não lhe ficou atrás. Ao pintar-se *Incensador de mil deidades* peccou por modesto. Se n'esse ponto não fôra a chronica fecundissima, bastaria abrir o 1<sup>o</sup> volume das suas *Rimas*, escriptas antes da idade de vinte e quatro annos, e onde, postas de parte innumeraveis jaculatorias sem nome, ou sobrescripto, se ostentão carmes, repletos do mais intenso ardor, e dedicados a Marilias, Gertrurias, Elmiras, Thirsalias, Philis, Marfidas, Floras, Nises, Inalias, Marcias, Enceras, Natércias, Philenas, Ulinas, Armanias, Lemnorias, Anardas, Armias, Liliás, Clauras,

Felizes, Crinauras, Isbellas e Ritalias! copiosíssima folhinha, cujas santas não são fabulosas, e que ficara interminavel se a enriquecesses ainda os nomes de infinitas outras incognitas, que o inspirarão, muitas vezes (digamol-a ao ouvido) sem saberem sequer que são as Helenas d'aquelle endiabrado Páris de Setubal.

Pommier, na sua epopéa burlesca *O Inferno*, apresentando cada vicio punido por um supplicio principalmente tirado dos instrumentos do respectivo prazer, castiga as relações culpaveis d'esta fórma :

Comparez leur destin au vôtre  
 Époux enchainés pour un jour!  
 Ils sont là, rivés l'un à l'autre,  
 Éternels forçats de l'amour!  
 Quelle souffrance et quel calice!  
 Le commerce intime, où se glisse  
 Un froid, qui se change en supplice,  
 Ne date souvent que d'hier;  
 On maudit tout bas sa conquête,  
 On la trouve ennuyeuse et bête.  
 L'unité du tête-à-tête  
 Ne pouvait manquer à l'enfer.

Parece que o espirito de Bocage estava a todo o instante presente aquella infernal perpetuidade do dia immediato ao de um prazer equivoço.

E de passagem, antes de mais nos determos sobre esta prostituição de coração, não nos é possível resistir ao incitamento de exprimir uma idéa, assaz desairosa para o nosso sexo : quão longe não vai este sentimento superficial do homem, comparado com o delicado e sincero da mulher! Ha umas poucas de linhas, que só ellas saberião escrever, em que M<sup>me</sup>. Valmore alumia n'um relampago mundos de sentimento :

Quand il pâlit le soir, et que sa voix tremblante  
 S'éteignit tout-à-coup dans un mot commencé;  
 Quand ses yeux, soulevant leur paupière brûlante,  
 Me blessèrent d'un mal dont je le crus blessé;  
 Quand ses traits plus touchants, éclairés d'une flamme  
 Qui ne s'éteint jamais,  
 S'imprimèrent vivants dans le fond de mon âme,  
 Il n'aimait pas : j'aimois !

Vejamos em que consistia o *j'aimais* de Bocage :

Este amor, segundo os tempos e as pessoas, era puro, casto e platonico, ou impuro, brutal e pervertido. Eis um exemplo do primeiro, no idyllio a Florida :

. . . . . Vis amantes,  
 Corações inconstantes,  
 De sordidas paixões envenenados,  
 Vós, a cujos ardores,  
 A cujos desbocados  
 Infames appetites,  
 A virtude, a razão não põe limites,  
 Suspirai por illicitos favores,  
 Cevai-vos em torpissimos desejos,  
 Tratai, tratai de louco um amor casto,  
 Que eu, nos grilhões que arrasto,  
 Tão limpos como o sol, darei mil bejos.  
 Peçonhenta alliança,  
 Vergonhoso prazer, de vós não curo.  
 De ti, sim, porque és puro,  
 Amor sem fructo, amor sem esperança.

Quereis agora viajar até os antipodas? É facil, lendo o soneto que estampámos no 1º tomo, pag. 157 :

Nos torpes laços de belleza impura...

Em todo o caso, menos parece alheio que proprio o pensamento d'aquelle madrigal :

Eu tinha promettido á minha amada  
 Constancia até morrer; e esta promessa  
 Foi na folha de um alamo gravada;  
 Mas quebrou-se a promessa:  
 Ergueu-se um pé de veno...  
 Adeos folha, e com ella o juramento.

E como podia deixar de ser, se o homem andava se-  
 meando affectos pelas quatro partidas do mundo? Já lhe  
 vimos cincoenta namoradas em *Lisboa*, outras em *Setu-  
 bal*, outras em *Santarem*, outras em *Gôa*, outras em  
*Macão*. Ha mais uma Arselina

Lá onde em fofa espuma se despenha  
 O garrulo Alviela transparente  
 De alcantilada ruidosa penha.

Tambem em *Obidos*,

Ás margens do Regaça crystallino  
 Nos olhos de Tirséa ardeu contente.

Item em *Sacavem* :

Praias de Sacavem, que Lemnoria  
 Orna co' os pés nevados e mimosos  
 Mas ainda lá de longe os meus gemidos,  
 Guilheps por amor, cortando o vento,  
 Vindo, nympha querida, a teus ouvidos.

Item em *Pedroiços* :

De Pedroiços na praia extensa e fria  
 Perdêra a liberdade o terno Elmano.

Item em *Colares* :

A amena, salit'era Colares...  
 E ante a falsa qu' a pro, alli pousando..

Já se vê que o amor, em Bocage, era uma lança de Telepho, sarando a ferida que fazia, ou antes, em linguagem vulgar, curava-se esta com o cabelo do mesmo cão. Dil-o-hieis uma teia de Penelope, a fazer-se e desmanchar-se; um pendulo, oscillando em extremos, sem nunca parar a prumo. Elle singelamente nol-o confessa n'estes lindos versos :

Quantas vezes, amor, me tens ferido?  
Quantas vezes, azão, me tens curado?  
Quão facil de um estado a outro estado  
O mortal sem querer é conduzido!

Tal, que em grão venerando, alto e luzido,  
Como que até regia a mão do fado,  
Onde o sol, bem de todos, lhe é vedado,  
Depois com ferros vis se vê cingido :

Para que o nosso orgulho as azas corte,  
Que variedade inclue esta medida,  
Este intervallo da existencia à morte!

Travão-se gosto e dôr; socego e lida;  
É lei da natureza, é lei da sorte,  
Que seja o mal e o bem matiz da vida.

Entre os numerosos factos reveladores da exaltação a que o arrebatávão as suas epilepsias amorias, transcreveremos o seguinte da já citada carta de Bingre :

« Em uma noite, n'uma sociedade brilhante, em que estava a sua Analia, deu-lhe uma senhora este mote :

A minha Analia adorada!

a que elle fez sem interrupção trinta e quatro decimas; e no arrebatamento do estro, tendo subido acima de uma cadeira, com os braços abertos e na attitude de voar, em

meio de estrondosos vivas e palmas, levantou-se Anália, e correu para elle, dizendo-lhe :

« — Quer voar? quer fugir-me?

« — Não! respondeu Bocage. Voa comigo ás estrellas!

« ... E notando que era isto um verso, começou de glosal-o, com tanto affecto, *endossado*, que assombrou toda a assèmléa. »

E cumpre confessar que o amor era em Bocage um fogo... mas de palha. O instante em que, por abundancia de ôco alimento, levantava ás juvenis chammas enovelladas, mentirosas, era precursor do outro instante em que do incendio só restava fumo, cinza, nada.

Entre exemplos numerosos d'esta versatilidade, apontaremos o idyllio *Armia*, onde o poeta sem cerimonia nos conta como e quando conheceu esta sua namorada; que a sua morada era em Lisboa, no recosto de um valle, para lá do sitio de Arroios; que tinha uma irmã (Delisa) tão diversa d'ella como Abril do Agosto; que sua mãe era grande admiradora do poeta; que quem o apresentou em casa da moça forão os amigos Montano e Pacheco; que ainda lá havia outros irmãos, muito seus amigos; que um d'elles era Anselmo; que houve outro poetastro, a quem chamam Domicio, qual, voltando após ausencia, convenceu a mãe de que Bocage seduzia a filha; que n'estes termos até o Montano e o Pacheco se virarão contra elle; que o deitirão para fóra a páo; que havia tanto ou tão pouco fundamento para esta *injustiça*, que ainda continuarão as relações dos amantes; que a menina lhe pedia que tivesse paciência :

A furto não deixava de animar-me,  
Dizendo-me : « Tolera a mãe raivosa  
« Até que o tempo furias lhe desarme. »

mas que elle achou preferivel ir fazer idyllios para Santarem, onde sabia que ia encontrar um amigo, fôrma do mesmo pé, que lhe havia de dar taes conselhos e consolações, como isto :

De amor o activo incendio se modera  
Co' os auxilios do tempo e da distancia,

e que consequentemente ficava aquelle idyllio sendo-epitaphio d'aquelles amores.

D'elle não menos se conclue que não era a circumspecção dote de Manoel Maria. Um passaporte não dá os signaes do portador com mais miudeza do que o idyllio descobre a moça, a familia, a casa, os amigos; era um namoro notarial, *arcana cordis*, por instrumento, em publico e raso.

**CIUME.** — Prende bem este objecto com o precedente, visto que o ciume em Bocage (e adiante veremos que nem só no amor) antes merecia nome de paixão, phrenesi, delirio. Foi o sentimento a que deveu mais brilhantes paginas. E com tanta mestria o descreveu, debuxou e colorio, que a não ser o autor do moderno poema *Os ciumes do Bardo*, nenhum outro poeta português soube ainda elevar-se a tamanha altura.

Nem precisavão seus zelos de alimento exterior, que dentro do proprio peito erão elles um fogo de Vesta (perdôe-nos a coisa!) inextinguivel. Tornava infelizes ás namoradas e a si mesmo, não porque lhe dessem motivos, mas por obra e graça da sua propria imaginação:

E pelo ardente excesso com que adoro,  
\*Ao clarão de medonhas conjecturas  
Vejo o fantasma da traição que ignoro!

Vio-se jámais uma lei de *suspeitos* tão brava, como a d'este Peyronnet do amor?

Contou-nos um amigo de Bocage, que tendo elle adquirido, em certa occasião, provas plenas do infundado de uma sua brutal accusação contra uma de suas conquistadas, e persistindo não obstante em seus ciumes, lhe dissera :

— Que justiça é essa! Pois vês que não tens motivo, e insistes?

— Não sei (redarguo o energumeno); mas podia ter: Tenho ciumes, até de um candeão, por ser masculino!

Actos de insania, provenientes de amor e de ciume, contavão-se aos cardumes. Uma noite, em casa do Sr. Benvides, em Santarem, não podendo resistir ao accesso dos seus zelos, fugio da sala sem chapéo, correu até o cães, fretou assim mesmo um barco, e não parou senão em Lisboa, vindo todo o caminho a contar aos barqueiros a sua desgraça.

Todos os impetos contra as namoradas de quem sentia zelos o convertião n'um porco espinho, e as pobres moças tornavão-se mais alvo de verrinas que de explosões de affecto. Nunca achareis ahi Orphêo perdendo a sua Eurydice, mas um Erostrato incendiando o idolo e o altar.

Encher-se-hia um alentado volume das composições que elle nos legou inspiradas pelo ciume; e todavia só diminuta parte d'ellas lhe sobreviveu, pois era o mais usual assumpto dos seus perdidos e instantaneos improvisos.

Na carta de anedotas que Bingre nos dirigio, e á qual por vezes temos alludido, lê-se esta :

« N'uma noite, em casa das filhas do marechal Werne (que morreu no Rossilhão), foi tão aguilhoado, pelo ciume

que teve da *ferrea* Ullina, que sobre um mote que lhe deu uma das ditas senhoras :

A negra furia, Ciume,

fez tantas glosas estrondosas e sublimes, que foi preciso ir eu agarral-o, dizendo-lhe : « Basta, basta ! Não te leve « a furia desesperada para o Orco. »

✶ todavia nos intervallos lucidos ninguem melhor que Bocage sabia raciocinar contra a malfadada propensão do seu peito, como o mostrou n'este irrespondivel soneto :

Que idéa horrenda te possui, Elmano !  
Que ardente phrenesi teu peito inflamma !  
A razão te alumie, apaga a chamma,  
Reprime a raiva do ciume insano !

✶ Esperanças consome, ou vive ufano !  
Ah ! foge ; ou cinge da victoria a rama.  
▲ma-te a bella Armia, ou te não ama ?  
Seus ais são da ternura, ou são do engano ?

Se te ama, não consternem teus queixumes  
Os olhos de que estás enfeitado,  
Do puro céo de amor benignos lumes.

Se outro na alma de Armia anda gravado,  
Que fructo has de colher dos vãos ciumes ?  
Ser odioso, além de desgraçado.

Bocage, apezar d'estas emphases, aceitava o amor a beneficio de inventario ; ao passo que assim punia todas suas namoradas com latego de Nemesis, ao mesmo tempo, por pensamentos, palavras e obras, dogmatisava a inconstancia e prérgava a infidelidade.

Outras vezes, batia nos peitos, entoava o *mea maxima*

*culpa*, e beijando os grilhões que espedaçara, supplicava ás bellas a graça de com elles lhe roxearem de novo os pulsos.

Esse abrasador ciume não só no amor o inflammava; era zeloso na reputação; zeloso até na amizade. Quantos o conhecião e o amavão (não ha n'isto um pleonasma?) tiverão alguma hora occasião de lamentar injustiças do genio de Bocage, muitas das quaes forão objecto para elle de arrependimento e remorsos.

#### CAPITULO XIV

Conclusão das qualidades moraes. — Orgulho. Sêde de applausos. — Estas chanças de poetas nem são raras, nem modernas. — Tristes consequências de tal orgulho. — Bocage e Ducis. — Quiz applausos por todo o preço e infelicitou-se. — Cantos de anjo e de sereia. — Tendencias actuaes da mocidade em Portugal. — Deve o fructo amadurecer antes de ser colhido.

**ORGULHO. SÊDE DE APPLAUSOS.** — Mas a aura popular, a opinião, a fama, a gloria, esse foi o primeiro dos seus ardores, esse foi paixão, delirio. Applausos de entendi-  
dos... que dizemos? exaltação de nescias turbas; tanto bastava para fascinal-o, embriagal-o. Por uma d'essas ovações sacrificaria o seu melhor amigo, os seus mais caros sentimentos, e fortuna, e vida, e salvação: fôra, por um triumpho litterario, capaz de praticar o maior crime, a maior virtude, ou a maior baixeza. E entretanto, a opinião, essa buzina que engrossa os sons, esse echo d'onde se repercutem, a opinião, geralmente justa com elle ainda em vida, qualificava-o de um modo que o pungia:

Opinião, rainha do universo!

Ante o teu tribunal omnipotente  
Socrátes impio foi... e eu sou perverso!

Justa emquanto vivo, dizemos, não obstante as queixas  
do poeta, que em si mesmo fitava os olhos ao pôr estas  
palavras na boca da sciencia:

De vigalias mirrado o sabio morre.  
Almas corrompe do egoismo a peste.  
Camões, Homeros na penuria cantão.  
Eil-os co' a gloria temperando a sorte!  
São prodigios de um, prodigios de outro,  
Ferrea caterva os ouve... admira e foge!  
Só quando o vate é cinza, o muito é nada,  
Por elles se interessa o mundo ingrato.  
Na gloria esteril de epitaphio triste  
Solidos bens o barbaro compensa.  
Contradictoria humanidade insana!  
No insensivel sepulcro os sabios honra,  
E os sabios não remio na desventura!  
Quaes elles forão diz... não diz *qual fôra*.

Nem *qual elle fôra* precisavão os contemporaneos pro-  
clamar; porquanto ninguem, mais do que elle mesmo,  
fazia justiça ao seu genio.

O talento é frequentemente perfido; segreda-nos ao  
amor-proprio umas suaves lisonjas, moeda falsa que  
tomamos por ouro na idade das illusões. Consideramo-  
nos uns seres privilegiados, com que a Providencia mi-  
moseou a terra, em hora de affavel humor. Nasce-  
mos sabiás e rouxinões, para, sem mestre nem esforço, modu-  
larmos as mais sublimes endechas. Aprender! para que?  
Estudar! para que? Saber! para que? Temos o estro, a  
natureza, o saber innato; o mais bem se dispensa. Vamos  
aos gremios, frequentemos os passeios, visitemos os locu-  
torios, hotequins, clubs e pasmatorios, e cantemos! A

educação de um poeta da nossa polpa nada mais requer; a nossa sciencia é infusa; sobre esta cabeça baixou o Paraclito em linguas de fogo.

Assim pensava Bocage. Considerava-se rei; entendia que a realza lhe vinha de si mesmo; nascia d'elle e era elle; e, como Napoleão I ao sagrar-se, collocava por suas proprias mãos sobre a fronte a corôa indisputavel.

As phrases com que elle formula o elogio de si mesmo são por tal arte empoladas, que poucos se atreverião a segui-o em tão audaciosos vôos. Orgulho insano lhe chamariamos, se não vissemos tão frequente, entre os poetas, esta adoração de si mesmos; pois, a ser verdadeiro o dito de Aristoteles, *de quantos operarios existem, nenhum tanto nas suas obras se revê como o poeta.*

Menos pomposo era porém o (n'esse ponto desigual) Horacio, quando invocava a sua Melpomene:

..... sume superbiam  
Quasitam meritis, et mihi Delphica  
Lauro cinge volens, Melpomene, comam.

Dá vontade de lhe endereçar aquella sextilha com que Mellin de Saint-Gelais respondeu a outro que tal:

Tu te plains, ami, grandement  
Qu'en mes vers j'ai loué Clément  
Et que je n'ai rien dit de toi!  
Comment veux-tu que je m'amuse  
A louer ni toi ni ta muse?  
Tu le fais cent fois mieux que moi.

Em innumeraveis versos de Bocage transluz essa, quasi diremos, insolente ufanía.

Apontemos um ou outro, entre centenaes de exemplos. Escreveu n'um idyllio :

..... o meu merito consiste  
N'um claro entendimento.....  
Se a compasso da lyra o verso triste  
Então alguma vez, ao som canoro,  
Ninguem... ninguem resiste.

N'um soneto :

Contra os annos, que morrem, que renascem,  
Deu-me Phebo, em seu dom, penhor seguro,  
Com que do esquecimento o pego escuro  
Meus versos e meu nome afontos passem.  
Não temas ser do nada infausta presa;  
Além dos tempos viverás comigo!

N'outro :

Eu, que obtive das musas farta herança,  
Pago-té em verso o que te devo em ouro.

N'outro :

Ave da morte, que em teus ais a escuto,  
Meus dias murcharás, mas não meus louros;  
Doou-me Phebo aos seculos vindouros;  
Deponho a flôr da vida e guardo o fructo.

Escreveu, no prologo das *Plantas* :

..... Me fortalece o pé na estrada immensa,  
Que vai da natureza á eternidade.  
Soltas de umbrosas, subterraneas grutas,  
O meu dia invadindo, aves sinistras  
Em vão de agouros e de peste o manchão.  
Em vão corvos da inveja á gloria grasmão.  
Elles malignos são! Tu, patria, és justa!  
Vedas que defraudado o genio seja

De seus haveres — o louvor, a estima, —  
 Haveres por que engeita os da ventura.  
 Aos versos meus posteridade abonas,  
 Ouço a voz do futuro, ouvindo a tua...  
 Ouço-a! lá me prantêa e lá me applande!  
 Em sendo morte e cinza o que hoje é fogo,  
 As musas, meu thesouro, amor, meu fado,  
 Ilão de com myrtho e louro ornar-me a campa.

Inveja nunca sobe e quer que baixem.  
 Enquanto que ella ruge, o sabio canta,  
 E juiz não peitado o escuta, o c'róa.  
 Se em podre lodaçal negreção zoilos...  
 Entre essa escuridão reluz meu nome!  
 Se ás musas não pertenco...  
 Eu, que, cem vezes, concebendo o Olympo,  
 Ou de olhos divinaes divinizado,  
 Sinto no coração, na voz, na mente,  
 Tropel de affectos, borbotões de idéas,  
 E eis o Deos! eis o Deos! exclamo... e vão  
 De repente, onde mil nem vão de espaço, etc.

### N'uma epistola a Sebastião Xavier Botelho :

Contra a nobre altivez que em mim resurge,  
 Uive o zoilo mordaz, injurias ladre!  
 De rôjo pela terra, a vil serpente,  
 D'agua, que arrosta o sol, deteste os vôos!  
 Seja, no tribunal do vulgo inerte,  
 Sombra o fulgor, o enthusiasmo insania...  
 Que eu, tu, e alguns (quão raros já!) vingando  
 Cumos e cumes de interpostas serras,  
 Trilhamos fadigosa estrada immensa,  
 Que vai da natureza á eternidade.  
 Dignamente de nós fallar podemos :  
 Não se ata o desar nosso ao nosso alarde.  
 Quem de celestes dotes se gloria  
 Honra menos a si do que honra aos numes.  
 E se a turba sem nome, avessa aos vates,  
 Este firmado orgulho em mim condemna,  
 Bem da minha altivez meus ais a vingão.

Proximo a expirar, fallando de si mesmo a Pato Moniz,  
brada :

Outr'ora experto, aceso  
De santa agitação, de ardor sagrado,  
No cerebro em tumulto,  
(Estancia então de um Deos!) me borbulhava  
Respiração divina,  
Enthusiasmo augusto, alma do vate.  
Que rapidos portentos,  
Portentos em tropel, não déste á fama,  
Não déste á natureza,  
Á patria, ao mundo, a amor, na voz de Elmano!  
Oh! extase! oh! relampagos de gloria!  
Faustos momentos de ouro,  
Com que meu gráo comprei na eternidade!  
Phebo, após mim, te augura  
Vasto renome, que sobeje aos evos.

Estas chanças de poetas, augurando eternidade ás suas  
obras, não são monopolio do nosso; manuseava elle tanto  
os grandes classicos, que até só talvez tivesse em vista  
imital-os n'estas audacias.

• Hoje não se perdoarião; mas os antigos não deixavão  
seus creditos por mãos alheias.

Lucano, no canto IX da *Pharsalia*, exprime-se assim:

Taes sagrações da fama escusas, Cesar,  
De as invejar a alguém; porque, se é dado  
Ás lacias musas assellar promessas,  
Emquanto houver seu preço o vate smyrneo,  
Hão de ler-me, e hão de ler-te os porvindouros.  
Cabe á nossa *Pharsalia* eterna vida;  
Não n'a póde evo algum sumir nas trevas.

Veja-se igualmente Ovidio, no fim das *Metamorphoses*,

e n'outras partes! Veja-se Horacio, em trinta lugares! Veja-se o fecho da *Thebaida*, de Stacio, e um sem numero de casos semelhantes.

O certo é que estes acertarão, e nós cá estamos com effeito a lêl-os e a traduzil-os, depois de tantos seculos; mas quantos outros, com merecimento igual, e talvez superior, se não afundarião na corrente dos tempos?

Voltando porém a Bocage, diremos que facil é comprehender como alma tão valentemente formada, e tão entranhadamente conscia de sua immensa superioridade, exigia approvação, enthusiasmo, culto; e como a tratava a recusa de um tributo de vassallagem ao genio. Dizem que Nero, como comico e cantor, levou a vaidade e sêde dos applausos a ponto de organizar a mais espantosa cabala para o victoriarem, e de condemnar á morte um senador, que teve a desdita de adormecer, não obstante o estrepito da turba dos arregimentados para acclamar... Pois em Bocage, com menor intensidade se não formulava o furor dos applausos, declarando mortal guerra ao que se contentasse com o testemunho de muda admiração.

E por fim, que lucrou? Um viver sempre attribulado, pobre, perseguido, preso, dependente, pouco digno; prazeres fallazes e sempre envenenados; saude sempre pessima; aspirações sempre frustradas; o assombroso talento, pelo qual vive na posteridade, originando-lhe tormentos; fama grandemente maculada; vida de tribulações, e morte prematura!

A contraposição a quadro tão melancolico, faz lembrar a sorte patriarchal do seu contemporaneo Ducis, que, fechando os olhos, aos oitenta e tres annos de idade, querendo, poucos dias antes, examinar qual o producto

liquido de sua philosophica e ordenada vida, fazia d'ella este balanço :

Grand philosophe économiste,  
 Du produit net admirateur,  
 Tu me dis : « Montre-moi la liste  
 « Des choses qui font ton bonheur.  
 « Tes plaisirs? — Des amis du cœur.  
 « Ta santé? — C'est la tempérance.  
 « Tes travaux? — J'écris et je pense.  
 « Tes désirs? — Ne faire aucuns vœux.  
 « Ton trésor? — Mon indépendance.  
 « Ton produit net? — Je vis heureux. »

E d'onde provinha, em Bocage, a disposição tyrannica para decretar ao mundo que o exaltasse? Em grande parte, da tempera d'aquella alma eminentemente poetica. Ebrio do seu trabalho intellectual, exigia que os ouvintes se remontassem á sua esphera, espreitassem como elle os movimentos da maravilhosa machina do seu espirito, compenstrassem as almas na sua alma, fundissem as admirações na propria consciencia da elevação. Ninguem mais do que Bocage gozou nunca a suavissima sensação do que se lhe afigurava, quando compunha, um pedaço perfeito, uma obra inspirada : o *qui me mihi reddat amicum*, de Horacio, fôra traçado para elle.

· Não cabe pois ao compasso prosaico da critica terrena condemnar impulsos inherentes á poesia de tão poetica organização; mas cabe apontar á mocidade inexperta para os escolhos em que tem de uso naufragar orgulho insano e vão. Bocage era Bocage! e todavia áquelle arrebatamento deveu seus erros, seus padecimentos, e as paginas onde a historia litteraria tem de ser severa para com a sua memoria.

Sedento de louvores, por todo o preço os comprava.

Quiz applausos! e para isso o mais sincero dos crentes, cahindo como Lucifer das regiões supremas, renegou Deos e combateu-o!

Quiz applausos! e a musa que, por sublime e candida, devêra ser casta, atascou-se no lodo e prostituio-se!

Quiz applausos! e a nobre penna, defraudando a fama de outros benemeritos das lettras, molhou-se vergonhosamente em fel!

Quiz applausos! e a alma justa, caridosa e grata poliu-se ridiculisando seus bemfeitores!

Quiz applausos, e de que modo? Não como animação, mas como tributo; não como honrado salario do genio, mas como fim, sanctificador de todos os meios, por mais baixos e ignobeis.

Mal se satisfarião pois estas despoticas exigencias do orgulho com o mero apreço dos homens de instrucção e gosto, sempre em minoria, e sempre adversos ás ostentações e ao estrepito com que se decreta uma opinião. Mais grato e saboroso lhe era promover o irracional enthusiasmo das turbas, — das turbas tão faceis em deixar-se arrastar para o mal, ou em victoriar a expressão eloquente e subjugadora dos vicios que as deleitão: enthusiasmo contagioso é esse, que, ainda quando ficticio, se propaga electricamente e se converte em delirio. Deslembra-se o vaidoso, n'esses extases de fraudulenta victoria, de que ha applausos que nobilitão, e applausos que desdourão; — cantos de anjo ou sereia, que ora guião pelo caminho da gloria, ora desvairão pelo da infamia; — jardins deramando os mais inebriantes perfumes, ou charco exhallando os mais deleterios miasmas; — raptos que exaltão aos céos, ou turbilhões que arrastão aos abysmos.

Se jámais houve periodo 'em que se devesse invocar a attenção da mocidade para os perigos d'esta gloria fallaz, é o que hoje pesa sobre as letras em Portugal. Um quarto de seculo desperdiçado em theorias politicas, e a supressão de muitas fontes de instrucção, têm retardado para longos annos os progressos da intelligencia. Oh! na geração que se eleva achareis a indole, o fogo, o genio de nossos pais e avós... que sangue e céo não se havião de desmentir. Mas, por estrella fatal, inda nas faixas da infancia envolvido o genio, luta por hobrear já com o saber custoso e a experiencia longa. Já os lustros se não revolvem sobre os lustros antes de ousar-se esclarecer os outros. A penna com que se aprendêrão os primeiros traços, audaz se espraia pelos mais reconditos mysterios da humana comprehensão : prostra as millanarias sociedades, para lhes alçar sobre as ruinas utopias de escandescida imaginação; ou se entranha pelo coração do homem para explorar direitos novos; ou se remonta além dos astros para averiguar a existencia do Eterno! E (o que mais e peor é) todas essas temerarias e pueris tentativas achão logo, para acoroçoal-as, o enxame de vorazes admiradores, outorgando, ao pobre Icaro, os fóros de immortal : que muito que o amor-proprio se deleite com estes triumphinhos? que muito que o perfido persuade ser ouro o ouropel? Só resta lastimar os corollarios : quem enceta por onde os outros acabão, quem de tão comesinho modo ascendeu a immortal, para logo menospreza sendas *só trilhadas pela mediocridade*, posterga estudo, crê-se perfeito... e taes vemos com frequencia e dôr estioladas e perdidas plantas que a natureza houvera creado giganteas e viçosas, fadado a altos não realizados destinos.

Creia-nos a juventude! Resgarde-se de intempativas, traiçoeriras aclamações : accorde-se de que a natureza a cada fructo deu sua estação de madurez ; de que, antes de instruir, é mister instruir-se; de que *scribendi recte sapere est et principium et fons*; de que a experiencia é mestra que importa consultar; de que as aspirações á gloria, faltando base, são miragens da imaginação, Junos dos Ixions; de que emfim a modestia centuplica o verdadeiro merito; e de que os bravos de má roda são a mais acerba das condemnações.

#### CAPITULO XV

Bocagiana. — Se a gravidade tolera narração de anedotas. — Blair e as biographias. — Cabe a estas descrever successos familiares e da vida privada. — A quadra de Bocage f. i de transição. — Viver engrinaldado de rosas. — Escolhemos algumas de entre muitas anedotas de Bocage. — Idéas d'elle sobre os frades. — O padre-mestre e o leigo, ou os copos de vinho e agua. — Improvisos de Bocage e de outros, contra frades. — A procissão de Terezeiros, ou o frade á pancada com a tocha. — A declaração e o bofetão, concantes. — O mote sem rima. — O drama roubado. — O pregão do cego. — O habito do Serra. — Motes tolos. — O duque de Lafões. — Frei João de Pousafolles. — Bocage e a patrulha. — O poeta esfaimado e pedinte. — A estanqueira do Loreto. — O nariz de Antão Broega. — Epitaphios a si mesmo. — O homem florete. — A offerta do baptisado. — Sinos e porcas. — O bolço da Pannasqueira. — A vespera do corpo de Deos. — Formosa, bella e honrada. — O mulato da viola. — Operação obstetricia feita a um improviso difficil. — A Zargueida. — João Soyé. — A historia de Malta. — Aborto forçado. — Bocage e Maynard, ou a memoria milagrosa. — Bocage e a camponeza; impossibilidade vencida.

Ao emprehender esta Memoria, hesitámos se a gravidade de uma collecção, tendo por titulo *Livraria classica*, toleraria descer-se á narração de anedotas, e a porme-

nores de genero mais leve, mas julgámos ser isso n'este caso, não só um direito, mas um dever.

Diz Blair, um dos mestres da arte de escrever, que as biographias são composições mui uteis; menos formaes que a historia, mas para a maioria dos leitores talvez não menos instructivas, por isso que lhes proporcionão occasião de verem caracteres e genios, virtudes e defeitos dos homens eminentes; e mais que a historia admittem os leitores a um commercio mais intimo e completo com taes personagens. Diz elle ser licito a um biographo descer, sem impropriedade, a circumstancias miudas, e a incidentes familiares. Espera o leitor que se lhe reproduza tanto a vida privada como publica do seu heróe; sendo até certo que da vida privada, familiar, domestica, das occurrencias em apparencia triviaes, é que muitas vezes recebemos mais luz sobre o real caracter do individuo. A Plutarcho devemos o principal conhecimento de muitos personagens antigos, sendo a materia d'aquelle escriptor melhor que a sua maneira, visto não haver em seus escriptos peculiar belleza ou elegancia.

Se pois estas Memorias, além da sua parte critica, devem igualmente applicar-se a uma secção biographica, entendemos que não é rebaixar o assumpto revelar uma porção de *anas*, isto é, de repentes e bons ditos do nosso poeta, que denuncião a direcção do seu espirito, a vivacidade do seu exprimir, e mais intimamente muitos dos seus pensamentos e sentimentos. Xenophonte, nos seus *Memoraveis*, Diogenes de Laercio, nas *Vidas dos philosophos*, Aulo Gellio, nas *Noites Atticas*, não julgárão exaustorar-se abundando em ditos chistosos, em narrações graciosas, em successos notaveis de diversos homens illustres.

E pois que entre os nossos principaes intuitos figura o de n'esta collecção dispormos uma anthologia litteraria, aproveitemos os muitos subsidios que nos forão proporcionados, assim como os que nol-o são pelas proprias poesias de Bocage, o qual tinha por manha fallar muito de si; e nem negamos que a tal manha de litteratura pessoal e egoista torna ácerca de muitos autores facil a biographia, de que são elles os mais valiosos, comquanto nem sempre os mais fidedignos, collaboradores.

Foi a quadra em que Bocage veio ao mundo era de singular movimento e desenvoltura; periodo de agitação, controversia, transição. N'esses dias distinguia-se geralmente a sociedade litteraria por gostos leves; parece que só se occupavão de fazer resvalar sobre as ondas do viver às suas barquinhas engrinaldadas de rosas; mundo era esse, onde só imperavão os prazeres de dia, e os amores nocturnos, como diz Dryden :

The world was then so light!...,  
Joy ruled the day, and love the night.

Volumes encheria a parte anecdotica da vida do nosso espirituosissimo poeta: Bocage era uma dobadoura de bons ditos, girandola de epigrammas, azenha de graças, machina de repentes. Não descaberá pois esboçarmos aqui algumas scenas, que todas nos forão narradas, já por testemunhas oculares, já por cordiaes amigos de Bocage, e desprezámos ainda centenares de apocryphas historias, que o vulgo lhe attribue. Já quando escrevemos a primeira edição d'esta Memoria, em 1847, poucos restavão d'aquella brilhante sociedade; os então septuagenarios a nonagenarios, que havião tido com elle trato estreito, hoje, em 1865, todos pagarão já o seu tributo

á humanidade, e apagou-se até á ultima voz que pudesse, por testemunho pessoal, informar-nos ácerca de um genio singular, que não só nas suas obras, senão tambem nos seus actos e ditos, se retratava. Em relação a Bocage, nascido em 1765, é este em que nos achamos o anno do *carmen seculare*.

Grande parte dos versos, que no presente e no seguinte capitulo teremos de divulgar, são ineditos; e aos que correm impressos (geralmente aleijados) importava dar cabimento aqui para restabelecêl-os com dignidade, e sobretudo para se poderem avaliar, pela exposição dos casos a que devêrão origem.

Repetiremos pois singelamente essas anedotas, deixando-as na desordem em que nol-as contárão amigos de Bocage, anciãos venerandos que tanto se comprazião na reminiscencia de bons tempos, tão outros da lugubre sociedade de hoje; e vereis não ser sem razão que Bocage exclamava :

Chalça minha, que chibavas tanto  
Na sucia dos tafues!

Era Santarem a mais cara residencia de Bocage, e provinha essa particular attracção de varios amores que alli cultivava; tivemos a satisfação de conhecer a dama que n'aquella terra mais justamente lh'os inspirou, em realidade distinctissima por talento, e mostrando ainda ter sido mui formosa; mas além d'essa, outras lhe ferirão o coração; tal foi a *Feliza* do respectivo idyllio :

Como que o pobre Elmano ainda escuto,  
Que ao céu volvia o rosto amargurado  
Nunca de acerbos lagrimas enxuto.

Como que ainda observo o desgraçado  
Lá nos campos de Scalabis antiga, etc.

Comquanto Bocage levasse as suas idéas religiosas a ponto de superstição, e cultivasse relações com frades, taes como frei José Mariano, D. Antonio da Purificação, frei José Torrezão, Joaquim de Foyos, etc., não podia levar á paciencia a instituição monastica; encarava-a, não pelo prisma religioso, mas pelo abuso real ou possivel dos meios que os monges tinham á sua disposição. Considerava-os parasitas, enlçadores, confessores nomadas, visitantes de moribundos ricos, medianeiros de negocios mysteriosos, corretores de transacções clandestinas, manobreadores impudentes, velhacos e viciosos; disposição de animo esta que importa ter em vista, para apreciar o que se segue. Eil-o pois em Santarem.

Tratado como irmão em casa de Salinas de Benevides, lá se esquecia durante mezes. Era chegado o tempo da feira, em que, segundo o uso, grande multidão concorria a Santarem.

Á hospitaleira porta de Salinas vão batendo, sabedores do benevolo agasalho, amigos e estranhos : são onze horas da manhã, quando pela centesima vez se tange a campainha ! Dous Varatojanos, moídos e suados, mas o padre-mestre herculeo e nedio, e o leigo moço e mirrado, entram para a sala commum. Trazendo-se-lhes dous copos, um de vinho, outro de agua, o velho, sem dar satisfações, precipitou-se sobre o rubro liquido, que o leigo viu com olhos de inveja emborcar até meio, resolvendo-se então humildemente a pegar no copo de agua. Mal não arriscára o movimento, quando, irado o padre-mestre, por ver a audacia com que o seu subalterno, faltando ás regras da santa obediencia, bebia a agua de motu-proprio,

empertiga-se, ainda em cima, para o estafado moço, ber-rando-lhe : « O irmão já me pediu licença para beber isso? »

Bocage, que, de toda a scena, nem um meneio per-dêra, alevanta-se furibundo, vai dentro, e apodera-se de um cajado, com que sahe para a rua, *a desancar frades*. Esteve divino : vociferações, epigrammas borbutavão em cachão.

Quiz a fortuna que, a um canto da feira, lobrigasse densa mó de gente, ralhando, ameaçando, rindo, gri-tando. Encaminhou-se para a multidão, que rodeava uma loja ambulante de bonecos de barro. E ahí lhe contárão como a mais rica peça da loja era um *frade de louça, de Estremoz*, atacando uma freira; que passára aquelle *frade de carne*, que ainda lá se avistava ao longe, o qual, encolerizado, arrebatára o escandaloso grupo, o esmigalhára e conculcára aos pés, impavido continuando em seu caminho.

Imagine-se como Bocage ficaria! Entra a correr, cla-mando como possesso :

— Cerquem-me o frade! agarrem-me o frade, que ahí vai uma saraivada de sonetos!

E com effeito, á queima-roupa lhe desfechou uma duzia de sonetos, de que se segue amostra :

Esquentado frisão, brutal masmarro,  
Vagava Santarein na pobre feira.....  
Eis que divisa ao longe, em côva ceira,  
Seus bons irmãos, seraphicos de barro.

O bruto, que arremeda um boi de carro  
Na carranca feroz, parte á carreira;  
Os sagrados bonecos escaqueira,  
E arranca de ufania um longo escarro.

Na alma o santo furor lhe arqueja e berra....  
 Mas vós, enchei-vos de intimo alvoroço,  
 Povos, que do' burel soffreis a guerra!

Que dos bonzos de barro o vil destroço  
 É presagio talvez de irem á terra  
 Membrudos fradalhões de carne e de osso.

N'aquelle soneto foi Bocage propheta; e muitos outros improvisou, como o seguinte :

N'esta cuja memoria esquecc á fama,  
 Feira, que a Santarem vem de anno em anno,  
 Atacava a uma freira um franciscano....  
 Erão de barro os dous, de barro a cama.

Com mão, que á v..... injurias trama,  
 Pretendia o c..... f..... o panno :  
 Eis que um negro barrasco, um frei Tutano,  
 O espectáculo vê, que os r..... lhe inflamma.

« Irra, vens-me aticar, gente damnada!  
 « Não basta a felpa dos bureis opacos,  
 « Com que a carne rebelde anda rufada?

« Fóra, vis tentações, fóra velhacos..... »  
 Diz! E ao rispido som de atroz patada,  
 O escandaloso par converte em cacos.

Continuou, além d'este e identicos sonetos, a disparar aos frades epigrammas como este, que nós demos primeiros ao publico :

Entre um frade e entre um burro  
 Ha tanta conformidade,  
 Que ou o fradé é pai do burro,  
 Ou o burro é pai do frade!

Leramos nós, sempre com espanto, attribuido a Bocage, outro soneto que os editores das suas *Posthumus*

davão como seu, e que por ser sobre objecto analogo, aqui transcrevemos :

Encontrei certo leigo franciscano  
Com os olhos no chão, pedindo esmola,  
Dos hombros lhe pendia alva saccola,  
Celleiro que dá pão p'ra todo o anno.

Queria o leigo armar-me o tal engano,  
Prégando-me p'ra isso a corriola;  
Mas eu, que sigo esta moderna escola,  
Só vergalho daria ao tal magano.

Como é possível que a nação contente,  
Em paz mantenha, e liberal soccorra  
A tão inutil e ociosa gente!

Tem que comer o frade á tripa forra,  
É eu, por mais que trabalhe, ando indigente.....  
Se o encontro outra vez, faço-o em borra!

Nada d'isso é o dizer de Bocage! Emittiamos esta opinião a Costa e Silva, o qual nos declarou que tinhamos razão, pois elle sabia com certeza ser este soneto de José Caetano de Figueiredo, no que não ha motivo para deixar de crer, pois que, propondo-se elle a escrever a biographia do traductor da *Alzira*, devia ter conhecimento de um factó que affirmava como certo.

Não levantaremos d'aqui a mão sem delatarmos tambem, segundo nos foi asseverado, ser de António Lobo de Carvalho (de quem se publicarão varias composições no *Jornal Poetico* de 1812, e em 1852 uma collecção de poesias satyricas e obscenas, em Lisboa, pondo-se-lhe a localidade em Cadix) outro famoso soneto contra frades, que indevidamente se costuma imputar a Bocage, e é do teor seguinte :

Christo morreu ha mil e tantos annos :  
 Foi descido da cruz, logo enterrado :  
 Mas de pedir-lhe aqui não têm cessado  
 Para o santo sepulcro os franciscanos.

Surgio Christo outra vez entre os humanos :  
 Subio da terra ao reino afortunado.....  
 E á saude de Christo sepultado  
 Bebem, á tripa forra, estes maganos !

E cuidão quantos dão a sua esmola  
 Que elles a gastão em acção mui pia?  
 Quanto vos enganais, ó gente tóla !

O altar com dous cotos se alumia ;  
 E o fradinho, co'a m... que o consola,  
 Gasta de noite o que tirou de dia.

Acerca d'este soneto, dissemos nós, na primeira edição d'esta Memoria (*Liv. Cl.*, XXV, pag. 162), o seguinte :

« Vem no tomo IV das obras de Filinto Elysió, sem que alli se declare quem seu autor seja. N'uma nota, lê-se : « Este soneto é a relação historica do que succedeu a certo frade, com quem eu, e outro estudantinho, meu camarada, andámos pedindo para o sepulcro. Nem tudo o que os poetas dizem se deve tomar ao pé da letra ; e muito menos o que elles zombeteando escrevem. A relação que vai no soneto é em partes verdadeira, em partes não. » Segundo esta amphibologica nota, e pela circumstancia de se esquecer Filinto (como lhe acontecia com frequencia) de declarar que o soneto não era seu, muitos lh'o attribuirão indevidamente : boa resalva lhe é a declaração que algures fez de que elle proprio a vezes se esquecera se varias obras que publicava erão suas ou alheias. O nosso exemplar está muito superior ao de que se servio Francisco Manoel, como é fácil de ver, confrontando-os. »

Os quatro seguintes sonetos anti-monasticos forão-nos de Setubal enviados, em manuscrito, pelo Sr. Theotonio Banha, que nos affirmou serem de seu preclaro primo; e ácerca de cada um d'elles accrescentaremos algumas palavras :

1.

Ao sacrosanto templo fui um dia,  
De pia inspiração reconduzido;  
Aos pés do confessor, arrependido,  
Minhas culpas enormes repetia.

Entre soluços e ais : « Padre! dizia,  
« Padre! com Marcia a Deos tenho offendido;  
« E adoro Marcia, tanto que o sentido  
« Nunca d'ella (ai de mim!) se me desvia! »

Range um vestido... olhei. É ella! é ella!  
Mal n'ella os olhos deslumbrados puz,  
« A causa do meu mal, disse, é aquella! »

No olhar do padre o pasmo lhe reluz,  
Prorompendo a final : « Céos, como é bella!  
« Ama-a, meu filho, e vai-te com Jesus! »

Quanto ao soneto que precede, sabemos haver quem o attribua a Alvarenga. Um critico, a quem muito respeitamos, diz que esse estylo o não autorisa a tomal-o por de Bocage; todavia sendo certo que ha muitas poesias d'elle inferiores a esta, não ousamos desmentir um respeitavel parente do poeta, que os conservava ineditos, e nol-os confiou.

2.

Não deves consentir, principe augusto,  
Que este bicho infernal; chamado frade,  
Gyre na côrte, gyre na cidade,  
Enchendo a todos de terror e susto.

Qual leão tragador, forte e robusto,  
 Nas moças quer cevar sua maldade,  
 Audaz atropellando a caridade,  
 Que lhe dicta o preceito santo e justo.

Não é odio, não é, que assim me obriga  
 A maldizer a corja viciosa,  
 Que vive de vileza, infamia, intriga.

Se a tal vida do claustro é virtuosa,  
 Vivão no claustro, atulhem a barriga,  
 Que, sem trabalho!... é cousa preciosa.

Foi sobre este feita observação igual á anterior, a que  
 respeitosa e redarguímos da mesma fórma.

Se quereis, bom monarcha, ter soldados,  
 Para compôr lustrosos regimentos,  
 Mandai desentulhar esses conventos,  
 Em favor da preguiça edificados.

Nos Bernardos, lambões e asselvajados,  
 Achareis mil guerreiros corpulentos.  
 Nos Vicentes, nos Nerys e nos Bentos,  
 Outros tereis, não menos esforçados.

Tudo extingui, Senhor! Fiquem sómente  
 Os Franciscanos, Lóios e Torneiros,  
 Do Centimano asperrima semente;

Existão esses lobos carneiros,  
 P'ra não arruinar inteiramente  
 P..., p..., c..., e a....

Este supõe-se andar impresso n'uma collecção de  
 poesias analogas, publicada em Paris por um sujeito do  
 Maranhão. O cavalheiro de quem acima fallámos acha  
 n'este *seus visos de semelhança*; mas expunge-o; o col-

lector porém do denominado tomo VII transcreveu-o, á pag. 136.

Do throno excelso nos degrãos sagrados  
O patriarcha Assiz ajoelhava;  
E consta que dest'arte se queixava  
Ao Deos, que rege o céu, que move os fados.

« Grande Deos! com que pejo relaxados  
« Vejo os filhos que outr'ora abençoava!  
« Já entre elles o vicio se descava,  
« Já de Christo não são da fé soldados:

« Eu te imploro, Senhor, que aos loucos brades,  
« Que lhes apontes a via ao paraíso! »  
Sorrio-se Deos, e dissê: « Não te enfades!

« Frades não fiz, de frades não preciso. x  
« Quando o mundo souber o que são frades,  
« Ha de acabal-os, se tiver juizo. »

Diz o estimável critico supra indicado que o precedente soneto é indubitavelmente de frei José Torrezão. Não ouvindo razões que nos demovão, pedimos venia para não retirar confiança a um illustrado parente de Bocage, tanto mais quanto se nos afigura improvavel que tal verrina contra frades sahisse da penna de um frade!

Um amigo nos diz que, pascando Bocage e Malhão na praça das Caldas, um sujeito lhes dera o mote :

Um burro, um frade e uma freira,

verso que foi glosado por Malhão :

Sahio um garoto á pressa  
A bucar uma parteira,  
Porque vio estarem juntos,  
Um burro, um frade e uma freira.

e por Bocage :

Casou um bonzo da China  
Co'uma mulher feiticeira :  
Nascêrão tres filhos gêmeos,  
Um burro, um frade e uma freira.

O seguinte soneto não o achamos publicado senão no nº 57 do *Velho Liberal do Douro*, mas com as seguintes palavras :

« Lembrei-me de um soneto de Bocage, pintando o heroismo de desesperação de um frade, que, com uma vela na mão, deu muitas pancadas em uma procissão de Terceiros Franciscanos que disputavão preferências : »

Qual tropa regular, a fradaria  
Investe a sacra estúpida ordenança;  
A paz, filha do céo, calada e mansa,  
Doç couices, das patadas se desvia.

Preside alto furor á lide impia,  
De serpes infernaes toucada a trança;  
Pançudo frade Borra a tudo avança,  
E furor marcial nos socios cria.

De um cirio desenvolve heroicos feitos;  
D'este rompe o nariz, d'aquelle a capa;  
Adeos hombros! adeos olhos e peitos

Do sacro phrenesi ninguem lhe escapa.....  
Oh! que bem do Alcorão cumpre os preceitos  
O revoltoso exercito do papa!

Devemos esta anecdota ao nosso amigo o Sr. Dr. Antonio Dias de Azévedo.

Em Santarem, havia assembléa em casa de Benevides : uns jogavão, conversavão outros. Ia servir-se o chá,

quando, ao passar uma menina junto da porta a que o poeta estava recostado, ex abrupto lhe pergunta este :

— O meu amor gosta de mim?

A resposta não menos abrupta foi uma estrídula bofetada!

Alaridos geraes, espantos, satisfações, recriminações, confusão e desordem na sociedade, estes estraphando o acto da senhora, o maior numero criticando a audacia do insolente, até que um dos circumstantes, desejoso de abafar tamanhas iras, teve a idéa feliz de explicar ambos os acontecimentos por simples e mutuo gracejo. Admittida a interpretação, arvorou-se a companhia em tribunal semeilhando as antigas côrtes do Amor. Ouvidos os depoimentos das testemunhas, interrogatorios dos réos, e allegações dos advogados, o tribunal condemnou summariamente á dama a cantar uma modinha; ao poeta, a fazer um soneto sobre o mote que lhe fosse dado pela offendida. Cumprida a sentença pela senhora, deu-lhe por mote :

Das almas grandes a nobreza é esta ;

que o offensor glosou do seguinte modo (*inedito*) :

Apertando de Nise a mão nevada,  
A furto lhe pergunto : *De mim gosta?*  
Cala-se Nise..... e manda-me resposta  
Nas azas d'estrondosa bofetada!

« *Que é isso?* » grita a mãe. « *Senhora, é nada.* »  
Lhe responde com voz branda e composta.  
Ferve susurro aqui; e a parte opposta  
Rebenta insultadora pateada.

« *Calai-vos, lhes gritej, homens incultos!* »

« Achei Nise guardando o lume a Vesta,  
 « Quando julguei que a Amor rendia cultos.

« Sou *nobre!* sou *heróe!* vamos á festa!  
 « Amar, e por amor soffrer insultos,  
 « Das almas grandes a nobreza é esta! »

N'outra assembléa, após os mais extraordinarios improvisos aos mais extravagantes motes, quando já por toda a sala corria não haver impossibilidade que o fosse para semelhante estro, uma menina que tinha toda a noite porfiado em crear os mais exóticos versos, diz ao circulo das amigas :

— Eu é que lh'á vou pregar; havemos de ver como se elle ha de sahir, com uma palavra que não tem consoante.

E alteando a voz, exclama mui ancha :

— Ó Sr. Bocage!

O meu amor foi p'ra a *India!*

O poeta, percebendo a intenção, torna-lhe incontinente :

— Pois, minha senhora, quando elle voltar, vá V. S. bugiar e mais elle!

(A resposta foi ainda mais energica. Força é confessar que, apesar de todas as precauções oratorias, varios dos seus repentes não são para o prelo, pois a sua desbocada liberdade não se tolhia, nem pelo respeito devido ao sexo, nem ás considerações sociaes.)

Foi victima (mórmente depois de morto) não só da imputação de muitas más obras alheias, mas do roubo de muitas proprias.

Tinha Bocage composto o 1º acto, em verso, de um *drama original*, intitulado : *A Restauração de Lisboa*,

quando o arrastarão ao Limoeiro. Um padre, José Manoel de Abreu e Lima, que vivia de escrevinhar para theatro, esperando, como muitos, que o poeta ficasse em ferros, para toda a vida, e senhoreando-se do manuscrito, pô-lo em prosa, completou-o como soube, e representou a peça por sua, no theatro do Salitre. Enraivecido Bocage, dardejou-lhe no impeto da sua colera o seguinte soneto :

Em vão, padre José, padre ou sacrista,  
De magra cachimonia, esteril penna,  
Encaixas do Salitre sobre a scena  
*D'alta Lisboa a celebre Conquista.*

Bocage, entre grades, pede vista  
Contra um roubo mais certo que o de Helena;  
E a comica Thalia te condemna  
Dos plagiarios vis a andar na lista.

D'Affonso houveste ás mãos acto primeiro,  
Fructo do pobre autor encarcerado,  
E deste a consciencia por dinheiro.

Roubaste-lo, por vél-o encaixado.....  
Cuidas talvez que é cova o Limoeiro?  
Ora treme de o ver resuscitado.

Apezar de ser o ultimo terceto identico em quantas cópias temos visto, jurariamos que Bocage o não compôz assim.

A *Hespanhola Inglesa* é um conto de Boccaccio. Estava elle de cama, quando ouviu um cego apregoar com grande emphase : « *A magnifica novella, intitulado Hespanhola Inglesa, producção do insigne Bocage.* » Como o pobre cego cahira em desitalianisar o nome, ergue-se Bocage exasperado, e brada :

— Ainda estou vivo, e já me mercadejão com o nome.

Cheira, me isto a agouro : é a posteridade a passear-me  
diante da porta! e logo dictou o seguinte soneto :

Merçenario pregão de cego andante,  
Quixote de fantastica donzella,  
Audaz impinge semsabor novella,  
Munida de um Bocage altisonante.

Nos floreatos tempos em que fui chibante,  
Ai do Inglez da moça, inda que bella!  
Ai do que ousasse, com venal ballela,  
Pôr-me em pardo papel, e em vil barbante!

Deploraveis mortaes! não somos nada!  
Meu nome que esparziste, hoñraste, ó fama.....  
Meu nome em berraria, em assoada!

A gloria me insta; a colera me inflamma.  
Eu..eu brigo... ó Perpetua, dá-me a espada.....  
Mas ai! Hercules só brigou na cama!

Em 1804, logo depois da coroação de Napoleão, acabavão de dizer-lhe que um N. Serra, de quem formava frouxo conceito, acabava de ser condecorado com o habito de Christo, e de chofre exclamou (*inedito*) :

Sempre os Lusos iguaes forão  
Nos feitos grandes da terra.  
Virão c'roa em Bonaparte,  
Derão o habito ao Serra!

Cousa com que desadorava, quando estava em maré de improvisar, era com o que elle chamava *motes tolos*. Não asseveramos positivamente ser d'elle a seguinte anecdota; mas dizem-nos que tendo elle classificado como tal o mote que lhe acabavão de dar :

Almas, vidas, pensamentos,

respondêra logo com a seguinte décima (*inedita*)

Calções, pólainas, sapatos,  
 Persovejos, pulgas, piolhos,  
 Azeites, vinagres, molhos,  
 Tigelas, pires e pratos,  
 Cadelas, galgos e gatos,  
 Pauladas, dôres, tormentos,  
 Burros, cavallos, jumentos,  
 Náos, navios, caravellas,  
 Corações, tripas, moellas,  
 Almas, vidas, pensamentos.

Tanto esta, como algumas das que immediatamente se seguem, forão-nos transmittidas pelo Sr. Banha, de quem já tivemos occasião de fallar.

Em 1801, por occasião da guerra de Hespanha, nomeou o principe-régento general commandante das tropas portuguezas a D. João de Bragança, duque de Lafões, de idade de oitenta e quatro annos, o qual foi em Portalegre assentar o quartel-general. Nos poucos mezes que durou aquella campanha, apparecêrão alguns paquins pregados nas esquinas de Lisboa, e entre elles este soneto (*inedito*) de Bocage :

Meu principe e senhor! Se Vossa Alteza  
 Quer o seu reino ter bem governado;  
 Se aneja ser temido e respeitado  
 Da nação hespanhola e da franceza;

Mande o duque balhar lá co' a duqueza,  
 E ponha em seu lugar um bom soldado,  
 Valente, homem de bem, capaz e honrado,  
 Inda que seja povo e não nobreza;

O Seabra p'ra Angola, que é bem quente;  
 O Pinto passear pela Inglaterra;  
 E o visconde? deponha-o por demente.

Ministros faça què na lusa terra  
Saibão, sem mendigar de estranha gente,  
Criar heróes na paz e heróes na guerra.

O erudito critico a quem já por vezes alludimos, referindo-se a este soneto, diz : « *O leitor avisado veja e julgue.* » Só diremos que o soneto é fraco, mas não inferior a alguns outros de Bocage, que, para não dormir, não tinha mais privilegios do que Homero; e ainda este nos foi dado pelo Sr. Banha, primo de Bocage, precedido da nota que transcrevemos.

Tinha por habito fumar constantemente enquanto poetava. Um dia, estando hospedado, no convento da Boa-Hora, escrevendo na cella de frei João de Pousafolles, com um candeeiro na mesa, para acender o cigarro, apagou-se-lhe; pediu ao amigo que lhe fosse buscar lume, e como este se recusasse, representando quanto lhe era nocivo tão immoderado uso de tabaco, asqueroso vicio de que se devia abster, redarguiu Bocage :

Amigo frei João; cuidas que é barro  
O famoso tabaco por que berro?  
Um nigromante me transforme em perro,  
Se ha cousa para mim como o cigarro.

Elle me arranca pegajoso escarro,  
Que nas fornalhas d'este peito ancerro :  
O frio, as afflicções de mim desterro,  
Quando lhe beto a mão, quando lhe agarro:

De vicio tal, se é vicio, não me corro;  
E só tomo rapé, tabaco, esturro,  
Quando quero zangar algum cachorro.

Amigo frei João, não sejas burro!  
Traze-me lume já, que se não, morro!  
Dize bem do cigarro... ou dou-te um murro!

Recolhendo-se Bocage, uma noite, do botequim do Nicola para casa, foi encontrado por uma patrulha, que, apresentando-lhe ao peito as pistolas engatilhadas, lhe perguntou :

— Quem é Vm.? D'onde vem? Para onde vai?

Respondeu-lhe (*inedito*) :

É o poeta Bocage;  
Vem da loja do Nicola;  
E vai para o outro mundo.  
Se lhe dispara a pistola.

Afigura-se-nos ser variante do que precede a seguinte historia, que lemos n'uma collecção de aneddotas :

Tendo os espiões da intendencia ordem de prender certo sujeito morador no bairro da Mouraria, em Lisboa, andavão rondando a rua dos Cavalleiros, no momento em que Bocage ia chegando á sua porta. Os alguazis mandá-rão-lhe logo fazer alto com a sua costumada delicadeza; mas o poeta, vindo com a caveira um tanto escandecida, não fez caso da intimação e continuou a approximar-se á casa, onde começou a bater. Os esbirros, zangados, engatilhárão logo as espingardas sobre elle, ordenando-lhe que parasse e dissesse para onde ia, quando não desfecharão immediatamente. « Se assim é, respondeu Bocage, irei para o outro mundo, e se não desfecharem, irei para minha casa, que é no segundo andar: escolhão! — Nada de casa, Vm. é suspeito, ha de ir para o Limoeiro. — Então, replicou o poeta, se sabião para onde eu havia de ir, para que diabo m'o perguntárão? »

Era frequentissimo achar-se exausto de meios, e até curtir fome. Uma tarde em que elle não jantára, sendo convidado por um amigo para irem comer alguma cousa,

è perguntando-lhe este se tinha vontade, respondeu-lhe :

Se alguma palavra digo,  
E o halito á boca puxo,  
Sobem-me as tripas e o buxo  
A escutar se mastigo.

N'estas repetidas crises, dirigio muitas cartas singelas e versos, cujos autographos algumas pessoas conservão, a amigos que o soccorrião: Uma das producções mais galantes n'este genero é o soneto que elle remetteu ao Dr. Montano, pedindo que o favorecesse com a importancia do semestre das Casas da travessa das Mercês, cujo senhorio, um tepeiro gallego, exigia o pagamento, sob pena de despejo, soneto que teve em resposta quatro peças de ouro :

Demanda-me usurario senhorio  
Do já findo semestre a somma escassa;  
Enjoado de esperas, sei que traça  
Pôr-me em Janeiro a passear ao frio.

Elle, em taes casos, para mais tem brío,  
Que é homem pé de boi, vilão de raça!  
Já creio que o mandado extrahe, e o passa  
Á mão ganchosa d'alguazil bravo.

Tu, que detestas esta corja horrenda,  
Que deveu a ganancia iutil sua  
Primeiro ao chafariz, depois á tenda,

O avaro alegre que um semestre amua!  
Acode ao triste amigo, antes que aprenda,  
De cães vadios, a dormir na rua!

Tinha a loja pegada com a igreja do Loreto uma mulher que vendia tabaco; hedionda, com uma interminavel cara, e um descompassado nariz, que ficou historico,

e deu mais que fazer aos poetas de anagrammas e epigrammas que o nariz do padre Genest nos ultimos tempos de Luiz XIV.

Esta mulher, de um genio rispido, vendo-se alvo das constantes chufas da populaça, enfurecia-se a ponto de commetter despropositos. Chamou assim a attenção dos travessos da roda de Bocage, os quaes começaram a ir comprar tabaco á estanqueira do Loreto, despedindo-se d'ella com chocarrices novas, ou chistosos epigrammas.

Teve a pobre Helena a imprudencia de tomar a peito estas reiteradas scenas, que por isso mesmo se multiplicarão, de fórma que, já perdida a cabeça, arremessava quanto achava ante si, a todo o homem assejado que lhe entrava na loja, por se persuadir de que só alli o levava curiosidade ou injuria.

Apenas se estabelecerão as moedas de cobre de quarenta réis, constando á autoridade que a estanqueira as recusava receber, foi esta levada ao Limoeiro, e assim perdeu o seu estabelecimento. Quando a soltarão, veio, já velha, sentar-se n'um mocho, na praça do Calhariz, onde até á morte appareceu todos os dias, sem que a soberba lhe permittisse mendigar, porém recebendo esmolas de quantos passavão, em lugar dos ditados dos antigos tempos.

Teve esta mulher portanto a honra de inspirar a musa dos poetas da quadra, e entre centenares de epigrammas que juizes mui competentes nos asseverão ser de Bocage, citaremos estes, todos *ineditos*, á excepção de quatro :

Cara, cara, cara, cara,  
 Cara, cara, e continúa.....  
 Todas estas caras  
 Não são tanto como a tua!

Cara, cara, cara, cara,  
 Cara, cara, e continúa.....  
 Que revolução, é esta?  
 Anda pela terra a lua?

« Salvo-te, » diz Debs ao demão,  
 « Das masmorras infernaes,  
 « Se metteres esta cara  
 « Onde accomodas as mais. »

« Salve-se! » diz o diabo  
 Nas masmorras infernaes.  
 « Se eu hospedasse essa cara,  
 « Onde ia hospedar as mais? »

Custa a ver qualquer planeta  
 Com telescópio de cá;  
 Ver-se-hia a cara da Helena  
 Sem telescópio de lá.

Quando Bocage improvisou este epigramma, ia com  
 Santos e Silva, que lhe redarguiu:

Não se observa o tal planeta,  
 Porque de lá não vem cá;  
 Vejo o nariz da estanqueira,  
 Porque de cá chega lá.

A cara da estanqueira  
 Por um milhão a comprára;  
 Se fosse cara de assucar,  
 Um milhão, não era cara.

Domingo, dous do corrente,  
 Se faz, pela vez primeira,

O brinco dos cavallinhós  
Sobre a testa da estanqueira.

A estanqueira tem marido  
Que quando deitar se intenta,  
Como não sabe na cama,  
Dorme dentro de uma venta.

Dizem os da Encarnação :  
« Que em morrendo a estanqueira,  
« Faz-se a obra è o cemiterio  
« Tudo dentro da caveira. »

São nadegas ou bochechas!!  
Arrengo do diabo!  
Tem a cabeça no chão,  
E sobre o balcão o r....!

Deu a estanqueira um espirro:  
Gritão os vizinhos seus,  
Julgando ser terremoto :  
« Misericórdia, meu Deus! »

Disse-lhe certo estrangeiro,  
Que ajunta papeis com mas:  
« Quero pôr a sua cara  
« N'essa loja de caras. »

Disse-lhe um seriô taful,  
Que tabaco lhe comprara :  
« A sua loja é pequena ;  
« Porque não vende mais cara ? »

Quer vinhos? Não tem que errar.  
Trepe por esses focinhos ;

Bata nas ventas, que dentro  
Tem dous armazens de vinhos.

Nariz, nariz e nariz;  
Nariz que nunca se acaba;  
Nariz que, se elle desaba,  
Fará o mundo infeliz;  
Nariz que Newton não quiz  
Descrever-lhe a diagonal;  
Nariz de massa infernal,  
Que, se o calculo não erra,  
Posto entre o sol e a terra  
Faria eclipse total!

Esta implicantia com os narizes descõmmonaes era em Bocage mania. N'umas quadras chulas, de entrudo, dedicadas a *Anão Broega*, memoravel narigudo, ha fuitas parecidas com os versos á estanqueira:

É a oitava maravilha  
Que appareceu no universo;  
É credor de eterna fama  
Tanto enrugosa como em viro.

Tal era o fatal bisarma,  
Tal era o nariz maldito,  
Que nasceu para vergonha  
Das pyramides do Egypto,

Ou antes para servir  
De inteira e completa somma  
A quantos narizes cruzão  
Desde Judéa até Roma.

Sabio á luz, deu-se ao prelo  
A penca do tal Jagodes,  
Para ser pasmo de Anax,  
Para ser terror de Herodes.

« Nariz aquillo?! É mentira,  
 « É mentira; não, ha tal, »  
 Clama o outro, e n' esta teima  
 Foi parar ao hospital.

Por mais que sôe o chicote  
 Nas palhas, aos socios diz  
 Que tinha visto o diabo  
 Transformado n'um nariz, etc.

'Para si mesmo preparou vários epitaphios, uns serios,  
 outros jocosos; por exemplo este (que ainda era um tanto  
 diverso, no ultimo terceto) :

Lá quando em mim perder a humanidade  
 Mais ~~uma~~ d'aquelles que não fazem falta,  
 Venhi gratia, o theologo, o peralta,  
 Algum duque, marquez, ou conde, ~~ou~~trade;

Não quero funeral communidade  
 Que engrole os subvenites em voz alta;  
 Pingados gatarrões, gente da malta,  
 Eu tambem vos' dispenso a caridade.

Mas quando ferrugenta enxada idosa  
 Sepulcro me cavan, em ermo outeiro,  
 Lavre-me este epitaphio mão piedosa :

« Aqui dorme Bocage, um bom bregeiro!  
 Que passou vida alegre e milagrosa;  
 Comeu, bebeu, pimpou, sem ter d'... »

Tambem os fez serios, como são estes dous :

Eu, com quem se ufana a pedra erguida,  
 Ah! se encantou com sonoras côres.....  
 Já Bocage não é! não, pois, amores!.....  
 Chorai-lhe a morte e celebrai-lhe a vida!

De Elmano eis sobre o marmore sagrado  
 A lyra em que chorava ou ~~os~~ amores.....

Ser d'elles, ser das musas foi seu fado!  
Honrem-lhe a vira vates e amadores!

Dois dias antes de morrer, entrando no quarto o Sr. José Pedro da Silva, a tempo em que sahia um sujeito altissimo e delgadissimo, diz-lhe Bocage: « Você foi um anjo que me appareceu, homem! Morrer por morrer, antes de aneurisma, que espetado na ponta de um florete. »

A seguinte damol-a por nos haver sido, por tres vias, attribuida a Bocage; mas supponho-a mais antiga, e provavelmente de Camões:

Era noite fechada, quando, n'uma rua deserta, acommettido de uma dôr urgente, se demorou em sitio escuro. Uma criada do predio a que estava encostado, chegando com o seu toucado á janella, divisou um homem em feia attitude, e para fazer pagar a audacia, emborcou uma tigela da casa sobre o vulto, que saltando em pé e perfilando-se com a janella, exclama:

Ó menina do toucado,  
Já que tem a mão tão certa,  
Venha buscar a offerta  
Que ficou do baptisado.

N'um outeiro de abbadessado, em que estavam muitas freiras tocando os sinos na torre, Bocage, aborrecido já de improvisar, respondeu a um que o instava:

— Nada! Agora não faço mais versos: quando muito, darei motes.

Pedirão-lhe pois um mote; e Bocage, olhando para os badalos e porcas dos sinos, deu o seguinte:

Que sinos! com tantas porcas!

De um tio nosso, o Sr. Joaquim Barreto de Castilho, amigo de Bogage, recebemos um soneto, que elle mesmo lhe vio improvisar, e que, apesar de não ser dos melhores, daremos aqui, por não andar impresso em collecção alguma, de que tenhamos noticia.

Em uma casa, á Fundição, se achavão ambos, quando pela rua passou, a trote, um picador da casa real, por nome João Dias Talaia, a quem Bogage havia visto, na semana antecedente, ser despejado da sella, n'uma corrida de touros, no lugar da Panasqueira. Bateu as palmas, e exclamou instantaneamente :

Esgalgado bucephalo montava  
 O picador ou peccador João Dias;  
 E, a duros golpes das esporas frias,  
 As ôcas tripas do animal furava.

Largo capote o cabeção lhe ornava  
 Ouro infiel, que tu, Brasil, não crias;  
 E um moço das ruelas estrebarias  
 Em bruto fada peor o acompanhava.

Empertigado o corpo, ia de trote;  
 E ao vél-o campear d'esta maneira,  
 Lhe diz um tal gaiato de bom lote :

« Ui! montado outra vez! famosa a carreira!  
 « Já se não lembra o nosso D. Quixote  
 « Do estrondoso boléo da Panasqueira! »

O nobre critico a quem nos temos referido diz a respeito d'este soneto o seguinte : « Pertence a Antonio Lobo de Carvalho, acerrimo antagonista do Talaia, e já foi incluido como tal em uma collecção que das obras d'este poeta sahió ha pouco impressa (*Cadix*, 1852). »

Neste lugar, não podemos, em que nos peze, deixar

de discordar de tão competente autoridade. Nós dissemos haver recebido este soneto de um tio nosso, *que o vira improvisar*; e após tal asserção admira-nos a negativa. E em que razões se estriba ella?

Em ter havido um editor, que, em 1852, isto é, setenta annos depois da morte de Lobo, se decidio a attribuir a este um volume de poesias obscenas, e muitas talvez com tanto fundamento como aquelle com que se afirma que todas as *bernardices* sabião de labios dos Bernardos.

Se é prova de ser de Lobo o ter aquelle editor dado como de Lobo o soneto, em 1852, muito anterior e maior é a prova de ser elle de Bocage; visto que nós, desde 1847, lh'o attribuimos.

Se é razão de ser de Lobo o ter sido este antagonista de Talaia, tambem Bocage não mostrou a esse Talaia grande respeito quando n'um soneto escreveu:

Fervem correios ao loquaz Talaia,

(sé é d'elle, o que não affirmamos, o soneto publicado, na ultima colleção: *Oh! triste, malfadada Academia!*)

Finalmente cremos que a discussão é impossivel, quando, como não o fizemos, se cita uma origem que não deve ser posta em duvida.

A vespera de Corpo de Deos, n'aquelles mui poeticos tempos da folgazã Lisboa, era uma noite deliciosa. As ruas da Baixa, por onde, ao outro dia, tinha de passar a procissão, estavam armadas, illuminadas, aréadas, floridas, cheias de povo, com as janellas todas enramalhadas de flôres e damas, no ultimo extremo da gala e da riqueza. Os bons engenhos para trovas, desde o cerrar da noite até á madrugada, gyravão, de rua em rua, pe-

dindo motes, glosando-os, recebendo applausos, que pagavam com rasgos novos de enthusiasmo, ou chascos e epigrammas, a que tinham por ponto de honra retribuir com cem por um. A tradição, que nos conservou a physionomia geral d'estas bellas scenas, são características, tem ido deixando cahir, como é seu costume, muitos dos mais brilhantes esmaltes de que ellas se vião ornadas.

Que Bocage era o rei d'aquelle povo de poetas, rei sem rebeldes e ás vezes tyrannico, por si mesmo se entenderia, se tantas presenças testemunhas nol-o não attestassem. N'essas noites era elle mais que admiravel: a immensidade do auditorio; o estampido das palmas, desde o apertado pavimento das ruas até aos quartos andares; as luzes; os aromas; e o espirito infuso, exaltando-lhe ainda o natural, davão-lhe uma promptidão; uma felicidade de pensamento, de fórmas e de rimas; uma subtileza para vencer difficuldades; ou uma destreza para as saltar, quando invenciveis, ficando ainda mais airoso; que muito é para sentir que, de taes e tantos portentos, só uns échos mal distinctos nos ficassem! Que pena que a tachygraphia, que tinha de voltar em nossos dias para recheiar de chamados discursos politicos centenares de in-folios, que a posteridade só ha de aceitar como lastro de livrarias, não madrugasse um pouco mais!

Só podemos rabucar hoje, d'aquellas ceifas opimas, uma ou outra espiga, imperfeita e rara: as paveias, gradas e formosas, levou-as o tempo, e já lá as atirou sem ruido para o golfão que tudo engole!

— Venha mote! exclamou Manoel Maria, debaixo da janella de um primeiro andar, onde, entre duas formosas, se pavoneava um cavalheiro, já seu concorrente em torneios amorosos, e que então mesmo parecia cortejar

a uma d'ellas... que mais era necessario para que o poeta se irritasse?

— Lá vai mote, exclamou o seu rival feliz :

Formosa, bella, engraçada!

Bocage, para quem a França, em casos taes, valia, mais até que a melodia metrica, substitue ao verso dado, e muito de industria, est'outro, a todos os respeitos inferior :

Formosa, bella e honrada!

— Formosa, bella, engraçada! insiste o outro.

— Formosa, bella e honrada! insiste tambem o poeta, com dobrada intimativa.

— Engraçada! engraçada! Não é, honrada!

— Ah! bem me parecia a mim. Pois então, se não é honrada, eu a... não faço versos!

E foi ávante, pedindo motes, e improvisando.

Narra o Sr. Innocencio F. da Silva que achando-se Bocage em uma assembléa, e recitando a sua traducção da *Metamorphose de Myrrha*, aconteceu que, estando tambem presente um celebre mulato Joaquim Manoel, grande tocador de viola, e improvisador de modinhas, as senhoras preferissem escutar o mulato ouvir Bocage; que este, não podendo supportar o que julgava mais que injurioso desar para o seu amor-proprio, rompeu de repente com o seguinte soneto :

Esse cabra ou cabrão, que anda na berra,  
Que mamou no Brasil surra e mais surra,  
O vil estafador da vil bandurra,  
O perro, que nas cordas nunca emperra;

O monstro vil, que produziste, ó terra  
 Onde narizes natureza esmurra,  
 Que os seus nadas harmonicos empurra  
 Com parda voz, das paciencias guerra;

O que sabe no focinho á mãe tachorra,  
 O que nescios applaudem mais que a Myrrha,  
 O que nem veio de prolar forra;

O que afina inda mais quando se escurra  
 Merece á philosophica pachorra  
 Um c..., um passa-fóra, um arre, um irra.

Tyranno da intelligencia, exigia, nos outros, milagres de rapidez, iguaes aos do seu estro. N'uma d'essas noites famosas, em que Bocage tinha já improvisado bastante, entrou a passear, seguido da turba dos satellites, do *claro auditorio seu*: de espaço a espaço parava, interrompendo a conversação, para escutar os improvisos dos trovistas, que o procuravão imitar.

Deu-se de uma janella este mote :

Bateu as azas; fugio;  
 Não me ha de mais apanhar.

Um dos vates, impondo silencio immediatamente com o brado : « Lá vai glosa ! » Começou logo, com a maior emphase :

Quando de Athenas sahio  
 O Argonauta valente.....

e estacou, por lhe não acudir a musa com a necessaria presteza. Repetio pois, já em tom mais vagaroso :

Quando de Athenas sahio  
 O Argonauta valente.....

Nova pausa, que já fazia suar de impaciencia Bocage, o qual apenas ouviu, pela terceira vez, a sentença :

Quando de Athenas sahio  
O Argonauta valente,

grita :

Ficou muito descontente  
A grã.... que o....

Entra João Soyé no quarto de Bocage, depois de uma crise do aneurisma, que lhe havia feito curtir horriveis dôres, e sentando-se, diz-lhe :

— Não sabes, meu rico Manoel? Vamos ter um poema epico.

Senta-se o doente na cama, escancára os olhos, e exclama :

— Um poema epico !

— É como t'ó digo. Já Antonio Ribeiro dos Santos o mandou copiar para imprimir-se.

— Então de quem ? é d'elle !

— Não : é do Medina...

A este annuncio da *Zargueida*, torna-se a deitar mui sosegado, dizendo :

— Conheço, conheço; erraste-lhe o nome; isso é *poema ethico* !

E havia n'isto ingratidão, pois foi ao proprio Bocage que Medina dedicou o seu poema (composto, diz o autor, em quatro mezes ! e publicado em 1806); precedendo-o do seguinte soneto :

A ti, vate sem par, cujo estro inflamma  
Do numen Patareo o sol fulgente,  
A tí, grande Bocage, cuja frente  
De sacros louros delphico se enrama,

Cumpre o levar o meu poema á chamma  
 Da tua sabia critica prudente :  
 Ninguem mais do que tu independente  
 Lhe póde grangear perpetua fama.

Segue tu pois da sã justiça o trilho ;  
 Castiga os cantos meus; dá-lhes belleza ;  
 Á tua correccão é que os humilho.

Sejamos immortaes na redondeza :  
 Tu, dando ao meu poema eterno brilho  
 E eu só porque tentei tão grande empreza.

Tendo-lhe Medina lido, durante a molestia, varios fragmentos, Bocage passou a formar d'esta obra idéa diametralmente opposta, a ponto de a equiparar aos *Lusiadas*, como o prova este soneto :

De Zargo o heroico ardór que luz na fama  
 Cantas em metro altisono e ferventé.  
 Nautica, lusa gloria em seu oriente  
 Por ti, qual no zenith, esparsa a flamma.

Do misero Machim, da triste dama  
 Choras o infausto amor tão doceménte  
 Que o tronco o sabe, que o rochedo o sente,  
 Que a terra geme... e que fará quem ama?

A que, de Homero a par, no Elysio avulta,  
 Sombra do grão Camões, alta e divina,  
 Crê que valla em teus olhos; attende, exulta :

A face para ti sorrindo inclina,  
 E ao teu canto vivaz, que o tempo insulta,  
 Grão não longe do seu já lhe destiga.

Quando Bocage enfermou gravemente, este João Soyé dirigio-lhe esta poesia :

De Elmano aura vital ameaçada  
 D'Atropos féra está; mas vacillante

De a tesoura fatal fechar, o instante  
A seu pezar suspende, sossobrada.

De egrejos vates turba desolada  
Ao supremo dos nuimes imperante  
Mil ais e mil suspiros incantado,  
Exhala, de terror sobresaltada.

Da ausencia, co'o peso, esfallecido  
E de pungentes dôres trabalhado,  
O triste Jonio exclama espavorido :

- « Filmmifero, potente Jove irado!
- « Se és bom, se tens poder, compadecido!
- « Dá que Jonio são veja Elmaso amado!

Era José Anastacio de Figueiredo mui presumpçoso. Quando sábio o primeiro volume da sua *Nova Historia da Ordem de Malta*, deu um exemplar a Bocage, e encontrandô-o passados dias, travou-se entre elles o seguinte dialogo :

- Então, Sr. Bocage, leu?
- Li um pedaço.
- Gostou? que tal?
- Sim senhor, pareceu-me bem.
- Ora muito estimo. Até onde leu?
- Li as duas primeiras paginas.
- Ora essa! Pois Vm. lê a obra, não tendo lido senão duas paginas?
- É que dou a Vm. a certeza de que ninguem lê mais!

Nunca Figueiredo lhe tornou a fallar. Nem admira esta impressão profunda em Figueiredo, que tendo fallecido no mesmo anno que Bocage, diz o Sr. I. F. da Silva haver succumbido ao desgosto, e

apaixonado pelo frio acolhimento que a sua *Historia de Malta* obtivera do publico.

Posto que o seguinte soneto seja attribuido a Bocage, ha quem julgue ser da viscondessa de Balsamão. Em todo o caso, comquanto não bello, e com toda a apparencia de original, não o é, mas sim imitação de um de Hénault, que vem em *Les bijoux des neuf siècles*, pag. 95, e no *Diccionario dos homens illustres*. É feito a um aborto forçado (*inedito*):

Tu que, antes de nascer, morres forçado,  
Triste aborto, imperfeita creatura;  
Do ser e do não ser porção impura,  
Do ser desprezo e do não ser cuidado;

Tu és de amor o fructo malfadado,  
Fructo que a honra aniquilar procura;  
D'amor obra funesta e sem ventura,  
Da honra triste victima e do fado.

Perdão, ó anjo, a culpa commettida!  
Contempla a mãe, a esposa sem comorte,  
Não a culpes de ingrata e de homicida.

Dous tyrannos decidem tua sorte.  
Contra a honra o amor fez dar-te a vida;  
E a honra contra amor fez dar-te a morte.

Ao Ex<sup>mo</sup> Dr. Joaquim Mangel de Macedo, um dos primeiros ornamentos da litteratura brasileira, ouvimos uma anecdota, que com poucas variantes nos tem sido repetida por varias pessoas do Rio de Janeiro, onde elle é mui conhecida.

João Pedro Maynard, homem que occupou elevada posição, sendo até, durante a minoria da, indigitado para regente, tinha a mais estupenda memoria natural, e

mesmo sem meios artificiaes fazia os mais admiraveis exercicios mnemônicos.

Quando Bocage se demorou no Rio, em sua escala para Goa, sendo apresentado a Maynard como rei de improvisadores, este desejou ouvir. Com effeito, n'uma reunião, foi dado um mote, ao qual Bocage redarguiu sem demora com um excellente soneto. Findo elle, diz-lhe Maynard :

— O que a desejava, era ouvir obra nova, pois isso que Vm. recitou é conhecido.

— Como assim, se eu agora o improvisei?

— Queira desculpar : é velho, e tanto que eu o sei de cór.

Desafiado por Bocage, Maynard repetio a poesia literalmente, já com murmurio do auditorio, e confusão do poeta, que, indignado, bradou :

— Não sei como é isto, senhores; foi um improviso; e se o duvidão, venha outro mote.

Sendo dado outro, ainda com maior rapidez, o glosou, seguindo-se a mesma scena, e repetindo-o igualmente Maynard. Então Bocage abraçou-o, dizendo :

— O que o senhor é, é um grande maganão, e a mais portentosa memoria que eu tenho encontrado.

E assim era.

O Sr. conselheiro Junqueira, cultor das musas, nos escreve, da Bahia, em 10 de Junho de 1865, o que passamos a transcrever, e que lhe foi narrado por um amigo que se deu muito com o poeta :

Bocage, que pretendia ser amado por todas as moças, entre outras damejou a uma saloiazinha que lhe não respondeu. Elle despeitou-se, e algum trévesso, com in-

tuito de o enfezar, mandou á saioia o mote seguinte para ella dar ao seu arrastado :

« Para amar não tenho tempo.

« Bocage comprehendeu o estratagema, visto dar-se-lhe uma palavra que quasi não tem rima; e não obstante, improvisou logo umas poucas de décimas, que eu soube, porém a memoria não me conservou senão a seguinte (*inedita*) :

« Eu por mulheres do campo  
Nem um par de solas rompo.  
Bem basta quanto me estrompo  
Á caça co' o meu Melampo.  
Ás vezes os toneis tempo  
Do succo das uvas que empo;  
E outras, por passatempo,  
As ruas dos bosques limpo;  
Depois a dormir me chimpô.  
Para amar não tenho tempo. »

Retrahimos a penna, para não darmos a este capitulo exageradas dimensões, quaes alcançaria se houvessemos de descrever todos os felizes repentes de Bocage e as curiosas anedotas que lhe são attribuidas. Baste porém o que deixamos dito para, conjunctamente com os dous que se seguem, darmos por completo o retrato moral do poeta.

## CAPITULO XVI

Relações de Bocage com varios dos seus contemporaneos avulsamente. — Thomé Barbosa. — Os irmãos Bersanes. — O canapé do preguiinho. — O guarda-mór Virginia. — Galina. — Nicoláo Tolentino. — Antonio Ribeiro dos Santos.

Será este capitulo verdadeira continuação do antecedente. Scenes privadas, da intelligencia do homem superior, dão nos d'elle mais cabal idéa que todas suas producções; e accresce que as anedotas de Bocage se revestem sempre de multiforme interesse.

Se nunca houve mais jovial e aprazivel trato que o seu, tambem jámais a terra vio tão ingrata e voluvel amizade: o mesmo homem, á mercê de suppostas offensas, ou antes das vagas do animo do poeta, era em seus sabios sapientissimo ou imbecil, desmoralisado ou virtuosissimo, admiravel ou reprobado. Tão singulares são n'este sentido as relações de Bocage com José Agostinho de Macedo, que, suppondo dever dar-lhes maior desenvolvimento, as reservamos para um capitulo especial, assim como consagraremos outro ás relações do nosso poeta com a *Nova Arcadia* e os arcades, por considerarmos esse assumpto a um tempo de interesse litterario e social. Passemos pois agora a relatar desordenadamente alguns successos occorridos entre Bocage e outros homens conhecidos d'aquelle fecundo periodo, e de oestro, tão raro hoje, borbotava de todas as intelligencias, sem que seja materia para que devamos buscar methodo ou classificação. Estudemos, em suas relações com outros, o homem inquieto, que, figurando sempre na van-

guarda, nunca soube deixar descanso nem a seus admiradores, nem a seus inimigos.

THOMÉ BARBOSA DE FIGUEIREDO ALMEIDA CARDOSO

O polyglotto official de linguas da secretaria dos negocios estrangeiros, que, a ser certa a affirmativa de Balbi, na *Tentativa Estatistica*, sabia perfeitamente as linguas grega, latina, franceza, italiana, hespanhola, ingleza, dinamarqueza, sueca, allemã, hollandeza, turca, arabe e russa, e não menos a litteratura da mór parte d'estes idiomas, era um dos mais illustrados admiradores de Bocage. Assim devia ser; que possuia, além de mui vastos conhecimentos em todo o genero e grande cabedal de juizo, muito particular noticia dos poetas antigos que o nosso mais conversava, e alguns dos quaes não só interpretou, mas por vezes excedeu. Convidou-o pois, com todos os delicados melindres de um coração verdadeiramente benéfico, para lhe honrar alguns dias a casa, como hospede. Era conjunctura em que Bocage andava de todo destituido de recursos: pousada, boa mesa, excellente livraria, trato cordial e franco, com amigo illustradissimo; e, por cima de tudo isto, completa liberdade, até nas minimas circumstancias do viver, não erão paraíso que ao menos se deixasse de experimentar.

Durou semanas, com mutuo contentamento, a convivencia... De repente, um dia de madrugada, entra o hospede no aposento do hospedeiro, e acorda-o, agradecendo-lhe o bom trato e despedindo-se.

Thomé Barbosa, que esperára ter para annos, senão para a vida, aquelle commercio, tão do seu gosto, e de parte a parte tão vantajoso, sobresalta-se com a noti-

dade, e pede, quasi assustado, a razão de tão subita mudança: o poeta não responde: o amigo insiste, aperta, supplica... até que finalmente constringe o oraculo a descerrar-se:

— Não é possível ser mais bem tratado do que eu, n' esta casa, o tenho sido. Tudo quanto por boca se pôde pedir, aqui o tenho... Mas uma cousa me falta, que me desassocega, me tira o somno, cuja privação me não deixa ser feliz, e que entretanto me seria defesa emquanto aqui me conservasse. Não posso passar um dia mais sem dizer mal de V. S., ou arrebento!

Debalde o generoso bemfeitor lhe respondeu, rindo e com o coração nas mãos, que permanecesse e o epigrammasse quanto quizesse; que gosto da sua companhia assaz o desforrava do pungir das suas sátiras. Mas tal partido é que não podia convir ao pundonor *sui generis* d' aquelle espirito em tudo excentrico. Abraçou-o; sahiq; e como primeira amostra da longa teia de sonetos com que o regalou, escreveu com lapis n' um sobrescripto, logo ao sahir da porta, este, que para dentro lhe remetteu por um criado. Reproduzimo-lo, cabendo advertir que a substituição, que os editores fizeram, do verso:

O guapo charlatão Thomé Barbosa,

por:

O guapo charlatão, novo Spinosa,

foi provavelmente devida a uma excessiva delicadeza; arreceiando-se de que a declaração do nome proprio damnasse á merecida reputação do satyrisado; receio tão injurioso pelo menos como o soneto, pois não leva por desculpa o enthusiasmo do poeta (se é que a causa da

mudança não foi, como se nos affirmou, exigencia da censura).

Dos tórridos sertões, pejados de ouro,  
Veio um tal sabichão de honrada fama,  
Que os livros prezava, os cartapacios ama,  
Que repartem das linguas o thesouro.

Arranha o persiano, arranha o mouro,  
Sabe que Deos em turco Alá se chama,  
Que no grego alphabeto o G é gama,  
Que taurus em latim quer dizer touro.

Para papagaiair sahio do matto ;  
Abocanha talentos que não goza ;  
É mono, e prega unhas como gato.

É nada em verso, quasi nada em prosa,  
Não conheces, leitor, n'este retrato,  
O guapo charlatão Thomé Barbosa?

(Nas notas à *Collecção de Bocage*, pelo benemerito Sr. I. F. da Silva, achamos esta variante aos motivos que induzirão Bocage a romper com o seu amigo : que, tendo Manoel Maria escripto ou traduzido alguns artigos, com destino de serem insertos no *Mercurio*, foram estes, no todo ou em parte, rejeitados por Thomé Barbosa, que era um dos redactores, ou revisor do dito periodico.)

Igual desfecho tiveram outras semelhantes hospeda-gens, todas cordiaes e frequentissimas, por casas abastadas e titulares.

ANTONIO E JOSÉ BERSANE LEITE

Erão estes irmãos (Tionio e Josino) de singulares dotes, e poetavão com harmonia, naturalidade, singeleza e graça, sendo Bocage constante e intimo amigo de ambos.

• Por occasião da morte de seu pai, João dos Santos Bersane: dirigio-lhes Bocage a formosa elegia que reproduzimos no tom. I, pag. 184, e principia :

O sabio não vai todo a sepulchro.....

A José Bersane dedicou Bocage uma ode, na qual se conhece quão suaves erão as relações entre ambos. É a que se lê no tomo 1º, pag. 7, d'esta collecção, e começa :

Euro, batendo as azas procellosas.....

Também de Gôa escreveu ao mesmo a epistola que começa :

Josino, meu Josino, a cujo lado.....

A Antonio Bersane, de quem alhures disse Bocage :

Do meu Tionio a lyra milagrosa.....

dirigio a seguinte epistola :

Os amores ha muito, ha muito as graças,  
E a deosa d'ellas mãi, mãi dos teus versos,  
Instão que á pátria os dês, que os dês á fama.

Tarde cedeu Tionio á voz divina :

Tarde que vezes cento a Paphia turba  
(Nas horas brandas, em que aos ais me acode)  
Carpindo-se de ti, me disse, ó vate:

O ingrato, que indignamos, foge á gloria

Ao publico louvor se esquivava e furta.

• Grinaldas de amaranthos, e myrtho, e rosas,

• Dos maternos jardins por nós colhidas,

• Soffre que as murche, que as defilhe o tempo,

• Na fronte, onde borbulhão, fervem a incão

• Gentis idéas, e expressões mimosas.

• Aos nunes do paiz, de Cypria aos filhos,

« Que para eternisal-o os sons lhe derão,  
 « Remissa e deixado assim respondei;  
 « Os deos nos mortaes que mais animo  
 « Às vezes corações de ferro encontra!  
 « Cantor de Teios, os teus versos vivem;  
 « Vivão com elles a Tionio os versos;  
 « E o tempo fallador, que gyra o globo,  
 « N'elles espalhando-os, amacie as vozes,  
 « Colha brandura do amavel tempo.»

Assim, queixosos da tenaz modestia  
 Com que teu nome a teu louvor negavas,  
 A rosea, terra face, os dentes nossos  
 De aljofar humido humedecião.

Emfim, cedendo a voz divina:  
 Já vê com que o litterario mundo  
 Que brilha um genio mais no céu das artes,  
 Versos formosos, adejai sem susto,  
 Meigos amores, escoltai-lhe o vôo.  
 Embora ladre o zoilo, embora os mordas  
 Dentes do cão d'Aristarche inextinguíveis,  
 Os fins não frustrem da escumante inveja,  
 Que não seu nada quer sumir o engenho,  
 Quer-lhe, apodrentar-lhe a flor e o fructo.

Prole dos numes, quasi nume, o vate  
 Vive no tempo, na memoria vive;  
 E vai do tempo e da memoria castros  
 Converter-se em porção da eternidade.

Oh! se não ferrenho, a teu mau grado,  
 Ha quem preze a razão, quem preze as artes,  
 Ha mão que avive e galardoe o genio!

Fugem de Phebo espiritos mimosos,  
 Foga, Tionio, seu que não se anno!  
 D'entre as furnas da inveja, ou tarde, ou cedo,  
 Surge a gloria em triumpho, e nunca morre.

Por occasião de enviuar Antonio Bersane, Bocage lhe  
 mandou este soneto:

tributo em azeite, no coração gerados,  
 Não dês á caracina, a liliu esposo :  
 Ração da vida o circulo sanoso  
 Caminhos florescentes e estrellados.

Espiritos gentis por Jove amados,  
 Voltendo a seu principio luminoso,  
 Olhão sol não crestante, e mais formoso,  
 Vaguetão sem temor por entre os fados.

Com alta fantasia, e fructo enxuto,  
 Vê nos Elysios a immortal consorte,  
 Vê da virtude a hór tornar-se em fructo.

Doce, Augusta verdade, amor conforto :  
 Em vós, ó impios, a existencia é luto,  
 É nos eleitos um sorriso a morte.

O idyllio *Armia*, que se figura escripto em Santarem, e em que o poeta declara ter querido imitar o *etlylo* de Fernão Alvares do Oriente, tem por interlocutores Elmano e este seu Josino.

Era José Bersane mui feliz em chistosos epigrammas. Como o irmão levasse o requinte da corteza a ponto de exaggeração, sendo conhecido pela antonomasia do *Bersane comprimenteiro*, fez-lhe José muitos epigrammas, por exemplo :

Antonio meu caro irmão,  
 Da politica é portento;  
 Quando não encontra alguém  
 Faz cortezias ao vento.

Não! ninguém em ser cortez  
 Venceu Antonio até qui :  
 Quando se vê ao espelho,  
 Faz cortezias a si.

Lá na loja do Nicola  
 A Antonio um d'el' deus.  
 Entra um; diz : « boas-noites. »  
 Torna a si... tira o chapéo.

Na collecção de *Satyricas*, feita por A. M. do Couto, apparece, á pag. 59, attribuido a Bocage, segundo a opinião vulgar, um famoso soneto, que o compilador julga ser d'elle, *pelo estylo e por estar bem feito*. Enganou-se porém, pois é de Antonio Bersane, que o compôz, por occasião de representar-se a *Elzire* de Miguel A. de Barros, tragedia em que um rei da Thracia apparecia com os dedos ensanguentados de os haver enterrado pelos olhos que arrancára á filha. Aqui o reproduziremos, por estar n'aquelle folheto coalhado de erros, ao ponto de ter versos inteiros substituidos aos do autor :

Gritava mestre Braz : « Filha traidora!  
 Hei de arrancar-te os olhos, vil cadella!  
 Tu pôs trancas de ferro na janella,  
 « Só por não ver o biltre que a namora! »

N'isto a moça infeliz suspira e chora.....  
 Suspirão graças, chora amor co' ella :  
 Ah! tão meiga não é, não é tão bella,  
 Quando as polas verte, a linda aurora!

« Ser sapateiro ou grande o fado o.....  
 « Sou um pai, que da honra a estrada trilha.....  
 « Tragedias nunca vio quem me condemna!

« O fechar-lhe as janellas não me humilha,  
 « Que ha pouco o grão Miguel mostrou na scena  
 « Que um rei da Thracia fez o mesmo á filha. »

Do modo que precede nos exprimamos na edição de 1847. N'uma nota da Collecção de 1853, alludindo-se

aquella declaração, é dito : « Como todavia se não declara qual o testemunho ou fundamento da affirmativa, e o soneto ande em nome de Bocage desde 1814, julgámos dever conserval-o na posse em que o achámos. »

Se a questão era de *uti possidetis*, parece que a ultima posse pertencia a Bersane.

Não é razão bastante o andar no tomo V das *Rimas de Bocage*, sahido á luz treze annos depois que este era pasto de vermes.

Tambem Cousto, nas *Satyricas*, diz que o julga de Bocage, *pelo estylo e por estar bem feito!* e assim mesmo só noticia ser elle *attribuido* ao nosso autor, unica poesia da collecção a que pôz semelhante nota. Se taes razões procedessem, teria a *Livraria Classica* dado mais dezenas de ineditos, que recebeu com visos de bocagianos.

A nossa asserção *positiva* proveio de ser a com que se nos exprimia algum fidedigno amigo do poeta, cujo nome já não é possível rememorar. Permitta-se nos pois repetir que o soneto é de Bersane.

Indo um dia Bocage visitar José Bersane, com os seus calções novos de seda preta, atirou-se para um canapé, que se desfazia de caruncho, e tendo além d'isso um traiçoeiro preguinho, que, logo ao primeiro movimento, de alto a baixo, rompeu os calções. Levantou-se Bocage desesperado, e perfilando-se com o decrepito canapé, começou a dar-lhe uma grande descompostura.

— tens vergonha, interrompeu Bersane, de insultar aquelle velhusco em procyll! Ha quanto tempo cuidas tu que eu tenho aquillo?

Fugio do incendio de Troya,  
Lá d'esse incendio voraz,

Enéas co'o pai ás costas,  
E' o moço co'aquillo atrás.

— Impostura! redargue Bocage, quer fazer este diabo só da idade de Troya!

Lá qué Deos formou o mundo  
Em seis dias, é de fé;  
E ao setimo descansou  
Aqui n'este canapé.

— O mundo! o mundo! pois isto é lá do principio do mundo! interrompeu Bersane:

Inda antes de existir mundo,  
E inda antes de haver Adões,  
Já eu tinha este preguinho  
Com que rompia calções.

— Pela consequencia, desenganemo-nos, torna Bocage:

Quando a velha eternidade  
Por esta casa passou,  
Fosse a este canapé:  
« Sua bênção, meu avô? »

Ainda continuarão este riquíssimo tiroteio, mas não se conserva mais; e só d'estes epigrammas conhecemos impresso um.

Tendo Antonio Bersane vindo para o Brasil em 1808, transportou-se para Minas, onde falleceu, deixando descendencia e parentes em varios lugares do interior, e particularmente em S. Gonçalo da Campanha.

<sup>4</sup> Narrão outros estes improperios como feitos em Gôa, e dirigido ao celebre canapé historico, que hoje conservado em poder de um curioso, e que figurou tanto na exposição de Lisboa em 1850, antes de bruido, envernizado, empalhado, profanado. Quem quiser conhecê-lo veja o desenho que delle apresenta o n.º 2 do tomo II do *Archivo pittoresco*.

O Sr. Francisco de Paula Bersane, seu neto, residente no Rio de Janeiro, disse nos ser tradição na sua familia que o conhecimento entre Tionio e Elmano se verificára com singulares circumstancias. Já Bocage tinha ouvido elogiar o estro de Antonio Bersane, quando casualmente se encontráram n'uma reunião. Ah!, passando-se á distracção do improviso, então tanto em moda, pediu Bersane que lhe dessem mote; Bocage para o experimentar lhe deu o seguinte :

Aquella pedra que lá.

Tionio glossou-o logo por este modo :

Quiz erguer sobre altar

A minha Nise. Eis amor :

« Presta-me, diz, teu favor :

« Benigno vem me ajudar. »

Ouvindo-me recusar,

Irado ás furias me dá;

E eu lhe grito: « Amor, vem cá

« Mais máo genio nunca vi.

« Dize, que mais faz aqui

« Aquella pedra, que lá? »

O mesmo Sr. Francisco de Paula Bersane nos asseverára que ainda existia na Campanha uma sua tia, filha de Antonio Bersane, a Sra. D. Maria Vicencia Bersane Leite, a qual fôra namorada de Bocage, com quem até esteve para casar. Presuppondo que em poder d'esta senhora existissem ainda, por acaso, alguns ineditos de Elmano, dirigimo-nos a pessoa de plena confiança, o Sr. Francisco Antonio de Lemos, de Camacão da Campanha, provincia de Minas, o qual teve a bondade de informar-nos do seguinte: os noventa invernos que pesão

sobre a Sra. D. Maria Vicencia (ainda contraparenta do Sr. Lemos) a prostração por modo, que nem pôde ligar conversação alguma, nem lembrar-se de particularidades que tanto interessarião hoje. O que porém é certo, pois nol-o afirma o misso obsequioso informado, é que Bocage frequentava muito a casa de Antonio Bersane, chegando até a estabelecer ali por varias vezes o seu quartel-general; d'onde provierão sem duvida as relações estreitas entre o poeta e a sua Marcia, hoje nonagenaria.

OSÉ DA CRUZ VARONA

O pobre José da Cruz Varona, guarda-mór do tabaco, foi tambem alvo de um tiroteio epigrammatico da phalange bocagiana.

Se acreditarmos no que elles dizião (e não é caso de juramento) o velho Varona não passava de um gebo matrapilha, cuja casa se achava miseravelmente mobiliada, e estúpido a ponto de dizer que tinha uma *egua femea*, e que, á força de magro, era chato como um capacho. Uma filha bedionda, chamada Rita, bátia no pai, sem respeito á idade, ao sexo, á paternidade, ás perninhas, nem á cabelleira. Havia mais em casa tres criadas, e um garoto, que alcunhavão de Cupidinho. Comquanto este homem fosse condecorado com a ordem de Christo, não fazia senão queixar-se das injustiças de que era victima, e da escassa contemplação em que tinhão os seus serviços. Diz o Sr. Innocencio ter-lhe asseverado o Sr. conego Freire que o velho não possuia um só dente, sendo essa a allusão do *deusolachas* de um dos sonetos. Agora, facil será já comprehender a intenção dos seguintes :

O guarda-mór da calva para *baxo*  
 É mais insupportavel que um *capucho*,  
 Não tem *boto*, nem *ligado*, nem *bucho*,  
 Mais chato, me parece que um *capucho*.

As costas são cavernas d'um *patacho*,  
 Os queixos são as guelras d'um *capucho*,  
 Tem figura de magico, ou de *bruxo*,  
 Na cabeça miolos lhe não *acho*.

Affecta no exterior santo de *nicho*,  
 Por dentro é mais sinistro do que um *mocho*,  
 E aloja mais peçonha do que um *bicho*.

O que os outros têm cheio, elle tem *chôcho*,  
 O que é nos mais vassoura, n'elle é *lixo*...  
 E anda isto entre nós? ah! bom *arrocho*!

Com habito de fóra, e de capote,  
 O Varona, tratante sem limite,  
 Deixando as frescas margens de Amphitrite,  
 Em pratica foi pôr subtil calote :

A rua Augusta caminhou de trote,  
 (Passo que a velha idade não permite)  
 E vendo um mercador, teve appetite  
 De encontrar n'elle credulo pichote :

Entra, curvando o tremulo gasnate,  
 Requer de baetão covados sete,  
 Que o mercador lhe fia, annoso orate!

Pega do ardo, amigos acommette,  
 Em rifa o põe, augmenta-lhe o quilate,  
 Pilha o dinheiro, e falta ao que promette.

Com rosto o guarda-mór mesmo se arronho  
 Vendo a porta um credor, que o se arronho,  
 « Negue-me sempre (disse ao Cupidinho) »  
 « Senão, sem lha pagar, na rua o ponho.

« Nunca fui de illusões : não me envergonho,  
 « Nem se me faz vermelho este focinho.  
 « Chamem-me cafre, chamem-me mesquinho,  
 « Que eu fico muito lepidq e risinho.

« Com as minhas astucias cá me averbe;  
 « E se é preciso um falso testemunho,  
 « Da calumnia o character desempenho.

« Não me pilhão vintem Dezembro e Junho,  
 « E a favor d'estas cans e cruz que tenho,  
 « Todo, todo em calôtes me despenho. »

Ha outro soneto, que, sendo *medito*, nós publicámos na primeira edição d'esta memoria, principiando :

Já resolvi! Em agarral-o embirro...

mas cumpre confessar que esse estylo não é do nosso grande versificador: Comquanto fosse reproduzido na *Collecção* de 1853, com muitas variantes, que lhe não dão mais merito, preferimos rejudial-o, por espurio. Vejamos outro, de mais merito :

Canteis todos lugubres endechas  
 Que a vida, capuchas dás femeas chochas,  
 Ao descarnado pai, de gambias frouxas,  
 As sacrilegas mãos pôz nas bochechas.

Redobre o écho ltuosas queixas.  
 Piem té rebentar mochos e mochas.  
 E, ao ver do amo affrontado as faces róxas  
 Cupidinho leal corte as madeixas.

De raiva o guarda-mór môa bolachas,  
 As tres crias mettão-se capuchas,  
 E as paredes do horror abrão mil rachas.

E tu, o velho cans paternas puxas  
 Vai no centro voraz de acesas achas,  
 Ter o tragico fim que têm as hachas.

Uma noite, tendo Bocage e José Bersane estado de camaradagem n'um mesquinho sarão em casa do pobre epigrammado guarda-mór, voltárão para a morada de Bersane, e como a cêa não estivesse prompta, desafiou este a Bocage com um quarteto, que logo foi completado soneto por Bocage, do seguinte modo (*inedito*);

## BERSANE.

Já que grita a horta e a cêa tarda,  
Aqui, em verso humilde e humano,  
Vários todos fazes, amigo Elmano,  
Leilão dos trastes que possui o guarda.

## BOCAGE.

Casaca velha, rôta, suja, parda,  
Feiã, ruim, de amarellado panno;  
Sapatos, que solou ha mais de um anno,  
De que inda o remendão o importe aguarda.

Rouxinol, codorniz e dous cochichos,  
Seis paellas, tres trempes e dous  
Dez perrucas viuvas de rabichos,

Quatro cadellas femeas, dous cães machos,  
Uma filha mais feia que tres bichos,  
Aqui seus serviços e despachos.

## GALINA

Este militar compôz varias obras, especialmente uma carta sobre o suicidio, e uma traducção de *Heineccio*, que os contemporaneos apreciavão. No navio onde voltava da India, tropeçou, cahio ao mar e morreu afogado perdendo-se-lhe as obras.

Foi elle, em 1798, nomeado ajudante do caduco Ma-

rinho, que, de oitenta annos, acabava de ser despachado governador de Solor e Timor. Dizia então Bocage :

— Encontrei hoje o Marinho, que me deu parte do despacho; dizendo-me : « Sr. Bocage, cá vou, farto de rapaziolas, ganharão para a velhice! »

Quando Galina deu no theatro uma sua peça original não fallava Bocage de outra cousa a quantos encontrava :

— Ora o Galina! o Galina! Vm. já viu a *Idene?* pois eu lh'a conto. Convoça-se o divan para decidir do casamento. Ha um Catão desde o principio da peça. O Solimão II faz uma falla para capear os turcos feitos, a ver se cedeirão casar com a Grega, e quem se seguiu a votar era o Catão. Nisto exclama todo pasmado: « Uma grega mulher no solio turco! » E vai-se e acaba-se a peça! — Ora o Galina! o Galina!

Foi a Galina que Bocage endereçou o seguinte soneto :

Quem é este boneco empertigado,  
De laçarrão no peito, e farda ruça?

— É um solo inglez escaramuça,  
E um bandido a bandurra o seu bocado.

— O que he? — O seu solar e o seu morgado  
Tem no gasto capote em que se embuça.

— De que vive? que faz? — Geme e soluça,  
E de amantes paixões anda mirrado.

— E ha moça que o affecte? — Olé! quarenta!  
E uma (de aspecto máo) tanto o cobiça,  
Que cedo a mão na igreja lhe apresenta;

E para a brinde de fora, em que é noviça,  
Dá-lhe licor de bolorenta,  
A caruncha de vida, e a mãe sedica.

Apezar de todos estes epigrammas, Bocage lhe fazia

es quanto justiça, em momentos lucidos, segundo o costume.

NICOLÃO TOLENTINO DE ALMEIDA

Entre estes dous homens parecia dever ser grande a attracção, pela multidão de semelhanças de seus genios e destinos, se é que esta circumstancia ao contrario não devia motivar antipathia.

Tolentino, nascido em 1797 e quatro annos antes de Bocage, contudo ainda lhe sobreviveu seis; portanto forão contemporaneos, e a residencia do official de secretaria foi sempre em Lisboa, onde tambem Bocage quasi sempre assistio.

Forão ambos poetas estimadissimos como taes.

De nenhum ficou obra original de grandes dimensões.

Ambos tratarão de preferencia o genero satyrico, epigrammatico, elegias e poesias lyricas.

Se Bocage cansa, pela indelicadeza com que pôz sua musa a mendigar, mais intoleravel é esse defeito em Tolentino.

Se aquelle pedia inspirações á genebra e ao ponche, este brava :

Das escumas do Madeira  
Vejo nascer a alegria.  
Com as azas afugenta  
A minha melancolia.

Já se perturba a cabeça  
Já tenho emprestadas côres,  
Já começo a esquecer-me  
As molestias e os credores.

Ambos elles se ostentão frecheiros, inconstantes e  
doadores de mil deidad.

Ambos sujarão as pennas em assumptos de natureza  
demasiadamente livre.

Se um descompõe o ouro, pelo qual faz baixezas, do  
finindo-o assim :

Faço a paz, sustento a guerra;  
Agrado a doutos e a rudes;  
Gero vícios e virtudes;  
Torço as leis, domino a terra;

o ouro faz-me côro, respondendo :

Dinheiro, invicto dinheiro,  
Só em ti é que eu me fundo :  
Tens o direito da força;  
Es o tyranno do mundo;

e portanto, n'este sentido, o que não podião haver, davão  
pelo amor de Deos.

As ficias até á morte solteiros, apezar de tão mul-  
tas das paides.

Ambos sustentarão suas irmãs e famílias... e d'isso  
fizerão titulo para, em proveito de sua tãpa mendici-  
dade, excitarem compaixões.

A final, Bocage morreu nos braços da irmã Maria  
Francisca; Tolentino nos da irmã Joaquina. Aquella era  
reconhecida por Manoel Maria como a sua predilecta; a  
esta tinha Nicoláo em tal conceito que respondia, a quem  
lh'o perguntava, não querer casar por ser prohibido casar  
com irmã.

Ambos protegidos por José de Seabra.

Ambos caridosos; ambos de espantosa memoria; am-

dois latinistas: ambos cultores da nossa mais pura poesia classica.

Ambos finalmente, e com pequeno intervallo, sepultados no cemiterio das Mercês, perto um do outro; ambos fallecidos hontem, sem que já seja possível acharelhes os restos.

Homens que tantos titulos approximavão, parecião todavia estranhos um ao outro; nem Bocage falla uma só vez, nas suas obras, de Tolentino, nem Tolentino de Bocage!

Consultando sobre esta singularidade alguns amigos do poeta, foi-nos dito por Assentiz e D. Gistão (os quaes muito conversarão ambos os autores) que não só tinham feito a mesma observação, quanto ás obras, mas notado que, nas suas conversações, nem Tolentino nem Bocage fallavão nunca um do outro, em bem nem em mal, levando este cuidado a ponto de affectação, pois quando de tal objecto se tratava, calavão-se elles!

A Sra. D. Anna Marecos porém, dama de altissima intelligencia, que a ambos os poetas conheceu, asseverou-nos que elles tiverão relações estreitas, estando ambos, por essa occasião, esta anecdotas.

Estava Bocage encostado ao umbral da porta de uma loja do Hocio, aparentemente pensativo e absorto, quando Tolentino, chegando-se-lhe ao ouvido, pergunta:

Elmano, a lyra divina  
Por que razão emmudece?

ao que logo Bocage respondeu:

Porque mais cala no mundo  
Quem mais o mundo conhece.

Tornou Tolentino:

Que tens achado no mundo  
Que mais assombro te faça?

Bocage sem hesitar:

Um poeta com ventura,  
Um toleirão com desgraça

Dentro em poucos minutos, estavam os improvisadores rodeados de centenas de ouvintes; e, influidos pela emulação, continuarão longo tempo, sem ceder fraquejar, n'este formoso *écho*, em que já vimos também Bersane sido eminente.

O Sr. Banha, parente de Bocage, deu-nos conta de outro *écho* entre ambos. Tanto um como outro tinham pés monstruosos, que mutuamente epigrammarão. Só se conservão porém os seguintes versos de Bocage:

Se o padre santo tivesse  
Um pé tão longo e tão máo,  
Pudera mesmo de Roma  
Beija-pé em Macáo.

Tolentino fez-lhe este (*inedito*):

Erão tres juntas de bois,  
E d'aquelles mais selectos,  
A puxar pelos sapatos.....  
E os sapatos quietos!

ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS

PINO DURIENSE —

O eruditissimo philosopho era mui respeitado por Bocage; porém, nas suas obras, apenas uma vez o

menção. É no tomo III, pag. 17, na carta a Ricardo Raymundo Nogueira, sobre a *Brevidade da vida humana* :

Onde o ardente harmonico Bocage?  
Pergunta a essas lousas pavorosas  
Que já cobrirão seus mortaes despojos,  
Que foi de tantos genios soberanos,  
Que nem as cinzas nos sepulcros restão,

Tomemos aqui um respiro. No seguinte capitulo falaremos das relações de Bocage com outros contemporaneos.

#### CAPITULO XVII

Continuação das relações de Bocage com os contemporaneos. — Morgado d'Assentiz. — Auxilio que esta obra lhe deve. — O segredo de Bocage. — Theatrinho da rua de S. José. — Ercia. — Epistola d'Assentiz. — O Morgado e o Sr. Castilho (Antonio). — D. Gastão. — Sua coadjuvação a esta obra. — Os sete sonetos de D. Gastão. — O soneto : Ah! meu Gastão, o meu enhoraia. — Padre Joaquim de Foyos. — Condessa d'Oyenhausen — Filinto.

#### MORGADO D'ASSENTIZ

Francisco de Paula Cardoso de Almeida, um dos mais caros amigos de Bocage, hoje é morto, e jaz sepultado ao pé da marqueza d'Alorna. Este homem, de vasta capacidade, nunca foi lembrado por governo algum para nenhuma occupação! Pouco antes de fallecer, subindo a escada de D. Gastão, bate, lembrando-se do epitaphio de Piron, e diz ao amigo : • Meu Gastão, já me custa a ceder deitar : isto está por um fio, e encarrego-te o meu epitaphio, que vim fazendo pela escada :

O' Assentiz aqui jaz,  
 Que nunca foi deputado,  
 Nem sequer juiz de paz.

Ainda em Outubro de 1845 gozavamos, com elle, uma das mais formosas manhãs que legão inextinguiveis impressões. Convidaramos para praticarem de Bocage (em proveito d'esta Memoria) os dous poetas, os dous joviaes e doutos anciãos que tiverão com elle trato quotidiano, Assentiz e D. Gastão, sendo presentes a este delicioso fimmoço litterario nossos irmãos Antonio e Adriano, e o Sr. conselheiro Viale. Com o salútico, a vivacidade de imaginação e memoria, que os annos não havião esfriado, a mais exemplar cortezia e benévola paciencia, singulares dotes d'aquelles venerandos representantes da geração que lá vai, porfiavão ambos em invocar tão gratas recordações, e do choque de suas reminiscencias resurtio grande parte dos feitos e aneddotas que narramos, devendo nós a Assentiz dous autographos de Bocage, um quinto volume, por elle corrigido de muitos erros que o deturpavão; e a emenda da satyra, de que foi amanuense, bem como a approvação, e em parte collaboração na escolha dos excerpts preferidos.

Sempre que o Morgado e Bocage se encontravão, repetia este :

— Ó Cardoso, por amor da *politica* é que nós nos conhecemos!

Alludia esta referencia ao modo singular como havião travado amizade. Estavão ao pé um do outro, esperando missa, na igreja de S. Domingos. Voltou-se Bocage para um com quem viera, e disse-lhe:

— *Medoro torce il naso,*

o que ouvindo Assentiz, redarguiu, continuando o texto italiano :

— *Politica! politica!*

Derão uma gargalhada, começarão em agradável conversação, e nunca mais se deixarão. Eis-ahi porque elles se conhecião *por causa da politica.*

Foi Assentiz amanuensé de Bocage, com muita frequência, e n'uma loja de bebidas, ao Rocio, como no seguinte capitulo veremos, lhe escreveu a famosa satyra intitulada *Pena de Talião.*

Contou-nos este cavalheiro, que, liberalisando-lhe Bocage a maior predilecção, e fazendo-o sabedor de todos os seus segredos, teve entretanto um singular capricho em lhe excitar n'um ponto, sem jámais lhe satisfazer, a curiosidade. Parecia muitas vezes absorto, quasi extatico: perguntava-lhe Assentiz a causa, e elle respondia :

— Peza-me, amigo, peza-me! Ha uma asneira grandissima nas minhas obras!

— Que asneira?

— Deos me livre de denuncial-a, nem a ti. Vê lá se a achas; o que te eu sei dizer, é que me envergonho sempre que lhe passo por cima.

Este mesmo dialogo se repetio amiudadamente: dizia Assentiz ter lido, mais de uma vez, as obras todas do seu amigo, só com intuito de descobrir ao que elle se referisse, mas frustrou sempre as suas meditações.

Com Assentiz ia Bocage, por Entre-muros, quando ao passarem defronte do palacio dos Guiões, que se acabára de edificar, interrompeu a conversação, bradando :

Vendeu vinagre o pai! fez isto o filho!  
O neto, que fará, seguindo o trilho?

Foi o Morgado maníaco por theatro, que lhe levou para cima de cem mil cruzados. O celebre theatrinho da rua de S. José (erecto na esquina da travessa Larga), vasta sala, de dimensões iguaes ás da rua dos Condes, e onde scenario, vestuario e mais pertencas, ostentavão asiatica magnificencia, tudo isso pendia sómente do poderoso braço e intelligente gosto do Morgado d'Assentiz. Varias peças de Bocage forão compostas para esse palto.

A versão de *Attilio Regulo* foi encetada pelo Morgado de quem, com leves alterações, é o 1º acto, publicado pela primeira vez no tomo IV de 1813. Ha n'esta versão (ou mais propriamente imitação) muitos versos cujo pensamento é de Bocage. O drama foi depois apresentado no theatro da rua dos Condes, onde actores e espectadores observarão que descahia de vez em quando, e exigirão em varios sitios *bombas* (linguagem technica do tempo). Fez-lhes o docil traductor a vontade, nem sempre sem sacrificio da razão e do gosto.

A traducção da tragedia *Vestal* tambem foi feita para o theatrinho da rua de S. José. Uma edição que d'ella se publicou (tomo V de 1822, 3ª parte), apesar de feita com o original de Assentiz, vem deturpadissima: a que demos porém na *Livraria Classica* foi composta sobre um exemplar onde aquelle amigo fez as convenientes alterações.

Tem este exemplar uma nota curiosa, do punho do Morgado, ao ultimo verso da scena 7ª do 1º acto:

No altar morrendo, revelou meu crime,

e é esta que litteralmente transcrevemos:

« No original francez, cujo autor se ignorava, terminava o primeiro acto no verso acima, e com esta divisão

de acto a offereceu o traductor a seu amigo Francisco de Paula, Morgado d'Assentiz, para a levar á scena em seu theatro, na rua de S. José. Porém depois accordarão ambos que produziria melhor effeito o conservar a peça, para se aproveitar o golpe de theatro da scena de Veturia e das outras sacerdotizas; sendo mais natural que o rebate que *Emilia* produzio, participando á Summa Sacerdotiza o desastrado acontecimento de se haver apagado a luz sagrada, e da effigie de um homem em tão sacrosanto lugar, fosse seguido immediatamente da concurrencia de Veturia e das mais sacerdotizas ao templo, onde se perpetrára tão horroroso crime. — *Assentiz.* »

Quando appareceu esta peça, como ninguem tinha visto o original francez, correu ser ella original de Bocage, que escolhêra o assumpto para hostilisar os mosteiros; mas é traducção do francez, e asseverou-nos Assentiz ser de Danchet, até em geral traduzida ao pé da lettra, como nos provou por estes versos :

Detesto os deoses meus, que adora o medo,  
Filhos do engano, pela morte honrados,

correspondentes a :

Je déteste les dieux par la crainte adorés,  
Enfantés par l'erreur, par la mort honorés.

A censura modificou muitos versos, e para se conceber o espirito que a regulava, apontaremos um d'esses casos.

O verso :

Summo bem dos mortaes é serem livres,

teve de ser trocado por est'outro :

O Humano coração tende á ventura.

Tudo isto nos foi asseverado por Assentiz, porém o certo é que, tendo nos examinado a collecção das obras de Danchet, em quatro volumes, e as biographias d'este poeta, não achamos cousa que se assemelhe á tragedia *Ericia*! Estudando os titulos de todas as peças francezas que se sabe haverem sido representadas em Paris, desde o seculo decimo-quinto, só uma se nos deparou, que provavelmente será a procurada, isto é a tragedia *Cornélie, Vestale*, representada em 1713, que passa, com duvidas, por ser de Fusilier.

Baldámos esforços por achal-a no Rio de Janeiro, e por isso nada podemos afirmar; mas eis-aqui a nossa suspeita.

\* Bocage, com o seu apurado gosto, e escrúpulo summo no uso dos termos, já ao traduzir um drama de Arnaud, a *Eufemia*, trocou em Sophia o nome de uma freira, chamada *Melania*, dando como razão a *necessidade de evitar um equivoco bem palpavel*. Do mesmo modo terá sido impressionado pelo nome de *Cornelia*, a que terá attribuido um radical muito duro, chrismando assim em *Ericia* a protogonista e a tragedia.

Voltando porém ao assumpto de Francisco de Paula Cardoso, diremos que este dedicou a Bocage a seguinte epistola:

Tu, que á lusa nação, que á patria nossa,  
 Dás gloria, dás brazão, dás ufania;  
 Tu, que fazes marchar com pompa ovante,  
 A par da lacia e franca, a lingua lusa;  
 Tu, cantor da razão, cantor das graças,  
 Que umas vezes, ruindo impetuoso,  
 Transpões, semôrto em estro, antigas margens,  
 E dando essencia nova a sons humanos,  
 Pensando como um Deos, como um Deos fallas:

Ora brincando co'os louçãos  
 Risos, prazeres de teus labios  
 Foge a raiva, a fereza ao canto alyrio,  
 E languida se ri a natureza :  
 Outra vez, legislando imperioso,  
 Amaveis tornas deis, moral e culto ;  
 Ó tu, vate de Lysia, Europa, mundo,  
 Salve, Elmano, uma vez, mil vezes salve !  
 Lá d'esse immenso, radiante estadio,  
 Aonde Olivo-roja, Elmano vate,  
 Lá do alcazã gloria, a tantos invio,  
 Presta me o juriso aos ternos votos,  
 Que mil vezes formei, que hoje te envio :  
 São de ardente amizade estréas tenuous,  
 De vate provém, são de tí dignos.

Ah! Se dado me fôra á honrosa c'rôa,  
 Que tecendo te estão de Lysia os genios,  
 Juntar mais um raminho a tantos ramos,  
 Minh'alma, acesa em fogo desusado,  
 Excedendo-se a si, cantar-te ousára.

Afigura-se á mente extasiada  
 Ver Lysia com seus filhos afanosa  
 Exultar, dando pressa ao teu triumpho :  
 Lá diviso na frente, Anthesignano,  
 O velho honrado, o vate, o grão Filinto,  
 Co'a c'rôa triumphal as mãos pejudas,  
 Magestoso avançar, e os sons augustos  
 Soltar assim da boca veneranda :  
 « Eis a c'rôa, que Lysia te decreta :  
 « Quando Lysia t'a dá, Elmano, aceita-a.  
 « Se o futuro avistar é dado aos vates,  
 « Duração de Nestor te augura e fado :  
 « Tens-lhe a lingua de mel, terás seus dias.  
 « Nunca a vida é mór bem que quando a cantas :  
 « Ella escude o cântor, que tanto a exalta.  
 « Ah! Feliz o mortal, feliz tres vezes,  
 « Que essa c'rôa te herdar, correndo os evos :  
 « Quando fôr morte e cinza o que hoje é fogo,  
 « Saudade, fama e gloria a essencia tua! »

A esta poesia retribui Bocage com estes versos, que tanto exprimem de consideração como de affecto :

Mimo, as graças te florece o canto,  
De tantas sensações inda orvalhoso;  
De alma, que em nectar inundei saudoso,  
Foge a dôr, fuge o mal, fuge o quebranto.

São melodia os ais, delicia o pranto,  
Que excita o verso teu, gentil, mimado :  
Por elle jura amor, por mais piedoso  
E sente a natureza um novo encanto.

Estro do coração! Teus sons, teus lumes,  
Dos montes de peregrina amenidade  
Tentem no longo adejo os florecos cumes :

Versos, não vos merecê a ferrea idade;  
Gozai no Olympo, ó musica dos numes,  
Vosso ouvinte immortal : a eternidade.

Na epistola (vide *Excavações poeticas*) em que o Sr. Castilho (Antonio) persuade o Morgado d'Assentiz a escrever ácerca da brilhante roda dos seus finados amigos, exprime-se assim a respeito d'este :

E o que brilhou qual sol, brilhou qual raio,  
O igneo Bocage, o principe de todos,  
Umão em Lysia, a não tolhê-o as Parcas.

Acerca da vida do Morgado merecem ser consultados os dous curiosos artigos que no tomo I, pag. 300 e 307, do *Archivo pittoresco*, inserio o Sr. Innocencio F. da Silva.

D. GASTÃO FAUSTO DA CAMARA COUTINHO

— ANFRISO TAGITANO —

Em 1847 escreviamos nós :

« Quem ha ahi que não conheça o sabio e amavel velho, quasi derradeira reliquia de tão florissante quadra! Quem melhor do que elle podia, no genio, na jovialidade, no estro, na instrucção, na urbanidade, personificar a geração passada? Mal haja a impertinente modestia de tão delicada penna, que tem privado o publico de numerosas produções de optima estola, as quaes ajuntarião uma joia preciosa á corôa poetica de que seorna a fronte d'esta nação. As suas cantatas, sonetos, idyllios, elogios, epigrammas, farião a gloria de um illustre poeta; mas sobretudo as suas paraphrases de Horácio, do seu autor querido, que tem estudado com um affinco, um amor, uma superioridade tal, que ha feito desenterrar centenares de bellezas novas, n'aquelle opulento veio da intelligencia humana, d'onde já parecia que a'alluvião de habeis mineiros de todos os tempos e de todas as nações tornava baldadas explorações novas. »

Então promettiamos incorporar n'esta colleccção a inédita versão da *Arte poetica*, de Horácio, feita pelo mesmo fidalgo, e seguida dos seus abundantes commentarios.

Hoje, tudo está mudado. D. Gastão já não pertence á terra. Por iniciativa nossa, tivemos a satisfação de ver sahir do prelo a sua *Paraphrase da epistola aos Pisões*, todavia sem os commentarios, que constituião a sua mais valiosa parte; e suppomos que os seus restantes manuscritos não verão mais a luz.

Ora pois; fallemos d'este nosso finado amigo.

O interprete de Horacio era digno da amizade do interprete de Ovidio; o poeta, o satyrico, da do satyrico e poeta. As intimas relações entre ambos nunca arrefecerão, apesar das apparencias em contrario, de que abaixo fallaremos.

Por occasião da molestia de Bocage, dirigio-lhe D. Gastão sete sonetos, a alguns dos quaes o poeta respondeu pelos mesmos consoantes. Eis aqui um dos *ineditos* :

Dos estragos crueis que o tempo faz  
Ninguem té agora zombaria fez :  
Nada lhe importão fugitivos pés,  
Saia de malha, rígido carcaz.

Aferrado ao porvir, não torna atrás,  
Por mais e mais rodeios que lhe dê :  
Estas nevadas cans, estas que vês,  
Mostrão signaes de que já fui rapaz.

Em ferreo throno impavido juiz  
Lança por terra, sem valor, sem luz,  
Nymphas mimosas, campeões subtis.

Tudo a cingida barbaro reduz...  
E só tu, que és, por um triz,  
Cysne dos rios, grão cantor do truz!

Perdeu-se um preciosissimo soneto com que Bocage pagou este. Eis aqui outro, cujo autographo possuímos :

Formosa Analia! e mais formosa e pura  
No expressivo pincel do vate amante,  
Quando nos céos de amor, no teu semblante,  
Graças espreita, e perfeições mistura.

Salve, nympha, que lá da immensa altura  
Vês o mundo rolar, solto e distante;  
Por milagres do metro altisonante  
Que dar-te eterno sol promette e jura.

Se, forçando os umbraes da eternidade,  
Aos posteros te dás em letras de ouro,  
Passando o nome teu de idade a idade;

Do amante, que te dá phebêo thesouro,  
Com lagrimas de dôr e de saudade  
Linha a fronte que enrubra o louro.

---

Vendo o Grande, o que os orbes senhoreia  
(O Ente que os orbes extrahio do nada)  
Que sobre a terra, a prantos avezada,  
Cysne dos numes, os mortaes recreia:

Cala; e co'a mente, de prodigios cheia,  
Molda que volva aos céos, propria morada.  
Eis negreja entre nós furia e tempesta,  
Furia, que esp'ranças lucidas sopêa.

O suave cantor, em verso amigo,  
Dá novo brilho aos céos, dá ser ás plantas,  
De cá das margens do arido jazigo.

Sorprende a morte por maneiras tantas...  
Dizem que menos fez no tempo antigo  
Thracio amator ao cão de tres gargantas.

---

Genio mordaz, que o merito golpeia,  
Nadando em ondas de sulfurea flamma,  
Leva de rôjo a musa que do Gama  
Cantou prodigios mil, de gloria cheia.

Sem luz o triste, e soffrego da alheia,  
Razões fallazes imagina e trama;  
Porém risonha não succumbe a fama,  
Que entre os luzeiros immortaes vagueia.

Não eu assim, que attonito e curvado,  
Teus sons adoro, magestoso Elmano,  
Pelos salões phebeos extasiado;

Vate, credôr do seculo romano,  
 Digno d'aquelle, a cuja sombra e lado  
 Cantava outr'ora o cysne mantuano!

A este respondeu Bocage, pelos mesmos compassos,  
 com o seguinte :

Dôr, que afiada o coração golpeia,  
 Se não toldasse o brilho á Delia flammâ,  
 E o tom do vate, que endeosa o Gama,  
 Inda a voz me alongasse, altiva e cheia :

Com alma solta, e do vil globo alheia,  
 (Onde inveja o desar ao genio trama)  
 Nos vultros esmaltados de aurea fama  
 Tentára os orbes, que immortal vagueia.

Aos hombros de Aquilão, por mim curvado,  
 Subira céos e céos : já nume Elmano,  
 Bebêra sóes e sóes, extasiado ;

E, revocando á mente o grão Romano,  
 Pelos climas da luz, contigo ao lado,  
 Hymnos te dera em metro mantuano.

Transcrevamos o que em seguida dissemos na edição  
 de 1847 :

« Dous crimes imperdoaveis para José Agostinho com-  
 mettêra pois D. Gastão : ser amigo de Bocage, e hostili-  
 sal-o a elle, como n'estes sonetos se vê. Protestou pois  
 vingar-se; e fê-lo de uma sordida fôrma, que nos obriga  
 a entrar em desagradaveis pormenores.

« Qual fosse o verdadeiro impulso de Macedo, tão figa-  
 dal inimigo de Bocage, apresentando-se em casa d'este  
 logo que a sua molestia se tornou mortal, foi para muitos  
 problema; e quasi todos os que o rodeavão asseverarão que  
 o fim do padre fôra captar-lhe a confiança, e apoderar-se

dos seus manuscriptos, sob pretexto de coordenal-os, e dal-os dignamente ao prelo. Suppõe-se pois que Macedo se possou de quanto ahi havia de mais valôr, apenas Bocage expirou, convencendo a irmã do poeta de que ia tratar da publicação dos *ineditos*. Presidio depois Macedo à impressão de dous volumes de obras posthumas, em que introduzio versos proprios, em prova da sua vingança, elle que talvez se apoderasse de versos alheios, em prova da sua vangloria.

« Que portanto punir a enxada de D. Gastão, e assim tentou (mas em vão) imitar o estylo de Bocage, no soneto :

Ah! meu Gastão, o Pindo senhoreia...

attribuindo Macedo a Bocage uma producção que era d'elle e só d'elle; tendo entretanto a imprudencia de zombar n'esse soneto, do outro do *cão das tres gargantas*, que D. Gastão computzera, em honra do seu amigo, o que para logo devia *a priori* revelar a falsidade. A idéa que de Gastão formava Bocage, mostra-a este terceto :

Nem tu me esquecerás, Gastão cadente,  
Lustroso a par de mim, quando de chofre  
Igneas canções brotei, co' um Deus na mente.

Antes de passar avante, transcrevamos o tal soneto de José Agostinho :

Ah! meu Gastão! o Pindo senhoreia;  
Riscos não temas, não periga o nada;  
Franquêa a mente à musa, que, avisada,  
Turbas rasteiras a grasnar recreia :

Narra os altos portentos de que é cheia,  
No vulgo, e em botequins dá-lhe mórada;

Se é pois d'heres a critica esfaimada,  
 Contra asnos charlatães golpes sopeia :

Alhos porros, em vez de louro, amigo,  
 Nos mornos versos, que imprimiste, plantas,  
 Que eternos cobrirão o teu jazigo :

Ficarás immortal por formas tantas,  
 Que o pórvir ninará no tempo antigo,  
 Com medo do tal cão *das tres gargantas*.

O respeitavel Sr. I. F. da Silva, concedendo a autoria d'este soneto a Bocage, a ponto de o inserir na sua collecção, pondera na respectiva nota (I, pag. 401) — não ser exacta a accusação que contra José Agostinho se formulou; que o estylo e maneira metrica d'este se não confundia com o de Bocage; que José Agostinho não foi quem dirigio a publicação dos tomos IV e V das *Posthumas*, e sim Marques Leão e Costa e Silva; que, ao contrario, a esse tempo José Agostinho se não corria com qualquer d'elles; e que considera o sónico como do nosso autor.

Recordamo-nos perfeitamente de que a nossa asserção foi echo da de D. Gastão, com quem trabalhámos muito, com quem conferenciámos sobre os factos, e que ainda sobreviveu cinco annos á publicação d'esta Memoria. Se nós o consultavamos ácerca de cousas estranhas, como ignoraria elle o passo que a si mesmo se referia? Como deixariamos n'este de exigir o seu concurso?

Se havemos porém de dizer toda a verdade, o soneto para ser de José Agostinho parece-nos excessivamente bocagiano; e para ser de Bocage, extraordinariamente forçado e defeituoso.

## PADRE JOAQUIM DE FOYOS

Este Oratoriano, deputado do Santo Officio, official de guerra, secretario de estado, commissario da Bulla, chronista da casa de Bragança, censor regio do desembargo do paço, socio da academia, etc., e, além d'isto, passava por hellenista, tinha aspirações a poeta, e a quem cumpre confessar que Alpino chama *o sabio athleta Foyos*, entre os entendidos considerado como documento vivo de que o estudo improbo, *invita Minerva*, assemelha chuva sobre areal:

Quando Bocage esteve detido na casa de Nossa Senhora das Necessidades, da Congregação do Oratorio, foi este padre um dos encarregados de o converter. Dizia então Bocage :

— O Foyos! O Foyos! É pena que estudasse, e te tolo se perdeu alli!

Parece ainda ser a elle que, á queima-roupa, disparou este epigramma :

Longe estás de ser pateta,  
Foyos, tens varias noções :  
Entendes bem a selecta,  
Lês, estudas e compões...  
Por um triz não és poeta.

## CONDESSA D'OYENHAUSEN

— ALCIPPE —

D. Leonor de Almeida, condessa d'Oyenhausen e Assumar, marquezã d'Alorna, a elogiada de Marquês, aquella de quem Bocage, Almeno, Filinto e outros elevarão a summa altura o viril talento. Á piedade filial

devemos a formosa collecção, em 6 volumes, de suas variadissimas obras, precedida de uma curta biographia.

O tomo III das *Rimas de Bocage* foi precedido da seguinte dedicatória a esta illustre dama :

À cantora immortal, deosa da lyra,  
Que exprime em aureos sons, em metro augusto,  
O que é digno de Jove, ou digno d'ella ;  
À cantora immortal, de Lysia esmalte,  
A mente e o coração consagra Elmano.

Mulher deidade, magestosa Alcippe,  
Ó grande ! ó primogenita de Phebo !  
Prospera a gloria minha á sombra tua !  
Abrija os versos meus, que vão meus versos  
De honrosa eternidade a ti sedentos.

Foi-lhe respondido com a seguinte epistola, que a condessa enviou de Londres, mas que só chegou depois da morte do autor :

Desgostosa de um mundo espedaçado,  
Vagando co' o ligeiro pensamento  
Nos serros, que o Penéo banha e fecunda,  
Fui buscar uma gruta accommodada  
Para entregar a Phebo a mente e as penas.

Aqui, disse, amansou o Thracio vate  
Com meigos sons as feras e os penedos ;  
D'aqui partio a demandar a esposa,  
E quebrantou do Averno as bronzeas portas.

Alli se elevão dous soberbos montes,  
Que avistão Phebo apenas deixa Thetis.  
Entre os dous alicerces dos gigantes  
(Modelo horrivel dos Antheos d'agora)  
Reponha o valle aonde as musas brincão.

Do norte surge o monte sacrosanto,  
D'onde dimana a luz aos genios altos... \*

Ó chimerica Tenpe, a ti me acolho,  
 Senão com os membros, co'a alma fatigada.  
 Nos teus bosques frondosos articulão  
 As folhas, que menêa o vento leve,  
 Harmonico susurro, o metro nasce  
 Do compassado som que nos recreia.  
 Terrente argentea entorna o fresco Eurotas,  
 Que altivo não mistura d'outras aguas;  
 Altêa os hombros mesmo o pai de Daphnê,  
 E respeitoso os seus crystaes transporta.  
 Assim tambem me arrojô na desgraça;  
 Em teu sózinha entre a corrente escura  
 Que a todos leva... aonde? Ah! não sei onde!

Elpiano, com teu canto, ouro d'Apollo,  
 Magico dom das musas, me ergues templo,  
 Ou em vão sansoneas mãos arrasar querem.

Vem junto ás fontes da Thessaliã illustre  
 Cantar aonde eu busco algum conforto;  
 Brinda as cantoras que estes sitios honrão,  
 Com teus versos de fogo, com teus versos.  
 Em que renasce Ovidio, e que sossobráo  
 Nos lares immortaes o Mantuano.

*Alcippe, dirás tu, Alcippe a vate  
 Fix com meus hymnos deosa, e com meus hymnos  
 Lhe affianço sem susto a eternidade.*

Elmano, jura Alcippe, vence o tempo,  
 Vence as serpes da inveja; e transformado  
 Em cysne voador, qual outro Flacco,  
 Tem por Mecenas o seu proprio engenho,  
 Por juizês os numes e a verdade.

N'uma epistola, dirigida a um amigo chamado Saldanha, diz da condessa, que de Portugal, onde tudo era silencio, se transportára para Paris e Italia, onde tudo era vida :

Ou, como a grande, a magestosa Alcippe

Com pejo do existir cá onde ha morte,  
Ousára demandar no afouto adejo  
Plagas immensas, onde tudo é vida.

e adiante :

O nova irmã de Phebe ! Alcippe ! Alcippe !  
Musa do Tejo, altisona cantora !  
Contra o gelo tenaz, que sobre esta alma  
A amenidade, o viço ao genio narra,  
Tu manda, tu despede: um raio, um raio  
Do immenso eterno sol, que em ti reflecte;  
Dá-me effluvios subtis da acesa idéa,  
Idéa onde em tropes mysterios andão,  
Portentos com portentos se encadêão.  
Nos céos, na terra, como entorna os dias,  
E sempre o mesmo, e novo, o grão planeta,  
Opulento de si, surge e resurge,  
Tal podes atear-me a sacra flamma,  
E, deosa, quasi um deos tornar Elmano.

FRANCISCO MANOEL DO NASCIMENTO

— FILINTO ELYSIO —

Gozava Filinto da mais eminente reputação, quando respondeu á remessa que Bocage lhe fez das suas obras, com a epistola que vem no tom. II da edição dos onze volumes, de Paris :

..... Te peritus  
Disceet Iber, Rhodanique poter !

Lendo os teus versos, numerozo Elmano,  
E o não vulgar conceito, e a feliz phrase,  
Disse entre mim : « Depõe, Filinto, a lyra  
Já velha, já cansada,

Qu'este mancebo vem tomar-te os louros,  
Garbados com teu canto na aurca quadra  
Em que ao bom Corydon, a Elpino, a Alfeno  
Applaudia Ulysséa. »

Rouca hoje, e sem alento, a minha Clio  
 Não trôa sons altivos, arrojados :  
 Vai pedestre saltando em frouxo metro  
 Deleixadas cantigas.

Deaceu Apollo e o côro das donzellas  
 Á morada d'Elmano; e esse, que outr'ora  
 Canto nos dava nome, o pôz na boca  
 Do novo amado cysne.

Affirma-se que nunca Bocage dera apreço e consideração igual a outro algum triumpho, não havendo pessoa a quem não repetisse, cheio de satisfação e orgulho, os versos do vate do Sena. A curta peça em que manifestou esta profunda sensação, verdadeiramente inspirada, é

Zoilos, estremecei, rugi, mordci-vos :  
 Filinto, o grão cantor, prezou meus versos !

Sobre a margem feliz do rio ovante,  
 D'onde, arrancando omnipotencia aos fados,  
 Universal terrôr vibrando em raios,  
 Impôz tropel de herôes silencio ao globo,  
 O immortal coryphêo dos cysnes lusos  
 Na voz da lyra eterna alçou meu nome.

Adejai, versos meus, ao Sena, ufano  
 De altos, fastosos, marciaes portentos,  
 E, ganhando amplo vôo após Filinto,  
 Pousai na eternidade, em torno a Jove.

Eis os templos, a inveja, a morte, o Lethes,  
 Da morte, que os temeu, desapparecem.  
 Fadou-me o grão Filinto, um vate, um nume.  
 Zoilos! tremei. Posteridade! és minha.

(E, de passagem, notaremos que ainda aqui, não obstante os extases de gratidão, patenteou Bocage o seu orgulho. Enfadado de tão curta ser a ode que inspirara

(dezeseis versos) respondeu com outra, sem um hemistichio de mais, como acima se vê.)

Levou desde então a uma especie de culto o nome de Filinto, que lhe servia de ponto de comparação para quanto em intelligencia lhe parecia eminente, bradando, por exemplo :

Caro a Phebo, a Filinto, a Lysia, á Fama!

Tambem Filinto lhe retribuia em consideração, e tanto que sendo n'elle frequentes as allusões satyricas a poetas contemporaneos, nem uma só vez as usou d'esta sorte contra Bocage, antes pelo contrario; como na peça intitulada *Debique* :

Toda a classica phrase, que ignoramos,  
Gritemos logo : *Drogas da antiquatha* !  
Insultemos as obras de Filinto,  
As de Bocage, Alfeno, e outros sedicões !

Forão aquellas duas producções (a epistola a Bocage e a resposta d'elle) que derão origem á especie de moda, que então grassou, e que durou nos mezes que até a morte do poeta decorrerão. Quantos alumnos das musas se abalançavão na capital a pulsar a lyra, tantos pagarão o seu tributo de vassallagem ao genio, enviando-lhe poesias em louvor, sobretudo durante o periodo da enfermidade de que succumbio, a muitas das quaes respondeu. A este respeito diz o Morgado d'Assentiz :

<sup>1</sup> Este epigramma é soltado contra o Abbade d'Almoster, que n'uma epistola, que acabava de inserir no tom. III do *Almanak das Musas*, pag. 106, zombava de Filinto, escrevendo a Laurino :

Só tu te chamo, não porque te mostres  
Ao mundo, em vãos escriptos pedantescos,  
Carregados de *drogas da antiquatha*!

« Dos nossos poetas existentes, mais idosos, foi o padre Francisco Manoel o primeiro que elogiou Bocage, enviando-lhe de Paris a bellissima ode que anda nas mãos de todos. Foi o Antesignano do cortejo triumphal, que agora os genios da Lusitania têm votado a Bocage na sua doença. »

### CAPITULO XVIII

Continuação das relações de Bocage com os contemporaneos. — Gregorio Freire Carneiro. — Ignacio da Costa Quintella. — João Vicente Pimentel Maldonado. — Sebastião Xavier Botelho. — Francisco Freire de Carvalho. — D. Antonio da Visitação. — Nuno Alvares Pereira Pato Moniz. — Antonio Mendes Bordalo. — Agostinho Gomes da Silveira. — Antonio Xavier Ferreira. — Bento Henriques Soares. — Henrique Pedro da Costa. — José Nicoláo de Massuellos Pinto. — José Rodrigues Pimentel e Maia. — Pedro José Constancio. — Pedro Ignacio Ribeiro Soares. — Thomaz Antonio dos Santos e Silva. — Vicente Pedro Nolasco da Cunha.

#### GREGORIO FREIRE CARNEIRO

A este homem, que mil vezes salvou o vate do pego da indigencia, dirigio Bocage esta elegia :

A Freire bemfeitor, ao caro amigo,  
 Aquelle que mil vezes tem salvado  
 Do pego da indigencia o triste vate,  
 Versos do coração Bocage envia.  
 Versos do coração não se guarnecem  
 Do falso adorno de atiladas vozes :  
 Filhos da natureza, á mãe semelhante,  
 Correm serenos, apraziveis, puros,  
 Por leito igual, por limpidas aréas,  
 Derivão-se de amor, e amor procurão.  
 Quaes os affectos meus, taes são meus versos ;  
 A nivea candidez os purifica,

O lustre da amizade os abrilhanta :  
 Assim de quando em quando os não turvasse  
 Denegrido vapor, que as almas tolda,  
 Habito infausto, que dos labios feios  
 Sobre meus dias a tristeza espalha !  
 Elle inda ha pouco me turvou na mente  
 Mimos das graças, mimos dos amores.  
 Marilia, gloria tua, e gloria d'elles,  
 E como a d'elles mãe, primor e extremo  
 De encantos, de attractivos, outra Venus,  
 Deosa nos olhos, nos sorrisos deosa,  
 Marilia, doce ardor de teus sentidos,  
 Seu dia genial, seu aureo dia,  
 Vio ha pouco outra vez luzir no pólo :  
 E eu, a cantal-o afeito; eu, que me honrava  
 Unindo o claro objecto aos sons da lyra,  
 Eu tremi, desmaiei, cahi na empreza  
 Que audaz tentára, que feliz cumprira.

Prestante amigo! Á minha dôr perdôa;  
 Já de usado a gemer cantar não posso;  
 Sei versos de tristeza urdir sómente;  
 Só versos quaes escrevô, e quaes te envio,  
 Não, como os prometti, serenos, puros :  
 No começo a desgraça o turvo alento  
 Sobre elles esparzio, e os fez tão tristes.  
 Pela voz da indigencia elles te implorão;  
 Tu, que sempre magnanimo os ouviste,  
 Dá-lhe a resposta que lhes sempre has dado,  
 O soccorro efficaz, com que algeire  
 Dos agros dias meus o ferreo peso.

Bocage dirigio a este generoso bemfeitor o soneto :

Com ampla mão, benefica largueza.....

que fecha com o verso :

Paga-te em verso o que te devo em ouro.....

analogo ao final do soneto a J. P. Silva :

Pagava em metro o que devia em ouro.....

IGNACIO DA COSTA QUINTELLA

— JACINDO ULYSSIPONENSE —

Quintella, que chegou a secretario de estado, e vice-almirante, foi por muitos titulos distincto. Versado em mathematicas; membro da Arcadia sob o pseudonymo de Jacindo, e talvez traductor da *Eneida*; autor dos *Annaes da marinha portugueza*, publicados até a data da exaltação do Sr. D. João IV, e notavel poeta, de quem Bocage disse, no prologo do poema das *Plantas* :

Jacindo aperfeiçoa os sons do plectro.....

Quando a revolução de França estendia a sua propagação pela Europa, diligenciou Portugal conservar a sua neutralidade; porém a final teve de mandar para o Mediterraneo uma frota commandada pelo marquez de Nisa, successor de Vasco da Gama, e tambem um corpo auxiliar á Hespanha, apenas os exercitos francezes atravessá-rão os Pyrenêos, corpo que admiravelmente se portou nas campanhas do Roussillon. Na divisão naval tinha Quintella um commando, e ahí, como sempre, se portou bravamente. A elle dirigio seu amigo Bocage uma ode, de tão pomposo dizer, que devemos aqui transcrevê-la :

Impavido outra vez, Quintella egregio,  
Vás pôr freio aos tufões, dar leis aos mares,  
Do grande genio teu dobrar ao jugo  
Carrancudas procellas.

Rúem por terra as emperradas portas  
Das cólias, horrisonas masmorras,  
Que de um féro encontrão, rugindo, arromba  
A caterva dos Euros :

## BOCAGE.

Sôa o duro estridor das azas negras,  
Nuvens a nuvens subito se aggregão ;  
O pego se revolve, o céu gottêa,  
Tinto da côr do inferno :

Eis arde, serpeando entre os horrores  
Da basta cerração, fulmineo lume,  
Eis pesados trovões o pólo atrão,  
Os nautas ensurdecem :

Nos crespos escarcéos lá surge a morte,  
Em montanhas de espuma o lenho affronta :  
Rasga celestes véos o aereo tope,  
Roça no Averno a quilha :

Aos bravos furacões, que não fraquejem,  
Grita o deos do tridente, e o deos do raio ?  
Nos eixos nua o mundo a voz dos torvos  
Irmãos omnipotentes :

Medrosa pallidez destinge as faces,  
Sopêa as forças, enregela o sangue :  
Já sobre as azas do terror convulso  
Foge a murcha esperança :

Em choroso fragor mil preces tentão,  
Voando, amollecêr dá Jove as iras :  
Sanhudos turbilhões co'as amplas fauces  
Os votos extravião :

Sobranceiro ao pavor, Quintella emtanto,  
Contrastando os revoltos elementos,  
Depois que exhaure, ó arte, em vãs industrias,  
Teus providos thesouros :

Pela undosa braveza ao ver sem fructo  
Subtis combinações, subtis segredos,  
Recorre á sacra lyra, ao dom divino,  
Dom fecundo de assombros.

Rebantão d'entre as ondas marulhasas  
Namorados delmas, os ventos dormem,

Desassombra-se o pólo, o mar se encurva  
 A potente harmonia :

Ante o novo Arion, como encantados,  
 Surdem verdes tritões do equoreo scío,  
 Assoma de Neréo a ingenua prole  
 Nos monstros escamosos.

Oh! dadiva dos céos! Oh! lyra augusta!  
 Para o digno cantor, o eximio vate  
 Não corre o tempo, não dimana o Lethes,  
 Não ha segunda morte.

JOÃO VICENTE PIMENTEL MALDONADO

— ISMENO —

Este cavalleiro foi provedor dos residuos, e deputado ás côrtes constituintes. Suavissimo autor de variadas poesias, primou sobretudo nos apologos, madrigaes e anacreonticas. Era elle tido na maior conta por Bocage, que no prologo do poema das *Plantas* diz :

Se em podre lodaçal negrejão zoilos,  
 Às margens do Permeo lumenos brilhão,  
 D'alma phebea, creadora, acesa,  
 A verdade em relampagos vibrando.....

Tambem fallou o nosso poeta com apreço da irmã d'este, D. Marianna Antonia Pimentel Maldonado (*Armania*), senhora do grande talento, e autora de varios opusculos, entre os quaes prima uma ode ao anniversario da morte de Gomes Freire de Andrade. Em casa de um commum amigo, Mendonça, costumavão encontrar-se, e n'uma epistola que Manoel Maria dirigio a este, pedindo-lhe auxilios, se lê :

Caro, amavel Mendonça, o teu Bocage,  
 O terno amigo teu, que em outros dias

Momentos festivos gozou contigo ;  
 O vate que em teus lares, que a teus olhos,  
 E á face do immortal, canoro Ismeno,  
 Foi cysne junto a cysne, e deu taes vãos  
 Que as azas do improviso os céos roçarão,  
 Por milagre talvez de Armania bella, etc.

## SEBASTIÃO XAVIER BOTELHO

— SALICIO —

Da casa dos condes de S. Miguel, e pessoa de elevados dotes intellectuaes; autor de excellentes obras em prosa sobre os dominios portuguezes e outros assumptos de momento, era tambem poeta de subidos quilates, tendo-se sobretudo a sua musa applicado a assumptos eroticos. Botelho e Bocage reciprocamente se apreciavam muito. Este, no prologo das *Plantas*, o enumera entre os poucos a quem dá titulo de bons poetas, chegando a dizer d'elle :

Clario co'a propria mão Salicio enloura.....

Salicio dirigio a Elmano varias poesias; Elmano lh'as retribuiu, distinguindo-se, entre outras, as elegias :

Se lugubre existencia amargurada.....

Ao grão vate Salicio o vate Elmano.....

N'esta se reconhece o elevado conceito que Bocage formava de Botelho, como se collige dos seguintes versos :

Contigo fallo, que do Pindo houveste  
 O solemne idioma, o tom dos nunes,  
 A voz que longo vai, que longe sohe,  
 Que são além do mundo, além dos tempos.  
 Fallo contigo ; a ti, que tens na mente  
 O thesouro brilhante, inexaurivel,

O igneo foco de altívolas idéas  
 Em que José reluz qual é no Olympo.  
 Fallo contigo; a ti, que tens na mente  
 Poder de eternisar e eternisar-te.

FRANCISCO FREIRE DE CARVALHO, E D. ANTONIO DA VISITAÇÃO  
 FREIRE DE CARVALHO

— ANTONIO —

De tres illustrados irmãos era primogenito D. António, conego regrante de S. Agostinho, e professor no mosteiro de S. Vicente de Fóra, onde morreu mui joven. A ser exacto o que affirma Couto, Bocage costumava ir poeta á cella de D. Antonio, o que muito scandalisava o geral dos Cruzios, gorducho, rubicundo, velho, chamado D. Bernardo. Chegando este a ponto de prohibir que Bocage continuasse a ir alli fazer versos, sahio-se-lhe o poeta com um soneto, que todavia ainda contém allusões, hoje indecifráveis :

Corre furioso o episcopal repollo,  
 No habito branco, nas feições vermelho,  
 Porém mais corre o portuguez francelho  
 Com a presa carnal, que trouxe de olho.

Pois deita agora as barbas de remollo,  
 Hypocrita insolente, hediondo velho;  
 E se queres tomar o meu conselho,  
 Para as aves não sejas vil trambolho.

Olha que, se ellas enchem o bandulho,  
 Vai-me cheirando a haver muito retalho,  
 E das co'a prelazia de mergulho.

Evita com prudencia algum trabalho,  
 Quando não, meu Bernardo, o teu orgulho,  
 Sobre ti acarreta um bom vergalho.

Fallecendo D. Antonio, poucas semanas antes de Bocage, e tendo Francisco Freire dirigido a este a epistola :

Sem vos entré os clarins, etc.

que se lê nos *Improvisos*, a pag. 72, e onde apparecem alguns versos á memoria do finado, Bocage lhe redarguiu com o seguinte :

De Antonio choras, e de Antonio cantas,  
Teu doce e claro irmão, meu doce amigo,  
Aquelle de quem pousão no jazigo  
Tantos ais, tanta dôr, e penas tantas!

Cantando enlevas, e chorando encantas,  
E acorda, e vive n'alma o tempo antigo,  
Quando a Quintília, no calado abrigo,  
Carpia o vate, cujo sono levantas.

As artes, as sciencias, e cantadas,  
(As delicias de Antonio, os seus amores)  
Depois que o virão mudo, estão caladas!...

Ah! com elle eternisem-se os cantores :  
Altos genios vos dêm, cingida sagradas,  
Versos, gemidos, lagrimas e dores.

Francisco Freire (o autor das *Lições elementares da eloquencia nacional*) igualmente dedicou a Bocage a epistola que principia :

É nos revezes que apparece o sabio.....

incorporada a pag. 56 do opusculo *A virtude laureada*, e uma poesia intitulada *Pranto na morte do Bocage*, que veio na *Colleção de poesias* á memoria d'elle, impressa em 1806, e começa :

Meus olhos a chorar de ha muito afeitos.....

## NUNO ALVARES PEREIRA PATO MONIZ

Este infatigavel autor do poemetto *A apparição*, de varios dramas e elogios dramaticos, de muitas odes e poesias gratulatorias, foi um dos mais queridos socios de Bocage, e por isso mesmo dos mais satyrisados por Macedo, o qual muito padeceu, em sua reputação litteraria, da guerra que Pato lhe moveu, ardente, implacavel, já em periodicos, já em folhetos de refutações avulsos, já nos exames criticos do *Gama* e do *Oriente*, já no poema *Agostinheida*, e em mil settas arremessadas por este Bryarêo centinella, que nem todas aparou no escudo o orgulhoso ex-frade, apesar de ter até creado este um jornal, *O Espectador*, que dous annos se destinou a desfiar Pato aos bocadinhos.

Eis como se exprime Nuno, o qual apenas contava vinte e quatro annos de idade, por morte de Bocage :

« Eu fui intimo amigo de Bocage, e me glorio de o haver sido : com elle fiz o ensaio dos meus primeiros vãos poeticos ; elle foi quem primeiro castigou os meus versos... »

Outro tanto diz Bocage de Pato Moniz ; por exemplo, n'uma nota ao soneto (tomo IV, pag. 49) :

Co'a mente juvenil, sublime, alada.....

diz elle : « Quero (se meus dias findarem) deixar uma prova do muito em que tive, do muito que me merecem os talentos de um dos meus mais caros amigos. »

Bocage igualmente o elogia no soneto :

Terno Paz, bom Maneschi.....

Dirigio Nuno a Bocage o soneto que vem no tomo VI,  
pag. 34 :

Se as arduas leis da sã philosophia  
Sacra egide não são contra a desgraça,  
Então em que desdiz a humana raça  
Das outras que razão não alumia?

Seus venenos distille a tyrannia,  
Raivoso o fudo em raios se desfaz  
Alma que o leme da razão abraça  
Sorve tranquilla o nectar d'alegria.

Quando a ventura ao pensamento acode,  
E não prova revezes o desejo,  
Embates de afflicção qualquer sacode.

Aos males na coudancia ser sobejo  
A poucos dado foi — E quanto pôde —  
Dá, que um novo trophéo leve o Tejo!

e os versos, que sahirão na collecção dos *Improvisos*, a  
pag. 32, 33, 50, a saber :

De meigo rosto e de olhos tentadores.....

Por mais que o tempo em circulos damnosos.....

Pincel, que rivalisa a natureza.....

e não menos a epistola (*Improvisos*, pag. 72) :

Em agro serro, de ascensão difficil.....

e recebeu do vate este :

das lições de ferreo Zeno  
e o coração, se enruga o rosto :  
systema, e de aridez composto,  
as fecundas paixões secca o terreno!

Por timbre em metro de ouro o doura Oleny,

E á doce natureza o nunca opposto  
 (Rindo entre flôres, vicejando em gosto)  
 Genio deslisa em Epicuro ameno.

Elle (bem que o diffame o vulgo rude)  
 De almos prazeres pela mão nevada  
 D'espinhos despe o trilho á sã virtude;

Veste de rosas a macia estrada,  
 A moral formosêa, e não me illude  
 Querendo que de um Deos ostente um nada.

Já nos ultimos tempos da vida, Bocage dirigio a Pato  
 Moniz a seguinte ode, notavel por mais de um motivo :

Já meu estro, Moniz, apenas solta  
 Desmaiadas faiscas,  
 Em que as frouxas idéas mal se aquecem;  
 Elmano do que he feito  
 Qual no gesto desdiz, qual na mente :  
 Diastole tardia  
 Já da fonte vital me esparge a custo  
 O licor circulante,  
 Que é rosa entre jasmins de virgem face;  
 Que outr'ora esperto, aceso  
 De santa agitação, de ardor sagrado,  
 No cerebro em tumulto  
 (Estancia então de um deos!) me borbilhava  
 Respiração divina,  
 Entusiasmo augusto, alma do vate!  
 Que rapidos portentos,  
 Portentos em tropel, não déste á fama,  
 Não déste á natureza,  
 Á patria, ao mundo, a amor, na voz d'Elmano!  
 Ora aplanando os sulcos  
 Com que a saturnia mão semblantes lavra,  
 A razão pensadora  
 Erguia aos graves sons o grave aspecto;  
 Ora ao ver-se anteposto  
 Por deleitosas insania, a ella, a tudo,  
 O grato, cyprio numen

Fadava docemente o doce canto  
 No coração de Analia.  
 Oh! extase! oh! relampagos da gloria!  
 Faustos momentos de ouro,  
 Com que meu gozo comprei na eternidade!  
 Do tempo meu voando,  
 Do tempo, que annuvião negros males,  
 Brilhais inda em minh' alma  
 Entre sóbrias, aridas néas,  
 Qual entre aves escuras  
 (Orgãos do agouro, intérpretes da morte)  
 Requebros arrulando  
 Das aves de Cythera o côro alveja!.....  
 Mas, ah! saudosos dias,  
 Vós sois memoria só, não sois influxo!  
 Não me reluz convosco  
 O espirito, abysmado em fundas trevas,  
 Com gasteo debil fio  
 Preso á materia vil, que não dá dôres!  
 Ante meus olhos  
 Qué já d'amiga luz se despedirão)  
 Sahe da eterna oragem  
 Vapor funereo, que exhalais, ó fados!  
 Eis meu termo negreja,  
 Eis no marco fatal meu fim terreno!.....  
 Mas surgirei nos astra  
 Para nunca morrer; com tanto impune  
 Lá zombarei da sorte.  
 Moniz, ó puro amigo! Ó socio, ó parte  
 Do já ditoso Elmano!  
 Ás musas, como a mim, suave e caro!  
 De lagrimas e fiôres  
 Honra-me a cinza, o tumulo me adorna.  
 Não só longa amizade,  
 Novo, sacro dever te exige extremos :  
 Da lyra minha herdeiro  
 Mame Phebo, e teu, te constitue;  
 Phebo após mim te augura  
 Te renome, que sobeje aos evos :  
 E dos annos vantagem,  
 Não vantagem do engenho a precedencia).

Teu metro magestoso  
 Que, já todo fulgor, zoilos deslumbra,  
 Teu metro scintillante  
 Das virtudes mimoso, aceito ás Graças,  
 Turvem saudades : canta  
 Alguma vez d'Elmano, e chora-o sempre,  
 E Amor e Analia o chorem :  
 Amor e Analia, meus piedosos numes,  
 Sem mim, por mim suspirem.

Pato Moniz, depois da morte do seu amigo, continuou a tributar-lhe provas de inalteravel affecto. Na sua encarniçada polemica com José Agostinho, muitas vezes exaltou a memoria de Elmano. Assim, na epistola a José Maria da Costa e Silva, por occasião da publicação do *Passeio*, depois de fallar de Camões, Torres, Garção, Diniz, Ribeiro dos Santos, Filinto, accrescenta :

E o mais que todos sonoro Elmano,  
 Imprimirão nas folhas da Memoria  
 Seus nomes que immortaes o imperio abrangem  
 Da lauri-cinta litteraria fama.

ANTONIO MENDES BORDALO

Este homem dirigio-lhe, proximo á morte, o seguinte soneto :

Cedei, profanos, da razão ao brado,  
 Que sublimes verdades annuncia.  
 De Bocage em triumpho a poesia  
 Prende a seu carro a inveja, e prende o fado.

O rico, o grande, o mesmo potentado,  
 Homenagem lhe dá, votos lhe envia.  
 Nem sempre a estupidez, a tyrannia,  
 Affronta o sabio, humilha o desgraçado.

Em vão do nune que os mortaes iguala,  
Unindo o Louvre á misera cabana,  
Sobre a tua cabeça o raio estala.

Não pertences, Elmano, á sorte humana.  
Não morre quem os tempos avassalla.  
Tua vida é dos fados soberana.

Sem duvida o primeiro terceto alludiá á ode de Malherbe :

Le pauvre en sa cabane où le chaumé le couvre,  
ou a est' outros versos :

Et la garde qui veille à la porte du Louvre  
N'en défend point nos rois.

Aquella poesia retribuiu Bocage com outro (*Impravisos*, pag. 20):

Ancias inda teu metro e raivas custa....

#### AGOSTINHO GOMES DA SILVEIRA

Advogava em Obidos: bom homem, mas poeta mediocre; recebia perfeitamente em sua casa, o que lhe grangeava lisonjeiros. N'um seu anniversario, Bocage lhe improvisou este soneto :

Mil poetas emphaticos e ufanos,  
Pintando em verso natalicio dia,  
Fazem voar nas azas da harmonia  
Uma chusma de hyperboles enganos.

sem que, sobrepondo-se aos humanos,  
objecto que o furor lhes desafia  
Ha de ver entre os risos da alegria  
Sua gloria sem fim, sem fim seus annos.

Desça a mentira ao ultimo terceto  
 Nos outros, que eu desejo-te saude,  
 Mas seres immortal não te prometto.

Só rogo a Deos que, em premio da virtude,  
 Cada verso que vai n'este soneto  
 A teu favor n'um seculo se mude.

ANTONIO XAVIER FERREIRA

O autor do *Manoel Mendés*, e fecundissimo dramaturgo, tinha apenas vinte e um annos de idade, no da mortê de Bocage, a quem dirigio este soneto :

Que volátil implume, á terra junto,  
 Que mal sabe gemer por órgão rouco,  
 De um leito de afflicção, Elmano invoco  
 E é somma de seus anjos al'ajunto.

Não offerta exigia o nobre assumpto,  
 Mas de puro sacrario, onde õ provoco,  
 Se aos olhos do mortal um ai é pouco,  
 No coração de Elmano é grande, e muito.

O que õ mundo sente, Elmano sente,  
 Elmano, que sente a dôr em que fluctua  
 Inda amor, inda o céu lhe aquece a mente.

Mas Elmano esvaece, a dôr gradua.....  
 Fica o mundo sem elle, e o céu contente  
 Goza então de mais perto a imagem sua.

Bocage lhe retorquio com o seguinte :

Se Elmano, a quem no plectro, ente sagrado,  
 Esmaltas o porvir, e a dôr temperas,  
 Transcender inda ousasse em metro alado,  
 Rodantes turbilhões de azues esferas :

Se entrando o bronzeo alvergue, onde abre o fado  
 An código immortal de leis severas,

Attentar, como tu, lhe fosse dado  
Em promiscuo tropel fervendo as éras :

O teu, do ethereo ser não mui distante,  
De olympia abrilhantado amenidade,  
Vira sorrir-se em flôr sazão fragrante :

E lá contigo, pela extrema idade,  
Firmado em muitos mil, degraão brilhante,  
Ir desapparecer na eternidade.

BENTO HENRIQUEZ SOARES

— BERNUINO —

O amigo de João Baptista Gomes, recebendo no Porto a nova de ser falso o boato da morte de Bocage, escreveu este soneto :

Nymphas do Douro, ao vosso uni meu pranto,  
E ao cysne que Melpomene animará  
Eu lagrimas votei, mas que chorára,  
Mais que vos fez chorar co'o triste canto.

Do Tejo as margens corro : não me levanto  
Os olhos que a saudade macerára,  
Tristes vejo da dôr que lá deixára,  
Ouço gritos ignaes, cheios de espanto.

Elmano! Elmano! em vez de Jonio clamão  
As Tagides firmosas, ladeadas  
De Alfeno, Elmiro, Qlono, que tanto amão.

Forão-lhes suas preces escutadas :  
Elmano vive; as graças lhe derramão  
Da vida o nectar nas canções douradas.

Repondeu Bocage :

Jonio meu, inda meu (porque o jazigo  
Titulos immortaes, não vos devora),

Que encantador, e que encantado outr'ora  
Luz eras d'elle, e tua luz o amigo!»

D'Elmano é grato á dôr vagar contigo  
Plagas fataes, onde o silencio mora;  
É doce á minha dôr, que em vão te chora,  
Das sombras tuas respirar no abrigo.

Vate de Ignez! Perdêrão-te os amores,  
Que em ti gozavão duplicado encanto,  
Flôres no metro, e no caracter flôres:

Sopro da morte se gelar meu pranto,  
Ais canoros o clava entre os cantores  
Sagrê aos vãos genios, que se amárão tanto.

HENRIQUE PEDRO DA COSTA

A este bemfeitor pagou Bocage a dadiva de ouro com  
o seguinte soneto :

Plêbeo no ethereo plaustro omni-fulgente  
(Aureas as rodas, o eixo adamantino)  
Clamou do campo immenso, e crystallino :  
« Honrou-me, ó natureza, ornar um ente!

No Olympo, (a jura jus) me foi patente  
O alta creatio colhe divino;  
Vi, não perfeito ainda, o ser de Henrino,  
Obtive enriquecê-lo, e dei-lhe a mente.

— Eu dei-lhe o coração, melhor thesouro  
(Responde natureza ao nume ufano),  
E ao teu preferê da virtude, louro :

Transcende na ternura os grãos de humano,  
E seu canto não só, tambem seu ouro  
Mitiga os males do jacente Elmano.»

Respondeu-lhe mais com est'outro, que lhe allegio já  
moribundo (*Improvisos*, pag. 18), e começa :

«دادó o foco á luz da fantasia.....

Acabava de ler-se uma poesia, attribuida a Bocage, mas cuja autoria era por todos os circumstantes rejeitada com indignação, quando, ao recitar-se outra incontestavelmente do poeta, fez Costa este soneto :

Esta, sim, é de Elmano a vez que sta!  
Vê, ganso grasnador, vê quanto ousaste  
Quando as plumas sacrilego arrogaste  
Do cyano que lá surge e ao Pindo vôa.

Como de luz a esphera azul povôa  
Vê cá da terra onde de rojo te haste;  
Das azas o estampido a que espiraste  
Ouve, se pôdes, ouve como trôa!

Eia, após elle já, no ar librado,  
Do Tejo o niveo bando se remonta,  
Canto a Bhebo, a Sophia, á gloria, ao fado  
Ao reclamo exultante, que reconta  
Nos labios seus, lá vai o côro alado  
Cantar em seu louvor, e am tua affronta;

JOSÉ NICOLÃO DE MASSUELLOS PINTO

Este official-maior da contadaria da marinha era não só um poeta harmoniosissimo, como tambem, na sua velhice, um dos typos d'aquella amavel geração anacreontica. Tinha na Arcadia o nome *Josino*, e Bocage o respeitava, pelo saber, pela probidade, pela benevolencia e pelo estro.

Pouco antes da morte de Bocage, vendo o retrato d'este, compôz o soneto (*Improvisos*, pag. 38, tom. VI, p. 21) :

Não desdenhes, Elmano, a limpa offerta...

recebendo esta retribuição :

Do côro arguto de phebeos cantores  
 Josino é doce parte, é socio amado;  
 Vio, commetteu, vingou com genio alado,  
 Monte, espinhos em baixo, em cima flôres;

Nectar lhe ferve (que libais, amores)  
 No metro, pelas graças torneado :  
 E põe na eternidade, e põe no fado  
 Olhos impunes, do porvir senhores :

Do coração nos dons, ou mais, ou tanto,  
 A cópia minha olhou, deu-te homenagem,  
 Ó deosa, irmã d'amor, em verso, em pranto :

Não tremas de que os seculos me ultragem;  
 Lá (mercê do pincel, mercê do canto),  
 Meu nome viverá, e a minha imagem.

JOSÉ RODRIGUES PIMENTEL E SILVA

— MENALCA —

Este moço que, antes da idade de vinte annos, publi-  
 cou suas obras poeticas, com as iniciaes do nome, era  
 tido em grande apreço por Bocage, que d'elle disse :

Menalca, da qual se apenas solto,  
 Já conversei a tuas lozes; niveas plumas  
 Nas costas lhe rebentão; cysne adeja.

Pimentel endereçou ao poeta este soneto :

Além da natureza, além do tempo,  
 Grande nos males, grande na ventura,  
 Não tremes a teus horrores, sepultura,  
 Entre os sabios o sabio eternizado.

O tempo saturnal, tempo dourado,  
 Do vate á maga voz renasce e atura,  
 Que a do barro porquê molesta, impura,  
 Não deixa o grande espirito eclipsado.

O vate, quando pulsa a lyra ufano,  
Tem morada onde os nunes têm morada,  
Da triste humanidade é soberano.

Ah! se a vida dos mais é sonho, é nada,  
Vida sem morte conseguiste, Elmano,  
Que ás musas e á paixão foi consagrada.

E teve a seguinte resposta de Bocage :

Tu, que tão cedo aventurando as pernas,  
Ave gentil d'amor, transpões o cume  
Dos montes do universo, e non de um nune  
És doce ao côro das irmãs Camenas :

Tu, que dos cysnes as canções amenas  
Desatas em dulcisono queixume,  
Sem que o lethal, irresistivel gume,  
Tenha o fio subtil aos sons que ordenas :

Do vate, oppresso da intimo quebranto,  
Colhe, amenisa o tom, que em vão forceja  
Por ser, qual era, delectavel canto :

Já debil, tibio já, meu estro adeja,  
Entenebroce a mente, e põe-lhe espanto  
A morte, que no peito me rouqueja.

PEDRO JOSÉ COSTA

Dirigi a Bocage os dous seguintes sonetos :

Mal forão nados os virentes louros  
Com que te ornei a creadora testa,  
Eis me trôa o granar de galha infesta,  
Dada a cristal-os, rouquejando agouros.

Beber me assusta, sem lograr vindouros,  
Tragos do Lethes, que mortaes detesta.  
Imploro Elmano contra o mal que empesta  
Genios que adejão a immortaes thesauros.

Preales baixou da região do dia,  
 Zoilos mordazes aterrando, irado;  
 Eis me bafeja, me afervora e guia.

Depois, ardendo em estro arrebatado  
 De novo altêa o vôo á lactea via,  
 Rival dos numes, vencedor do fado.

Assim como a serêa sonora  
 Canta, aos bramidos da procella ingente,  
 Tal da aneurisma rápida, tumente,  
 Desprende Elmano a voz melodiosa.

Não hei de, Hespanha, alardear vaidosa  
 Co'á intrepidez na moribunda frente  
 D'esse, que, ao borbulhar do sangue quente,  
 Se espalha sobre a fronte sanguinosa.

Não se horrorisa co'o favor da morte  
 Quem no berço, das musas embalado,  
 Correu á gloria, seu pharol, seu norte.

Olha o padrão que te erigio teu fado!  
 As obras vivem. Viverás tu forte,  
 Sorrindo a estragos mil do tempo irado.

Além d'isso, consagra-se Constancio ao nosso poeta uma  
 epistola, que anda no folheto intitulado *A virtude lau-  
 reada*, e, na *Collecção de poesias á morte de Bocage*,  
 uma canção.

E recebeu do nosso poeta estes dous sonetos :

Nos elysios de amor endeosada,  
 Quadros tua alma esparze encantadores;  
 Deu-lhe as graças n'um riso, e deu-lhe as flores  
 De Adonis doce amante, e doce amada :

Sonhando attrahe a idyll embellezada  
 Nectar dos gostos, halito das flores :

Perde-se, esvai-se em extases d'âmores,  
E um céo parece á fantasia o nada!

Por gloria, almo pintor, ou por piedade,  
Novos encantos do pincel risonho  
Bavia á dôr, que geme em soledade!...

Doure-se, ó morte, assim teu véo medonho :  
Ah! Quero amaciar tua verdade,  
Tua ferrea verdade, em aureo sonho!

Cysne gentil, que modulava um nome  
A furto, a medo, pela ismenia véa ;  
Cysne gentil, que da cerulea véa  
A medo, a furto, só roçava o lume :

Plumoso, os magos sons já não resume,  
Os vóos da harmonia espraia, altéa,  
De gorgão camoro inspirações gorgéa  
(Quê no gorgoio se lhe sente um nume!)

Gralhas da inveja! ó vós, que em vão damnosas,  
D'intactos nomes extrahis veneno,  
Tal como a torpe Arachne extrahé das rosas :

Deixai n'iveo cantor brilhar no lambeo ;  
Deixai, filhas da noite, aveg. as rosas,  
Surgir-se a natureza ao canto ameno.

PEDRO IGNACIO RIBEIRO SOARES

Fez a Bocage a ode (*Improvisos*, pag. 85) :

Cedendo á furia da raivosa idade.....

retribuida com o soneto (*Id.*, pag. 19) :

Eu, esse cujo dons medrarão tanto....

Tambem, na *Colleçãq de poesias d' morte de Bocage*,

á sua memoria dedicou Soares o epicedio que encea pelo verso :

Phebo, nymphas, amor, ó patria, ó fama.....

THOMAZ ANTONIO SANTOS E SILVA

— THOMINO SADINO —

Este homem, da mesma terra, e pouco mais velho que Bocage, tinha tambem um peregrino engenho. Deixou muitas poesias, entre as quaes, no volume intitulado *Estro*, a *Sepultura de Lesbia*; os poemas *Silveira e Brasileira*; a tragedia *D. Sebastião*, e grande numero de outras producções originaes e traduzidas. Morreu cego, em 1816, no hospital de S. José. Era particular amigo do seu patricio, a quem consagrou os dous seguintes sonetos, já na sua perigosa enfermidade :

Elmano! Elmano! Os que te ouzão rindo,  
Penhas e montes, que teu metro alçava,  
Chamar faz hoje a dôr, que em pranto os lava,  
E mais que todos o Permesse, o Pindo.

Bosques, paisagens, que teu verso lindo  
Em dobro enriqueceu, teu mal agrava.  
Chorão-te graças, nymphas, que elle honrava,  
O niveo rosto com as mãos cobrindo.

Inda, cysne do Tejo, inda teu canto,  
Bem que rouco, se escuta; e em desconsolo  
Já das musas te chora o côro santo.

Quando não ergas o mellifluo collo,  
Quem mais te chorará? Um deos emprado,  
Se ha de tanto ver, chorando o mesmo Aedo.

De excelsos, dignos vates cópia ingente  
(Que debaixo do delphico estandarte

Raias, do luso engenho alongue a parte)  
Marchar-se via, com Bocage á frente.

Ornão-lhe o lado heróes de fogo ardente,  
Insignes capitães de peso e arte;  
E na bagagem vai, qual velho Marte,  
O cego, o estropiado, o já demente.

Eis que de Argentina, atroce queixa  
Egipcia o chiste: asperrimo quebranto  
As mãos lhe tolhe, a sacra voz lhe fecha.

Pallecê a tropa illustre; opprime o canto  
Da tuba portentosa, os louros d'ouro;  
As palmas, os trophêos são dôr, são pranto.

Este ultimo foi retribuido pelos mesmos consoantes :

Indigena immortal do Pindo ingente,  
Alta na dextra o delphico estandarte;  
Une-se Elmano (como ao todo a parte)  
A ti, para ostentar c'roada frente :

Igneos vôos lhe ten estro ardente,  
Quando, opulento em genio, e rico em arte,  
Pintas glorias de Amor, furias de Marte,  
E qual foi Corydon, és só demente :

Nectarisas no metro o gosto, a queixa,  
E ouvindo-te, ora em riso, ora em quebranto,  
Absorto o pensamento as azas fecha :

Quão varias sensações produz teu canto  
N'alma, no coração que effeitos deixa?  
Ou jubilo, ou terror, ou pasmo, ou pranto!

Na satyra a José Agostinho, diz Bocage :

Nas travas para mim reluz Thomino...

Quando Santos e Silva subitamente cegou, esta desgraça inspirou a Bocage o soneto (tóm. IV, pag. 50) :

